10,20

O SILÉNCIO É DE OURO...

OBRAS DO MESMO AUTOR

CANÇÕES DA DECADÉNCIA. — *Poezias* (1883-1887).

PECADOS. — *Poezias* (1887-1889).

O REMORSO. — *Poemeto* (1889).

POEZIAS (1883-1901).

UM HOMEM PRÁTICO. — *Contos*.

MÃI TAPUIA. — *Contos*.

CONTOS ESCOLHIDOS.

O ESCÁNDALO. — *Drama*.

EM VOZ ALTA. — *Conferéncias literarias*.

SUR UN PHÉNOMÈNE DE SYNOPSIE PRESENTÉ PAR DES MILLIONS DE SUJETS.

PONTOS DE VISTA. — *Ensaios*.

LITERATURA ALHEIA.

O REJIMEN PREZIDENCIAL NO BRAZIL.

O BRAZIL E A GUERRA EUROPÉA. — *Conferéncia*.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE
da Academia Brazileira

O Siléncio é de Ouro...

Conferéncias literárias

O SILÉNCIO É DE OURO... — ... MAS NÃO CAZAR É MELHOR. — DINHEIRO HAJA! — CIUME E CIUMENTOS. — O SONHO. — SOUVENT FEMME VARIE. — SI SE DEVE MENTIR...

1.° MILHEIRO

FRANCISCO ALVES & C^ia^
RIO DE JANEIRO
166, RUA DO OUVIDOR, 166
S. PAULO
65, RUA DE S. BENTO, 65
BELLO HORIZONTE
1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & C^ia^
PARIS
96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96
(LIVRARIA AILLAUD)
LISBOA
73, RUA GARRETT, 75
(LIVRARIA BERTRAND)

1916

O SILÉNCIO É DE OURO

CONFERÉNCIA REALIZADA NO CLUB DOS DIÁRIOS, EM PETRÓPOLIS, EM 22 DE MARÇO DE 1906.

ESTA conferéncia não tem um assunto muito precizo. Não será a demonstração de uma teze. Não terá mesmo uma concatenação rigoroza. Irá numa conversa um pouco descozida — descozida e até, ás vezes, um tanto contraditória — borboleteando de umas para outras considerações. Talvez de toda ela só o que se salve seja o título...

Quando eu quiz pôr alguma ordem no seu plano, fui a graves compéndios de retórica, a livros de homens amaveis e experimentados, que dão conselhos aos principiantes. Em todos achei duas indicações, uma de ordem, si assim se póde dizer, fízica, e outra de ordem moral.

A de ordem fízica é que sempre se deve

começar uma lição, discurso ou conferéncia em voz baixa, que depois se irá elevando gradualmente, para assim forçar a atenção do auditório. Nada me é mais facil do que seguir este conselho. A memória do famozo tenor Tamagno, cuja voz, quando ele cantava em pequenas salas, chegava a rachar as vidraças, nada tem a receiar da minha concurréncia.

A indicação de ordem moral é que convem ao princípio dizer frazes de modéstia e mostrar receio pelo éxito da tarefa, que se empreende. Ora, em parte, este segundo conselho não me é facil de tomar. Não que eu hezite em dizer frazes modestas : dizendo frazes verdadeiras, não terei dúvida em lembrar o meu inexistente mérito. Mas manifestar aqui qualquer temor pelo éxito desta conferéncia é superior ao que posso fazer : seria mentir á minha conciéncia. Por que? Porque, de duas uma : — ou eu consigo, hipóteze bem improvavel, agradar ao meu seleto auditório — e nesse cazo terei o melhor dos sucessos; ou, ao contrário, como é de temer, revelar-me-ei o mais insípido e intoleravel dos conferentes. Nesta ultima hipóteze, mais do que nunca, todos os que agora me ouvem sairão murmurando

que o siléncio — pelo menos o dos oradores sem eloquéncia e sem graça — é realmente de ouro. Será ainda o sucesso — não meu, mas do título da conferéncia...

Esse título, si se dér crédito á maledicéncia universal, é inaceitavel pela mais bela metade da espécie humana. A literatura popular, as relijiões, as leis de todos os paízes asseveram de fato que nada é mais dificil ás mulheres do que guardar segredos e falar pouco.

Da literatura popular eu me limitarei a lembrar-lhes duas quadras. Ha dezenas, ha centenas; mas essas bastam :

Mulher não guarda segredos.
Quem segredos lhe contar
faz o mesmo que si os fosse
pelas ruas a gritar.

E' categórica e insolente. A outra, parecendo uma réplica, é uma confirmação não menos forte :

Mulher não guarda segredos?!
Eu sei de uma que guardou :
quando acabava de ouvi-lo,
veio um raio que a matou...

Vê-se bem que o autor desta quadra estava convencido de que, si o raio não tivesse acudido tão promtamente, tambem a depozitária daquele segredo tê-lo-ia passado adiante... Foi, portanto, uma exceção das que confirmam as regras.

Essa regra nunca sofreu dúvida para os relijiozos. Não ha livro sagrado que se esqueça de mencionar a tagarelice feminina e de aconselhar discrição á metade mais deliciozamente indiscreta da espécie humana.

S. Paulo recomendava ás mulheres que aprendessem « em silêncio, com toda a sujeição, pois que — acrecentava ele — eu não permito á mulher que ensine nem que tenha domínio sobre o marido, sinão que esteja em silêncio ». E, ríspido, o apóstolo lhes lembrava que Adão não foi seduzido pela serpente e sim unicamente pela loquacidade feminina (1). Tertuliano, grande doutor da Igreja, insistiu nesse ponto. O mal entrou no mundo graças á tagarelice de Eva. Por isso, Tertuliano aconselhava ás mulheres : « Que sejam silenciozas, que fiquem em caza e que consultem os seus maridos (2). »

---

(1) S. Paulo. — *Epistola a Timóteo*, II, 11 a 14.
(2) Em Paul de Régla. — *L'Église et l'Amour*, p. 33.

Mas, afinal, por importantes que sejam as opiniões de doutôres da Igreja e mesmo daquele a que se póde chamar o apóstolo máximo — S. Paulo — nenhuma tem o valor da de Cristo. Essa é deciziva. Tanto mais deciziva quanto ele não a deu em tom de censura ou de prédica. Houve um momento em que precizou de gente que falasse muito. Não teve uma hezitação : procurou mulheres. Dezejando divulgar a sua resurreição, que fez ele? Apareceu a Maria Madalena, Maria, mãi de Tiago, e Salomé. E foi pozitivamente como se tivesse publicado o fato num jornal de grande circulação... Trez mulheres! Na prática, para a difuzão de uma notícia, isso equivale a uma edição do *Times* ou do *Petit Parisien*, os diários de maior tirajem em todo o mundo...

Mahomet, que veiu alguns séculos depois de Cristo e fundou a última em data das grandes relijiões que existem atualmente, concordava com seu gloriozo predecessor. A opinião de Mahomet é válida por muitos motivos. Válida para os crentes na sua inspiração divina, porque ele falava em nome de Allah. Válida para os descrentes, porque ele se cazou com onze mulheres. Devia, portanto, conhecê-las bem! E ele as proclama

incoercivelmente tagarelas. Em uma das suas *suratas* do Alcorão queixa-se de certa mulher que lhe divulgou um segredo (1).

Seria fastidiozo multiplicar as citações. A opinião dos fundadôres de relijiões é unánime. Eu quiz limitar-me ás duas últimas, entre outras razões, porque são as dos povos mais cultos e englobam a maioria da humanidade.

Mas, si Cristo utilizou uma vez a tendéncia das mulheres para a loquacidade, relijião houve que explorou essa tendéncia de um modo permanente — e aliaz maquiavelicamente habil. Essa relijião foi a dos Incas. Nela os homens se confessavam a homens e as mulheres a mulheres. Chegavam assim a um rezultado maravilhozo : ao passo que os segredos dos homens eram escrupulozamente guardados, não havia segredo feminino que se não divulgasse! Outra coiza não dezejavam os maridos ciumentos.

Igual providéncia tomou uma seita cristã da Syria.

Mas a relijião dos Incas morreu e a seita dissolveu-se. Essa prática extinguiu-se.

Rabelais conta que as freiras de Fonte-

(1) LXVI, 3.

vrault tentaram obter o priviléjio de se confessarem umas ás outras (1). Certo dia, em que o papa João XXII lhes vizitou o convento, elas lhe pediram o direito de confissão. Alegaram que, apezar de consagradas ao serviço divino, cometiam pequenos pecados, que tinham muito acanhamento de revelar a confessores homens, embora estes fossem respeitaveis e discretos. O papa ficou de lhes responder no dia imediato. Quando, porém, ia sair, recomendou toda cautela com uma caixinha por ele deixada na meza do seu quarto : si alguem a abrisse, corria o perigo de ser excomungado.

Ora, no dia seguinte, voltando, ele achou a caixa vazia. Deixára nela um pássaro, que fujira. Excitadas pela curiozidade, as freiras, arriscando-se até mesmo á excomunhão, tinham aberto a caixa — e a ave voára. O papa, que só fizera a proibição para as experimentar, mostrou-lhes diante desse fato como não lhes podia conceder o direito de confissão. E foi por isso — talvez infelizmente — que não se deu ás mulheres aquela prerogativa.

Eu digo : — « talvez infelizmente » —

(1) Pantagruel.

porque muitos incréus haveria, incapazes de se confessarem a velhos padres feios e tabaquentos, que não duvidariam referir todos os seus segredos a uma delicioza *padrinha*, guiado por cujas mãos fosse agradabilíssimo ir para o céu... Haveria até, em alguns cazos, quem inventasse pecados inéditos só para ter o prazer de os confessar a essas diretôras espirituais...

Eu não sei si realmente as freiras de Fontevrault existiram, si realmente fizeram aquele pedido ou si tudo não passa de invenção de Rabelais. Mas para honra e glória dos nossos Brazís e das brazileiras, que neles habitam, sei que a Igreja católica conhece pelo menos uma mulher confessora. Confessora ortodoxa, autorizada pela Santa Madre Igreja. Confessora, que um austero jezuita proclamava ser-lhe superior nessa delicada função!

Os jezuitas mandavam do Brazil para Portugal minuciozas contas de tudo o que faziam. As cartas em que isso relatavam são uma das fontes de nossa história patria. Na carta que o padre Antonio Pires escrevia de Pernambuco, em 5 de junho de 1552, « vespora (*sic*) do Espírito-Santo », dizia ele falando das suas relações com os índios :

« O intérprete é uma mulher cazada, das mais honradas da terra... Com esta mulher confessei algumas Indias cristãs e creio que é melhor confessora que eu... (1) ».

Certo, ela não tinha direito para dar por si a absolvição; mas recebia e transmitia os segredos das que se confessavam. Por que o padre a achava melhor que ele? Ninguem tem duvida em crêr que uma mulher curioza saberá indagar, perscrutar, extrair melhor do que um homem os segredos alheios. O elojio póde ter, portanto, uma certa malícia. Mas para que lhe dessem esse papel necessário se tornava que confiassem na sua discrição.

Os intérpretes masculinos eram então frequentes. Dos femininos só sei deste, que honrou o sexo. Si, por conseguinte, algum dia as mulheres quizessem voltar a pedir o direito de confessar, é para exemplo aqui do Brazil que teriam de recorrer, como um precedente que as reabilita.

E' bom notar que apezar da grande prevenção relijioza contra a tagarelice feminina, a Igreja conhece alguns cazos de santas que

---

(1) *Cartas Jesuiticas. — Cartas Avulsas* (1550-1568). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1887, p. 52.

souberam ficar silenciozas por semanas, por mezes, por anos inteiros — o que deve provar que tambem as mulheres pódem, ás vezes, estar caladas... Ás vezes...

Certo, eu não vou aqui percorrer o *Flos Sanctorum* para procurar as santas cuja celebridade vem de serem pouco faladôras. Basta lembrar o cazo de S. Emiliana de Florença, que passava todos os anos quarenta dias de rigorozo silêncio ; o de S. Catarina de Siena, que fez essa proeza por trez anos e o de S. Anastázia, que, disfarçada em frade e na companhia do marido, vivendo na mesma cela que ele, — porque os outros frades não sabiam de quem se tratava — conservou-se longos anos sem dizer palavra!

Objetarão os que vivem a falar mal das mulheres que foi exatamente porque essas falavam pouco que foram canonizadas — o que prova como a discrição é para elas uma virtude dificil. Não precizaram, talvez, fazer mais do que isso, afim de irem direitinhas para o céu! E ainda assim é lícito perguntar : si S. Emiliana estava calada quarenta dias cada ano, quanto falaria nos restantes 325? Quem sabe si não era para descansar a lingua? Quanto a Santa Anastázia, nem vale a pena tratar dela... Uma pobre mulher, que

durante anos inteiros consegue a olhos argutos e maliciozos de frades passar como homem, — calculem como devia ser feia!

Em todo cazo, pois que dois exemplos existem, era exajerado de mais aquele poeta francez, Grécourt, que proclamava a absoluta impossibilidade das mulheres discretas :

Etre discrète et femme tout ensemble,
ce sont deux points que jamais on n'assemble.

Corneille ficou dentro dos limites da verdade, dizendo que o fato póde ocorrer; mas, á força de raro, chega a ser miraculozo :

Quand une femme a le don de se taire,
elle a des qualités au-dessus du vulgaire.
C'est un effort du Ciel qu'on a peine à trouver,
sans un petit miracle il ne peut l'achever.

Ha, entretanto, uma objeção possivel ás alegações relijiozas.

As relijiões pedem o absoluto. Elas querem certas virtudes em toda a sua pureza — e essa pureza é sobreumana.

Valia a pena examinar o ponto de vista da prática : o dos costumes e, sobretudo, o das leis pozitivas.

A relijião quer o amor de todos os homens

e considera pecado atentar contra ele por pensamentos, palavras e obras. As leis não levam tão lonje as suas pretenções. Elas nos dizem : « Amai, ou não amai o vosso próximo. O que nós não consentimos é que o molesteis por obras ou por ações ». É uma restrição consideravel do que constitui o ponto de vista relijiozo.

Admitindo tudo isso, ainda assim o sexo feminino não ganha muito : várias lejislações previram certas penas para as mulheres que falam muito. E, si só para elas a sabedoria dos antigos juristas julgou util crear castigos á parte, foi porque de certo reconheceu que só elas os mereciam.

Dessas punições as mais célebres consistiam na cadeira de mergulhar e na máscara (1).

A primeira era uma cadeira na qual se atava a paciente perfeitamente vestida, e que se mergulhava em quaquer rio, pôço ou mesmo no mar, um certo número de vezes. Algumas se fixavam em uma longa trave com a qual se armava uma espécie de gangòrra. Sentada e amarrada a faladeira, punha-se a

(1) Andrews. — *Les châtiments de jadis*, p. 302 a 365.

ponta da trave sobre o rio e, pelo número de vezes marcado, fazia-se que ela caisse dentro d'agua. Como facilmente se imajina, toda a população vinha acumular-se nas marjens para assistir ao espetáculo e havia uma troça, uma galhofa enorme, quando a infeliz surjia meio sufocada de dentro d'agua. Sufocada e encharcada.

Este castigo persistiu durante séculos. Todos os que o viram aplicar garantem-lhe a eficácia. Ha mesmo um pormenor interessante: em muitos pontos da Inglaterra, dos Estados Unidos e do Canadá ainda não está abolido por lei. Está pelos costumes. Ainda assim, em 1869, em Jersey City, o tribunal condenou uma mulher como faladeira e rabujenta. Mas o castigo foi comutado: em vez de mergulhar num rio, mergulhou em uma prizão...

A máscara, como o seu nome está dizendo, consistia em um aparelho para ser posto na cara. Geralmente tinha o aspeto de uma açaimo de metal, onde havia, á altura da bôca, para o lado de dentro, uma chapa de ferro que impedia de levantar a lingua e, portanto, de falar. Fechava-se o aparelho com um cadeado e deixava-se a mulher amarrada em qualquer lugar publico, sujeita ás zombarias

dos que passavam, zombarias ás quais ela não podia responder.

Tambem da eficácia deste castigo os juristas da época diziam maravilhas.

Os lejisladòres chinezes, inspirados por Confúcio, mencionam os sete motivos pelos quais o divórcio póde ser pedido pelos maridos : a esterilidade, a impudicicia, a falta de consideração, a tagarelice, o roubo, o mau carater e uma moléstia incuravel (1).

Esses dois exemplos, de uma lista que podia ser extraordinariamente alongada, tem o mérito de ser tirados de duas lejislações bem dissemelhantes em tudo mais : a da China e a da Inglaterra.

Não ha, portanto, dúvida que ao das afirmações relijiosas se junta o testemunho das leis para declarar que as mulheres são naturalmente mais incontinentes de palavras.

Mas para tratar do assunto com toda a imparcialidade é precizo examinar o que as mulheres podem responder.

Para começar, elas podiam citar um fato que não tem paralelo entre os homens.

Na Arménia toda moça que se caza é obrigada, a partir do dia do cazamento até a data

(1) WESTERMACK. — *Les origines du mariage*, p. 492.

do nacimento do primeiro filho ou filha, a ficar absolutamente calada. Ao marido, aos parentes, aos criados a todos emfim só se pode dirijir por gestos (1). No mínimo, nove mezes de siléncio, impostos, não a monjas ou relijiozas, mas a todas as mulheres de todo um povo! Podem os homens citar qualquer ponto do mundo em que eles se tenham submetido a essa prova heroica? Creio que não.

Eu confesso, entretanto, que não acredito muito na afirmação do grave autor germánico, em cujo livro achei esse curiozo costume. Ha numerozos povos selvajens em que durante certo tempo o genro e a nora não podem falar aos sogros, nem mesmo olhar para eles. É uma restrição limitada a um pequeno grupo de pessoas e, portanto, relativamente facil de ser mantida. A de que fala o autor a que me refiro é absoluta e por consequéncia, dificílima.

Em todo cazo, como os advogados devem mencionar todos os fatos que podem ser favoraveis aos seus clientes e como eu quero por-me na situação de um verdadeiro advo-

(1) SCHWEIGER-LERCHENFELD. — *I costumi delle donne.* Tradução italiana de E. Migliorini.

gado do sexo feminino, aqui deixo a alegação que lhe é favoravel.

Mas o melhor seria talvez não bazear a defeza em cazos avulsos e abordar a questão na sua máxima dificuldade.

Uma resposta audacioza consistiria em não negar nada; mas converter a acuzação em elojio, provando que a loquacidade feminina é uma virtude. Remy de Gourmont tentou essa empreza (1).

Ele disse que as mulheres são as grandes artifices da palavra. E' bem verdade que elas não se distinguem pela invenção verbal. Embora tenha havido e haja ainda grandes escritòras, nenhuma creou um estilo especial de alta orijinalidade. Mas as mulheres são a força conservadòra das linguas. Uzando muito os vocábulos correntes, elas opòem uma certa rezisténcia á invasão dos termos novos. E essa rezisténcia, que não é excessiva, aprezenta grandes vantajens. Por outro lado, é a mulher a iniciadôra das crianças: ela as ensina a falar. Aí o seu prurido de loquacidade tem um valor inestimavel. « Uma criança, educada por uma mulher muito mulher e muito tagarela, forma-se mais cedo

(1) REMY DE GOURMONT. — *Le chemin de velours*, p. 97.

para o uzo da palavra e por consequéncia para a conciéncia psicolójica. A cargo de um homem taciturno, a mesma criança se dezenvolveria muito lentamente; tão lentamente, que talvez nunca atinjisse o limite da intelijéncia pratica. »

E' de notar aliaz que a terra de nossos pais se chama a *pátria*; mas que a lingua que aí se fala é a *lingua materna*. Para a censura ou para o elojio o que ha na escolha desses qualificativos universalmente adotados é a confirmação de que todos reconhecem a função palrativa da mulher.

Remy de Gourmont, que aliaz não alude a isto, dizia que o cazo é de elojio. Ele fala do *folklore*. De fato, um dos grandes tezouros da humanidade é a massa consideravel das lendas e canções populares: todo o *folklore*. Tezouro, não só do ponto de vista literário, como do ponto de vista científico e histórico. Muitas aquizições da humanidade se teriam perdido, si não tivessem ficado nessas narrações populares, que passam de geração em geração, pela tradição oral. E dessa transmissão quem se encarrega são as mulheres.

Assim, fazendo frente ás acuzações e tranformando-as em louvores, as mulheres pode-

riam dizer : « E' bem verdade que nós somos tagarelas ; mas isso, em vez de ser um defeito, é uma alta virtude! » E tomariam o ponto de vista de Remy de Gourmont.

Como, porém, a maioria começa por contestar o proprio fato, mais simples seria mostrar a suspeição dos acuzadòres. Homens foram os que fizeram as relijiões, homens os que fizeram as leis. Esqueceram a propria para só condenar a feminina loquacidade.

Pensem, por exemplo, no caso de Mahomet, queixando-se de que uma das suas mulheres lhe traira certo segredo. Quem lhe mandára confia-lo a ela? — Fòra ele, portanto, o primeiro indiscreto.

E' mesmo interessante notar que um grande poeta árabe, anterior a Mahomet, no poema de Schanfara fazia sobresair como caraterística do homem forte a discrição para com as mulheres : « Eu não sou, diziam os seus versos, como esses covardes e estúpidos espozos, que, sempre perto das mulheres, não têm segredos para elas e nada sabem tentar sem ouvir-lhes os conselhos... (1) » O profeta incidiu nessas violentas censuras.

Receiando a incapacidade das mulheres

---

(1) Letourneau. — *L'Évolution littéraire*, p. 260.

para guardar segredos, esses moralistas se esquecem que começam por acuzar a dos homens.

A parcialidade é evidente. Evidente e universal. E' assim sob o céu candente do Sahara e perto das solidões geladas do polo: os habitantes das ilhas Auleucianas tambem incluem no código dos seus costumes, como um grande crime para qualquer marido: « divulgar um segredo dos negócios públicos a sua mulher (1). »

Assim, nenhuma concluzão se póde tirar do fato das leis terem previsto com especial rigor a tagarelice e indiscrição das mulheres. Leis promulgadas por homens, a sua parcialidade as demoraliza. Olvidam a deles e só punem a alheia, talvez mais inofensiva ..

Depois, mesmo admitindo que tais castigos tenham sido justos, o simples fato de que caíram em dezuzo pode provar que um progresso se fez e as mulheres de nosso tempo dispensam meios coercitivos tão bárbaros.

Hoje, como digno de ser citado entre os processos para fazer calar uma mulher, o melhor, talvez, é o daquele namorado que, esperando uma desforra, dizia:

> Fala de mim, si tu queres...
> Fala mais, si é teu dezejo...

Para calar tua bôca,
hei de tapa-la com um beijo...

Mas a defeza feminina póde ser mais completa. Em especial a das mulheres brazileiras talvez ainda se torne mais facil, porque, si acima já se falou de uma confessora, que houve no Brazil, aqui se podia referir o de uma vitória obtida pelo siléncio de mulheres brazileiras. E é tambem um relijiozo que no–la conta.

O fato passou–se no seculo 16. A villa da Igaraçú fôra fundada havia pouco tempo. Ocorreu que, um dia, índios bêbedos travaram luta uns com os outros. Ficou por terra um, morto. Como, porém, os brancos tivessem acudido para apartar a rixa, os índios os acuzaram da morte e começou uma luta tremenda entre os da vila e o gentio. Houve um verdadeiro cerco, que durou dois anos. Nada menos de dois anos! Até as mulheres faziam guarda.

Ora, uma noite em que a fortaleza estava patrulhada femininamente, conta Frei Vicente do Salvador que « vendo o inimigo tanto siléncio, que parecia não haver ali gente, subiram alguns e começaram a entrar pelas portinholas das peças, mas elas — as mulheres — que os haviam sentido subir, os

estavam aguardando, com as suas partazanas nas mãos e quando estavam já com meio corpo dentro lhas meteram pelos peitos, e os passaram de parte a parte, e uma, não contente com isso, tomou um tição, e pôz fogo a uma peça com que fez fujir os outros e espertar os nossos... » (1)

Frei Vicente do Salvador, um dos cronistas mais respeitados dos primeiros tempos da nossa história, refere o fato, mas termina a narração com uma pequena perversidade: « que foi, diz ele, um fato heroico para mulheres terem tanto silêncio e tanto ânimo ». Dá, portanto, a entender que o silêncio nas mulheres chega a ser heroismo.

Mas, heroismo ou não — que o frade guarde os seus comentários! — o certo é que no Brazil se verifica que as mulheres sabem estar caladas.

Melhor seria, porém ainda aqui não discutir com pequenas citações de ocurrências que podem ser tidas por excepcionais; vale a pena aceitar a polémica em toda a sua generalidade e vêr si é possivel defender as mulheres da pecha de indiscrição.

---

(1) Frei Vicente do Salvador. — *Historia do Brazil*. Anais da Biblioteca Nacional, p. 47.

E é perfeitamente possivel.

A verdade é que o critério da discrição e da indiscrição varia muito de sexo para sexo. O que se admite em um homem como natural, não se perdòa a uma mulher: é um crime grave que lhe afeta a honra.

Si por diante de um grupo de homens vão passando diversas mulheres, eles as analizarão sem cerimónia, dirão as que acham belas e as que acham feias, explicarão o motivo das suas preferéncias induzindo do que se vê o que não se vê. Não é precizo que os homens reunidos tenham a menor intimidade para que sejam perfeitamente explícitos. Os delicados dirão a couza polidamente, os outros grosseiramente, mas salvo a hipóteze de recearem falar de alguem que interesse a algum dos prezentes, essa análize se faz sempre com uma grande liberdade.

Nas rodas femininas isso não occorre. Num grupo de senhoras, que acabassem de travar conhecimento, si alguma se lembrasse de ir examinando as perfeições anatómicas dos cavalheiros, que por diante delas desfilassem, estaria desde logo julgada como uma senhora sem seriedade. Haveria, não só o direito, mais a natural tendéncia, a considera-la como pouco honesta.

Numa roda masculina a evocação de velhos amores nada tem de raro. Os fátuos gabam-se, os grosseiros dizem os nomes, mas ainda os mais corretos podem contar sem escándalo epizódios de namôros e de ligações pouco inocentes.

Ai da senhora que fizesse isso, a não ser na mais estrita intimidade! E ainda assim...

A verdade é, portanto, que nós exijimos das mulheres uma discrição muito mais rigoroza. A menor transgressão aos preceitos que estabelecemos dejenera em uma questão de honra. Mudado o sexo, uma mulher indiscretíssima seria um homem de alta discrição : o que teria escandalizado nela, quando Eva, apareceria em Adão como um prodíjio de rezerva, porque o que um homem póde dizer sem o mínimo inconveniente, basta para dezonrar irremissivelmente uma mulher. Por isso, elas sabem guardar perfeitamente os segredos de suas vidas. E os maliciozos não tem razão quando asseveram que o único que nunca lhes escapa é o da própria idade...

Uma contradição interessante é a que aprezentam tantos homens, que têm exaltado o silêncio... falando abundantemente. Falando

e escrevendo a favor dele... mas, o que é certo, gastando inúmeras palavras para dizer que melhor seria não proferir nenhuma!

Não ha, por exemplo, nada mais frequente do que lèr poezias louvando a solidão e o desprezo pelos homens. Fagundes Varella cantava a beleza dos ermos:

Salve, erguidas cordilheiras,
brenhas, rochas altaneiras,
donde as alvas cachoeiras
se arrojam troando os ares!
Folhas que ranjem, caindo,
feras que passam, rujindo,
génios que dormem sorrindo,
no fresco chão dos palmares!

Salve, expléndida espessura,
mares de sombra e verdura,
donde a briza etérea e pura
faz brotar a inspiração,
quando á luz dos vagalumes,
da maripoza aos cardumes
se cazam moles queixumes
dos filhos da solidão.

Abre-me os braços, ó fada,
fada do ermo profundo,
onde o bulício do mundo
não ouza siquer bater!

Outro poeta, Francisco de Castro, que

deixou grande nome como médico, mas não deixaria menor, si se tivesse dedicado á poezia, exclamava, do mesmo modo :

> Abre-me o seio, solidão amiga,
> dos meus segredos preciozo cofre,
> ninho bemdito de quem perde o berço,
> azilo santo de quem muito sofre !

E João Ribeiro, fazendo a promessa, a que felizmente tem faltado, de não mais escrever, escrevia :

> E nunca mais hei de escrever, porquanto
> perdem á luz os nossos dissabores
> o proprio aroma, tal si fossem flôres.

E o que dizem poetas brazileiros repetem os de todo o mundo. Aqui está um colombiano, José David Guarin :

> Salve, tranquila soledad augusta,
> dulce consuelo del que sufre y calla,
> ángel que cruzas con quietud el mundo,
> amiga del misterio y de la calma.
>
> Es el silencio el himno misterioso
> que en tus altares en tu honor se canta...

Paulin Brougneaux, cujo livro tem o título

— *L'Isolement* — diz, em versos aliaz bonitos:

Et j'ouvre un monde en moi plein d'un doux sortilège,
si grand, si haut muré, si loin de tout bruit vain,
que jamais nul mortel de son pas sacrilège,
n'en franchira l'enceinte et l'horizon divin.

Être seul! Être seul! enfermé dans ses rêves
sur les faîtes des monts d'orgueil vertigineux,
suivant les bleus sentiers des insondables grèves,
où roulent éperdus les globes lumineux!

Être seul! Toujours seul! dans l'âme de l'espace,
le front près des soleils, au seuil des paradis,
étreignant sur son cœur le songe, quand il passe,
goûtant, entre ses bras les bonheurs de jadis!

Être seul! et rêver dans les forêts magiques,
être seul! et rythmer les églogues des champs;
être seul! et prier dans les soirs léthargiques;
être seul! et planer sur nos tristes penchants.

Lamartine asseverou « que nunca tinha posto a felicidade sinão na solidão. »

Enrico Panzacchi:

Sospir di flauti, strepito di trombe,
note di rosignuol, sibili d'idre,
mentre che il tempo vuota le clepsidre
e la pallida Morte empie le tombe,

e rantoli e canzoni e baci e strida
e per le vie bestemmie e preci in duomo,
mentre che su la favola dell'uomo
la profonda Ironia par che sorrida,

questa é la vita. A che parlare e scrivere,
sempre l'istesso calice d'assenzio
rimescolando? Savio é chi sa vivere
e morire in silenzio...

Conceito em tudo igual ao de Antonio Ferreira, um dos velhos e clássicos escritôres portuguezes:

Ditozos os que vivem bem calados;
metidos em si mesmos e contentes
de não serem ouvidos nem julgados!

Seria possivel alongar quazi indefinidamente a lista de citações dos cantores do siléncio. Nela, entretanto, os de lingua portugueza não constituiriam maioria; não dariam siquer um continjente muito numerozo. E isso por uma razão simples e técnica; porque a palavra *siléncio* é uma rima detestavel em portuguez. Para rimar com siléncio nós só temos meia duzia de nomes próprios masculinos e alguns verbos raros, seguidos de variações pronominais: *dispense-o, con-*

dense-o, *vence-o*, etc., ao passo que o siléncio francez tem mais de quatrocentas rimas.

Evidentemente isso não quer dizer que não seja possivel aos nossos poetas cantar o siléncio. Do mesmo modo quem tiver uma namorada que se chame Andrómeda, Bráulia, Cleópatra ou Bárbara — nomes que não tem rima em portuguez — não está por isso impedido de fazer-lhe versos. Evitará apenas termina-los por tais nomes. Foi o que fez Camões, quando se apaixonou pela preta Bárbara e dedicou-lhe as estrofes célebres sobre a « pretidão do amor ». Mas emfim a grande abundáncia de rimas para uma palavra de significação poética, que se presta a numerozas referéncias, convida naturalmente os poetas a tratarem do assumto.

Nas citações acima feitas, de Varella, Francisco de Castro e João Ribeiro, vê-se que eles souberam esquivar a rima dificil, mas nem por isso deixaram de exaltar a solidão e o siléncio.

Sincera ou finjidamente?

Tão sincera ou finjidamente como os poetas de outras linguas. Os que têm e os que não têm a seu dispor muitas rimas, equivalem-se psicolojicamente.

Certo caricaturista francez representou uma

mulher empunhando um frasco de remédio e procurando acordar alguem, que dorme pezadamente. A mulher se lastima : « Que massada! O doente caiu num sono tão profundo, que não consigo acorda-lo para dar-lhe o narcótico ».

Essa enfermeira, esforçando-se por acordar alguem que dormia, afim de dar-lhe um remédio para faze-lo dormir, lembra-me esses poetas que, para provarem o mérito do silêncio e da solidão, falam abundantemente em longas poezias e procuram a mais ampla publicidade. Si fossem sinceros, o que primeiro tinham a fazer era calar-se, era não publicar nada!

Um grave autor latino escreveu um livro sobre a tagarelice. É bom acrecentar que não foi esse livro que lhe deu renome. Nele, o autor, Plutarco, narra uma historieta engraçada.

A mulher de um senador romano insistia por saber do que se ia tratar na sessão secreta desse dia. O marido, para se vêr livre da importunação, disse-lhe que os áugures tinham tido notícia da aparição extranha de uma ave, que passara sobre Roma, armada de uma lança e tendo sobre a cabeça um capacete. O senado ia reunir-se

para que os sacerdotes competentes o informassem si isso era um bom ou máu presájio. Era precizo, porém, que se guardasse o máximo segredo.

Mas, assim que o marido saiu, a mulher contou o fato á criada e por aí o rastilho de indiscrições pegou tão bem que, quando o senador chegou á assemblea, já a achou assediada por uma grande multidão, que dezejava saber si o augúrio era feliz ou nefasto.

A mulher, quando mais tarde o marido a interpelou, disse-lhe que certamente a indiscrição fòra cometida pela espoza de algum dos outros trezentos senadores. Era o pretexto por traz do qual contava esconder-se. Mas teve de reconhecer a sua culpa e cobrir-se de vergonha, quando soube que a história tinha sido uma fábula, inventada unicamente para experimentar a sua discrição (1).

A anedota, verdadeira ou falsa, é curioza; mas o fato de que Plutarco escreveu um livro inteiro sobre « o falar de mais » mostra que tambem ele não pecava por falar de menos. Podia ter-se contentado com um período, uma pájina ou um capítulo. Entra, portanto, muito justamente na lista dos apo-

(1) R. CAGNAT. — *A travers le monde romain*, p. 50.

lojistas do siléncio, que primam pela incoeréncia.

Mentirozos!

De resto, ha profissões e ha povos célebres pela sua infinita loquacidade. Os poetas figuram na primeira daquelas categorias. Todos sabem com que desplante eles publicam geralmente os seus amores. Salomão foi o mais lonje possivel nesse terreno, descrevendo-nos com uma minúcia dificil de ser excedida todas as perfeições da Sulamita do Cántico dos Cánticos. Si tivesse feito igual trabalho para as suas restantes 699 espozas — que tal é a conta das que a Bíblia lhe imputa — teria deixado uma biblioteca.

Guerra Junqueiro, criticando os poetas líricos, diz que, ás vezes, em um só livro de duzentas pajinas, eles cantam trezentas namoradas — o que dá aproximadamente namorada e meia por pájina.

Stechetti procurou pôr còbro a isso dirijindo um apêlo:

AOS COLEGAS

O' faladores bardos tagarelas,
que andais a publicar vossos amores
e assim comprometeis todas aquelas,
que vos cáem nos braços sedutores,

— os amores melhores são secretos!
Imitai o sistema preferido
pelos padres, que são sempre discretos,
e tudo arranjam sem fazer ruído...

É necessário que vocês não gritem
o nome das senhoras a quem beijam :
— o amor a certa discrição obriga...

Não pensem que as mulheres inda hezitem
em dar-nos trela... Só o que dezejam
é ter certeza que ninguem o diga...

E' claro que eu não subscrevo todas as impertinências deste soneto... O grande poeta italiano, que já provou as agruras do cárcere por causa dos seus versos, não é aliaz homem que precize de endossante para as suas opiniões. Quando, porém, alguem faz uma confissão, em que envolve culpas próprias e alheias, a confissão só é válida para as próprias. Para as alheias reprezenta uma acuzação, que preciza de provas. Assim, si naquele soneto Stechetti proclama simultaneamente que os poetas são indiscretos e as mulheres levianas e faceis, admitamos só a primeira parte. Poeta, ele está autorizado a confessar-se em nome dos poetas. Aceitemos isso e não discutamos a sua afirmação, de que, si as mulheres tivessem bastante cer-

teza do segredo dos homens, far-lhes-iam concessões mais frequentes...

É verdade que Molière já afirmara, de modo dogmático, uma couza muito parecida com o que diz Stechetti :

Le scandale — du monde est ce qui fait l'offense
et ce n'est pas pécher que pécher en silence...

E na poezia popular se acham quadras que completam a confissão do grande poeta italiano.

Você diz que não diz nada,
amanhã vai se gabar :
— só quem não tem que dizer
é que sabe se calar.

Vè-se bem que o autor desta quadra é uma autòra e que, ela daria o que lhe pediam, si tivesse certeza do siléncio... Mas o siléncio é dificil aos amantes e aos poetas :

O amor é paixão de alma,
que rouba a joia mais rica...
Emquanto pretende — cala.
Depois de lograr — publica...

Olavo Bilac terminava um soneto, confessando tambem quanto lhe pezava a discrição :

E fatigado de calar teu nome
quazi o revelo no final de um verso...

E quando alguem diga que deve ser mais fatigante *falar* do que *calar*, porque falar é fazer qualquer couza e calar é abster-se de uma ação, esteja certo de que se engana. Bojardo, o autor do *Orlando Innamorato* já discutiu esse ponto :

> ... piú fatica é tacer che parlare;
> quantunque alle ignoranti gente stolte
> strana proposta questa forse pare.

Admitindo mesmo que Stechetti generalize de mais, o certo é que nós temos uma série de confissões de poetas, que provam bem como a profissão deles se carateriza pela indiscrição.

Que é tambem esse o cazo da dos barbeiros não se preciza provar, tanto o fato se tornou de evidéncia universal.

Conta-se que uma vez Ernesto Renan, que uzava o rosto inteiramente raspado, foi barbear-se.

Para encetar conversa, formulando a mais inutil das perguntas, o fígaro inquiriu amavel:

— Como dezeja que lhe faça a barba?

E Renan, maliciozo, respondeu-lhe :

— Em siléncio...

Era pedir muito... O que ha de máu é que

os barbeiros são de algum modo covardes. Ensabôam o freguez e, quando começam a escanhoa-lo, começam tambem a falar-lhe. A vítima não póde responder, porque um movimento qualquer das bochechas, dos lábios, do queixo, do pescoço, póde provocar um córte da navalha. Não ha oradores mais certos de que terão um auditório atento e dócil.

Talvez se ache alguma couza de chocante em reunir essas duas profissões : barbeiros e poetas... Mas é forçozo convir que do ponto de vista da tagarelice elas oferecem semelhanças.

E, si se encontram profissões — em que aliaz os homens predominam — votadas á incontinéncia da linguajem, tambem se encontram com o mesmo vício povos inteiros. O povo hespanhol é desse número. Um dos seus homens mais ilustres, Emilio Castelar, confessava-o alegremente, dizendo que « em hespanhol ninguem sabe se calar » (1).

Vê-se bem por tudo isso que o siléncio não é uma virtude facil... Si é certo que algumas mulheres foram por causa dele canonizadas, os homens não deixam de reconhe-

(1) HENRY ROUJON. — *Souvenirs d'art et de littérature.*

cer-lhe alto valor, e pelo apreço que lhe ligam mostram quanto lhes custa.

Ha profissões de que ele é um dos requizitos esseneiais. A diplomacia figura nesse número. Um diplomata inglez dizia que na sua classe era indispensavel ser poliglota, não para falar muito, mas, ao contrário, para saber calar-se pelo menos em cinco linguas.

Por isso mesmo o silêncio tem aparecido como uma virtude máxima para os génios, para os grandes pensadores.

Schopenauer escreveu sobre a vida desses pensadores solitários que ela crece, não em superficie, mas em profundidade. Podem izolar-se, porque deles o centro de gravidade cai dentro do proprio espírito. Podem dispensar companhia (1).

É aos génios dessa envergadura que se dirije o admiravel poeta Santos Chocano, quando lembra que os pardais precizam juntar-se em bandos, ao passo que as águias cruzam livres e sós o azul do céu.

> Cual puñado de arenas, en su añelo
> se unen las ambiciones despechadas
> y se esparcen al golpe de las olas...

(1) SCHOPENAUER. — *Aphorismes sur la sagesse dans la vie*, p. 43.

Para cruzar por el azul del cielo
los gorriones se juntam em parvadas,
en tanto que las águilas van solas!...

E' tambem ele que aconselha aos que tem revelações de talento a fazer que saibam guardar siléncio até o momento oportuno :

Tu sabes que tu afan es prematuro;
tu sabes que no es tiempo todavia
de que derrame el suspirado dia
luz de justicia sobre el antro obscuro.

Si el porvenir es sordo a tu conjuro,
si es inutil tu ardor en la porfia,
calla y contempla com mirada fria
las penumbras inquietas del futuro.

Canta al sol, quando el sol bese la cumbre;
pero hoy, sumido en ti, sella tu boca :
¡y que ruede a tus piés la muchedumbre!

¡Más vale ser, guardando el pensamiento,
mudo y firme á la vez, como la roca,
que hablador y volubre como el viento!

Tasso já dera igual conselho :

Ascolta e taci,
poi muove a tempo le parole audaci.

Os que dezejam preparar-se para grandes emprezas precizam preparar-se em siléncio.

E' uma regra que todos formulam. E para a dizerem parece que todos os poetas notaveis acham versos admiraveis :

> Ármati, ma in silenzio, ma con gioia
> per vincere la tua fortuna avversa...
>
> Ármati, spinge il rostro che penetra
> nel mare sconosciuto — e il tuo vascello
> romperá il cerchio della nebbia tettra (1).

Carlyle dizia que uma nação em que não houvesse grandes homens silenciozos, seria como uma floresta sem raizes, cujas árvores fossem apenas feitas de folhas e ramos. Tinha por força de secar e perecer! Porque é no siléncio da meditação que mergulham as raizes das grandes ideias, dos nobres pensamentos, dos sentimentos generozos, que levam o mundo.

E exortando os inglezes a manterem « o seu grande talento para o siléncio » ele exclamava : « O Siléncio, o Grande Imperio do Siléncio : mais alto que as estrelas, mais profundo que os Reinos da Morte ! » (2) Essa fraze do extraordinario pensador inglez

(1) F. Salvatori. — *Terra promessa*, L'atto, p. 297.
(2) *Les Héros*. Trad. franceza, p. 351-352.

faz, de fato, com que nos lembremos do que na natureza é sileneiozo e do que nela é ruído. Ha um pouco de ruído sómente á superficie. Ainda assim os dezertos são silenciozos, silenciozas são as altas montanhas. O oceano só ruje e clama perto das praias. No alto mar, ouve-se apenas o ruido das vagas que batem de encontro ao navio. Ermo de náus, ele é majestozo e silenciozo. Si alguem mergulha em uma mina : siléncio! Si um balão ou um aeroplano se eleva a alguns metros : siléncio! Carlyle tinha razão em dizer, não só figuradamente, como real e pozitivamente, que o reino do Siléncio é formidavel. Ele vai do centro do globo até as estrelas remotíssimas, apenas perturbado, aqui e ali, na superfície da terra, por barulhos, que, no conjunto assombrozo do Universo, são quazi como si não fossem... Mínimos, insignificantes.

Que é a vida, perguntou alguem? Um intervalo de barulho entre dois siléncios. Um intervalo mínimo entre siléncios infinitos...

Emerson, outro grande pensador, fez tambem a apolojia do siléncio e da solidão.

« E por que, perguntava ele, o homem de estudo, deve procurar a solidão e o siléncio?

Afim de conhecer melhor os seus pensamentos. »

E adiante : « Protejei a vossa alma; afastai as companhias; habituai-vos a uma vida solitária. Desde logo vossas faculdades se dezenvolverão em beleza e plenitude como as árvores da floresta e as flores do prado... »

« A superioridade que esperam de vós é a de um pensamento nobre, viril, justo, e é da solidão que o deveis esperar. As multidões não conferem essa elevação. »

Mas Emerson mostra que não é precizo ir buscar a solidão fízica, a solidão material. Ela póde ser um adjuvante mas não é um requizito indispensavel :

Aprendei a pensar sózinho e todos os logares vos parecerão amaveis e sagrados. Os poetas que habitaram cidades souberam viver nelas como eremitas. A inspiração crèa em toda a parte para seu uzo uma verdadeira solidão (1).

O autor da *Imitação de Christo,* encarando a questão do ponto de vista relijiozo, figura tambem entre os conselheiros de siléncio :

> Mais facil é calar de todo
> do que a falar não se exceder.

---

(1) EMERSON. — *Pages choisies.*

A turba evita. Ao seu engôdo
prefere em caza te esconder.

Mais facil é viver oculto
do que nas ruas se guardar;
eleje, fora do tumulto,
servir a Deus e meditar (1).

Ha pouco, nós zombámos dos poetas que falam abundantemente para nos incitar a não falarmos. Poder-se-ia gracejar tambem com Emerson, com Carlyle, com o autor da *Imitação de Christo?*

Seria injusto. Pouco importa, por exemplo, que Madame Carlyle tenha dito que o amor de seu marido pelo siléncio era inteiramente platónico (2). Moralistas e pensadores, Carlyle, Emerson e o autor da *Imitação de Christo*, — qualquer que tenha sido o caráter de cada um deles — foram altos espíritos que souberam ver a fecundidade da meditação solitária. Nenhum deles fez o que fizeram tantos poetas, declarando amar pessoalmente, amar profundamente o siléncio e a solidão. Empreenderam o elojio do siléncio como um conselho moral, como a receita

(1) Trad. de Affonso Celso, p. 88-89.
(2) BENDA. — *Sur le succès du Bergsonisme*, p. 65.

para a formação do caráter dos grandes condutores da Humanidade.

Esse silêncio é verdadeiramente de ouro! Mas por outro lado ele reprezenta uma especie de tagarelice... a prazo. São pessoas que se calam por alguns anos, para ficarem conversando com a humanidade durante muitos séculos! O silêncio deles vale, portanto, como um preparo para essa longa palestra.

Mas como ninguem conhece o que virá depois de um silêncio, é um velho e sábio conselho dado aos tolos que se calem. Bonnard, repetindo com pequena modificação uma sentença de Publius Syrius, afirmava que « O silêncio é o espírito dos tolos ». Calados ambos, como, de fato distinguir um imbecil de um homem de espìrito?

Isso justifica a opinião de alguem a quem, falando-se dos monumentos do Ejito, perguntavam porque a Esfinje tinha uma tão alta reputação de sabedoria :

— Porque está calada ha trez mil anos.

Maupassant dizia em uma de suas poezias preferir o tolo que se cala ao que fala :

...Car je ne comprends pas, ô cuistres, qu'on préfère la bêtise qui parle à celle qui se tait...

E outro poeta, Victor-Emile Michelet, pedia

aos que nada têm para dizer, aos que não alimentam sonhos nem aspirações, que ao menos guardassem a beleza do siléncio :

> Si tu n'es qu'un passant de hasard, si ta faim
> ne veut que le pain de la terre et que ses joies,
> garde au moins la beauté du silence : tais-toi !

A beleza do siléncio...

Que por si só o siléncio possa ser uma beleza é incontestavel. Vêde um mendigo, que pede esmola, suplicando, exorando. Póde ser comovedor, mas é humilhante. Pensai, porém, no mesmo gesto feito em siléncio e notai como ele ganha em beleza. Os relijiozos budistas deviam ir de porta em porta mendigar o seu sustento. Era-lhes, porém, defêzo articularem qualquer pedido (1). Chegavam, estendiam o vazo e recebiam o que lhes queriam dar. A serenidade desse gesto parece engrandecer-se com o siléncio. Nem uma súplica. Nem um agradecimento. Nem uma queixa. Cada um cumpria o seu dever. Para que palavras?

Mas, si os que têm muito que dizer devessem calar-se — e devessem calar-se tambem

---

(1) A. Costa. — *Il Budha*, p. 93.

os que nada têm a dizer, ninguem falaria...

Ha nisso um exajêro. Compreende-se que os elaboradores de altos pensamentos os preparem silenciozamente, por algum tempo. Mas os que estão no meio termo, que fazem a vida corrente, a vida de todo o dia, e que nem são génios nem imbecís, esses precizam expandir-se em palavras.

O silêncio póde servir para amadurecê-la; mas é a Palavra que faz a civilização. Os pensadores recolhem-se e meditam; mas vêm depois trazer-nos o fruto das suas cojitações e é em palavras que se expandem.

Seria longo de mais estudar aqui como todo o progresso vem... da conversa. Um grande pensador francez, Tarde, já fez aliaz esse estudo, mostrando como é ela que crêa e dirige opinião publica.

A humanidade ainda hoje recorda com orgulho a civilização dos gregos e precizamente os gregos sempre se mostraram grandes faladores. Ninguem como eles para apreciar as bôas palestras, os discursos formozos e eloquentes.

A relijião católica teve na Rússia uma seita que se condenava ao siléncio perpétuo como peniténcia. Fizeram os seus adeptos atos de

um heroismo, que se póde chamar estúpido. Deixaram-se torturar e matar sem dizer uma só palavra. Não consta, entretanto, que tal seita tenha dado mais glória á igreja do que S. João Crizóstomo — o « bôca de ouro » — ou que S. Francisco de Assis, o qual, á falta de interlocutores humanos, recorria aos peixes e aos pássaros, falando-lhes.

Póde dizer-se que a família moderna, sobretudo a família pobre, cujos membros se dispersam durante o dia em ocupações muito várias, se mantem unida principalmente pela conversa em torno á meza das refeições. E' aí que todos se encontram e transmitem os seus pensamentos. A alegria de um bom jantar é feita pela alegria das palestras que aí se travam.

No emtanto, isso não ocorre em todos os povos. Exatamente no nosso Brazil ha numerozas tribus em que é uma profunda indecéncia comer á vista de outras pessoas. Um explorador alemão, Von den Steinen, escandalizou os Babairís, fazendo esse ato inconvenientíssimo. Os Maorís, os Siamezes, os Arabes da Syria, os habitantes do distrito de Baram, em Bornéu, comem em siléncio. Em siléncio, izolado, comem o rei da Abissínia, o rei de Loango.

Ninguem dirá que esses silenciozos sejam espécimens de alta civilização!

E' verdade que o izolamento a que eles se condenam em tais ocaziões vem da crença de que é esse o momento propício para os mal intencionados lhes fazerem feitiços, lhes lançarem « sortes » (1).

Essa crendice subziste ainda, embora sem tal explicação, mas incontestavelmente com essa orijem, no fato de que o Papa não póde comer sinão sózinho.

Em todo cazo, deixando de lado pequenos fatos, que são sobrevivéncias obscuras de tempos idos, o incontestavel é que, si o siléncio tivesse um mérito proprio, esses povos que, sabem tão bem calar-se quando nós mais falamos, deveriam ser superiores. E ninguem o dirá...

Ainda uma vez : o que faz a civilização é a conversa...

O dezejo de estar ás vezes izolado, póde incontestavelmente justificar-se. E' uma reação. E' um descanço. E' um preparo. Um poeta portuguez, Antonio Patrício, dizia em uma fraze muito feliz o dezejo que

(1) S. Reinach. — *Cultes, mythes et religions*, I, 113-114.

ás vezes temos de fujir até de nós mesmos :

> De que me río eu? Eu río horas inteiras
> só para me esquecer, para me não sentir.

Dezejo tranzitório... O homem não se fez para a solidão. O salmista clamou : ai dos que estão sós! *Vœ soli!* E' precizo misturar-se ás multidões para lutar e vencer :

> Non é campo dell'uom la solitudine
> chi non pugnó, non vinse (1).

E si Haraucourt, em certa ocazião, falou no prazer sobreumano de não ser compreendido,

— Le surhumain plaisir de n'être pas compris —

aludia aí aos génios — e aos que se julgam génios. — Esses têm um certo prazer satánico, uma alegria em que entra um pouco de cólera e vingança contra os que os cercam e os não entendem, esperando depois desforrar-se deles, quando a humanidade reconhe-

---

(1) RAPISARDI.

cer o mérito dos seus trabalhos e fulminar a incompreensão desses contemporáneos tão pouco intelijentes. Deixam-se ficar orgulhozamente satisfeitos de não serem entendidos, mas é como si esperassem voltar mais tarde, á frente de inúmeras gerações futuras, para acabrunhar com a sua vitória a estupidez dos homens do seu tempo, que não lhes souberam dar o devido apreço!

Esse izolamento é um desejo de companhia.

Os talentos simples e modestos contentam-se com serem apreciados dos homens do seu tempo. Vão com os da sua geração, conhecidos por ela, mas certos de que com ela passarão ao esquecimento. Os que são ou se julgam geniais afastam-se dessa geração para incorporar-se ás futuras — muito mais numerozas.

O natural, o humano é achar companhia. Quem vai sózinho pela noite, pela escuridão, canta ou assobia para que a sua voz pareça uma couza estranha que o vai seguindo. E o proprio Haraucourt teve um verso mais feliz quando pintou nas solidões tristes da Bretanha um grande Cristo crucificado, posto, segundo é lá costume, em pleno campo, junto a uma lagôa e, como que para

se duplicar pela imajem, refletindo-se na superfície líquida :

> Comme pour être deux, se regarde dans l'eau.

O siléncio é uma angústia : peza terrivelmente! Mesmo os que o exaltam, não deixam de fazer sentir o que ha na sua majestade de solene, de trájico. Alfredo de Vigny, que era, escrevendo estes versos, profundamente sincero, disse admiravelmente :

> Seul le silence est grand, tout le reste est faiblesse.
> Gémir, pleurer, prier — est également lâche!

Muitas vezes depois disso o mesmo tema tem sido tomado e retomado. Louis Ménard proclamava :

> Sois fort, tu seras libre; accepte la souffrance
> qui grandit ton courage et l'épure; sois roi
> du monde intérieur et suis ta conscience,
> cet infaillible dieu que chacun porte en soi.
>
> Espères-tu que ceux qui par leur providence
> guident les sphères d'or, vont violer pour toi
> l'ordre de l'univers ? — Allons, souffre en silence
> et tâche d'être un homme et d'accomplir ta loi.

E outro poeta, Sylvain Royé, dava mais

carinhosamente este conselho aos que sofrem :

Il ne faut pas aller, le soir, de seuil en seuil
raconter ta souffrance et divulguer ton deuil
dans l'insensé désir d'une parole amie.
Il ne faut pas frapper à la porte endormie
dans le but d'éveiller l'écho de ta douleur.
Qu'importe aux autres cœurs ce que pleure ton cœur?
Penses-tu rencontrer chez autrui ton image?
Et ne croirais-tu pas qu'il te serait plus sage
de t'asseoir solitaire, à l'heure du sommeil,
loin de toute ironie et loin de tout conseil,
pour bercer calmement ton intime détresse
dans l'ombre confidente épandue en caresses,
sentant, fraîches de paix, de silence et d'espoir,
se poser à ton front les mains souples du soir?

Não era diverso o sentimento de quem, inspirando-se talvez no mesmo modo de sentir de Alfredo de Vigny, escreveu :

Pranto ou Palavra — em nada disso cabe
todo o amargor de um coração enfermo,
profundamente vilipendiado.

Nada é tão nobre como vêr quem sabe,
trancado dentro de uma dôr sem termo,
máguas terriveis suportar calado!

Cruz e Souza, em vez de exaltar o si-

léncio e a solidão, queixava-se magoadamente:

Muito embora as estrelas do infinito
lá de cima me acenem carinhozas
e dêça das esferas luminozas
a doce graça de um clarão bemdito;

embora o mar como um revel proscrito
chame por mim nas vagas ondulozas
e o vento venha em cóleras medrozas
o meu destino proclamar num grito;

neste mundo tão trájico, tamanho,
como eu me sinto fundamente extranho
e o amor e tudo para mim avaro!...

Ah! como eu sinto cumpunjidamente,
por entre tanto horror indiferente,
um frio sepulcral de desamparo!

Mas que o horror da solidão se revele pelos que o exaltam, pelos que o aconselham ou pelos que se lastimam, é sempre o mesmo.

Uma grande poetiza brazileira, cujas produções são raras, mas cuja inspiração é sempre elevada, Julia Cortines, exortava a si mesma para guardar siléncio diante de uma dor. Ela receiava, de certo, incorrer na con-

denação de Vigny e fazer ato de covardia si se queixasse :

Muza, cerra o teu lábio, e indiferente e enxuto
abre o límpido olhar.
Que essa dôr, que te morde o coração em luto
e que o faz sufocar,
nem de leve contráia o teu plácido rosto !

Cala o acerbo sofrer.
Cala, Muza, esse amargo e profundo desgosto
peor do que o morrer.
Nem uma queixa, um grito, uma súplica, um canto
o revele jamais !
O momento chegou de reter o teu pranto
e abafar os teus ais.

A essa poetiza admiravel, Guarini não poderia incluir no numero das mulherezinhas insignificantes — únicas a quem lhe parece que vão bem os suspiros e lástimas :

Il sospirar
é debolezza e vanitá di cuore
e proprio é delle femmine dappoche.

Mas ainda aí reaparece a injustiça contra as mulheres. O calar tristezas comprimindo-as, é uma tortura para todos. Alfieri dizia :

...il sai che chiusa
amarezza piú ingrossa.

Benserade chegava a achar que Job não tinha sido muito infeliz, porque se expandira em queixas :

> Il s'en plaignit, il en parla.
> J'en connais de plus misérables...

A orijem ou antes a justificação psicolójica das relijiões que têm estabelecido a confissão dos pecados como um preceito, está nessa necessidade de fazer confidéncias. Um poeta francez, Coubelier de Beynac, dizia bem que um pezar confessado é só por isso um pezar meio apagado :

> Je ferai, si tu veux, ma voix plus douce encore ;
> ma part de ta douleur je la veux, je l'implore ;
> un chagrin qu'on avoue est à demi calmé.

O essencial para quem se confessa não é tanto o receber a absolvição; é o ajoelhar-se junto a um confissionário e dizer aí os seus mais íntimos segredos.

Si o sacerdote absolvesse sem nada ter que ouvir, só pela compunção íntima dos penitentes, tudo pareceria mais facil. No emtanto, é bem certo que muitos dos que acham na confissão a tranquilidade do espírito, deixariam de procurar o consolo reli-

jioso e elejeriam um confidente leigo, com quem repartiriam seus segredos.

Nem todos têm a envergadura do Príncipe de Orange a quem um amigo pedia com muita insisténcia que lhe fizesse uma confidéncia. O príncipe chamou o amigo á parte e indagou : « *Você se sente bastante discreto para guardar um segredo? E' capaz de m'o afirmar sob sua palavra de honra?* » O outro, um pouco melindrado pelo que parecia haver de desconfiança nessa pergunta, garantiu que o saberia fazer. O príncipe bateu-lhe no hombro e replicou-lhe sorrindo : « *E' exatamente o meu cazo ! Tambem eu sei perfeitamente bem conservar um segredo* ». E não lhe disse nada.

Todos conhecem a história do rei Midas, a quem Apolo tinha feito crescer orelhas de burro. Só o seu barbeiro conhecia esse fato. E o barbeiro tinha interesse em guardar segredo, porque estava certo de que o rei o faria matar, si ele divulgasse a existéncia daquele defeito afrontozo. Para não correr perigo, mas ao mesmo tempo para não deixar de passar adiante o que vira, o barbeiro tomou a deliberação de cavar um buraco no chão e contar á Terra o que sabia. Tempos depois, naceu aí um canavial e, quando o

vento o sacudia, as canas gritavam : « O rei Midas tem orelhas de burro. » — Midas suicidou-se.

Nessa fábula se pinta bem o dezejo para tanta gente irrezistivel de ser indiscreto : o barbeiro, não podendo achar um confidente seguro, lembrou-se de contar o que sabia á Terra. Mas a propria Terra não poude tambem conter-se...

D'antes, para não terem que lidar com servidores incapazes da necessária continéncia, os senhores de escravos praticavam neles a « clinguação » : « Fazia-se arrancar a lingua a um escravo, ou para o punir por ter falado de mais, ou para o impedir de trair um segredo (1). »

Si os reis de hoje se rezolvessem a imitar Midas e a suicidar-se sempre que os seus segredos fossem divulgados, já não restaria vivo nem um, porque a vida deles é cada vez mais pública.

O jornal, a tribuna, o cinematógrafo — tudo contribui para a universal indiscreção. E' mesmo curiozo ver o que está sucedendo

---

(1) Broca. — *Conférences Historiques faites pendant l'année 1865*, p. 492.

com o segredo médico. Nada mais carateristico.

Uma das objeções feitas ás primeiras mulheres, que dezejaram formar-se em medicina, foi o preconceito de que são incapazes de guardar segredos.

Mas o segredo médico é uma sobrevivéncia de velhas crenças abolidas. Hoje, ha uma tendéncia muito grande para restrinji-lo. Tempo houve, em que se considerava a moléstia um castigo dos deuzes. Nada mais justo do que dezejar que os outros não soubessem que havia na família alguem enfermo. Desde, porém, que se verificaram as cauzas naturais das moléstias, o segredo profissional deixou de ter tanta razão como outr'ora, sobretudo quando se tratava de certas moléstias, entre as quais figurava a morféa, que tinham nitidamente aquele caráter de castigo. Em compensação ninguem escondia um louco ou um epilético, porque a loucura e a epilepsia não se consideravam moléstias : eram dons celestes, que tornavam a pessòa de algum modo sagrada! Só depois foi que a epilepsia se viu confundida com a possessão diabólica e só muito tarde se deu á loucura o seu verdadeiro caráter.

A tendéncia moderna é claramente para a

restrição do segredo profissional médico. Um alto personajem, um ministro, um príncipe, um rei, um papa, quando estão doentes, dão aos seus médicos a obrigação de informarem o público dia a dia do seu estado de saude. Si se trata de uma moléstia contajioza, já tambem a mesma quebra de discrição é legalmente exijida : cada vez a lista das moléstias que forçam á declaração ás autoridades sanitárias vai sendo maior. As pessôas das classes abastadas, que para si dezejam a manutenção do segredo profissional, são as primeiras a pedir aos médicos que examinem as amas de leite e as criadas que as servem, para que, violando o referido segredo, lhes digam si sofrem de quaisquer moléstias contajiozas.

Vê-se, pois, que este preconceito tende a dezaparecer (1). Evidentemente o que nunca dezaparecerá — por ser uma questão de cavalheirismo — é a obrigação de todo médico não publicar levianamente o que viér a conhecer em virtude da sua profissão. Mas o segredo das moléstias vai deixando de ser, como já foi, uma espécie de dogma. Os

(1) Dr. Th. Dupuy. — *Le dogme du secret médical. Essai de réfutation.* Paris 1903.

doentes são os primeiros a não esconder mais a maioria das suas enfermidades, que não podem envergonhar a ninguem.

Ha mesmo, em outro domínio, a prova da indiscrição crecente. D'antes, os autores dramáticos incluiam frequentemente nas suas peças o tipo do confidente. Era uma fórmula uzual dos dramaturgos. Em regra, no primeiro ato, aparecia o confidente, a quem o personajem principal expunha todas as circumstáncias que os espectadores precizavam conhecer.

Hoje, o confidente passou de moda. Os autores dramáticos continuam a precizar pòr-nos a par dos antecedentes dos personajens, para que compreendamos a ação. Mas, em vez de uma confissão seguida, feita a uma só pessoa, os referidos personajens se multiplicam em indiscrições com vários interlocutores — e, no fim do primeiro ato, estamos, segundo é necessário, inteiramente senhores da situação.

Todos, hoje, são indiscretos. E' da esséncia da vida moderna. Por isso mesmo, mais vale dispersar fragmentos de segredos por muitos ouvidos do que confia-los em massa aos de uma só pessòa.

Como escolher essa pessôa? Como saber

quem é e quem não é discreto? O que se conhece é até certo ponto valiozo; mas não basta.

A grafologia assegura que as pessoas que em geral fecham meticulozamente a curva dos *a*, dos *o*, dos *b*, dos *d*, dos *q* são quazi sempre discretas. Discrição maior, discrição calculista, sistemática, é a dos que terminam todos os parágrafos por um ponto e um traço — uma pequena barra horizontal, que é como uma tranca posta ao fim de cada período.

Este ultimo sinal — eu o considero absolutamente verdadeiro. Poucas vezes o tenho encontrado, mas sempre em tipos notaveis pela sua discrição — tipos de *segredistas* — si assim se póde traduzir a palavra franceza *cachottier*.

Mas infelizmente, ainda que se admita esta afirmação, o mal está em que a auzéncia daquele sinal não é prova de indiscrição.

Dois homens políticos deixaram pequenas receitas contra esse vício. Um foi o grande vulto da história da Inglaterra: Cromwell. O outro foi a alma danada da célebre negociata administrativa ocorrida na França — a negociata a que a abertura do canal de Panamá deu marjem.

Cromwell, quando tinha de responder a

qualquer carta, mandava sempre que o secretário preparasse trez respostas, inteiramente diversas umas das outras. Recebendo-as, era ele, na auzéncia do secretário ou de qualquer outra testemunha, quem fechava e mandava a que lhe convinha, queimando imediatamente as demais. Deste modo, o próprio secretário não podia saber qual tinha sido a enviada.

Arton uzava de outro sistema. Quando o processo sobre o cazo do Panamá interessava toda a França, apareceram inúmeras cartas de pessòas envolvidas nesse negócio, Só não apareceu nenhuma de Arton, que precizamente era quem mais as tinha escrito. Interrogado sobre este fato, ele o explicou dizendo que sempre, ao escrever qualquer couza de comprometedor a seu respeito, tinha o cuidado de pôr ao lado disso, a respeito de seu correspondente, alguma fraze que tambem o comprometesse. Assim, era o correspondente o primeiro a ter interesse em esconder ou destruir a carta!

Mas a vida seria uma tortura, si nós precizássemos estar, pelo temor de uma possivel traição, em perpétua desconfiança!

Melhor do que esses processos é o pedido injénuo das namoradas, que em todas as

cartas fazem um *post-scriptum* (não ha carta de mulher sem *post-scriptum!*) para recomendar áqueles a quem as escrevem, que as rasguem logo que acabem de lê-las. A regra é, entretanto, que todos as conservem — ao menos emquanto dura o amor...

O amor é aliaz uma paixão fundamentalmente indiscreta.

A sua indiscrição é tanto mais dificil de coibir quanto ela não vem apenas de palavras : vem igualmente de gestos ; vem, ás vezes, da alegria, que poreja, que radia atravéz da face e do olhar dos que se amam, quando em prezença um do outro ; vem até do siléncio.

Diz uma quadra anónima do cancioneiro portuguez, recomendando cautelas :

Namorados, falai baixo,
que as paredes têm ouvidos.
Os segredos encobertos
inda são os mais sabidos.

Outra insiste e com uma psicolojia muito lúcida explica o mecanismo das indiscrições :

O' meu amor não descubras
o teu segredo a ninguem :
si o dizes á tua amiga,
a amiga outra amiga tem...

Mas ha cazos que escapam a todas essas hipótezes.

Ás vezes, é o siléncio embaraçado diante da pessôa querida, que fala mais alto que as mais altas palavras.

Nem mesmo é precizo que essa pessôa querida esteja prezente. Para não a comprometer, o apaixonado que discorre facilmente sobre todas as outras, evita pronunciar-se a respeito dela. E é então a rezerva — indiscrição paradoxal! — que compromete e revela o que as palavras calaram... O que ninguem contou, o que os interessados pensam estar bem oculto já anda na bôca do mundo. Saiu deles involuntariamente... Era esta de certo a opinião de Metastázio quando escrevia :

... chi puó mai
si ben dissimular gli affetti sui
che gli asconda per sempre agli occhi altrui?

Ninguem o ouviu dizer; todos, entretanto, o adivinharam... Como? Como se adivinha a prezença de uma flôr, onde o perfume dessa flôr se espalha. E' a comparação que ha nesta quadra :

O cheiro da madresilva
na madresilva não cabe...

Tu não disseste, eu não disse,
e toda a gente já sabe.

E' isso que torna absolutamente inverosimil o delicado pensamento que Arvers exprimiu em um soneto maravilhozo, que apezar de infinitamente citado continúa a ser belíssimo. Lucio de Mendonça o traduziu :

Tenho um segredo na alma e um segredo na vida :
é um eterno amor nacido em um momento.
E' mal que não tem cura : assim, nenhum lamento
jámais o revelou á cándida homicida...

Por ela passarei, sombra despercebida,
e ha de chegar assim meu último momento,
sempre a seu lado, sempre, e em mudo izolamento,
sem nenhuma ventura ouzada ou recebida!

Creou-a meiga Deus, e bôa, e carinhoza,
mas distraída segue e surda á voz ancioza
deste amor que murmúra a seus pés, onde está.

Fiel ao seu dever, que austeramente zela,
dirá talvez, ao ler meus versos cheios dela :
« Que mulher será esta? » — e não compreenderá...

E' dificil acreditar que uma mulher tão longamente amada, por alguem sempre a segui-la, não acabasse por vêr o sentimento que inspirava! O segredo desse afeto se trai-

ría em qualquer couza: num gesto, numa palavra, numa inflexão de voz — qualquer couza comprometedora e eloquente.

Pailleron exprimiu um pensamento, de algum modo parecido com o do soneto de Arvers, mas que se póde aceitar mais facilmente. Vèr de lonje, em uma sala de baile, em qualquer reunião, uma mulher que nos deslumbra, sentir por ela, de súbito, uma atração profunda e irrezistivel, segui-la com o olhar sem ouzar procura-la, sem mesmo se fazer notar, partilhado entre a esperança e o temor — temor de que? esperança de que? — mas deslumbrado e cativo... E como si o olhar tivesse um efeito a distáncia, o efeito de uma extranha e misterioza telepatia, a mulher assim afagada de tão lonje, por um enxame tão cúpido de dezejos, perguntará a si mesma, sentindo-se de repente perturbada: « Que tenho eu hoje? »

Souvent dans une fête et durant tout un soir,
il advient qu'on s'éprend d'une femme inconnue,
brune ou blonde, au hasard, la première venue,
qu'on aime d'un amour étrange — et sans espoir.

On ne lui parle pas, on ne s'en fait pas voir;
mais de loin, l'œil fixé sur son épaule nue,
dans un silence ardent cette amour contenue
a des muets transports qu'elle ne peut savoir.

A travers le tumulte et la foule et l'espace,
on parle à cette femme, on pleure, on prie, on passe
de l'ivresse au dédain, de la rage au pardon...

Et la belle ignorante, à sentir autour d'elle
notre désir ainsi frissonner comme une aile,
parfois s'arrête et songe et se dit : « Qu'ai-je donc? »

Poezia a parte — ou antes : com toda a poezia que ha nesse cazo — eu creio bem que ele se realiza frequentemente e que todos ou quazi todos temos experiéncias desse género : experiéncias de nos deixarmos prender, de lonje, por uma figura feminina que, num momento, nos enche a imajinação ; experiéncia de vêr a mulher que cubiçamos e que nem um instante nos prestou a mínima atenção perturbada, impaciente, ajitar-se irrequieta, como que sentindo qualquer couza, que ela mesma não saberia definir...

Isso é profundamente diverso do que diz Arvers.

Certo, ninguem nega que todos tenhamos segredos. Ha sempre algum que nós não dizemos a ninguem — não o dizemos nem a nós mesmos em voz alta! Marcel Prévost tem razão quando assevera que ha em muitas almas um jardim secreto : aí é que está o que dá razão de ser á vida...

Em algumas não será um jardim... Será as vezes a jaula de uma fera : um segredo de ciume, de rancor, de ódio... Será outras vezes a gaiola em que haverá um pássaro prezo : uma pequena esperança, rouxinoleante e vivaz. Quem passa por essas almas não suspeita o que ha lá dentro — seja adoravel, seja abominavel.

Póde ser um amor. Póde ser um pensamento sanguinário. Póde ser uma ambição desmedida. Póde ser uma quimera, uma fantazia louca. Pode ser uma saudade : alguem que passou um momento pela nossa vida e de quem muitas vezes nos lembramos, perguntando a nós mesmos que teria sido o nosso destino, si para junto dessa pessôa nos tivéssemos orientado, si a ela nos tivéssemos unido... Talvez ela não pense mais nisso. Mas quem sabe? Tambem a nós ninguem nos arrancaria a confissão de que pensamos nela... Em quantos corações de espozas honestíssimas não haverá esse *flirt* melancólico, essa pequena traição com uma simples lembrança de outros tempos?

O que não ha é alma alguma que não tenha o seu segredo. Ou si ha, deve ser muito mesquinha... tão mesquinha, tão chatamente terra a terra, que póde esquecer-se em qualquer

enumeração psicolójica... São almas falhadas!...

No emtanto, ha muito quem o proclame, garantindo que « não tem segredos ».

Ai de quem fosse assim : que infeliz e que mizeravel!

Mizeravel, porque os nossos segredos se entrelaçam sempre aos de outros, que em nós confiaram. E seria traí-los, não saber guardar o que assim nos revelaram.

Infeliz! A alma dos que assim fossem pareceria um caminho por onde todos passam, árido, seco, pizado... Não teria o recanto verde e viçozo, onde ninguem pôe o pé.

Nos contos de fadas, frequentemente se encontra a história de um gigante, cuja vida está preza a um objeto que se acha encerrado em um pequeno cofre, por sua vez encerrado dentro de sete outros cofres de ferro, por sua vez encerrados dentro de sete caixas de pedra, no fundo mais profundo do mar alto. Quando alguem consegue vencer esses obstáculos e se apossa do objeto, fica senhor da vida do gigante, Domina-o e escraviza-o.

Ha alguma couza de semelhante a isso dentro de nós. Todas as almas, como a de Arvers, têm o seu segredo, o seu mistério. Quem o logra apanhar fica senhor dessa

alma fraca, que permitiu a alheia vitória. E' como uma cidade sitiada que se deixou conquistar. Cairam-lhe os muros : o inimigo pode entrar.

Toda a inverosimilhança do soneto de Arvers está em que ele diga viver sempre ao lado da pessôa que adorava, sem que esta tenha sentido o segredo. Feche alguem entre as mãos uma âmbula de luz elétrica, no meio de uma noite escura e a luz, a despeito de tudo, filtrará entre os dedos, porá uma tonalidade rózea, especial, na carnação das mãos, revelerá emfim a sua prezença.

Era cega essa mulher ?

O amor é uma paixão essencialmente indiscreta, sobretudo nos homens. Indiscreta quando se quer e quando não se quer.

De resto, o prurido de contar as vitórias dele nem sempre é um vício feio. As vezes, não passa em última análize de uma homenajem. O que os mais indiscretos querem não é tanto publicar sua ventura, como dizer a maravilha de uma beleza, de uma graça, de um encanto sem par, que lhes foi dado vèr, sentir, apreciar. Si se soubesse que um viajante tinha chegado ao Polo Norte, a uma rejião extranha e misterioza, e recolhido lá todas as indicações que a ciéncia espera ; mas que

ele se recuzava a dize-las, uma grande indignação se levantaria em todo o mundo contra o egoísmo desse descobridor. Dir-se-á que as descobertas que se podem fazer em amor não têm a importáncia das de rejiões novas e misteriozas. Tudo está visto e sabido. Mas só se pensa assim a frio, quando o cazo não é conosco. Quando é, tudo nos parece sublime! Quem seria o apaixonado, verdadeiramente apaixonado, que hezitasse entre a conquista da mulher amada e a da mais inacessivel inexplorada rejião!? Depois, o tempo o corrijirá. Mas, no momento, a couza lhe parece estupenda, grandioza, inexcedivel. Vejam com que ardor os jovens poetas nos cantam todas as perfeições das que eles amam! E' frequente que empreendam narrar-nos tudo isso a retalho — e fazem um soneto á boca, outro ás mãos, outro aos pés... Repetem metáforas que já eram veneraveis nos hinos da India e têm mais de 4.000 anos; — mas repetem julgando que dizem couzas inéditas.

Nem sempre, portanto, a indiscricão envolve jactáncia. O que ha, nos momentos de grandes venturas, é a necessidade por assim dizer *exploziva* de cantar, de publicar uma felicidade, que não cabe dentro de nós, de exalar-se em confidéncias.

Preciza-se disso tanto mais quanto no momento oportuno, diante da pessôa amada, os grandes apaixonados, os melhores artistas da palavra, perdem o uzo dela. Todas as frazes calcadas, acumuladas, concentradas, querem achar saída. Não se expandiram como declarações á interessada; expandem-se como confidéncias.

Pailleron disse que o amor passa em geral por trez fazes: *petits mots*, *grands mots*, *gros mots* — que nós poderíamos traduzir por *palavrinhas*, *palavrões*, *palavradas*.

Primeiro, o balbucío tímido de sentimentos, que não acham expressão adequada. De tempos a tempos, uma palavrinha meiga, pontuada ou pelos olhares que se procuram e se evitam ou pelos apertos de mão. Depois, a declamação e a énfaze, as grandes promessas de amores eternos, os palavrões líricos, retóricos, bombásticos. Por fim, quando o amor passou, quando chega mesmo a transformar-se em aborrecimento ou repugnáncia, as injúrias, os doestos, as palavradas.

É uma observação exata; mas incompleta. Antes dos *petits mots* como depois dos *gros mots*, o que ha é o siléncio. Primeiro, uma adoração muda, um éxtazis, uma adoração a distáncia. Só depois é que começa a faze

das *palavrinhas*, *palavrões* e *palavradas*. Ainda assim, esta última é só rezervada aos espíritos grosseiros. Para que insultar o que se amou? Mas o que vem por último é o siléncio — o siléncio e a solidão, mesmo quando os que se amavam ficam juntos, juntos vivem.

Campoamor, que Fernandes Costa traduziu, dizia :

Sem ter o amor, que encanta,
de um monje ermita a solidão espanta.
Mas é mais espantoza, todavia,
a solidão de dois em companhia!

Um personajem de Domício da Gama comentou essa solidão « de dois, em companhia ». Ele se gabava de que, quando solteiro, embora só, estava acompanhadíssimo : era uma solidão cheia de gente. Cazou-se, expulsou todas as companhias para ficar com uma só companheira. Mas o amor por essa passou e a sua solidão, « de dois, em companhia », começou a ser pavoroza :

« Uma solidão mais povoada que um cortiço a minha ! Tão inteirinho que eu andava, no meio da multidão, no dezerto, onde quer que eu estivesse! Agora, quando estou só — estou só metade. A outra metade está só. E

quando estamos juntos, estamos sós. Eu principalmente.

« O esta horrivel solidão a dois ! »

E' o silêncio amargo dos fins de amores, quando os dois, amarrados por um laço indissoluvel, sentem que não podem, que pelo menos não devem abandonar-se, mas sentem, ao mesmo tempo, que o amor passou, passou a alegria, passou até a amizade ! Os primeiros silêncios do amor provém de que ha tanto para dizer que nada se distingue muito bem. É uma nebuloza cheia de dezejos e sonhos. Não se sabe como fazer-lhe a análize, não se sabe por onde começar. Deziste-se de falar, porque de antemão se vê que é impossivel dizer tudo e que, a ter de dizer pouco, melhor é não dizer nada. Mas o silêncio que vem depois do amor, esse, na sua amargura, provém, de que se esgotaram todos os sonhos. Falar para quê ? Para contar as iluzões perdidas ? Para fazer recriminações? Não vale a pena ! O silêncio diz melhor tudo isso.

É curiozo notar que o número de escritores que tem tratado desse silêncio final não é muito grande. Do inicial, sim, todos falam sem embaraço... depois que ele passou. E diante dele nada mais interessante que ver a atitude de cada um.

Uns reconhecem o fato, lastimando-o, um pouco tristes ; outros não se queixam : limitam-se a proclamal-o ; outros enfim o exaltam, o elojiam como um benefício, elevando o que é uma fatalidade a uma teoria.

Luiz Guimarães Junior estava no número dos primeiros, quando se lamentava :

> Amo! Amo! Amo! Amo!
> Por toda parte o proclamo,
> a todo o mudo o contei!
>
> Mas, junto d'ela emudeço,
> córo, tremo, empalideço,
> quero dizer-lh'o e não sei...

Dos que dezistem de lamentar-se, referindo apenas o fato, a lista é enorme.

Merimée escrevia á mulher que ele amava :

« Si não me engano, temo-nos visto seis ou sete vezes em seis anos e, somando os minutos, podemos ter passado juntos trez ou quatro horas, das quais a metade sem dizer nada. » (1).

Guizot, reconhecendo a incapacidade de explicar bem o que dezejaria, terminava uma carta de amor :

---

(1) FAGUET. — *Amours d'Hommes de lettres*, p. 295.

« Meu coração é infinitamente mais rico que a minha palavra e, pensando em vós, minhas emoções são infinitamente mais novas e mais inauditas. Deixai, portanto, este papel e entrai no meu coração, lède o que eu não vos escrevo; ouvi o que eu nunca vos disse. (1)

Pailleron contava um longo passeio que fizera, só a só, com a moça que ele amava. Durante esse tempo, não sabia o que lhe dissesse. Apenas de espaço a espaço, quando já tinha havido uma pauza muito grande, ele murmurava : « Belo tempo! » e ela, igualmente acanhada, não achava para dizer sinão esta novidade sensacional : « Belo dia! » Tal embaraço era a melhor confissão de amor :

Ainsi nous avons fait jusqu'à ce qu'il fît noir,
ayant marché tous deux du matin jusqu'au soir
la bouche sur le cœur fermée;
trouble! extase! ô silence adorable et maudit!
Tu n'avais pas parlé, je ne t'avais rien dit...
C'était l'aveu, ma bien-aimée.

Haraucourt tambem assevera que os melhores versos de amor são os que ninguem consegue escrever :

---

(1) *Idem*, p. 280.

Les plus beaux vers sont ceux qu'on n'écrira jamais,
fleurs de rêve dont l'âme a respiré l'arome,
lueurs d'un infini, sourires d'un fantôme,
voix des plaines que l'on entend sur les sommets.

L'intraduisible espace est hanté de poèmes,
mystérieux exil, Eden, jardin sacré
où le péché de l'art n'a jamais pénétré,
mais que tu pourras voir quelque jour, si tu m'aimes.

Quelque soir où l'amour fondra nos deux esprits,
en silence, dans un silence qui se pâme,
viens pencher longuement ton âme sur mon âme
pour y lire les vers que je n'ai pas écrits...

O grande poeta italiano Lorenzo Stechetti exprimira pensamento análogo, esperando que os versos e as palavras de amor que ele não dissera nem escrevèra se transformassem, quando ele morresse, em flores que brotariam na sua sepultura :

Quando cadran le foglie e tu verrai
a cercar la mia croce in camposanto,
in un cantuccio la ritroverai
e molti fior le saran nati accanto.

Cogli allora pe' tuoi biondi capelli
i fior nati dal mio cor. Son quelli

i canti che pensai ma che non scrissi,
le parole d'amor che non ti dissi.

Raimundo Correia tem um soneto intitulado *Despedidas :*

Lúcia teve um desmaio no momento
em que Amphryzo partiu ; a loira Alice
de Antenor despedindo-se, lhe disse :
« Vai, que comtigo vai meu pensamento ! »

Fez Júlia a Arthur um grave juramento ;
e Amélia num acesso de doidice,
protestou que, si a Alfredo jámais visse,
não a veriam mais que num convento !

Tu, não ! Nem desse olhar o azul celeste
desmaiou ; nem de frazes prévio estudo,
como as outras fizeram, tu fizeste :

quando eu parti, teu lábio esteve mudo ;
tu, formoza Leonor, nada disseste,
mas, sem nada dizer, disseste tudo !

Humberto de Campos contou as suas entrevistas amorozas :

Eu ia vêr-te... Em céleres instantes,
voava leguas. Em rápida corrida,
saltava moitas, riachos murmurantes,
sobre ardente cavalo, a toda brida.

Chegava : e os nossos corações amantes
apressados batiam. Comovida,
meiga e triste, a sorrir, mais linda que antes,
me apertavas as mãos, agradecida...

Nada mais murmurávamos; um medo,
uma indizivel timidez nos ia
dominando, a traír nosso segredo.

Vinha a noite semear astros nos ares...
E eu de novo mais tímido partia
sob a bençam de luz dos teus olhares...

Vè-se bem quanto é frequente a mudez nas entrevistas amorozas. Reconhecendo-o, si uns se lastimam e outros se limitam a referir o fato, ha os que tomam o partido de exaltar o que não podem suprimir :

Aucun mot virginal ne vaudrait l'indolence
de nos profonds regards, l'un par l'autre étoilés
ni l'ombre de nos cœurs où chante le silence...

Um bom, um excelente, um deliciozo poeta francez, Albert Samain, o autor do *Jardin de l'Infante,* foi tambem dos que empreenderam a apolojia do siléncio em amor :

La parole a des notes d'or;
le silence est plus doux encor,
quand les cœurs sont pleins jnsqu'au bord.

Il est des soirs d'amour subtil,
des soirs où l'âme, semble-t-il,
ne tient qu'à peine par un fil...

Oh! s'en aller sans violence,

s'évanouir sans qu'on y pense
d'une suprême défaillance...

Silence! Silence! Silence!

Era ele ainda que pedia á mulher amada, em um desses momentos, que nos parecem divinos :

Ne parle pas,
ou si bas
que ce soit un secret amoureux qu'on devine,

et qui se meurt
dans le cœur
comme une haleine d'ange en un duvet d'hermine.

Na mesma nota de exaltação dos méritos do siléncio, Renée Vivien, uma poetiza extranha, torturada e melancólica, que morreu, como Samain, em plena mocidade, proclamava na suavidade triste de seus versos que os siléncios são mais perturbadôres que os sons mais harmoniozos :

J'apprendrai que les lys sont plus beaux que les roses,
et que le chant a moins d'infini que les pauses...

E Hinzelin, categoricamente :

Parler en aimant : mais que dire?
Le moindre aveu pourrait briser

le charme infini du sourire,
ou la puissance du baiser.

Pour tout le désir qui s'élance,
pour l'âme en proie à tant d'ardeur,
ce qui convient c'est le silence,
le silence et sa profondeur.

Pascal, que escreveu o seu célebre *Discurso sobre as Paixões do amor*, tambem tomou o mesmo tom doutrinário e didático : « Em amor um siléncio vale mais que um discurso. E' bom estar embaraçado ; ha uma eloquéncia do siléncio mais penetrante do que qualquer linguajem. Como um amante persuade bem a amante quando está embaraçado e como, aliáz, nesse caso, ele tem espírito ! » (1).

E' um bom sistema o de erijir em preceitos as couzas que são fatais : assim, ao menos, tem-se a certeza de que esses preceitos não serão violados... O embaraço em amor é irreprimivel. Diante disso, que faz Pascal? Recomenda-o. E' habil, porque, quando o censurasse muito violentamente, nem assim o impediria !

Talvez os pessimistas, que gostam de falar

(1) E. Faguet. — *Op. cit.*, p. 17.

mal do amor, dissessem que este conselho de siléncio era bom, — mas por outro motivo... Claude Farrère fez um dos seus personajens asseverar que o amor era um « equívoco que dura ». Um equívoco, um *malentendu*. Assim que o equívoco se dissipa, o amor dezaparece. O essencial é, portanto, evitar muitas explicações.

Ja aliaz Rostand tinha generalizado a questão, não só para o amor, como para o mais :

« O silence! Et surtout ne plus jamais entendre
ceux qui disent, venant par le bouton vous prendre :
« Expliquons-nous! »
Grand dieux! Ne nous expliquons plus,
on ne s'entend que grâce à des malentendus.

Em todo cazo, merece bem que se faça notar como esses grandes artistas da palavra, capazes de achar expressões adequadas para todos os sentimentos, ainda os mais raros e peregrinos, — pensem em Pascal ! — só não o acham para o sentimento próprio, aliaz perfeitamente natural. E' bom mesmo vêr esse embaraço até em homens familiares dos grandes salões, habituados á vida cortezã, como era o cazo de Merimée.

E quando nós nos lembramos das acuzações, que aliáz são tambem justas, á indis-

crição habitual dos poetas, fica-se a pensar na contradição desses fatos. Raça extranha! Falam de menos, quando seria precizo dizer o que sentem; falam de mais, quando seria precizo calar... Parece que essa gente, que tem no cérebro um armazem enorme de palavras e frazes, o que não sabe é distribui-las a tempo e a hora...

Boileau afirmou de um modo formal que o que se concebe nitidamente é sempre facil de ser enunciado e que as palavras para dize-lo acodem, promtas, aos lábios. Isso nem sempre é verdade. Mas, admitindo-o como tal, não admiraria que o amor, ao menos nos seus primeiros tempos, fosse naturalmente mudo ou pelo menos muito embaraçado. Por que? Porque quando alguem ama uma mulher, ama com um amor profundo e imenso, não concebe nitidamente o que dela dezeja. E' tanta couza! E' tanto prazer fízico! E' tanto prazer intelectual e moral! E' uma vida inteira! Cada vez que nós formulamos bem claramente na nossa imajinação um dos prazêres, que a mulher amada nos póde dar, parece que, si nos detemos a considera-lo, amesquinhamos nosso amor: é precizo lembrar os outros, os inúmeros outros prazêres...

Si um homem, vendo uma mulher se sen-

tisse capaz de tomar papel, pena e tinta e enumerar tudo o que dela podia querer, com a minúcia, clareza e precizão de um guarda-livros fazendo uma escrituração comercial, esse homem não amaria, não saberia o que é o amor! Essa enumeração ou seria de baixezas ou de trivialidades e mesquinharias... No dia em que se pode trocar esta simples palavra de ouro — *Amor* — em moeda miúda, a moeda é um pequeno punhado de cobre imundo e cheio de azinhavre...

> Ce que l'on conçoit bien s'énonce clairement
> et les mots pour le dire arrivent aisément...

E' duvidozo... Mas, mesmo que fosse certo, o Amor, ninguem que o sinta, o « conçoit bien »... Por isso as palavras para o dizer não acodem facilmente... Boileau, si a sua regra estivesse demonstrada, acharia aí a contraprova da verdade da sua asserção.

Ninguem desconhece os maviozos e sublimes versos de Leopardi, aproximando a beleza da Morte da do Amor :

> Fratelli, a un tempo stesso, Amore et Morte
> ingeneró la sorte.
> Cose quaggiú si belle
> altre il mondo non ha, non han le stelle...

Não ha nada que se imponha mais diante da morte do que o siléncio. E ainda aí a razão é a mesma : nós não concebemos bem a Morte, não temos dela uma experiéncia pessoal, profunda, íntima. A dezaparição de um sêr qualquer se prende a tantas, tão várias, tão diversas ideias, que ninguem póde dar-lhes balanço exato.

Um grande biolojista francez, que é um dos mais lúcidos espíritos filozóficos do nosso tempo, Felix Le Dantec, mostrou bem um dos motivos que nós temos para não « conceber bem » a Morte. A observação, que, ao princípio, parece de uma evidéncia quazi pueril, não póde ser mais profunda.

Nós temos o conhecimento exterior da morte; mas não temos a sua experiéncia pessoal. Nossos pais, ao tempo em que nos transmitiram a vida, já tinham experimentado as sensações de amor, de ódio, de cólera, de alegria, de tristeza... Os pais de nossos pais, os avós de nossos avós, numa cadeia longa e imensa, tambem tinham tido experiéncias análogas. Elas afeiçoaram, portanto, nosso cérebro, nossos nervos, nossos músculos. Mas ao tempo em que nos transmitiram a vida, nossos pais estavam vivos. Conheciam a morte como um fenómeno exte

rior; não o tinham experimentado. Essa ciéncia não se incorporou á nossa substáncia, não nos veio no nosso organismo hereditariamente. E como os pais de nossos pais e os avós de nossos avós e todos aqueles de que descendemos nessa cadeia longa e imensa, no momento em que uns transmitiram a vida aos outros, vivos estavam, chega-se a esta verificação extranha: apezar da morte ser o mais vulgar dos fenómenos, nós não temos dele nenhuma concepção atávica e profunda. Uma criança, transportada a um mundo em que todos os sêres fossem imortais, não extranharia. Teria movimentos de cólera, de tristeza, de amor — porque o amor, a tristeza, a cólera são paixões, por assim dizer incorporadas á substáncia de todo o seu organismo. Mas não se admiraria de não ver ninguem morrer.

Uma criança de alguns dias ou de alguns mezes já manifestou quazi todos os sentimentos humanos. Uma criança de alguns anos, que vê pela primeira vez uma pessôa morta, nunca compreende esse fato. Pensa que ela dorme. O sono, ela « concebe bem ». A morte, não.

Mesmo sem poetizar isso, mesmo sem apelar para as crenças relijiozas, compreende-se,

por conseguinte, que a morte se associe ao silêncio. Ela é o que não se póde exprimir. Nós só temos a experiéncia da vida — e a vida é o som, é o ruido, é a palavra... O contrário não póde deixar de ser o siléncio...

Os povos selvajens não se limitavam a ficar apavorados diante dos seus mortos : proíbiam que por longo tempo se lhes dissesse o nome. Mas a razão disso era mesquinha : queriam que os defuntos não despertassem, que a sua alma — o seu « *duplo* » — não os viesse perseguir. Em alguns cazos a morte de uma pessôa notavel levava quazi a uma reforma da lingua, porque os sobreviventes evitavam qualquer encontro de sílabas que lembrasse o nome do morto. Parecia-lhes que, si falassem nele, ele lhes surjiria diante dos olhos.

E isto não são aliaz velhas crenças dezaparecidas ha séculos.

Ainda ha na Africa povos que procedem assim e foi a descoberta relativamente recente das minas do Klondike em Alaska, que poz termo ás práticas dos Tchuktchi, que matavam as pessôas velhas, davam a comer o cadaver a cachorros para isso adextrados e depois, para que nada se perdesse desses

parentes estimados, devoravam os cachorros que os haviam devorado. Tudo isso era feito em profundo siléncio (1).

Depois, por muito tempo, evitavam falar no defunto ou recorda-lo de qualquer modo.

Aí o que ha de horrivel em tais cerimónias faz com que o siléncio perca toda a sua beleza — aquela beleza extraordinária, que ele tem na fraze de Hamlet, o principe semi-louco, que, falando da morte, dizia apenas : « O resto é siléncio.,. ».

Nos nossos sertões, nos campos, por toda a parte onde ainda se uza como meio normal de condução o carro de bois, ha um costume que seria grato a Hamlet.

Esses carros tèm eixos e rodas de madeira macissa. Quando eles andam, as rodas guincham, ranjem, fazem ouvir ao lonje o barulho produzido pelo atrito. E' o canto melancólico dos carros de bois, que ás vezes parece irritante aos ouvidos da gente da cidade, mas que os carreiros rústicos apreciam. Para eles isso é realmente um canto — e esse canto lhes faz companhia nas longas travessias pelos caminhos ermos.

Ha, porém, uma circunstancia em que o

(1) E. Reclus. — *L'homme et la Terre*, I, 54.

suprimem : é quando se conduz um morto para o cemitério. Nesse cazo, untam o eixo com alguma substáncia gorduroza, de modo que o rodar se faça silenciozamente. Um carro de bois, que se avista de lonje, passando sem ruído, por uma estrada de roça, diz logo, pelo seu siléncio, qual a carga sinistra que leva...

O siléncio da morte — para quem crê como para quem não crê num destino posterior do que chamam a alma — é igualmente apavorador.

Para quem crê — é a pergunta ancioza pelo destino do que morreu. Céu? Inferno? Continuará ainda a lembrar-se dos que ficaram? — E os lábios frios dos mortos não respondem!

Para quem não crê — basta ainda assim considerar o cadaver. Não se lhe vê a mínima vibração. Mas nós sabemos que debaixo desse siléncio está o trabalho calado, profundo, por assim dizer subterráneo de miríades de pequenos sêres microscópicos, que, no momento exato em que ele cessou de viver, começaram a obra abominavel de podridão e aniquilamento. E' um rosto de pai, calmo, austero, veneravel. E' um rosto de mãi, de uma velhinha que tantas vezes

nos afagou, que tantas vezes nos pôz ao colo. É um rosto de filha, que era para nós a suprema beleza, a suprema ternura. É um rosto de filho, de que nós quereriamos fazer o realizador gloriozo de todos os sonhos que não nos foi dado levar a termo. São outros... outros ainda — e todos, obstinadamente, guardam o mesmo pavorozo siléncio.

Sully-Prudhomme disse que na face dos cadáveres se pinta a expressão real do que o vivo foi. A máscara caíu. A fizionomia do morto diz melhor o que os gestos e a mímica do vivo encobriam :

Le cœur monte au visage, où les plis anxieux
ne se confondent pas aux lignes du sourire ;
le regard ne peut pas faire mentir les yeux,
et ce qu'on n'a pas dit vient aux lèvres s'écrire.

C'est l'heure des aveux. Le cadavre ingénu
garde du souffle absent une empreinte suprême,
et l'homme, malgré lui redevenant lui-même,
devient un étranger pour ceux qui l'ont connu.

Le rire des plus gais se détend et s'attriste,
les plus graves parfois prennent des airs riants;
chacun meurt comme il est, sincère à l'improviste;
c'est la candeur des morts qui les rend effrayants.

Fantazia de poeta! Fantazia sinistra! O que

torna os mortos amedrontadores é o seu inquebrantavel siléncio...

Os espiritistas evocam os mortos e pretendem entender o que eles dizem. Ha quem se comova ouvindo essas revelações; mas ha tambem quem especule com elas, quem lhes peça prognósticos para os seus negócios, e até quem zombe e graceje. Um centro de evocações espiritistas nada tem de respeitavel, mesmo para os que creem. E' que a loquacidade desses mortos lhes tira o que neles ha de mais punjente e forte : o siléncio!

Siléncio diante das nossas queixas! Siléncio diante das nossas lágrimas! Siléncio! Siléncio! Siléncio!

Mas não basta repetir essa palavra para defini-la, para dizer onde está o seu poder.

E haverá para ela alguma definição possivel? Os dicionários dão a noção corrente : auzéncia de todo ruído. Mas essa definição é relativa. Onde ha siléncio perfeito para qualquer surdo póde haver para ouvintes normais ruídos formidaveis.

Galton fez uma experiéncia célebre : serviu-se de um apito, que permitia elevar os sons de um modo extraordinário. Ia fazendo com que fossem de mais em mais agudos, até chegar o momento em que mesmo as pessoas

de ouvido mais sutíl, declaravam não perceber nada. Nada! Era para elas o siléncio absoluto. No entanto, fazia-se entrar na sala um cachorro e ele atendia perfeitamente a esse apito, a esse som que ninguem ouvia, mostrando assim que a faculdade de audição dos cachorros é superior á do homem. Ia-se além, tornando o já inaudivel e agudíssimo som mais agudo ainda — e o cão, por sua vez, dava mostras de não ouvir. Vinha então um gato. E o que já nem o homem nem o cão distinguiam ele revelava estar ouvindo. Por fim, elevando ainda a agudez do assobío, mesmo o gato deixava perceber que ele lhe escapava. Talvez outros animais continuassem a ouvir o que já era siléncio para o homem, para o cão e para o gato.

Platão, tendo observado que, quando uma couza corta o ar violentamente, o faz vibrar, achava que os astros, girando nos céus com velocidades vertijinozas, deviam tambem produzir sons fortíssimos. Ele acreditava mesmo que, além de fortes, seriam harmoniozos. Supunha, entretanto, que nós não os ouvíamos, porque, como eles estão sempre soando, a continuidade fazia com que nos escapassem. Já não os distinguíamos.

Mas Platão esquecia que o som é uma pro-

priedade do ar e como entre os planetas o que ha é o vácuo, essa « múzica das esferas » não existe. De resto, si os planetas e as estrelas, cortando o éter, fizessem algum ruído, devia ser — dada a rapidez com que passam — o de assobíos agudíssimos e, ao debruçar-se sobre a sua creação, Deus — si houvesse um Deus para ouvir esse barulho — teria de certo a impressão de que o Universo inteiro o estava vaiando...

E não seria sem razão...

Entre os astros deve reinar um siléncio de morte.

Mas não é pelas suas propriedades fízicas que o siléncio nos interessa. Embora os fiziolojistas procurem determinar o numero mínimo e máximo de vibrações, que é audivel para cada um, isso não basta para caraterizar o siléncio debaixo do seu aspeto psicolójico. Póde o ar vibrar intensamente, podem os ouvidos humanos, estar recebendo essas vibrações, sem que, entretanto, deixe de haver para eles um siléncio completo.

Lamartine dizia : « a multidão é uma solidão » (1). Por que? Porque os homens capazes de meditação intensa, atravessam as

(1) *Nouvelles confidences.* — Préambule, p. 9.

multidões sem lhes prestar a mínima atenção. Certo, os sons e ruídos se estão produzindo, estão vindo até seus ouvidos. Mas é em vão; os pensamentos íntimos anulam tudo isso. A multidão esvai-se. O que fica é o siléncio. Era esse mecanismo que Emerson explicava:

« Os poetas que habitaram cidades souberam viver nelas como ermitões. Em toda parte a inspiração crêa para si uma solidão. Píndaro, Rafael, Miguel-Angelo, Dryden, de Stael viviam talvez no meio da multidão; mas, asim que o pensamento chegava, essa multidão se apagava de seus olhos, que se fixavam no horizonte, no espaço livre: esqueciam os assistentes, desdenhavam as relações pessoais, viviam em abstração, no mundo da Verdade e das Idéas. Estavam face a face, sozinhos com o Espírito. »

Unánimes, todos os aparelhos de fízica, rejistrariam uma extraordinaria vibração de sons em torno desses grandes homens — que, entretanto, caminhavam pelo meio deles, como si houvesse um perfeito siléncio! E isso não lhes vinha de um defeito fiziolójico.

Em contrapozição, se poderia citar o nome de um grande génio muzical, que tinha precizamente o defeito fiziolójico e carregava,

entretanto, comsigo um mundo de sons : Beethoven!

Não ha, pois, que pensar em caracteres fízicos para definir o siléncio, que nos interessa. Por isso mesmo, os poetas nunca cojitaram desse grosseiro e mesquinho critério.

Maurice Rollinat disse suavemente :

> Le silence est l'âme des choses
> qui veulent garder leur secret.
> Il s'en va quand le jour paraît
> et revient dans les couchants roses.
>
> Il guérit des longues névroses,
> de la rancune et du regret.
> Le silence est l'âme des choses
> qui veulent garder leur secret.
>
> A tous les parterres de roses
> il préfère un coin de forêt,
> où la lune au rayon discret
> frémit dans les arbres moroses ;
> le silence est l'âme des choses...

Jogo agradavel de palavras, cantante e fluido, que parece dizer qualquer couza, mas que não se entende bem... Que vem a ser, devéras, essa definição : « O siléncio é a alma das couzas » ?

Henri de Regnier tem este verso deliciozo :

> Le silence est peut-être une voix qui s'est tue...

Como definição, é forçozo, entretanto, convir que tambem isso deixa a dezejar. Compreende-se, todavia, o que o poeta queria dizer : é que o siléncio mais profundo que se faz dentro em nós provém do apagamento de uma voz querida, que se calou. Que se calou pela auzéncia, pela morte ou — peor ainda — pela traição!

Ia-se na vida embalado por essa múzica. Ela não passava, ás vezes, de um pequeno gorjeio encantador. No emtanto, a despeito de sua fraqueza, quando, de repente, ele cessa — todos os sons que se podem produzir no Universo não chegam para lhe suprir a falta. O que ha dentro em nós é um siléncio sepulcral.

Le silence est peut-être une voix qui s'est tue...

E aí está um caminho, não para a indefinivel expressão do que é o siléncio, mas para a explicação do seu mistério. Ele não consiste só em uma privação de sons : é o éco de emoções anteriores, o precursor de emoções que hão de vir.

Os namorados passam sem ouvir nada, porque levam uma múzica dentro de si. Camões escreveu que amar « *é solitário andar*

por entre gente ». E uma mulher, de que foram publicadas algumas das mais belas cartas de amor de que ha notícia, Margaret Fuller, dizia em uma delas, falando precizamente de um desses momentos de siléncio, que se seguem ás mais apaixonadas entrevistas : « *Não era siléncio. Era múzica, que se tinha deixado de ouvir...* »

E aí está a escala inteira dos siléncios que se fazem graças a cessação das vozes que nos são queridas.

Si as recordamos intimamente, com a delícia de as termos ouvido e a esperança de que as tornaremos a ouvir, é um siléncio voluptuozo e sublime. Passamos solitários por entre todos os ruídos, como si eles não existissem, porque vamos satisfeitos, radiantes, embevecidos...

Si as evocamos quando estejam afastadas, por tempo incerto e indefinido, é o siléncio doce e amargo da saudade. Porque a saudade é um siléncio. Doce e amargo, como disse o poeta : doce, pela suavidade das lembranças do passado; amargo, pela privação do prezente e o temor da privação no futuro.

Si, porém, as lembramos, sabendo que se calaram definitivamente, porque a Morte ou a Traição não lhes permitirão mais que sôem

a nossos ouvidos, é um siléncio pavorozo: fez-se o vácuo em nosso espírito e o vácuo dos espíritos é mais vazio que o dos espaços...

Os siléncios valem e se classificam pelo que veio antes e pelo que tem de vir depois deles. E' um cazo de associação de ideias.

Por que o siléncio em que se trancam os artistas, os sábios e os filózofos nos parece augusto? Porque pensamcs nas concepções grandiozas que d'aí hão de surjir.

Scipio Sighele falou nos trez grandes siléncios, que a humanidade conhece: o das multidões, o dos céus e o da morte.

O da morte basta lembra-lo para que todos o evoquem, porque não ha, infelizmente, quem não o tenha sentido, ao menos uma vez, sobre o espírito aniquilado.

O das multidões escapa mais á observação. Quando, porém, uma grande massa de povo aglomerada espera ancioza um acontecimento, e, em dado momento, todos se calam, o siléncio é terrivel, é majestozo.

Houve uma batalha. Não se sabe bem o rezultado. O povo se reune para indaga-lo. Gritos, tumulto... De repente, alguem assoma a uma janela para lêr as ultimas notícias.

Faz-se um siléncio profundo. Como ele é formidavel!

Por que? Porque é feito de milhares de esperanças e de temores angustiozos. Ha os que anceiam pela vitória, por amor da patria, por amor das ideias, que estavam em luta; mas ha tambem os que pensam em vidas queridas de amigos, de parentes, de filhos... Ha mesmo a curiozidade de saber o que a fatalidade decidiu. E tudo isso está sopitado, recalcado...

Mas não é precizo cojitar daquele cazo raro. Lembrai-vos do que sucede nos grandes funerais públicos, quando morre um homem querido pelo povo — sobretudo, quando ele sucumbe de um modo trájico. O féretro sái da caza para o carro, diante de uma praça apinhada inteiramente. Milhares, dezenas de milhares de pessoas estão ali; mas faz-se de súbito o siléncio... E, de lonje, ouve-se o atrito do caixão contra o carro... Ouve-se o colocar macio das coròas... Ouvem-se ruídos mínimos, que caem naquele siléncio grandiozo. Siléncio feito de que? Feito de todas as esperanças que aqueles assistentes fundavam sobre o homem que dezapareceu; feito de todas as lembranças dos atos de seu passado; feito de todas as

apreensões que a sua falta desperta... Cada um fundava nele esperanças diferentes... Diferentes são tambem os perigos que cada um entrevê... Tudo está sepultado debaixo daquele siléncio. E o carro fúnebre roda pelo meio da multidão fúnebre, sem que se ouça uma voz, um ruído, um sussuro... O siléncio das multidões é, nesses momentos, esmagador e sublime.

Mas ha uma multidão permanente á qual raros prestam atenção: é a multidão dos astros no céu. As multidões da terra olham para eles indiferentemente. Uma ou outra vez terá havido em que os que as compõem tenham achado « bonito » o céu estrelado e silenciozo. « Bonito! » Mesquinho termo para tão alta manifestação de beleza!

Quem haja, em qualquer noite, sózinho, voltado um óculo astronómico para as profundezas do espaço e ficado, por horas e horas, absorvido na contemplação dos céus, terá sentido uma das mais fortes, mais solenes emoções que é dado ao homem experimentar.

No meio do bulício da vida, nas cidades povoadas, nos salões, ao lado de outras pessôas, nós não podemos sentir essa comunhão misterioza, que nos liga ao resto do uni-

verso. Mas a couza é diferente, quando se tem, de repente, a conciéncia nítida de se estar em prezença de miríades de astros formidaveis ou luminozos e que entre nós e eles ha apenas o siléncio — o siléncio e mais nada!

Que sôem aqui pela terra gritos de dòr, esmagamentos de povos e raças, cataclismas pavorozos — nada perturbará esse siléncio! As estrelas continuarão a deslizar serenamente, majestozamente e, sobretudo — indiferentemente!

Só o sentimento deste contraste bastaria para tornar emocionante o siléncio dos céus. Mas ha ainda outra couza: é que ninguem póde absorver-se nele, sem que o mistério grandiozo das cosmogonias se evoque perturbadoramente em nosso espírito... De onde veio e para onde onde vai essa multidão pululante de astros: sóis que são deslumbramentos luminozos; — planetas, que vão passando, que vão rodopiando numa valsa eterna; — cometas, que cortam o espaço, fujindo desgrenhados, como si alguem os perseguisse; brilhos súbitos que brotam improvizamente, simulam estrelas fulgurantíssimas e, porque provieram do encontro de corpos que se chocaram, fazendo nas pro-

fundidades remotíssimas do céu uma explozão magnífica, logo apoz se apagam na vastidão do espaço...

E pergunta-se, invariavelmente, como o grande poeta portuguez :

> Estrelas, que brilhais nessas moradas,
> quais são vossos destinos?

Os vossos e os nossos...

Foi um deus que creou tudo isso? Si foi, para que o fez? O siléncio não responde... Si foi, onde está ele? O siléncio não responde...

As almas crentes julgam entreve-lo no meio dos astros, a sustenta-los e a encaminha-los...

Mas si não ha deus nem deuzes, ainda a pergunta é mais ancioza :

> Estrelas, que brilhais nessas moradas,
> quais são vossos destinos?

O siléncio não responde... Olhando para os céus calados, pensa-se ás vezes nos milhares de povos que se extinguiram, mas que, quando floreceram, pensaram explicar o seu mistério por injénuas cosmogonias. E as divindades, em que esses povos acredi-

tavam, passaram e morreram... O céu é um vasto cemitério de deuzes mortos...

Não ha contemplação alguma a que se associem tantas, tão sublimes, tão grandiozas ideias, como a do céu noturno e silenciozo.

E ainda uma vez, cojitando nisso, se vê que os siléncios valem pelas associações de ideias que sujerem. Si alguem procurasse classifica-los, eu creio que poria o zero da escala no siléncio dos idiotas : a boca aberta, o olhar parado, o cérebro vazio, siléncio feito de nada — e o máximo se rezervaria para o siléncio dos céus, contemplados por alguem que soubesse ao menos um pouco de astronomia e de história das relijiões. Nenhum é tão cheio de ideias!

No meio ficariam todos os outros. Só a classificação dos amores tomaria uma larga parte da escala. Haveria as grandes paixões, que emudecem até mesmo os poetas, os pensadores mais ilustres, mas haveria tambem os pequenos amores fugaces, — leves, gentis, graciozos, com as suas faceirices efémeras.

No conjunto, quando se tivessem catalogado todos os siléncios, atendendo á qualidade e á intensidade, pensando nos sublimes, nos deliciozos e nos simplesmente bons, —

a zona brilhante; nos indiferentes, — a zona neutra; nos maus e nos angustiozos — a zona sombria de lista, talvez se verificasse que os últimos eram os mais numerozos... Poder-se-ia então apregoar que o siléncio é de ouro.

Esta conferéncia já está tão cheia de contradições, que eu não quereria acabar fazendo a apolojia da tagarelice. No entanto, sinto que ela não seria impossivel. Várias vezes aqui eu tive essa tentação, quando lembrei que toda a civilização foi feita pela Palavra, quando fiz sentir que as dòres silenciozas são mais acerbas... Ha muito crime, que se evita no mundo pelo receio das indiscrições. O siléncio seria frequentemente, não de ouro, mas de sangue, si muitas pessòas, aparentemente honestas, mas intimamente criminozas, tivessem certeza de que ninguem conheceria os seus atos, de que para eles achariam cúmplices que soubessem, houvesse o que houvesse, guardar um siléncio inquebrantavel...

A apolojia da indiscrição e da tagarelice além de não ser impossivel, nem mesmo ę dificil.

Por que não preferi eu fazè-la?

Porque pensei no meu cazo, não tendo, como não tenho, dúvida alguma sobre o que dirão, ao sair d'aqui, os que me ouviram. E' sobretudo depois de se ouvir um orador enfadonho que se murmúra ou se pensa, com toda a convicção, o que vós todos estais pensando : o siléncio é de ouro !

... MAS NÃO CAZAR É MELHOR

CONFERÉNCIA PROFERIDA NO INSTITUTO NACIONAL DE MUZICA, EM RESPOSTA Á DE VIRIATO CORREIA : « CAZAR É BOM... »

Com o título desta conferéncia podia fazer-se um sermão. Uma das fórmulas tradicionais dos sermões consistia em começar citando — e citando em latim, para dar mais força ao cazo — algum texto do Novo ou do Velho Testamento. Depois seguia-se o comentário feito pelo prégador.

Nenhum assunto se acomodava melhor do que este ao molde clássico : o texto em latim, o comentário sobre ele. O texto seria de S. Paulo, tirado da Epístola aos Coríntios. Nada lhe faltaria, portanto, para ter autoridade.

Essa autoridade, si eu já a estou aqui ci-

tando, é porque dezejo me esconder por traz dela. Talvez isso não prove muita corajem... Mas, emfim, logo ás primeiras palavras, precizo ir dizendo que, si alguem me quizesse condenar por cauza da teze desta palestra, não condenaria a mim — condenaria a S. Paulo...

Não é raro vèr uma criança, achando um protetor poderozo e forte, ocultar-se por traz dele e começar a provocar companheiros que, si ela não estivesse a tão bom abrigo, poderiam castiga-la. E' o que tenciono fazer...

Aliaz, eu não penso que, por ser de S. Paulo a teze anti-matrimonial aqui dezenvolvida, todos estejam obrigados a concordar com ela. O próprio apóstolo era a esse respeito muito tolerante, o que é tanto mais admiravel, quanto se tratava de um homem zangado, brigão, irritadiço. Foi bem bom que ele não se cazasse, porque seria um marido insuportavel.

Conta-se de uma senhora que, ouvindo alguem expôr que a mulher se devia sempre submeter ao marido, protestou. O interlocutor, para reduzi-la ao silêncio, disse-lhe apenas :

— Mas essa é a opinião de S. Paulo!

A senhora replicou :

— Nesse cazo, eu não sou da opinião de S. Paulo...

O interlocutor, teimozo, querendo apoiar-se em autoridade ainda mais alta, insistiu :

— Mas S. Paulo era um apóstolo inspirado : quem falava pela bôca dele era o Espírito Santo.

A senhora não se deixou perturbar por tão pouco :

— Isso prova, disse ela, que eu tambem não sou da opinião do Espírito Santo.

Mulherzinha de capricho! Mas assim é que deve ser? Quem tenha sua opinião deve mantê-la contra S. Paulo, contra o Espírito Santo, contra o céu inteiro...

De resto, eu não pretendo convencer ninguem.

S. Paulo não formulou nunca de um modo imperativo o seu preceito. Mandando uma epístola ao Coríntios, ele dizia :

« Pelo que pertence, porém, ás couzas sobre que me escrevestes, digo que bom seria a um homem não tocar em mulher alguma. »

Depois, em versículos sucessivos, ele atenuava essa afirmação absoluta. Reconhecia que alguns ha que têm um temperamento

conjugal tão ardente, que não é bom contraria-los de todo. Que esses se cazassem! Mas acrecentava logo ser isso um mal, que podia ser tolerado, porém não recomendado.

« ... eu vos digo isso como uma couza que se vos perdôa, não por mandamento ».

E citando se, como exemplo, voltava á carga:

« Digo tambem ás solteiras e ás viuvas que lhes é bom si permanecerem assim, como tambem eu ».

E explicava que o cazamento é uma fonte de preocupações :

« ... o que está com mulher está cuidadozo das couzas que são do mundo, de como ha de dar gosto a sua mulher e anda dividido ».

O mesmo sucede ás espozas. Por isso, o apóstolo insiste :

« ...O que caza sua filha donzela faz bem e o que não caza faz melhor ».

Vê-se, pois, que, em bom catolicismo, não ha teze mais ortodoxa.

Resta, porém ás moças sôfregas pelo cazamento repetirem o que dizia uma a quem o pai, querendo dissuadi-la do que projetava, explicava que cazar é bom, mas não cazar é melhor. E a rapariga, ao pé da letra, lhe volveu :

— Pois meu pai, eu sou modesta: contento-me em fazer o que é bom; quem podér que faça o melhor...

Mas, si a filha era crente e o pai queria citar-lhe autoridades mais decizivas contra o cazamento, fosse a S. Jerónimo, fosse a Tertuliano, o sábio doutor da Igreja, fosse a S. Cypriano — santos irados, santos agressivos contra as mulheres.

O primeiro dizia rezolutamente que era precizo acabar com o matrimónio. « Mulher, bradava Tertuliano, tu não devias aparecer a ninguem sinão coberta de luto e de andrajos, penitenciando-te com as tuas lágrimas do teu crime para com o género humano. Tu és a porta do Diabo. Foi por teu intermédio que Satanaz venceu o homem, a quem não ouzava atacar frente a frente ». E no meio de todo esse pessoal grosseiro, São Cipriano ainda é relativamente amavel dizendo que: « As mulheres são demónios que levam o homem para o inferno... pela porta do paraizo ».

Valha-nos isto! Ao menos, ele reconhecia que o amor tinha qualquer couza de paradizíaco!

Os santos, que assim se pronunciavam, achavam que o exemplo da Virjem Maria, o

do Cristo e o de S. Paulo tinham sido condenações decizivas do matrimónio.

Aliaz, os adversários do cazamento, mesmo que a teze da Igreja fosse favoravel a ele, poderiam citar uma circunstáncia importante: o exemplo dos padres. S. Pedro era cazado. Cazados, por alguns séculos, foram os bispos e os padres. Depois, veio o celibato clerical — e veio precizamente em um tempo de grande fé, quando os segredos de todos os lares, pelas confissões dos maridos e das mulheres, estavam mais patentes aos sacerdotes. Ninguem como eles podia apreciar, no mistério das maiores intimidades conjugais, o que valia esse rejimen de vida. E que foi o que decidiram, tendo, como tinham, tão perfeito conhecimento de cauza? Decidiram que não cazar é melhor...

Viriato Corrêa lhes falou aqui das tribulações de Santo António, com quem se apegam as meninas cazadoiras. Ele devia lamentar a sorte dos dois santos que são especialmente advogados contra as discórdias domésticas: São João de S. Facundo e Santa Olívia... Estes é que podem informar que não cazar é melhor...

A tradição, porém, dos tempos antigos era favoravel á instituição matrimonial. Durante

séculos e séculos os judeus sempre acharam que o primeiro dever do homem era cazar-se e ter numerozos filhos. Isso não queria, entretanto, dizer que os maridos daqueles tempos já não se lastimassem.

Ha no Velho Testamento um fato muito notavel a respeito de espozas : é o cazo de Job.

Todos lhe conhecem a história. Um dia, conta a Biblia, em que Deus estava tranquilamente pensando em qualquer couza — ou talvez não pensando em nada — surjiu diante dele um grupo, no meio do qual estava Satanaz. Deus, para provoca-lo, perguntou-lhe si já tinha visto Job e si conhecia alguem tão bom e tão justo.

Satanaz respondeu-lhe que o cazo não era de admirar, pois que Job tinha tudo o que podia dezejar : saude, riqueza e felicidade. Assim, parecia-lhe que a piedade do santo homem era inteiramente destituida de mérito. Deus então lhe replicou que contra ele fizesse o que quizesse, comtanto que não lhe tocasse.

Satanaz ouviu e partiu. Matou os bois, as ovelhas, os criados e os camelos de Job.

Por cúmulo de desgraça, a caza, debaixo da qual os filhos e as filhas do pobre homem

estavam comendo alegremente, dezabou e todos pereceram sob as suas ruinas.

Pois bem : só o que o Diabo poupou foi a mulher. Por que? Das duas uma : ou ele achava que mata-la não adiantaria nem atrazaria nada para aumentar a aflição do pobre homem ou, ao contrário, julgava bom conserva-la, como um tormento a mais ao infeliz... Forçozo é convir que não ha outra supozição fóra desta alternativa.

Mademoiselle de Scudéri, escritora célebre do seculo 17, optava — ela, mulher — pela segunda hipóteze. São dela estes versos, que convém mais lêr traduzidos :

> Outr'ora contra Job Satanaz irritado,
> filhos, saude e bens, tudo lhe arrebatou ;
> mas, querendo fazê-lo inda mais desgraçado,
> a mulher lhe deixou!

E o Diabo tanto andou bem que, em certo momento, a mulher começou a tentar o mízero, incitando-o a rebelar-se contra Deus — o que aliaz não conseguiu.

No Alcorão, Mahomet fala de Job, conta que ele tinha feito a promessa de que, assim que se curasse, daria cem açoites na mulher, e assevera que Deus, quando o pôz bom, lembrou-lhe esse voto.

De modo que houve apenas um ponto nessa história em que Deus e o Diabo estiveram de pleno acôrdo : foi quanto a Madame Job. O Diabo achou bom conserva-la para que aumentasse a aflição ao aflito; Deus não quiz que o profeta se esquecesse de lhe dar a surra, a que ela fizera juz... Ambos tinham a mesma opinião sobre o seu carater...

E' de crêr, á vista disso, que Job fosse dos que pensam que não cazar é melhor...

Mas, emfim, póde ser que, com a volta da prosperidade e o efeito sedativo da sova, a mulher se corrijisse. O certo é que ele depois disso teve sete fihos e trez filhas e viveu ainda cento e quarenta anos. Póde-se, por conseguinte, consignar que a mulher não lhe abreviou muito a existéncia... Quem sabe, porém, quanto ele viveria, si não fosse cazado?

Apezar da veneravel aprovação do Padre Eterno, citada no Alcorão, a ideia de dar em uma mulher é das que nos repugnam profundamente. Mas repugna hoje. Naquela época era corrente. Em uma epopéa do tempo de Nabucodonozor — isto é, de 32 séculos antes dos nossos dias — o heroi, descrevendo os horrores da morte, vai subindo

de grau em grau, até este, que lhe parece o supremo: « Ai de ti! Tu não podes mais beijar a mulher que amas e bater a mulher que detestas! »

Job era um homem de seu tempo...

Houve uma mulher que passou á posteridade só por ter trazido o espozo em perpétua tortura. Ficou sendo o tipo das espozas insuportaveis. A mulher foi Xantipa, o marido o admiravel filózofo grego Sócrates.

Sócrates não figura apenas como um grande pensador: deixou o renome de cidadão perfeito. Esteve trez vezes na guerra, bateu-se contra os tiranos que queriam escravizar sua pátria e fez do seu ensino um verdadeiro apostolado. Por fim, perseguido pelas suas opiniões, teve de se suicidar, envenenando-se com cicuta. Durante toda a vida, achou, porém, o peor dos tormentos na espoza, na odioza, na abominavel Xantipa.

Por que escolheu ele essa mejéra? O filózofo nos deixou a explicação do cazo. Porque, segundo disse, querendo aprender a lidar com os homens, pareceu-lhe que, desde o momento em que conseguisse suportar Xantipa, suportaria toda a gente... Esquivalia isso a declara-la o suprasumo da ruindade humana.

Qual podia ser a opinião de Socrates sobre o cazamento?

Evidentemente, ele não podia erijir em norma habitual de conduta que todos escolhessem mulheres detestaveis para exercitarem a paciéncia. Sócrates devia ser dos homens que mais estivessem convencidos de que não cazar é melhor...

E não foi! Deixou, ao contrário, conselhos excelentes sobre as vantajens do cazamento. Destoou mesmo dos homens do seu tempo, prégando a elevação da mulher. Mas prégou como o Frei Thomaz do ditado popular, de que se deve fazer o que ele diz e não o que ele faz.

Sócrates achava muito bom o cazamento, mas tinha práticas de amor singulares e ainda no leito da morte, quando já a cicuta começava a fazer sentir os seus efeitos, um dos seus primeiros cuidados foi o de mandar sair a mulher, para ficar até o derradeiro instante conversando com os dicípulos...

Os que lhe lerem os conselhos e lhe souberem a vida é provavel que achem esta última incontestavelmente mais probante — e digam prudentemente: « Não cazar é melhor... Pode por aí vir alguma Xantipa... »

Alguns suporão que, si Sócrates falava

bem do cazamento, não era por convicção : era por medo da mulher... E' realmente sabido que os homens mais audazes, mais valentes, capitulam nessa luta. O fato de Sócrates ter tomado parte em trez guerras e uma longa revolução não o punha a salvo desse temor. Os mais fortes fojem, matam-se, humilham-se...

Vejam, por exemplo, o cazo de André Vesale...

André Vesale é o verdadeiro fundador da ciência anatómica. Durante muitos séculos, o que se sabia do corpo humano era o que se podia aprender nos campos de batalha. Galeno, querendo estudar um pouco mais, fez a anatomia dos macacos e a atribuiu ao homem. Nas faculdades de medicina da idade-média ainda era peor : as lições práticas de anatomia eram dadas — imajinem em que animal ! — em porcos! O professor esquartejava um porco e era no corpo desse animal que ensinava anatomia... humana.

Vesale rompeu com isso. Para estudar, precizou peitar coveiros afim de lhe darem cadáveres. Chegou mesmo a organizar expedições noturnas para furtar enforcados, cujos corpos ficavam pendentes da forca alguns dias. Assim, ia arranjando material para os

seus estudos. Vejam, meditem longamente que corajem era preciza para furtar cadáveres, como quem furta alfaias preciozas, traze-los para caza e retalha-los avidamente, por áncia, por ambição, por fúria de saber! Era um homem extraordinário!

A Igreja moveu-lhe uma guerra terrivel. A despeito de tudo, ele correu a Béljica, a França, a Itália, a Hespanha, lutando com uma audácia estupenda. Mas o desgraçado tinha uma mulher, que era parenta espiritual de Xantipa : para fujir-lhe, rezolveu ir á Palestina. Na volta, naufragou.

Tanta corajem contra os sábios do seu tempo, contra a Igreja, contra tudo. Mas contra a mulher...

Vesale morreu pensando, de certo, que não cazar é melhor...

Camerius, um grande naturalista alemão do seculo 16, deixou uma prova do que podem suportar maridos amorozos : a mulher, quando se achava no que se chama « o estado interessante », teve certo dia uma ideia singular. E' sabido que muitos entendem não ser bom contrariar uma mulher que tenha qualquer dezejo, quando esteja nesse período da vida. Camerius pensava desse modo. A mulher lembrou-se de quebrar um

cesto inteiro de ovos, atirando-os um a um na cabeça do paciente marido. E ele se sujeitou! Figurem que omelette!

Acharia esse naturalista que cazar é muito bom?

Mas haverá talvez quem diga: filózofos, anatomistas, naturalistas, gente fraca, gente habituada a trabalhos de gabinete, não admira que as mulheres os dominem.

O cazo é o mesmo para todos.

Parece que Napoleão póde ser citado como um tipo de enerjia: era até brutal. Pois bem: no *Memorial de Santa Helena* está a confissão de que ele quiz elevar os direitos sobre os tecidos inglezes de algodão. O seu intuito era favorecer as outras espécies de tecidos fabricadas na França. Numa questão dessa natureza — questão industrial, questão de doutrina económica — parece que Napoleão não tinha que ouvir a mulher. Pois não foi assim. Ele mesmo refere que a imperatriz Jozefina, tanto lhe esgotou a paciéncia, que ele rezolveu perder essa batalha — e deixou em paz os tecidos de algodão.

E' verdade que mais tarde repudiou essa imperatriz; mas repudiou por motivos imperiozos de política; em compensação, cazou-se com outra que, assim que o viu partir para

o exílio, provou bem que ele não lhe deixara a mínima saudade. E uma e outra o enganaram largamente...

Napoleão acabou tendo excelentes razões para crer que não cazar é melhor...

* * *

Dir-me-ão, porém, que isto são exemplos individuais, e não provam nada.

Não é tanto assim.

Afinal, Socrates não é um filózofo qualquer : é um tipo de filózofo. Vesale não é um sábio anónimo e secundário : é um grande iniciador científico. Napoleão, esse, não preciza que ninguem o ponha em destaque : é o maior general de quantos a história conhece. Trata-se, portanto, de figuras que valem como a reprezentação de vastas categorias.

Victor Hugo — e eu não quero falar no cazo conjugal de Victor Hugo, cazo discutido em tantos volumes — Victor Hugo deixou uma poezia, em que ele assevera que para se julgar bem um homem qualquer, antes de tudo se preciza saber, não o seu destino, mas a sua história doméstica. Ele diz mesmo que não sabe si Socrates morreu por ter

bebido a cicuta, ou per ter aturado Xantipa...

Um dos nossos maiores poetas — mas um poeta cazado e que por isso mesmo, não me autoriza a dizer o seu nome — quem sabe lá por que razão?... — traduziu os versos de Victor Hugo :

Cazar!... E' encarcerar a alma em prizão eterna.
O homem, fa-lo a mulher a seu geito e o governa.
Eu, si a sorte de alguem reclama por ventura
dar-lhe dos olhos meus uma lágrima pura,
eu costumo inquirir antes de o lamentar
não — qual foi seu destino — e sim qual foi seu lar?
Homens fortes na luta, homens fortes na morte,
por felizes vos tenho a todos vós, si a sorte
não vos deu, de mistura aos grandes sofrimentos,
as cazeiras questões de todos os momentos!
Pouco a pouco, de fel uma onda escura e atroz
nos enche o coração, referve dentro em nós.
Simples alfinetada, em covarde desmaio,
nos abate mais promta e rápida que um raio.
Ah! suportar ao dorso, e dôa onde doer,
essa pezada albarda! e o direito não ter
que ao proprio irracional é dado, de um gemido,
falta nenhuma a gente havendo cometido;
e sobre ser bastante a génios, cuja essência
é oposta, por si mesmo arruinar a existência,
ter a perseguição estúpida, animal,
de dois olhos em nós sempre fixos; brutal
ser, perdendo-se a calma; e, mudada a atitude
de mártir na de algoz, exasperado e rude

rixar, porfiar, teimar: a alma sentir — que horror! —
junjida em pozição inversa a uma outra... Dôr,
provação, punição, castigo inominado!
De nada vale ser cordato e ponderado,
rezolver-se a viver a gente cada dia
como um santo ou melhor... Caráter, enerjia,
brios de homem: largar tudo por mão! Emfim,
rezignado dizer comsigo: — « isto é ruim,
mas — que fazer? — a cruz levemos ao calvário!...
Oh! recalcada angústia! Oh! mudo e solitário
sofrer! Dando por terra, acaba-se vencido,
sangrento, ôco, esgotado, inerte, envilecido...
Ao certo eu não sei bem si Sócrates morreu
por ter bebido, como impávido bebeu,
farto dos sonhos maus que o despertar dissipa,
de um só trago a cicuta, ou aos poucos Xantipa.

Até aí Victor Hugo. Mas não fujamos á objeção dos que dizem que os cazos individuais nada provam. Vamos procurar alguma couza de indiscutivelmente geral.

Para enfeitar um pouco estas conferéncias, todos temos recorrido á citação de quadras populares. Em regra, elas são graciozas. Mas quando se trate de fazer uma prova, podem ser alegadas?

A poezia, como hoje fazem os homens de letras, escrita no siléncio dos seus gabinetes, publicada depois em revistas ou volumes, só tem significação social, si se trata de um

poeta muito lido, muito aplaudido. Assim mesmo, resta saber quem é que o lê. Citam-se na literatura contemporánea autores cujas obras se tem divulgado extraordinariamente, não porque as suas ideias sejam muito apreciadas; mas ao contrário, porque entraram em aberto conflito com a sociedade. E então, por curiozidade, e até mesmo por perversão moral, encontraram, semeado pelo mundo afóra, um público numerozo, composto em parte de indivíduos pervertidos. O êxito de suas obras pode provar que eles tinham talento, mas muitas vezes prova tambem que eles só se fizeram célebres, porque se puzeram em violento antagonismo com o sentimento dos homens do seu tempo, que, por isso mesmo, os quizeram conhecer.

Com a poezia popular, feita de improvizo, em reuniões festivas, ao som da guitarra, ao som do violão, e em alguns pontos da Europa, ao som da gaita de foles e das sanfonas, não sucede o mesmo. E' uma poezia sempre social. Ninguem fala ou canta diante de uma multidão, si não está um pouco de acôrdo com ela. O cantor sertanejo que improviza uma quadra, dá apenas forma a um sentimento, que é idéntico ao dos que o ouvem e cujo aplauzo dezeja. Ele não canta nunca,

por isso mesmo, aberrações individuais, extravagáncias, singularidades.

D'aí vem o valor da poezia popular. Mas assim mesmo não basta, para fazer a prova da predominháncia de um sentimento qualquer, citar meia dúzia de trovas anónimas. Resta saber, si não ha outras tantas, si não ha mesmo muitas mais em sentido oposto, porque na alma popular como na de todos nós, existem sentimentos contraditórios.

Suponhamos, porém, que se trate de saber o que pensa o povo sobre o cazamento.

Sylvio Romero colijiu, numa obra em dois volumes, os *Cantos Populares do Brazil*. A obra em conjunto tem mais de 600 pajinas. No segundo volume, só do Rio Grande do Sul ha 815 quadras, afora romances, xácaras, lendas, versos de toda espécie. Por outro lado, dois escritores portuguezes, Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira, reuniram tambem num pequeno volume nada menos de mil quadras populares de Portugal.

O livro de Sylvio Romero é de 1883; o dos autores portuguezes de 1903. Ha, portanto, entre os dois vinte anos de intervalo.

Correndo tantos, tantos milhares de versos, reunidos imparcialmente por colecionadores, cujo principal intuito era apenas o de juntar

a maior quantidade possivel de material, parece que se póde ter uma ideia por esses versos, da variedade de sentimentos do povo.

Pois bem. Em todos eles não ha uma só afirmação de homem cazado, louvando o cazamento. Uma só!

E ha de mulheres? Ha duas quadras. Duas apenas — e aliaz ainda assim caraterísticas, porque as autoras dessas trovas anónimas sentem a necessidade de se desculpar; indicam que estão á espera do arrependimento, ou que, pelo menos, ele é a hipóteze mais natural. Uma delas diz :

> Eu cazei e cativei-me,
> inda não me arrependi :
> quanto mais vivo comtigo,
> menos posso estar sem ti.

Lá está a previdéncia do que era natural : « inda não me arrependi. » E diz a outra trova :

> Senhores não se admirem
> de eu cantar e ser cazada :
> eu canto com a alegria
> de me vêr bem amparada.

Começa por confessar quanto ha de espan-

tozo em que, sendo cazada, ainda assim esteja alegre e cante.

Mas, batendo o Brazil, do Amazonas ao Prata, em toda a sua vastidão; batendo Portugal, do Minho ao Algarve, aceitando subsídios de milhares de colaboradores, o que nenhum desses livros poude reproduzir foi a quadra de um marido satisfeito!

E' forçozo convir que o cazo é digno de nota.

Em compensação as manifestações contrárias são numerozas.

Nunca vi ventar do sul,
que aos trez dias não chovesse...
Nunca vi homem cazado
que se não arrependesse...

Si o cazar fosse tão bom
no fim, como é no começo,
eu pedia á minha mãi
que me cazasse no berço.

Uma estrofe, ouvida em Mato Grosso diz:

Em cima daquele morro
Siá Dona
tem um pé de jatobá.
Não ha nada mais peó
ai, Siá Dona,
do que um home se cazá

Pensando de igual modo, não é dificil achar tambem mulheres...

Sylvio Romero cita uma quadra do Rio Grande do Sul :

Solteirinha não te cazes,
goza tua bôa vida,
que eu já vi uma cazada,
chorando de arrependida...

E outra de Portugal, recolhida pelos colecionadores das *Mil Trovas*, lhe responde :

Tu dizes que não teus cruz
para rezar o rozário :
— caza-te, minha menina,
e terás cruz e calvário.

Algumas quadras fazem, por atacado, a filozofia do cazamento.

O cantar é dom dos Anjos
o bailar dos namorados
a alegria dos solteiros,
a tristeza dos cazados...

E' o rio dos barqueiros,
a porta — dos namorados,
a praça — das regateiras,
o calvário — dos cazados...

E em detalhe, prevendo cazos diversos e afastando todos eles, ha os que dizem que não devemos cazar, nem com mulheres pobres nem com mulheres ricas :

Ser pobre e cazar com pobre
é remar contra a maré...
Cazar com mulher sem dote
é andar com um só pé...

Mas a este espertalhão, outro responde :

Quem quer ser muito finório
e caza com mulher rica
não fica como marido :
é como escravo que fica.

Outros procuram afastar os noivos das mulheres gordas :

Cazar com mulher papuda
que desgraça não será :
quando a gente fôr dormir,
que roncos ela dará.

E' o cazo talvez de escolher uma mulher magra. Mas já outro trovador nos adverte :

Toda a palha enche palheiro,
todo o fiado faz pano :
quem caza com mulher magra
tem bacalháu todo o ano.

E assim, si as pobres são más e as ricas peores; si as gordas incomodam roncando e as magras são bacalhaus, a concluzão a tirar d'aí é a de S. Paulo : não cazar é melhor... O *folk-lore* luzo-brazileiro não nos diz outra couza.

E' certo que tambem nele se encontram apolojias ao cazamento; embora em pequeno número; mas todas feitas por homens solteiros.

> Sofre só quem é solteiro,
> vou cazar com meu amor
> Quando eu chorar, chora ele,
> partimos ao meio a dôr.

Mas os solteiros não podem ter voz no capítulo, porque, segundo dizem os árabes, o cazamento é como uma praça sitiada : os que estão nela querem sair, os que estão fóra quereriam entrar. — Entrem; e depois conversaremos... Além de tudo, essa história de partir dôres ao meio é bòa em verso. Na vida real a couza muda de figura. Gringoire, un poeta francez do seculo 15, dizia muito bem que nos momentos de apuros os solteiros tèm a vantajem de perguntar : « Que hei de eu fazer? » ao passo que para os cazados a atrapalhação é maior, porque

tem de perguntar; « Que havemos nós de fazer? »

Vamos, porém, á demonstração por outro modo. Corremos cazos individuais de reprezentantes de vastas categorias : filózofos, sábios, guerreiros. Vimos o depoimento unánime dos cazados na poezia popular. — Unánime, notem bem!

Ha outro meio de decer ao mais íntimo dos sentimentos dos povos : é correr as coleções de provérbios. Eles reprezentam tambem a quintessência do pensamento popular. — Neles se cristalizam em fórmas aforismáticas as verdades de senso comum que todos admitem.

Pois bem, percorrendo as coleções melhores de provérbios de todas as nações, se verifica que muitos acuzam a fatalidade dos cazamentos; a enorme maioria, a quazi totalidade zomba ou ataca essa veneravel instituição e só trez ou quatro a louvam discretamente.

« Cazamento e mortalha no céu se talha » — diz o nosso velho rifão, significando assim que ninguem foge ao seu destino, quando chega a hora de cazar ou de morrer. Ha nas outras linguas ditados idénticos. E'

bom não esquecer que por si só essa aproximação do cazamento e da morte já não é muito amavel. Mas os provérbios francamente hostís ao cazamento são inumeraveis.

Diz um italiano : não ha matrimónio em que não entre o demónio.

Os alemães fizeram um provérbio feroz : « o cazamento só tem dois dias bons : o das bodas e o da morte da mulher! » Os francezes garantem que « si o cazamento vai na sela, o arrependimento vai na garupa. » E o resto é mais ou menos assim.

Mas, dir-se-á, si as relijiões, si os filózofos, si a sabedoria popular, si todos condenam o cazamento, como se mantem essa instituição? De onde, pelo menos lhe vem o mal?

Em geral, os cazamentos se dividem em cazamentos de amor e cazamentos de interesse. E' uma enumeração muito omissa. Talvez nela falte exatamente a bôa categoria.

De que os cazamentos por amor sejam em geral deploraveis ha numerozos testemunhos nos ditados populares.

O tipo de matrimónio desse género é o que se faz quando duas pessoas se viram

um dia, ao acazo de um encontro, e ficaram imediatamente enamoradas.

Havia — ou ha talvez ainda — um livro preciozo, que os namorados sem eloquência costumavam d'antes consultar : era o *Conselheiro dos Amantes.* Nele se encontravam modelos abundantes de cartas de namòro; sobretudo as declarações eram numerozas.

A primeira, a que, portanto, devia parecer ao autor dessa obra tão lida, a mais ardente, começava assim : « *Minha senhora, vê-la e ama-la foi obra de um momento.* » Uma rapariga de juizo — admitindo que alguma exista nessas condições — devia, si acreditasse naquela declaração, responder ao cavalheiro : « *Meu caro senhor, si vêr-me e amar-me foi obra de um momento, ter-me e dezamar-me será obra de outro momento...* »

E é geralmente assim que acabam essas paixões fulminantes, explozivas. Parecem foguetes... De repente, é uma caudal de luz riscando a noite... Passam, brilham, sobem, estouram... Mas, dois minutos depois, cái uma flecha e um tubo vazio.

Alfredo de Musset rezume a filozofia do cazo, dizendo que os amores que duram são os que não chegam á posse do objeto

amado. Nós morremos de fome; de fome é que o amor vive :

> O amor, contraditória e extranha creatura,
> vive de inanição e morre de fartura...

Estes dois versos lembram um pouco o que se faz nas grandes fábricas de doces, quando se toma um empregado novo. Dá-se-lhe ampla licença para comer o que quizér, á vontade. Ele empanturra-se. Dias depois, farto, passa a detestar tudo aquilo.

E' curiozo notar que a esse recurso só chegaram os fabricantes depois que verificaram o que sucedia, quando proíbiam aos empregados tirar os doces. Os furtos eram maiores. Embora nunca ninguem podesse tirar muito de cada vez, como todos continuavam a furtar sempre um bocadinho cada dia, a perda para as fábricas era maior.

A fartura inicial leva ao enfartamento...

Não ha sentimento que faça mais consumo do adjetivo « doce » que o amor. « Tão doce amor travou tão fortes laços » dizia Garrett. Pois quando no cazamento, ao princípio, se faz um consumo imoderado dessas doçuras, o rezultado é dezastrozo...

A saciedade é o peor inimigo desses cazamentos feitos por um impulso súbito.

Matrimonio per amore finisce con dolore dizem os italianos.

Provérbios análogos ha em todas as linguas.

Quem se caza de pressa se arrepende de vagar...

O prestíjio das paixões por mulheres formozíssimas foi feito principalmente pelos poetas. Mas as almas incautas fazem muito mal em acreditar em poezias. Por pouco que procurassem conhecer a história dos maiores poetas, veriam que as paixões deles foram apenas literatura. Em todo cazo, o incontestavel é que nenhum tipo de grande apaixonada cazou-se e continuou a merecer grandes manifestações líricas.

Pensem em Petrarca.

Petrarca foi, Petrarca é ainda hoje um poeta extraordinário. Quando se evoca o seu nome, imediatamente ocorre o de Laura, que ele exalçou, que ele deificou. Seus versos garantem que ele não compreende sinão o amor puríssimo, castíssimo.

Historias! Laura era cazada e teve onze filhos. Durante toda a vida dela, Petrarca lhe fez versos. E' de crèr que essa mãi de onze filhos ainda nos seus últimos tempos mere-

cesse os arroubos exajerados do poeta? Está claro que não! Laura era apenas um pretexto poético. Póde ter sido, em moça, muito bonita. Parece que realmente foi. Tanto foi, que o nosso amigo Petrarca tentou seduzi-la e o marido precizou pô-lo fóra de caza.

Por fim, o poeta se habituou a dirijir-lhe os seus versos. Depois dela morta, depois que ele mesmo cantára sua morte, ainda lhe fez poesias, como si estivesse viva. — E creiam na sinceridade dos poetas!

Mas ha melhor. Ha a certeza de que Petrarca entendia o amor de um modo muito menos puro do que ele dizia em verso. Nós o sabemos hoje porque ele teve a imprudéncia de deixar um caderninho em que tomava nota das suas empreitadas amorozas — e o que se admira diante desse caderninho, que o desmoraliza completamente, é que ele era... um tipo de primeira ordem, de se lhe tirar o chapeu!

Comparem a atitude desse poeta tão meigo, tão delicado, diante de Laura, que ele nunca possuiu e de uma outra senhora, de quem teve dois filhos, dois filhos que o papa consentiu em lejitimar. De Laura, namorada apenas, nós sabemos maravilhozamente o nome; da outra, com que ele não

se cazou, mas que foi de fato, uma espoza, não sabemos nada!

Mas o cúmulo — si é verdade — está no que afirmam alguns dos seus biógrafos de que houve momento em que o papa, de quem ele era íntimo amigo, lhe ofereceu a anulação do cazamento de Laura para que ele se podesse cazar com ela. Mas Petrarca não teve uma hezitação : poz-se logo de largo! Versos são versos e a vida é proza e, em regra, proza muito ruim. Rejeitou. Não cazar é melhor... Figurem Petrarca, cazado com uma senhora mãi de onze filhos; Petrarca padrasto de todo esse pessoal e fazendo versos á que ele chamava (mas chamava de lonje) Madonna Laura! Seria cómico...

Não cazar é melhor...

As meninas que acreditam em couzas ditas em verso, devem sempre repelir com indignação qualquer confronto com esses grandes tipos de amantes célebres. Ou os poetas que fazem esses confrontos não sabem o que dizem ou, si sabem, quando não seja troça, é dezafôro.

Garrett, no seu poema sobre Camões, dá o grande poeta luzitano como apaixonado da que ele chama — « Roza d'amor, roza pur-

púrea e bela ». Essa roza era Catarina de Ataíde, a decantada Natércia...

E todos nós temos a impressão de um Camões poeta e guerreiro que passou a vida suspirando por essa delicada flôr aristocrática. Por ela queria os louros da guerra, batendo-se em lonjínquas rejiões; por ela queria os louros da poezia, compondo os *Luzíadas*...

E tudo isso é mentira! Camões amou solteiras, cazadas e viuvas. Amou brancas e pretas. Era de um ecletismo admiravel. No *Cancioneiro Alegre*, Camillo Castelo Branco enumera nada menos de onze, entre as quais lá está a preta Barbara :

> Aquela cativa
> que me tem cativo
> porque nela vivo
> — já não quer que viva...
>
> Pretidão de amor
> tão doce a figura
> que a neve lhe jura,
> que trocara a côr...

Mas esse é o capítulo das infidelidades. Ha, porém, peor. Parece que algum tempo houve em que Camões poude ter entrevistas

com a sua Natércia. Desde logo sucedeu o que tinha de suceder : o amor começou a murchar. Como o sabemos? Porque temos uma de suas quadras, tambem citada por Castelo Branco, e que é um prodíjio de grosseria e brutalidade.

> Catarina é mais formoza
> para mim que a luz do dia ;
> mas mais formoza seria,
> si não fosse mentiroza.
>
> Jurou-me aquela cadela
> de vir, pela alma que tinha.
> Enganou-me. Tinha a minha,
> deu-se pouco de perdê-la.

Si, sendo apenas namorada, ele já lhe dizia tais amenidades, figurem si fosse cazado !

Não cazar é melhor...

E si o cazamento por paixão, súbito, inflamado, explozivo, dá em regra detestaveis rezultados, do que é feito simplesmente por interesse, não tentarei a mínima justificação. Esse nem devia figurar no Codigo Civil; devia ser um capítulo do Código Comercial : é uma tranzação e mais nada.

Viriato Correia, querendo aqui entrar um pouco pela minha seára, falava em certos máus cazamentos, que máus se tornam porque a mulher, uma vez conquistado o espozo que cubiçava, não cuida mais de enfeitar-se, de fazer-se gentil, amavel, tentadora.

Certo, ele tem razão nesse ponto — nesse ponto em que expõe um dos muitos motivos pelos quaes *não cazar é melhor...*

A fórmula mais admiravel para se conservar o amor foi a que deu Verlaine na primeira quadra do seu mais célebre soneto, em que diz sonhar ás vezes uma mulher que ele ame e de quem seja amado, mulher que cada vez que dela se aproxime, ele não a ache nem completamente mudada, nem exatamente como a deixou :

Je fais souvent ce rêve étrange et pénétrant
d'une femme inconnue et que j'aime et qui m'aime,
et qui n'est chaque fois ni tout à fait la même
ni tout à fait une autre, et m'aime et me comprend.

Isto é em amor para a mulher a suprema ciéncia. Que não se saiba de antemão quando se vai dizer qualquer couza, que palavra, que gesto, que pensamento responderá : para que então dizer, si já se conhece

a réplica? D'aí a necessidade para os que se cazam de ficarem no firme propózito de continuarem sempre como namorados, sempre procurando quebrar a monotonia da vida comum com encantos, com seduções novas.

Tem de ser, preciza ser uma luta de cada dia.

Ha mulheres que dizem, quando alguem lhes aconselha que se enfeitem e se façam bonitas :

— Meu marido gostou de mim sem nada disso... Quem quer bem não preciza enfeites...

E' um engano. Os cazamentos chegam quazi sempre ao dezastre final por uma questão que se pode dizer que é de estatística.

Não ha na afirmação nem gracejo nem paradoxo.

Cada pessôa é para as que a conhecem um rezumo ou, si preferem, uma média de imajens diversas. Pensando em alguem, nós temos desse alguem uma reprezentação que é mais ou menos a média de todas as vezes que a temos visto e ouvido. Algumas das imajens terão evidentemente mais importância que as outras.

Ora, quando os noivos se cazam, cada um, até aí, só tem do outro, em regra, uma

coleção de imajens agradaveis, de imajens formozas, de imajens graciozas. O noivo só viu a noiva em salões, na rua, em teatros, em festas. Certo, ele sabe bem que ela não passa os dias assim vestida e paramentada. Sabe; mas não viu.

A vida em comum começa — e como ela tem muitas vulgaridades, a soma de imajens banais, de imajens vulgares e até dezagradaveis principia a se avolumar. Ha uma infinidade de gestos triviais, a que a vida constranje cada um de nós.

Pensem neste cazo simplíssimo : nenhum dos dois ignora que o outro dorme. Mas, no sono, que atitudes, que mímica desgracioza e ás vezes ridícula assume o rosto mais lindo! Como estarão talvez ao acordar os formozos olhos, que só até então tinham sido vistos limpos e radiantes?!

E' fatal! — Ninguem o nega. Mas, si se escolhe uma pessòa entre milhares, entre milhões de outras, é sempre porque se acha nela alguma couza de menos comum. No dia em que a primeira estatística de imajens bonitas fica submerjida pela estatística oposta de imajens triviais, a superioridade, a razão de ser da escolha dezapareceu.

Por isso mesmo que se sabe que a vida em

comum comporta um grande numero dessas imajens, é precizo evita-las, tanto quanto fôr possivel. A conservação do amor não se consegue como a de um cadaver embalsamado, posto em uma redôma, que se subtraiu á ação das variações atmosféricas, do ar e da luz. Consegue-se por uma luta incessante. A cada gesto trivial é precizo opòr um gesto graciozo. Podar, cortar, eliminar, sinão a execução — o que é impossivel — ao menos a vista de tudo o que não é agradavel.

Poucos tem a firmeza, a constáncia, a perseverança para sustentar essa atitude durante toda a vida. — E é o dezastre dos cazamentos. Raros escapam.

De mais, por um hábito muito pouco intelijente, são as mãis que, na véspera do cazamento, dão ás filhas os supremos conselhos, que precedem a iniciação deciziva do amor.

E' um erro. Quem devia aconselhar á filha era o pai, ao filho era a mãi. Cada um precizaria dizer o que convinha fazer para atrair o outro. O pai diria muito melhor á filha o que procurara e não achara na espoza; o que ela devia fazer para seduzir e manter o cónjuje. E' verdade que esses conselhos equivaleriam muitas vezes a uma queixa. A filha sentiria as deziluzões que a mãi inflijira ao

pai; mas por isso mesmo ficaria talvez prevenida para não cair nos mesmos erros. A mãi deveria proceder de igual modo com o filho, decendo a todas as intimidades. Mas por isso mesmo a couza é impossivel. Os cazamentos não terão esse corretivo salutar. As conveniências exijem que cada um dos projenitores declare aos filhos que se acha encantado com o outro e, mesmo quando os filhos vèm que essa não é a verdade, não sabem onde está o mal e como evita-lo.

E por tudo isso... não cazar é melhor!

Diz-se que o ideial do cazamento é a fuzão completa das almas, de maneira que os dois cónjujes sintam, pensem sempre do mesmo modo.

Evidentemente, não póde ser um ideal que os dois vivam a contradizer-se. Mas si esse sonho de fuzão de pensamentos é bem completo, si nenhum dos dois tem nenhuma surpreza para o outro, é tambem deploravel.

Scribe dizia nada ser mais natural que o aborrecimento dos cazados : pois si os dois fazem uma só pessòa — uma pessòa que permanece só, por muito tempo, acaba por aborrecer-se...

Campoamor declarou que, si a vida de um

ermitão sem amor é espantoza, não ha nada mais dezesperador do que essas solidões de pares, a solidão de dois em companhia :

> Sin el amor que encanta
> la soledad de un ermitaño espanta
> ¡ Pero es mas espantosa, todavia,
> la soledad de dos en compañia !

Necessidade de concordar, sim; mas necessidade tambem de ter sempre alguma couza de inédito...

Todos conhecem esses dezenhos muito complicados que algum tempo estiveram em moda, e no qual o dezenhista figura, disfarçadamente, um gato, um rosto, qualquer couza, emfim. Emquanto não se descobre onde está o gato, o dezenho é picante, é curiozo. Depois que se sabe, é insípido, é tolo, porque assim que lançamos os olhos para o papel, o gato aparece logo, no primeiro plano, bem á vista e todos se admiram de o não terem descoberto imediatamente.

Assim, no cazamento, quando um dos dois nada tem para oferecer de novo ao outro, é o enigma descoberto, adivinhado, sabido.

Viriato Correia, querendo atenuar um pouco esse possivel inconveniente lembrava

que o cazamento não deve impedir a faceirice. E citava Ovídio.

Mas ainda aí é precizo ir com cautela. Ha faceirices contraproducentes para a harmonia conjugal. Figurem uma senhora que dezeja ter cabelos crespos e põe papelotes. Põe papelotes á noite, conserva-os até de manhã. De tarde, as vizitas com que ela está acham-na linda. Que admiraveis cabelos! E espantam-se de que o marido pareça indiferente áquela sedução. Mas é que se esquecem que essa beleza é uma beleza de expotação, para uzo do público. O marido, exatamente ás horas em que ele mais está com a espoza, está com uma senhora cheia de torcidas de papel, ou de grampos especiais, com a cabeça transformada num verdadeiro taboleiro de balas. Para o público é que a mulher se aprezenta linda...

Outras ha que têm uma pele que é maravilhoza de frescura. Por que? Porque á noite, á hora de se deitarem, untam-se com cremes e cosméticos, cheios de drogas complicadas. Nos jornais de modas ha mesmo o anúncio de máscaras de pelica para esticar, para amaciar, para conservar a cútis. Devem ser pavorozas... Mas quem vê esse pavor é o marido. E' o marido que vê a cara seboza, gordu-

roza, cosmeticada, mascarada. O público vê a tez fresca, liza, delicioza.

Quem se acha de melhor partido? O que não cazou. Não cazar é melhor! O celibatário está na platéa, vendo a beleza da cena. O marido está nos bastidores, vendo as *ficelles*, os maquinismos, as cenografias mal pintadas...

Alguem já disse que a pessôa que visse tratar um peixe não o comeria. E' um exajero. Os cozinheiros fazem essas duas operações sem dificuldade. Em todo cazo, não se póde negar que haja pormenores de cozinha que são francamente repugnantes. O prato na meza, á vista dos convidados, é tão apetitozo!

Mas no banquete conjugal o marido estava na cozinha! Ele viu preparar o prato!

Ser apenas e sempre o convidado — não cazar — é melhor...

Esta lembrança culinária é tanto mais natural quanto algumas das receitas que se dão para a conservação da beleza são espantozas. As Romanas antigas uzavam cosméticos que eram feitos com cuspo — a saliva cuspida pelas escravas sobre certos ingredientes para dissolvê-los. A palavra franceza « fard », que quer dizer pintura das faces, vem do italiano « farda » que quer dizer escarro!

Mas isso emfim passou. No emtanto, ainda em nossos dias, uma grande atriz, célebre pela sua beleza, Lina Cavalieri, receitava para a conservação da beleza das faces, dormir tendo dois bifes de vitela encostados a elas!

Certo, é de esperar que nenhuma mulher empregasse essa receita junto do marido. Mas só o fato de se saber que ela uzava tal processo devia tirar todo o gosto aos beijos que o marido pensasse em dar-lhe... Por mim, eu creio que não poderia conter nesses momentos o dezejo de vèr si ela ainda cheirava a vitela...

Os estranhos ignoram quem uza e quem não uza tais processos... Não cazar é melhor!

Uma afirmação célebre diz que não ha grande homem para o seu criado de quarto.

Por que o criado de quarto do homem o mais notavel não o considera um grande homem? Porque lhe vè de perto as mizérias, as fraquezas, todo o lado pequeno e mesquinho da vida corrente.

Pelas mesmas, pelas mesmíssimas razões, se pode dizer que não ha mulher bonita para seu marido...

Alguns, é bem verdade, sabem que suas mulheres são consideradas bonitas; lembram-se mesmo de que eles já as julgaram assim e tiram uma certa vaidade de possuí-las. Mas intimamente, agora que conhecem como se faz e se mantém essa beleza, não partilham mais a admiração geral.

Estão no cazo de alguem que tivesse comprado, como verdadeira, uma pérola magnífica. Um joalheiro experimentado lhe mostrou depois como a pérola, embora admiravelmente imitada, era falsa. O possuidor sabe, no emtanto, que ela ilude tão bem que todos se enganam. Continua, portanto, a ostenta-la, como si a julgasse verdadeira.

O joalheiro experimentado, que demonstra a falsidade das pérolas, é o Cazamento. Sua experiéncia e sua habilidade perversa vão mesmo tão lonje que nenhuma pérola escapa : ele mostra aos maridos a falsidade de todas elas, — de todas, mesmo as mais auténticas...

Que as que se julgam formozas, as que são ou que se creem pérolas verdadeiras convençam-se disto : não cazar é melhor...

Mas si assim se rejeitam os cazamentos por amor e os por interesse, si assim se cen-

suram as que não se enfeitam e as que se enfeitam de mais, que resta?

Resta talvez a única especie dos que são razoaveis: os cazamentos, que se podem chamar por amizade. Nem fúrias de paixão, nem baixezas de cálculo: o acôrdo sereno para a vida em comum, o conhecimento recíproco dos caracteres... E' a única fórmula aceitavel.

Mas o acôrdo é tão dificil!

Não ha aqui quem não tenha visto, ao menos em dezenho, um cérebro humano. Como ele é complicado, cheio de circumvoluções diversas! E quantos milhões, quantas miríades de células.

Será possivel achar dois iguais?

Pensem, para responder a isso, no que sucede com as cabeças dos dedos. E' pelo dezenho da pôlpa deles que se identificam os criminozos. Esses dezenhos não são, entretanto, tão complicados como um cerebro. E, todavia, nunca se acharam dois homens que tivessem 17 particularidades idénticas nesses dezenhos! A regra é que se procuram apenas 10 a 12 coincidéncias. Isso basta para afirmar que se trata do mesmo indivíduo.

Si nunca se acharam 17 particularidades idénticas nos dezenhos dos dedos de duas

pessôas diferentes, como esperar que se ache o número de particularidades necessário para pôr em acôrdo perfeito duas vidas por longos anos! E' impossivel. O acôrdo se terá de realizar sempre com sacrifícios recíprocos.

No emtanto, si alguma couza ha a fazer, é procurar esse acôrdo de caracteres. Ainda uma vez repito: é a unica fórmula aceitavel.

Aceitavel. Só aceitavel. Eu não serei traidor á teze de S. Paulo. La Rochefoucauld dizia que ha alguns cazamentos bons; deliciozos é que não... Por isso, cazar é bom, mas não cazar é melhor...

Para ser, entretanto, inteiramente justo, é necessário pensar tambem na questão do ponto de vista feminino. Longamente, eu só tenho falado dos maridos infelizes. E as espozas?

Ah! essas... essas é que devem dizer que não cazar é melhor!

Nós é que fazemos as leis, que afeiçoamos a sociedade, que fabricamos a literatura. Por isso os queixumes que mais se ouvem são os dos homens. Mas ás mulheres nós não damos siquer o direito de queixa. O cazamento nunca fecha de todo o homem dentro do seu cárcere: deixa-lhe sempre abertas para fóra. Quando ele não escancara a porta e sái

dezabuzadamente, tem frestas, postigos, alçapões... A mulher, si entreabre qualquer dessas saídas, sente que elas dão para a dezonra; dão pelo menos, para as murmurações do mundo...

Assim, não falando aqui desse ponto de vista, foi exatamente porque não dezejava levar nada para o trájico... Poucas couzas entretanto, são mais dolorozas que a situação de uma espoza infeliz.

A prova de que elas tambem acham que não cazar é melhor está em que o número de divórcios requeridos por mulheres é superior ao requerido por homens... E cada ano nos paizes mais civilizados o número de cazamentos vae baixando... A estatística é uma ciéncia implacavel; ela tambem apregòa que não cazar é melhor.

Alguem já propoz que ao crime de bigamia se aplicasse como punição, não a cadeia, mas a obrigação do bígamo viver com as várias espozas que tivesse tomado. Castigo feroz! A proposta seria, entretanto, justa, si a segunda espoza, enganada quanto ao estado civil do marido, não devesse desse modo sofrer injustamente.

Mas essa aluzão á bigamia faz lembrar o cazo daquele corretíssimo marido, a quem a

espôza um dia interpelou. Ela achara um pedaço de jornal, no qual havia o título de uma notícia : « *Tinha uma mulher a mais.* » O resto estava rasgado.

— Era então, perguntou, um bígamo?

E o marido desconsolado :

— Quem sabe! Talvez tivesse uma só mulher...

E' que uma só já lhe parecia uma a mais. Ele achava que não cazar é melhor...

No emtanto, cazo curiozo! quando alguem vai a qualquer cemitério encontra a cada passo túmulos nos quais as inscrições falam de « *bons espozos* », de « *excelentes mulheres* », Mas, por isso, um humorista mostrou que os cazais perfeitos só se encontram nos cemitérios... o que não basta para modificar o conceito de S. Paulo.

Cazar é uma loteria. Já alguem disse que a sorte grande é uma couza que sai aos outros. Por isso, tantos cazados se vèm que, esquecidos das venturas do proprio lar, cubiçam as dos lares alheios : a mulher do próximo sempre lhes parece melhor que a sua.

Mas, enfim, de redução em redução, chegando-se ao mínimo, assentando-se mesmo que o bom cazamento é a sorte grande — é

forçozo convir que alguns existem. Por que não os vemos?

Porque a ventura conjugal é pela força das couzas a mais recatada. Proclamar-se feliz no cazamento é irritar, é provocar toda a gente. Inveja? Creio que sim...

Pensem no que sucede em um bonde, quando um namorado passa o braço enlaçando a namorada. O bonde inteiro se escandaliza : parece-lhe pelo menos de máu gosto. Os mais zangados acham indecente.

Eu sei que não é assim em outras cidades. Não é assim, pelo menos em Pariz, onde vèr e ouvir beijos em grandes cafés, em pleno boulevard, em carros que passam descobertos pelos Campos-Elysios ou pelo Bois de Boulogne não surpreende ninguem : é corrente, é habitual. Evidentemente não é de bom tom, nem se pratica na alta sociedade. Mas tambem não é grosseiro. E' simples e perdoavel.

Mas, si aqui todos os beijos escandalizam, lá os que não escandalizam são os de amantes. Um cazal — marido e mulher — beijando-se á vista de terceiros, seria schoking, seria ridículo.

Assim, si não é possivel falar com tanto conhecimento de cauza dos bons como dos

máus cazamentos, é porque os bons só provam que são bons não exibindo a sua bondade.

Eu estou certo que sabereis nos perdoar a nós dois : a S. Paulo e a mim; a ele o ter formulado a teze, a mim o ter procurado defende-la...

S. Paulo condecendeu aliaz, esta noite, em vir falar comigo. Foi talvez uma alucinação ou como disse Antero do Quental, « um sonho todo feito de incerteza ».

Sei que o Apóstolo me apareceu e eu lhe disse « Meu senhor S. Paulo, nós vamos nos meter em bôas... Na sala da conferéncia ha muita menina que quer cazar... Ha algumas que já são noivas... Ha muita senhora que dezeja arranjar genros... Ha mesmo alguns rapazes doidos para fazer essa tolice. E depois ha maridos e mulheres, que precizam demonstrar que estão muito bem cazados. Toda essa gente é contra nós. Acho melhor batermos em retirada ».

S. Paulo ficou furiozo. Censurou-me a covardia. Lembrou-me as perseguições que sofreu. Animou-me. Encorajou-me. Depois, já mais calmo, repetiu-me : « Póde lá haver meninas cazadoiras e noivos e noivas. Mas

das duas uma : ou essa gente revela que tem espírito e te perdôa a audácia ou, mostrando-se incapaz de desculpar uma falta tão leve, prova que é gente de máus bofes, gente que ainda menos saberia perdoar outras faltas, gente que seria a mais clara prova de que não cazar é melhor... »

E, dizendo isto, a vizão dissipou-se.

Assim, si S. Paulo não me enganou, aqueles e aquelas que menos concordaram com a teze desta conferéncia são os que primeiro m'a devem perdoar, para provar que sabem ser magnánimos e generozos e que, por exceção, com eles e elas, valeria a pena cazar...

DINHEIRO HAJA!

CONFERÊNCIA REALIZADA NO TEATRO MUNICIPAL EM 1909.

Dinheiro haja.

Foi, sobretudo, um jornal de caricaturas que popularizou essa fraze, atribuida a um dos secretários do Barão do Rio-Branco. Era o tempo em que se debatia o célebre cazo do Acre. Para vencer essa, como todas as outras questões da diplomacia, o dinheiro nunca é de mais. O modesto e pacífico funcionário a quem atribuem a repetição frequente dessa fraze tinha razão : *Dinheiro haja... e tudo se rezolve*. E foi em grande parte a pezo de dinheiro — todos ainda se recordam — que esse litíjio foi decidido : um bom trecho do território do Acre nós comprámos á Bolivia.

Dinheiro haja! — E' uma fraze. Tem o mérito de ser conciza, deixando todas as

suas consequéncias em uma vaga e prudente reticéncia...

Si o autor dessa expressão quizesse apadrinha-la com grandes clássicos, lembraria que Cícero tinha dito que *o dinheiro é o nervo da guerra*, que Rabelais repetira isso mesmo : « *Les nerfs des batailles sont les pécunes* » e que, em um tempo em que os exércitos eram de mercenários e os mercenários se recrutavam principalmente entre os suissos, Racine fez um de seus personajens exclamar : « *Point d'argent, point de suisses.* »

O astuciozo escritor italiano — Machiavel — protestou, no emtanto, contra a opinião de Cícero, dizendo que o essencial na guerra não era o dinheiro. O *nervo da guerra*, escrevia ele, eram os bons soldados. Esquecia, porém, que tudo estava em pensar no primeiro ou no segundo tempo da operação. Os soldados são indispensaveis; mas indispensavel para reuni-los e paga-los é que — dinheiro haja.

Por isso, razão tinha Trivúlcio, aquele marechal de Carlos 8° de França, dizendo que « para fazer a guerra com sucesso trez couzas são absolutamente necessárias : primeiro, dinheiro; segundo, dinheiro e terceiro, dinheiro. »

Felipe da Macedónia já tinha dito que não ha cidade que rezista quando contra ela se investe, não com um exército, mas com um burro carregado de dinheiro.

A diplomacia é uma guerra... uma guerra civilizada e mansa, uma batalha de manhas e astúcias, mas que não dispensa o mesmo « nervo » das outras.

Dinheiro haja. — E' a fraze que mais aparece ou transparece em todas as conversas — nuns cazos explícita; em outros subentendida.

Os antigos achavam que, mesmo depois da morte, o dinheiro era precizo. Quando alguem morria, os romanos lhe punham sob a língua uma moeda — um óbolo — para que ele o désse ao barqueiro Caronte, encarregado de passar as almas dos mortos de um para o outro lado do rio Acheronte. Quem não tinha com que pagar a passajem, errava durante cem anos nas marjens sinistras daquele rio infernal. Caronte devia, portanto, repetir aos mortos : *Dinheiro haja... e eu vos transportarei.*

Haverá quem estranhe que se pozesse o óbolo para Caronte na boca do defunto. Por que não no féretro ou simplesmente num bolso? Depois que nós aprendemos a ter

medo dos micróbios a simples ideia de pôr uma moeda na boca, uma moeda que deve ter rolado de mão em mão, basta para nos encher de nôjo. E' verdade que os defuntos não podiam receiar moléstia alguma...

Mas si se metiam as moedas na boca, era, em primeiro lugar, porque não se uzavam bolsos nos vestuários daquele tempo, e depois, porque havia mesmo em vida o hábito de pôr moedas nesse sitio. A boca dezempenhava muitas vezes essa função. Em regra, os antigos guardavam na cinta as bolsas, em que traziam o dinheiro; mas frequentemente, quando recebiam uma pequena quantia, não se davam ao trabalho de afrouxar a cinta, tirar e abrir a bolsa; recorriam á boca e aí depozitavam o dinheiro. Bourdeau assevera que é ainda o que fazem os judeus no Oriente e uma parte do povinho miúdo na Italia (1).

A invenção do bolso — que é, no fim de contas uma bolsa pregada, enxertada na roupa — data do seculo XI.

Chegados ao outro mundo, os romanos não tinham, portanto, que fazer um gesto

---

(1) BOURDEAU. — *Histoire de l'habillement et de la parure*, p. 226.

insólito, metendo os dedos na boca para tirar a indispensavel moedinha.

Pode dizer-se que, embora sem pensar em Caronte e na sua fatídica barca, o dinheiro continua a ser necessário para a salvação das almas, si não para fazê-la, por si só, ao menos para apressa-la.

Quando um católico morre, mesmo que ele tenha tempo de confessar-se e comungar, recebendo a extrema-unção, sua alma não vai diretamente para o céu, com a trajetória de um foguete... A doutrina da Igreja é que a absolvição livra das penas eternas : mas o culpado tem de ir para o Purgatório pagar as penas temporais, a que fica sujeito, salvo si possui induljéncias especiais para esse fim (1).

Mas do Purgatório as pessôas podem livrar-se mais rapidamente, por meio de missas. E como as missas custam dinheiro, mesmo lá, entre os clamores das almas, ha de figurar frequentemente a exclamação : « *Dinheiro haia!* » Dinheiro haja para a espórtula ao padre, que ha de dizer as missas libertadoras e elas diminuirão o seu prazo de castigo...

---

(1) R. P. F. Beringer S. J. — *Les indulgences,* 3e édition, I, p. 11.

O óbulo antigo valia, na nossa moeda, ao cambio de 16, 96 réis. Não ha, creio eu, missas de tal preço. Os antigos, pondo um óbulo debaixo da lingua dos seus mortos, faziam, portanto, um negócio mais barato do que os católicos de hoje... Vê-se bem mesmo nisso a tendência que ha em tudo para subir de preço : até a salvação das almas!

Assim, do berço ao túmulo, implícito ou explícito, aquele estribilho acompanhou sempre a humanidade.

Tempo houve, entretanto, em que ele não podia ter exatamente aquela forma, porque a invenção do dinheiro, ou mais propriamente da moeda, data do 7.° seculo antes de Cristo (1).

Ao princípio quem tinha uma mercadoria trocava-a diretamente por outra. O cultivador dava os produtos da sua lavoura ao pastor que lhe entregava o seu gado. O oleiro dava o objeto de barro, que ele fabricava, em troca da madeira que o lenhador lhe trazia.

Mas esse rejimen era naturalmente incómodo. porque o indivíduo que possuia um

---

(1) THÉODORE REINACH. — *L'invention de la monnaie*, p. 13.

certo objeto podia precizar os produtos de outro a quem exatamente esse objeto, que o primeiro tinha para dar, em nada interessava.

Como, porém, certas couzas ha que são de necessidade mais corrente, essas é que se tornaram as mais prezadas. Houve uma, sobretudo, que se impoz. O boi, que fornecia a alimentação e a pele e tudo o mais que dele se aproveita, foi talvez a mercadoria mais geralmente preferida para todas as trocas. Durante muito tempo em vários povos era costume avaliar-se tudo em um certo número de bois. Homero nos diz que no seu tempo uma armadura de luxo valia nove bois ou vacas (1). E outro escritor nos dá a informação precioza de quanto valia uma mulher no direito irlandez... Os irlandezes não eram amaveis : achavam que uma mulher valia 3 bois (2).

E' evidente que eu não vou fazer aqui a história da moeda. Mas póde assinalar-se como uma escala curioza o tempo em que o instrumento, a mercadoria preferida para as trocas era o boi — o animal perfeito e vivo.

---

(1) Foville. — *La monnaie*, p. 19.
(2) F. Nicolay. — *Histoire sanglante de l'Humanité*, p. 46.

Depois, em alguns povos, já o animal não era necessário : bastava a sua pele. Era ela que dezempenhava esse papel. Mais tarde, quando se escolhia o metal para intermediário, fundiam-se pequenos blocos; mas, por uma recordação dos tempos idos, esses blocos tinham a forma de cabeças de boi. E quando, emfim, se chegou á moeda — a um pequeno disco chato, com uma gravura em alto ou baixo relevo, uma das primeiras gravuras foi precizamente a cabeça do boi (1).

Dirão alguns que felizmente a humanidade deixou aquela obsessão bovina. Mas a verdade é que não deixou de todo... Ha pelo menos vestíjios dela em palavras de voz corrente. Todos sabem que *pecúnia* vem da palavra latina *pecus*, rebanho, e que, si o substantivo não é uzado, o adjetivo *pecuniário* é de emprego quotidiano.

Capital — vem de *caput*, cabeça : era ás cabeças de gado que essa palavra aludia outrora. Houve um tempo em que ser rico, ter grandes capitais, era ter grandes *pecus*, grandes manadas em que fossem numerozas as cabeças de bois. A natureza da fortuna

(1) Foville. — *Loc. cit.*, p. 20.

mudou; mas as palavras *pecúnia* e *capital* ficaram. O crime de *peculato* de que fala o nosso Codigo, é hoje o furto dos dinheiros públicos, mas já foi o furto do *rebanho,* o roubo de gado (1).

O fato linguístico, que se observa no nosso idioma, tambem se observa em outros muito afastados entre si pela sua orijem : a unidade monetária da India é a *rúpia* — e *rúpa* quer dizer *rebanho;* a palavra ingleza, que significa hoje *salário*, vem de uma que significou outrora *gado...* (2). Não faltam, portanto, provas de qual a natureza da riqueza primitiva mais prezada (3).

Mais prezada, mas não única; porque para fazer função de moeda houve objetos tirados a todos os reinos da natureza, mesmo ao vejetal. Assim, na ilha de Rugen até o século XII, o linho servia de moeda (4).

Ainda, porém, depois que se chegou a um certo acôrdo sobre a necessidade de uma

---

(1) Reinach. — *Loco citato*, p. 3.
(2) Foville. — *Loc. cit.*, p. 20.
(3) Bréal. — *Essai de sémantique*, p. 119, mostra cazos curiozos, em que já se tendo inventado a moeda, mas ainda havendo o rejimen da troca direta dos objetos, a mesma palavra ora significava *gado*, ora era o nome de uma moeda.
(4) Gubernatis. — *Mythologie des Plantes*, II, 198.

mercadoria comum para intermediária das tranzações, não se admitiu logo o ouro, como o metal próprio para as moedas. Atribui-se mesmo a um lejislador grego — Licurgo — que ele creou moedas de ferro, com o intuito de impossibilitar as grandes fortunas (1).

Calculem que para carregar sessenta contos em prata não se podem dispensar 25 homens. Em ferro requerer-se-iam mais de trezentos.

Mas decididamente eu não quero eternizar-me a falar-lhes nestes áridos pormenores. O meu dezejo era apenas lembrar que durante um numero enorme de séculos a fraze, que depois devia transformar-se em « Dinheiro haja! », era talvez « Boi haja! ». « Gado haja! ». A noção de dinheiro faltava. Foi muito lentamente que se chegou a ela e que, emfim, se adotou o ouro como o padrão único. A vitória completa do ouro é um fato recentíssimo.

Sem dúvida o ouro sempre foi mais preciozo que a prata (2). Exatamente por isso, sendo ele muito escasso, a maioria das pessoas tinha a sua fortuna em prata. Da

---

(1) Reinach. — *Loco citato*, p. 8 — é dos que afirmam que Licurgo nunca existiu.

(2) Em 1905, o ouro estava valendo 34 vezes o valor da prata. (Foville — *loco citato*, p. 43.)

importáncia que a prata assumia por esse fato ainda ha vestíjio em locuções correntes da nossa linguajem. João Ribeiro mostrou que a expressão *em pratos limpos* é uma corrupção. A verdadeira expressão é : *em prata limpa*. Reduzir uma questão *a prata limpa* era saber quanto ela valia, de um modo claro, de um modo insofismavel : era converte-la em bom dinheiro de prata. E quando ainda hoje se gaba alguem como um amigo seguro, que se conhece perfeitamente, dele se diz que é — *prata de caza* (1).

Hoje, entretanto, a prata está decaída. Serve apenas para moeda de troco. Ninguem mais tem medo que ela desbanque o ouro.

Houve, entretanto, um imperador romano que, pelo receio de que este metal perdesse o seu prestíjio, chegou a um ato trájico. E esse ato retardou consideravelmente o progresso industrial.

O imperador foi Tibério. O metal que lhe inspirou tamanho susto foi o alumínio.

Ha ás vezes na arjila porções bem sensiveis de alumínio. Um operário romano, fabricante de vidro, descobriu o meio de separar da arjila aquele metal. Com ele fez uma taça

---

(1) João Ribeiro. — *Frazes feitas*, II, 86.

e levou-a de prezente a Tibério. O imperador achou admiravel. Mas o operário, com o entuziasmo natural de todos os inventôres, começou a gabar-lhe as vantajens do novo metal : leve, brilhante, sutil como o ouro.

Tibério teve um movimento de susto. Pensou que aquele produto vulgar, que se achava no barro, ia suplantar, ia pelo menos desvalorizar o ouro. Era mais um concurrente.

Petrónio conta que o imperador perguntou então ao operário si alguem mais conhecia o segredo. « *Ele só é sabido,* respondeu-lhe o imprudente descobridor, *por Jupiter e por mim* ». Diante dessa resposta, Tibério não hezitou : mandou mata-lo ali mesmo : cortaram-lhe a cabeça. O fato é confirmado por trez autores latinos. Só dezenove séculos depois foi que se poude, pelas indicações por eles dadas, verificar que a descoberta feita em 1827 por um químico alemão era apenas a reprodução da do obscuro operário romano (1).

Tibério não tinha razão. O alumínio póde ser — e já está sendo — um concurrente para o ferro ; mas não para o ouro. O ouro enche

(1) E. Gautier. — *L'année scientifique* (1908), p. 162.

e domina as imajinações. Ha uma estatística mais ou menos exata de todo o ouro que se tem extraído de todas as minas do mundo nos ultimos séculos: de 1500 a 1900. O ouro que circula em moedas e o que está reduzido a joias, a objetos de culto, a artefactos diversos — todo ele fundido e reunido, daria apenas para um cubo de $9^{m}.68$ de aresta (1).

E' relativamente uma insignificáncia. Mas essa insignificáncia avassala os espiritos. O ouro vale como uma realidade e como um símbolo. Quando se quer dar a ideia de superioridade de qualquer couza, é a ele que se recorre. A remota e fabuloza idade em que todos eram felizes era a *idade de ouro*. A injenuidade popular é explorada pelos negociantes, que adotam como dezignações para suas cazas: *O leão de Ouro, o Sol de ouro*... O ouro já pareceu o supremo medicamento (2). Os pintores quando queriam dar um fundo expléndido aos seus quadros, suprimiam a paizajem e a perspetiva — e as figuras des.

---

(1) ERNESTO MANCINI. — Artigo da *Illustrazione Italiana* de 21-10-6.

(2) CABANÉS. — *Remèdes d'autrefois*, p. 185. — O ouro era tomado, no seculo 16, até sob a forma de clisteres dourados. Um clister dourado (où l'or va-t-il se nicher?) custava de 40 a 50 francos. (V. D'AVENEL. — *Les Riches depuis 700 ans*, p. 195.)

tacavam-se sobre um dourado intenso... (1) Buffon, o grande naturalista, que foi tambem um admiravel prozador, deixou célebres os seus punhos de renda. Parecia-lhe necessário, quando ia escrever, enfia-los cuidadozamente e tomar uma pena de ouro. Do ouro da pena esperava que alguma couza passasse para o estilo (2). Hoje, sem que tenhamos perdido a paixão pelo ouro, tudo isso nos parece em uns cazos de máu gosto, em outros pretenciozo e tolo. Nenhuma senhora de nossos dias invejaria o vestido de Madame de Montespan, que Madame de Sévigné descrevia, dizendo que era « *de ouro sobre ouro, rebordado de ouro e por cima um ouro frizado, canutilhado de um ouro misturado com um certo ouro, que faz disso tudo o tecido mais divino, que se póde imajinar* » (3).

Era muito ouro... De mais a mais, Luiz XIV explicou aos seus íntimos um dos motivos que o fizeram abandonar Madame de Montespan : era o que nós podemos chamar, para dizer a couza por um circumlóquio não muito inconveniente : a hidrofobia bal-

(1) Reinach. — *Apollo*, p. 227.
(2) Eymieu. — *Le gouvernement de soi-même*, p. 173.
(3) Bourdeau. — *Histoire de l'habillement et de la parure*, p. 99.

neária. Essa senhora, coberta de tantos ouros, professava sobre a inutilidade dos banhos doutrinas subversivas de toda a bôa hijiene...(1).

Ha ainda atualmente uma cidade em que os tetos de algumas cazas são de ouro. E' a cidade de Lhassa, no Tibet. Um explorador inglez que aí esteve, Perceval Landon, conta o seu deslumbramento quando viu o primeiro dos tetos de ouro da cidade sagrada.

Ao que parece, a maioria não é de metal puro e sim de laminas de cobre sobre as quais se depozitam « camadas espêssas de ouro. »

Alguns, porém, são de ouro macisso e a quilómetros de distancia de avistam, brilhando, numa atmosfera que é sempre extremamente límpida (2).

E exatamente em Lhassa, num mosteiro sacratíssimo, habita o Dalai Lama, que só se serve de objetos de ouro (3).

Convem, entretanto, notar que Lhassa lembra o cazo de Madame de Montespan. Assim como ela, sob vestidos de ouro, era de uma

---

(1) CABANÈS. — *Mœurs intimes du passé*, I, 340.
(2) LANDON. — *A' Lhassa*, p. 145.
(3) *Idem. — Idem*, p. 419.

porcaria repugnante, na cidade dos tetos de ouro as ruas são lamaçais fétidos em que os porcos erram aos bandos...

Vê-se bem o que ouro póde encobrir...

Ha, porém, nesses fatos aberrações de um sentimento normal: o dezejo de possuir grandes riquezas. Dinheiro haja! Dinheiro haja! E como o ouro é a suprema reprezentação das riquezas, dourar penas, tetos, objetos e vestidos, ostentando esse deslumbramento, já foi admissivel.

O ouro teve amantes violentos. Calígula, o bestial imperador romano, espojava-se despido sobre montes de moedas de ouro.

Um dos tipos, que primeiro aparecem nas literaturas, é o do avarento. Entre as obras teatrais mais antigas figura uma comédia chineza, cujo personajem é um sujeito extraordinariamente rico, mas tambem extraordinariamente mizeravel.

Certa vez, ele saiu de caza tendo deixado nela o simples arroz cozido, a que, todos os dias, se reduzia a sua alimentação; mas o desgraçado queria variar a sua habitual pitança. Entrou em uma loja, na qual se vendiam frangos assados. Tomou um, segurou-o bem, finjindo apalpa-lo, mas só com o intuito de sujar, de lambuzar completamente os

dedos. Depois, declarando não o querer, por ser muito caro, correu para caza afim de temperar o seu insípido arroz com o sujo do caldo de galinha assada, de quatro dedos. De quatro — porque ele rezervou o quinto para o dia seguinte. E quando dormiu — dormiu com o dedo bem afastado para não roçar em nada e não perder o sabor. Aconteceu, porém, que um cão se chegou de mansinho e lambeu-lhe o dedo. Quando o avarento acordou e verificou a sua desgraça, a perda, o prejuizo enorme que sofrera, morreu de desgosto (1).

Esse acabou trajicamente. De outro, porém, se conta anedota menos mal terminada. Era um tabelião, que vinha tratar negócios com um avarento, o Marquez d'Aligre. Chegou á noite. O avarento pediu-lhe licença para apagar a vela, dizendo-lhe que para se entenderem não precizavam fazer uma despeza inutil.

O tabelião conformou-se. Conformou-se mesmo tão bem que, quando o negócio terminou e o Marquez acendeu a vela, viu com espanto que o seu interlocutor tinha

---

(1) MASSARANI. — *Storia e fiziolojia dell'arte di ridere*, I, 29.

despido as calças. Ia mostrar-se irritado, quando o autor da falta lhe explicou que não fizera mais do que aproveitar a lição de economia. Si a luz da vela não era necessaria para tratar de negócio, o mesmo sucedia ás calças. Por isso as havia tirado para não as gastar (1).

Teria mais tarde o Marquez d'Aligre adotado esse sistema?

Seria facil evocar outros tipos de avarentos. Molière e Balzac deixaram creações admiraveis. Mas o avarento é um tipo intelectual inferior ou superior?

Alguns dizem que um homem, que possui uma fortuna colossal e passa, entretanto, uma existencia de privações, é um desgraçado, que não sabe gozar da vida.

Mas outros entendem que ele é um verdadeiro poeta. Sente, no ouro que acumula, a possibilidade de todos os èxtazis, de todas as alegrias, de todas as paixões dominadoras e fortes. O mundo lhe pertence. Si ele gastasse em qualquer couza, não poderia ter as outras. Conservando o seu tezouro, não o gastando em nada, é como si tivesse tudo.

---

(1) H. DE GALLIER. — *Les mœurs et la vie privée d'autrefois*, p. 8 (note).

Sonha indiferentemente a posse dos maiores gozos que o mundo lhe póde dar!

Essa concepção do avarento, que é talvez a do *Père Grandet* de Balzac, não parece verdadeira (1). O avarento tem a conciéncia do poder do ouro, do seu poder imenso. Mas nele se absorve de tal modo, que não chega a evocar a de nenhuma de suas utilidades. A lembrança de uma grande festa, de uma lauta meza, do desperdício com uma mulher formoza : tudo isso acaba por lhe ser uma impressão doloroza. A ideia de gastar é sempre para ele um sofrimento.

Um dos grandes confessores católicos asseverou que de todos os vícios e pecados ouvira a confissão. Nunca, porém, da avareza. Porque com a avareza sucede uma couza notavel : o avarento não se reconhece como tal.

O apaixonado, o ambiciozo, o ciumento, os que tem todas as outras paixões, podem nega-las em público; mas reconhecem intimamente que as possuem. O avarento não tem conciéncia da sua paixão. Acha que é económico e prudente, que faz o que todos deviam fazer. O seu cazo antes lhe parece de virtude que de vício.

---

(1) FAGUET. — *En lisant Nietsche*, 191.

A avareza, embora seja uma paixão absorvente, e formidavel, é uma paixão que se póde dizer *a frio*. O ciumento, o luxuriozo, o ambiciozo tem ímpetos, tem expansões excessivas. O avarento é calculista, metódico, absorvido inteiramente por sua ideia fixa. Por isso mesmo já se tem notado que os avarentos exercem sempre sobre sua família um dominio tiránico. O que acontece em geral com todos os individuos apaixonados, que sempre facinam e atraem as outros, acontece ainda mais com eles, porque, dominando-se, dominam os que deles se aproximam (1).

Um psicólogo sutil expoz muito bem que o avarento é um tipo de raciocinador abstrato. Ele não *imajina* o poder do dinheiro : limita-se a concebe-lo (2). Sabe que aquele ouro tem um valor imenso; mas não faz desfilar no seu espírito, em imajens vívidas, como as que os poetas animam, as cenas a que daria lugar a despeza efetiva desse dinheiro acumulado. Essas imajens lhe seriam uma tortura.

Poezia do dinheiro tiram as crianças. Essas é que, quando se lhes dá uma pequena

---

(1) Rogues de Fursac. — *L'avarice.*
(2) L. Dugas. — *L'Imagination*, p. 77.

moeda, empreendem logo comprar o mundo com ela. Essas *imajinam* realmente o gozo, que está condensado naquele pequeno disco de metal.

Mendes Leal, um velho poeta portuguez, contou o que lhe sucedeu quando, ao completar 15 anos, um tio o chamou para lhe dar duas peças de ouro. Começou por prégar-lhe um sermão de moral. Mas depois :

O bom do meu tio então,
ações juntando a promessas,
deu-me para meu tezouro,
duas peças...
duas peças novas de ouro.

Esquecendo a gravidade
e o valor, que este incidente
outorgara à minha idade,
dei dois pulos de contente.

E não trocava de certo,
desdenhando réjias sinas,
o meu erario infantil
pelas minas
pelas minas do Brazil.

A cismar no que faria
de tão grosso cabedal
passei o resto do dia,
— e de noite, dormi mal.

Via um grupo fulgurante
de efíjies tais, que não sei
quem as tivéra inventado;
c sonhei...
e sonhei que era morgado.

Apenas rompeu a aurora,
posto a pé antes do sol,
quiz tomar por ali fóra
os meus dezejos a rol.

Ai! que diversos, e quantos!
Eram tantos, tantos, tantos,
que lhes não achava o fim.
O mundo tinha um defeito
para mim:
para mim era inda estreito.

Meditava sériamente
si faria a aquizição
de um relójio com corrente
ou de um cavalo rabão.

Como escolhesse o cavalo
entrei logo a ajaeza-lo.
Mas... Mas o relójio?... Aqui,
pensando com mais estudo,
rezolvi...
rezolvi-me a comprar tudo!

Toda criança é assim — toda criança normal. Porque deve haver crianças em que já a avareza está em germen. De uma se conta

certa anedota, que talvez ninguem ignore, mas que é profundamente típica.

Um homem que passa, vê num jardim uma criança que chora.

— Por que estás chorando?

-- Porque perdi um tostão.

O homem tira do bolso outro tostão e dá-o á criança. Recebendo-o, ela dezata a chorar ainda mais fortemente. O homem interroga-a de novo:

— Mas eu não te dei outro tostão? Que tens tu agora?

E o pequeno esfregando os olhos e soluçando, explicava-lhe :

— E' que, si eu não tivesse perdido o primeiro, teria agora dois...

Era uma magua que não podia ser consolada. Si lhe dessem outro, e outro e outro tostão, emquanto faltasse o primeiro, seria uma especie de dízima periódica da dôr: nunca a soma ambicionada estaria completa.

Essa criança era bem uma alminha de avarento. Outra qualquer, recebendo a segunda moeda, começaria logo a fazer uma segunda série de projetos magníficos e já nem se lembraria da primeira...

Póde-se dizer que o normal da vida é uma operação que tem duas fazes : juntar dinheiro

— primeiro tempo — para gasta-lo — segundo tempo.

Dinheiro haja! — mas para ser despendido... Ha, porém, os avarentos, que só pensam na primeira faze, e os pródigos, que só cojitam da segunda... Uns dizem que, si a moeda é chata, é para ser empilhada. Os segundos lhes replicam, que si a moeda é redonda, é para rodar... (1). Os equilibrados são os que não pensam em uma faze da questão, sem imediatamente pensar na outra.

Bilac, em uma conferéncia, que está suficientemente qualificada, sabendo-se que era uma conferéncia de Bilac, simulou um dia o comparecimento do Dinheiro perante um juri. Uns o acuzaram, outros o defenderam. Não me lembro si o réu foi condenado ou absolvido. Tenho a convicção de que, si compareceu ao tribunal sob a fórma de um modesto Vintem, ha de ter sido condenado. Mas, si lá se fez reprezentar pela figura augusta do Milhão, ha de ter tido não só a mais completa absolvição como até os mais vigorozos aplauzos dos seus juizes, indignados de que se pudesse acusar personajem tão notoriamente puríssimo!

---

(1) H. HAUSER. — *L'or*, p. 11.

Seria inutil provar que o Dinheiro faz esquecer muitos vícios e mizerias e cerca de respeito milionários crapulozos, emquanto os que aliam a virtude á pobreza só desprezo alcançam.

L'argent, l'argent, l'argent — sans lui tout est stérile!
La vertu sans argent n'est qu'un meuble inutile;
l'argent en honnête homme érige un scélérat;
l'argent seul au Palais peut faire un magistrat.

Póde dizer-se diante desses versos de Boileau que ha neles apenas um exajero de poeta?

A prova de que ele tem razão está no depoimento formidavel da lingua ingleza.

Os inglezes passam por ser o povo que melhor conhece o valor do dinheiro. Várias expressões o provam, a começar pela afirmação clássica de que o tempo é dinheiro: *Time is money*. Eles não fazem vizitas: *pagam-n-as*; eles não gozam as férias: *gastam-n-as*. Mas onde se nota melhor a importancia que dão ao dinheiro fazendo-a sobrepujar tudo mais é na transformação de sentido que sofreu no correr dos tempos a palavra *respeitabilidade*, em inglez, *respectability*. « Hoje, diz um autor, que estudou a *Vida das Linguas*, a palavra se aplica antes

de tudo á aparéncia e á situação social : o trajo e o dinheiro substituiram o ponto de vista moral. Os anúncios dos jornais pedem meninos *respectables* de quatorze anos e nas notícias ha muitas vezes a narração de que se apanhou na sarjeta, em completo estado de embriaguez, uma mulher de aparéncia *respectable* (1). »

Pensem que se trata de uma lingua falada por 124 milhões de pessôas. Ela proclama, portanto, que a couza respeitavel por exceléncia é o Dinheiro.

O Milhão não podia, portanto, no tribunal que Bilac instituiu, deixar de obter uma absolvição triumfante.

Que com o Dinheiro se compram absolvições não é cazo só do tempo de Boileau. *L'argent en honnête homme érige un scélérat*, pode-se dizer ainda hoje. O interessante é que o criminozo rico nem sempre preciza peitar os seus juizes, manipulando os juris. Ele chega á inocéncia, já pela confiança — pela *respectability* que inspira, já porque pode escolher os melhores advogados, reunir provas e documentos que um réu pobre não teria com que pagar.

---

(1) A. Dauzat. — *La vie du langage*, p. 240.

Em todo cazo, é forçozo convir que tem havido um certo progresso moral, porque já não se admite hoje de um modo franco, clara e ostensivamente, em larga escala, o resgate em dinheiro de crimes e pecados como outr'ora se fazia, sobretudo em certas lejislações. Mesmo os pecados tinham a sua tarifa para a absolvição (1).

Póde, entretanto, dizer-se que isso não passou de todo, porque os grandes donativos á Igreja acarretam facilmente induljéncias e bençams papais. Por outro lado, ha certos templos cuja vizita goza de induljéncias importantíssimas, capazes de pescar as almas mais corrompidas no fundo do Purgatorio. Mas para fazer essa vizita é precizo dinheiro. E assim, no fim de contas, sempre é bom ter um anzol de ouro para aquela pescaria, uma gazua de ouro para forçar as portas do céu.

Mas, querendo ser justo mesmo com o Dinheiro, é necessário convir que ele tanto merece apodos como aplauzos.

Em torno de minas de ouro povos tem crecido e povos tem dezaparecido. A California e o território de Alaska não valiam

---

(1) DUBOIS-DESAULLE. — *Étude sur la bestialité*, p. 230.

nada, antes da descoberta das minas, que para aí levaram ondas enormes de aventureiros. Nós mesmos temos de bemdizer essa mirajem do ouro. Foi ela quem animou os bandeirantes ouzados, que, entrando pelos nossos sertões á procura das jazidas com que sonhavam, constituiram as primeiras povoações de nossa terra...

Aliaz, a América do Sul sempre foi bem fadada para o ouro, porque esse foi o primeiro metal que os seus habitantes souberam lavrar. Esta terra foi feita para nela brotarem milionários. Os seus povos primitivos ainda não sabiam tratar os outros metais e já sabiam tratar o ouro (1)!

E' verdade que, si os povoadores do nosso continente tivessem grandes poetas inspirados, eles a cantariam pela outra face dessa conquista : a face pela qual a terão visto os vencidos, aniquilados por cauza desse ouro maldito. Assim, os inglezes lembram com satisfação a sua vitória sobre os Boers. E os velhos boers hão de lembrar certamente a tristeza da sua independência perdida. Per-

---

(1) NICOLAY. — *Histoire sanglante de l'Humanité*, p. 150.

dida por que? Porque na sua pátria havia grandes e cubiçadas minas de ouro.

E o ouro vai assim entre os que o aclamam, de um lado, entre os que o maldizem, do outro...

Durante séculos e séculos houve o sonho de se fabricar ouro. Sábios, monarcas e até papas velaram durante noites sem conta, junto dos cadinhos e das retortas, vendo si conseguiam transformar em ouro os mais estranhos metais.

A alquimia buscava até aproveitar o sangue das crianças recem-nacidas. Centenas de crianças pagaram com a vida essa aberração.

Mas essa aberração nos deu uma ciéncia : da alquimia naceu a química. Foi procurando fazer ouro que um frade alemão fez a pólvora. Foi procurando fazer ouro — com urina! — que um alquimista descobriu o fósforo.

A alquimia viu-se amaldiçoada por uns, abençoada por outros. Mesmo, porém, quando era amaldiçoada, nunca faltou quem tentasse executar-lhe as fantásticas operações : aliaz, isso não espanta, porque nunca nenhuma lei, por mais ferozes que fizesse os seus castigos, impediu a existéncia de falsificadores

de dinheiro. Os alquimistas eram excomungados e queimados vivos. Nunca deixaram de proliferar. Os falsificadores de dinheiro, d'antes, eram atirados em grandes caldeirões de agua fervendo (1). Nunca faltaram falsificadores.

Um dos trabalhos mais frequentes dos governos é o de publicarem instruções para que se conheçam notas e moedas falsas, porque para dificultar o trabalho dos falsificadores é precizo, de tempos a tempos, variar de moeda. Mas como eles acabam sempre por chegar a imitações perfeitas, necessário se torna explicar ao público o meio de reconhecê-las.

Era lendo uma dessa instruções que certo boémio exclamava melancolicamente :

— Eu gostaria muito mais si o Governo publicasse instruções, ensinando-me a achar o dinheiro verdadeiro!

Este não pensava em recorrer á alquimia. Mas é bom dizer que a aspiração dos alquimistas não era dezarrazoada. Eles tinham visto que ha uma escala nos corpos da natureza. Achavam que o ouro estava no mais

---

(1) NICOLAY. — *Histoire sanglante de l'Humanité*, p. 150.

alto dessa escala, o que no tempo deles era exato. Só depois se descobriram alguns corpos de pezo atómico superior ao do ouro. Os alquimistas o que pretendiam era descobrir o meio de, si assim se póde dizer, promover a ouro certos metais inferiores : o chumbo, o mercúrio, a prata.

Todos os grandes químicos modernos acham que, em teoria, essa doutrina não tem nada de absurdo.

Absurda era a doutrina de um grande rei alquimista, Afonso X de Hespanha, que acreditava haver ouro em todos os outros corpos (1).

Este Afonso X disse uma vez que lastimava muito não ter assistido á creação do mundo, porque teria dado a Deus alguns bons conselhos...

Eu penso que ele tinha razão. Mas o Padre Eterno, para pagar a fineza, lhe teria tambem de certo aconselhado que deixasse a sua teoria.

Por ora, o que se conseguiu em matéria de alquimia foi exatamente o contrário do que pretendiam os antigos. O que parece

---

(1) HŒFER. — *Histoire de la Physique et de la Chimie*, p. 370.

rezultar de experiéncias recentíssimas é que o ouro, posto longamente em prezença do rádio, póde perder os seus caracteres e tomar os da prata.

Isto mostra que é sempre mais facil degradar o que está elevado, do que elevar o que é por natureza degradado.

Um dos temas mais frequentes na literatura é a opozição da riqueza e do amor. Para bem amar parece a algumas almas románticas que é, antes de tudo, necessário ser pobre. Todos conhecem a declaração clássica de um namorado, que dizia a uma formoza rapariga só dezejar–o *seu amor e uma choupana*...

E' muito pouco... Nas choupanas falta, em geral, uma infinidade de couzas uteis á vida... Mais prático, um autor inglez dizia que o amor sem dinheiro é como uma bela botina de verniz, luzente, airoza, elegante... mas sem sola. Todas as exterioridades : mas nenhuma baze... O pé, que com essa botina se calçasse, pareceria aos outros admiravelmente protejido e iria, no emtanto, ferindo-se pelos caminhos...

E a este propózito é interessante notar um dos aspetos das questões de amor e de

dinheiro : a sociedade é implacavel para os homens que recebem dinheiro das mulheres que os amam.

Um cazuista sutil discutiu esse ponto mostrando como é absurdo que se admita facilmente que o coração e o corpo de uma mulher sejam menos sagrados do que a sua bolsa, a sua carteira! Tudo os amantes podem pòr em comum, menos o dinheiro (1).

Ha, porém, um cazo em que a aceitação do dinheiro das mulheres parece perfeitamente correta e em que mesmo se aplaude e admira o homem que consegue descobrir e explorar uma mulher rica : é quando o homem faz o que se chama « um bom cazamento. » Passando diante de um padre ou de um pretor o que era uma indignidade se converte em uma habilidade... A sociedade perdòa e inveja...

Por isso mesmo se vè quanto é hipócrita a fórmula romántica : « Teu amor e uma choupana! »

Teu amor e um palácio — seria muito melhor! Ha a este respeito uma opozição nítida entre a mentalidade latina e a mentalidade escandinava e anglo-saxónica. Fer-

(1) CLAUDE ANET. — *Notes sur l'Amour*, p. 45 a 55.

rero mostrou isso muito bem, comparando as grandes epopeas greco-romanas e os Niebelungen.

Na Ilíada e na Odissea o estímulo principal das lutas vem do amor. São figuras de mulher que dominam tudo. A Grécia e a Azia Menor lutam, numa guerra formidavel, por cauza do rapto de Helena. Mas nos Niebelungen a razão dos conflitos está na honra, no orgulho, ou principalmente na paixão pelo ouro. E' a descoberta de tezouros, a sua conquista, as fatalidades que estão ligadas a isso, o que domina esse grande poema (1). A posse do ouro do Rheno põe frente a frente, armados e hostís, os deuzes luminozos do Céu e os deuzes tenebrozos da Terra, Siegfried e Mime, Wotan e Alberiche. O amor fica no segundo plano.

Quer isso significar que esses povos não saibam amar? Seria tolice dize-lo. O que ha é a eterna incapacidade dos poetas para pensarem simultaneamente nas duas fazes do processo : na conquista do ouro e na sua aplicação. O ouro, que os povos do Norte conquistam, elles o gastam como o nosso... Mas nós antes de o ganharmos estamos já a

(1) FERRERO. — *L'Europa Giovane*, p. 136.

contar como o gastaremos. Elles se dispensam de pôr em verso esta segunda parte, absorvidos com a primeira.

Nós somos talvez mais hipócritas. Todos dizem baixinho, no íntimo : « Dinheiro haja! » Mas o dinheiro em muitos cazos parece impróprio e feio.

Meter a mão no bolso e pagar um médico, fazendo o mesmo gesto com que pagamos um cocheiro, nos repugna profundamente. Na Europa, ninguem tem esse luxo. As maiores sumidades da medicina estendem a mão e o cliente nela põe a moeda ou a nota que lhes deve retribuir o trabalho.

Mas lá, como aqui, como em toda a parte, ha o disfarce de chamar de modo diverso ás compensações pecuniárias que recebem as diferentes classes sociais. O médico e o advogado recebem *honorários*, o oficial o seu *soldo*, a praça o seu *pret*, o capitalista sua *renda*, o acionista os seus *dividendos*, o criado a sua *paga*, a sua *gorjêta* e o seu *aluguel*, o operário seu *salário*, o funcionário os seus *vencimentos*, o padre a sua *espórtula* ou sua *côngrua*, o congressista seu *subsídio*...

E' o mesmo dinheiro, mas com pseudónimos diversos... Breve, por uma lei que já

está meio aprovada no nosso Congresso, os oficiais do nosso exército passarão talvez a ter *ordenado* e *gratificação.*

O velho Deodoro da Fonseca, o primeiro prezidente da República Brazileira, não se ajeitaria talvez com essa nova técnica. Dele se conta que, quando houve a separação da Igreja e do Estado, teve uma entrevista com um padre que lhe foi pedir para que não lhe suspendessem a *côngrua.*

O Marechal ouviu-o com toda a atenção repetir a palavra *côngrua*, mas sem entender muito bem do que se tratava. Por fim decidiu-se a perguntar :

— Mas afinal que é côngrua ?

O padre explicou. O Marechal respondeu :

— Ah ! bem... o soldo. Deixe estar que não lhe tiro o soldo...

Na escada do palácio, o padre ha de ter dito com a sua batina : « Dinheiro haja !... e chamem-n'o *soldo* ou *côngrua*, pouco importa. »

Em uma das sessões preparatórias do primeiro congresso constituinte, que se reuniu no Brazil, a Assembléa de 1823, o deputado Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, irmão de José Bonifácio, disse

que todos os deputados eram *assalariados do público*.

Bòca que tal dissestе! Houve logo protestos. Antonio Carlos respondeu :

« Sr. Prezidente — Admiro a mórbida delicadeza dos meus colegas. A palavra *salário* fere-lhes os ouvidos, mas a realidade, isto é, a paga, não lhes dezagrada. »

E continuando ele dizia — aliáz com toda a razão — que a distinção entre o trabalho mental e o manual, que dava lugar a distinção entre o pagamento chamado *honorários* e o pagamento chamado *salário* não se justificava muito, porque afinal de contas todo trabalho tem uma parte intelectual.

E proseguia, enérjico :

« Falemos claro : a distinção do nome não tem baze na natureza. Teve a sua orijem no orgulho e vaidade das classes poderozas da sociedade, que, para em nada se confundirem com o povo, buscavam com ardor, ainda as mais insignificantes descriminações. Mas isto deve entre nós cessar. Classificações odiozas, distinções injuriozas á massa do povo não podem fazer parte do rejimen constitucional. Outra deve ser a ordem das couzas : gradações e não classes veremos d'aqui em diante. Si, pois, sr. Prezidente, todo o ser-

viço que não é gratuito é, na realidade, assalariado, bem que mascarada venha a paga com alcunhas mais sonoras, si nós não servimos de graça, como nos corremos de chamarmo-nos assalariados? A vergonha está na couza, não no nome. E' em verdade pouco airozo que façamos por paga o dever de cidadãos e que não possamos, como na Inglaterra e França, reprezentar sem paga os interesses nacionais. Mas, si as circumstáncias do nosso paiz nos escuzam, para que espernear ao som da palavra, que não faz mais do que exprimir o que é? »

A distinção dos nomes dos pagamentos não obedeceu só a um cálculo aristocrático. Todos eles tiveram razões históricas. Para não falar sinão da palavra, que tanto agradava a Antonio Carlos, todos sabem que *salario* deriva da palavra *sal* : era o dinheiro dado aos soldados romanos para comprarem o sal de que precizavam para sua alimentação.

Esses nomes dados a remunerações diversas mudam, ás vezes, no correr dos séculos. O Visconde d'Avenel lembra que um marechal de França recebia no seculo XVII sua paga : *ses gages*. Este é hoje o nome com que se dezigna a paga de um criado. De um criado sem importancia, porque um

grande cozinheiro pede os seus *vencimentos* (1).

Mas, emfim, ha bem uma certa hipocrizia na importáncia que se dá a essas distinções de nomes. Ha uma hipocrizia ainda maior em deblaterar contra o dinheiro, contra o ouro, embora se façam a tal respeito frazes belíssimas.

Foi o que sucedeu a um dos melhores clássicos portuguezes.

O autor da *Côrte na Aldeia,* Rodrigues Lobo, figura com Camões, Sá de Miranda e Ferreira, entre os escritores máximos da nossa lingua. A pájina, que ele deixou, falando do ouro, é realmente bonita.

« Nace o ouro nas entranhas dos montes, e nas artérias ocultas dos penedos; e subindo como arvore da profunda raiz donde começa vai espalhando os ramos em dezigual medida, convertendo o Sol com seus poderes aquela matéria disposta e propinqua, até que chega a ser ouro, e se demonstra por duvidozos sinais na face da terra; que logo daquela emprenhidão se mostra triste, dando por indícios da riqueza que encerra : herva descorada, delgada, sutil e sequinhoza; arèa e

(1) V. d'Avenel. — *Les riches depuis 700 ans,* p. 88.

barro leve, seco e sem proveito e até as aguas que por entre as vèas decem, saem cruas e com sabor pezado. Espreitando estes sinais, a indústria humana entra fazendo guerra ao profundo, caminhando por debaixo dos montes sustentados em colunas da mesma terra, deixando vista do Sol e das estrelas, pondo as vidas ao risco das ruinozas máquinas que mil vezes os oprimem, que tanto a nossa sêde fez cruel e benigna terra, que parece menor temeridade tirar do fundo do mar pérolas e aljofar, que do seu seio o inimigo ouro, que ainda então o não é mais que nas esperanças. Depois de tirado com tão custozas diliјéncias, saindo como parto de venenoza víbora, rompendo as maternas entranhas, com o fogo se aparta, apura e aperfeiçôa, ficando menos apto para o serviço dos homens na cultivação dos campos e arvoredos e mais aparelhado para sua destruição e ruina; porque ou se lavra para ostentações e demazias da vaidade, ou se bate e cunha em moeda, cujo preço tiraniza os poderes e graças da natureza. Tirou o ouro a valia a todas elas e fez em si estanque de todos os comércios do mundo, no qual, antes que ele aparecesse, se trocavam as couzas umas por outras, com uma compozição e trato mais

conforme e obrigado á necessidade e cómodos da vida, que aos roubos da cubiça, maldades da avareza e sobejidões da vaidade; e apoderou-se tanto de tudo o que na terra havia, que veio a ser preço até da liberdade dos homens contra o direito natural em que viviam. Foram crecendo seus atrevimentos, e si antes de sahir do centro da terra começou a matar homens, saindo dela, se levantou contra o céu, fazendo guerra de rosto a rosto a todas as virtudes: tirou logo a vara das mãos á justiça, e deitado em sua balança perverteu o fiel de sua igualdade. »

Falta apenas dizer que esse trecho se póde considerar errado por todos os modos.

Errado mineralojicamente, economicamente e moralmente...

Mineralojicamente, porque Rodrigues Lobo figurava o ouro em veios macissos, vindo do fundo da terra como uma árvore — diz ele — e chegando até á superfície. Ele acreditava que era o sol quem exercia uma certa influéncia sobre não se sabe que matéria para convertê-la em ouro. E isso é um erro.

O ouro se encontra na natureza ou sob a forma de palhetas e pepitas, pequenos blocos que se acham em certos lugares, misturados geralmente á areia dos rios ou incluido em

certos sulfuretos. Uma mina de ouro, não é como uma mina de carvão, que se trata á picareta. De um modo geral, mas minas de ouro só o que não se vê é o ouro : ele só aparece num ou outro ponto e em pequeninos veios. Isso é a exceção — exceção muito rara.

Rodrigues Lobo não imajinava assim as couzas. A regra é que se precize extrair o ouro dos outros corpos nos quais ele está metido ou com os quais está combinado ou misturado.

Rodrigues Lobo não tinha razão economicamente, porque a declaração de que era preferivel o sistema antigo do troco direto dos objetos, é um absurdo : a creação da moeda reprezenta um progresso.

E o clássico portuguez tambem não tinha razão moralmente, porque o ouro tanto póde servir para o bem como para o mal. E' uma injustiça pensar apenas na aplicação má, sem pensar na outra.

O furor para possuir ouro não leva a crimes peores que o furor para possuir o amor de certas mulheres, para possuir o domínio...

Eça de Queiroz tem um conto admiravel pintando a cubiça de trez irmãos : trez irmãos que eram fidalgos paupérrimos, homens

rudes e violentos e que um dia, num alto ponto da serra dezerta, descobriram um cofre com um tezouro estupendo. O cofre tinha trez chaves distintas. Assim, cada um necessitava do concurso dos outros dois para abri-lo.

Era muito cedo. Fazia-se mister esperar a noite, porque eles não podiam em pleno dia transportar o cofre. Até lá, porém, havia uma exijéncia muito imperioza; estavam famintos. Precizavam, portanto, antes de tudo que um deles fosse á cidade comprar alimento. Fecharam o cofre e Guannes seguiu. Ficaram Rostabal e Ruy. Emquanto Guannes se afastava, estes, para aumentarem os respetivos quinhões, rezolveram mata-lo. Rezolveram e cumpriram. Quando Guannes voltava com as vitualhas necessárias para a refeição, Rostabal o tomou de ilharga, embebeu-lhe a espada no corpo e depois de curta luta deixou-o prostrado. Mas essa mesma emoção, esse mesmo esforço fizeram o assassino deitar-se por terra, a descançar, fatigado. E Ruy veio então de manso, esgueirou-se até ele e enterrou-lhe, certeiro no coração, a sua faca ponteaguda.

Estava, emfim, dono e senhor das trez chaves, dono e senhor único do tezouro! Sentou-se, tomou o vinho, tomou um pedaco

louro de capão assado, comeu, bebeu. Sentia-se promto para esperar a noite e levar então o tezouro. Mas, de súbito, cambaleou: uma chama queimou-lhe o estomago, uma nuvem velou-lhe os olhos. Estava envenenado! O irmão, que tinha ido buscar o alimento, no que primeiro pensára fôra em matar os outros dois. E, assim, o tezouro lá ficou abandonado. Esses trez desgraçados, que na mizéria tinham vivido unidos, a simples possibilidade de possuirem um tezouro bastou para os dezunir, bastou para que os fizesse se entredestruirem!

Um pirata da idade-média a quem referissem esse conto talvez o interpretasse de outro modo, vendo no fim trájico dos trez irmãos a influéncia de algum guarda misteriozo do tezouro.

Esses piratas tinham uma crença muito firme. Eles não podiam trazer comsigo as prezas que faziam. Temiam confia-las a quem as podesse roubar, emquanto estivessem no mar. Assim, o que lhes parecia mais seguro era escondê-las em grutas ou em caixas, que enterravam em ilhas dezertas.

Mas isso não bastava. Para que ficassem guardadas por um guarda de incorruptivel fidelidade e de indefectivel vijiláncia, eles to-

mavam algum dos prizioneiros que tinham feito, matavam-n-o especialmente para esse fim e enterravam-n-o junto ao tezouro. Acreditavam que o espírito da vítima incutiria um terror extremo em quem tentasse apossar-se do tezouro.

Um poeta inglez, G. Scott, aludiu a esse horrivel costume em uma das suas baladas : « Não confies tua preza ao capitão ou ao camarada, mas de preferéncia procura um lugar em que a lua vista com sua pálida luz craneos e esqueletos ; cava aí um recesso profundo, esconde as tuas prezas e pede aos mortos que t'o guardem.

« Mata um escravo ou um prizioneiro sobre o túmulo do teu tezouro e ordena ao seu espírito aflito que em suas solitárias vijílias passe as noites a guarda-lo » (1).

Mas ou fosse o efeito de guarda de alguma misterioza sentinela desse género, ou fosse mais simplesmente dezenfreada ambição muitos maldirão, ouvindo ou lendo aquele conto, o poder nefasto do ouro.

Poder nefasto do ouro, sim, mas uma mulher formoza pela qual os trez irmãos se

---

(1) BRAVETTA. — *Le leggende del mare*, p. 66.

houvessem apaixonado não produziria o mesmo rezultado? — Sem dúvida alguma! A História cita inúmeros fatos de irmãos assassinando ou torturando irmãos por cauza de uma mulher: é o cazo de D. Pedro II e D. Afonso VI de Portugal. A história cita até o exemplo de pais matando os filhos, para tomar-lhes as mulheres ou as noivas. E', segundo afirmam alguns, o cazo de Felipe II de Hespanha...

E ninguem dirá que conviria acabar com as mulheres formozas... Tudo está em conquista-las, como em conquistar a fortuna, limpa e dignamente.

Lord Chesterfield não se embaraçava com tais escrúpulos, quando dizia ao filho: « Ganha dinheiro, meu filho... honestamente, si tu poderes... Mas ganha dinheiro! »

Era isso mais ou menos o que os romanos procuravam incutir em todos os espíritos, porque Juvenal afirma que a todas as crianças se ensinava como o preceito supremo: « *Oportet habere!* » — « *Convem possuir!* » Ainda não sabiam lêr é já recitavam esse preceito de Ennio, que os incitava á conquista da fortuna. E Juvenal, o grande poeta satírico, que censurava tantas outras couzas, entuziasmava-se diante desse preceito, achan-

do-o digno dos deuzes e do próprio Júpiter! (1)

São conselhos cínicos e excessivos. Mas excessivo é tambem deblaterar liricamente contra o ouro, como o fazem estes versos de Gonçalves Dias, em que ele declarava gostar da pobreza :

« Ouro, — poder, encanto ou maravilha
da nossa idade — rejedor da terra
que dás honra e valor, virtude e força,
que tens offertas, oblações e altares. —
embora teu louvor cante na lira
vendido menestrel, que poude insano
do grande á porta renegar seu génio!

Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,
com pouco vivo ; — sobre a terra, á noite
meu corpo lanço, descançando a fronte
num tronco ou pedra ou mal nacido arbusto,
sou mais que um rei co'o meu docel de nuvens,
que tem gravados cintilantes mundos! »

Não sei quem era o « vendido menestrel » a que o poeta alude; mas o que todos sabemos é que Gonçalves Dias estava lonje da pobreza que alardeia. Foi, voltando da Europa, que, ele naufragou e morreu. E não se

(1) CAGNAT. — *A' travers le monde romain*, p. 50.

vai do Brazil á Europa « descansando a fronte num tronco ou pedra ou mal nacido arbusto... »

Mais sincero foi, de certo, Alvares de Azevedo que várias vezes cantou a falta de dinheiro lamentando a deficiéncia de algumas libras esterlinas, que ele chamava simplesmente « as louras » :

Sem ele não ha cova! quem enterra
assim gratis, « a Deo »? O batizado
tambem custa dinheiro. Quem namora
sem pagar as pratinhas ao Mercúrio?
Demais, as Danaés tambem o adoram...
Quem imprime seus versos, quem passeia,
quem sobe a deputado, até ministro,
quem é mesmo eleitor, embora sábio,
embora genio, talentoza fronte,
alma romana, si não tem dinheiro?
Fora a canalha de vazios bolsos!
O mundo é para todos... Certamente
assim o disse Deus, mas esse texto
explica-se melhor e doutro modo...
Houve um erro de imprensa no Evangelho.
O mundo é um festim, concordo nisso,
mas não entra ninguem sem ter as « louras »...

E em outro lugar, explicando qual era sua desgraça, ele dizia :

Minha desgraça não, não é ser poeta,
nem na terra de amor não ter um eco...

É, meu anjo de Deus, o meu planeta
tratar-me, como trata-se um boneco...

Não é andar de cotovelos rôtos,
ter duro como pedra o travesseiro...
Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido
cujo sol (quem m'o dera!) é o dinheiro...

Minha desgraça ó cándida donzela,
o que faz que meu peito assim blasfema,
é ter por escrever todo um poema,
e não ter um vintem para uma vela.

Aí houve de certo exajero, pois que Alvares de Azevedo não era tão pobre como apregoava.

Mas outro poeta maranhense, Correia de Araujo, querendo voltar á tradição de Gonçalves Dias, investiu mais terrivel e aliaz mais inspiradamente contra o ouro:

E o oiro, o oiro, o oiro,
o doirado e terrivel sorvedoiro
de virtudes e de almas:
sinistro pulso de demonio falso,
que leva justos para o cadafalso
entre apupos e palmas;
hidra infernal de multiplas cabeças
que prende o homem aos lodaçais da terra,
em bastilhas de ténebras espessas;
o deus do mal, o creador da guerra,
o semeador de lágrimas e vícios,

sentinela do cetro do tirano,
escultor dos bordeis e dos hospícios,
único autor do sofrimento humano :
é a mão de gigante ensanguentada,
cheia de vendavais e cataclismos,
cavando sempre pela humana estrada
precipícios e abismos...

O ouro faz todo esse mal, mas faz tambem muitos benefícios. Não se deve lançar nenhum anátema contra os que procuram, contra os que conseguem ganhar muito. O ideal não é que não haja quem tenha muito dinheiro, fortunas colossais. O ideal é que cada um só ganhe o que mereça e que, si quizer ganhar muito, mereça muito. A concepção dos povos tímidos é que se preciza economizar : que cada um deve reduzir ao mínimo as suas necessidades. E' uma concepção mesquinha da vida.

O ideial não está em restrinjir as necessidades : está em cada um ampliar o seu lucro para satisfaze-las. O camponez europeu, vivendo com infinitas privações, mas economizando no clássico pé de meia, é o tipo dos que encaram a vida de um modo estreito. Nunca satisfazem de todo nenhum dezejo. O *yankee* audaciozo, que goza, que gasta, que ganha rejiamente, que despende magnifica-

mente, é o tipo dos outros, os que, ao passo que aumentam os seus dezejos, procuram aumentar os meios de satisfaze-los,

Aumentar honestamente!

Judas ganhou muito pouco e esse pouco foi o bastante para infama-lo. Os trinta dinheiros — admitindo que cada *dinheiro* valha pouco mais ou menos « 600 » réis, importaram apenas em 18$000 (1) Magra soma, para tão grande infámia... Enormes fortunas se podem, entretanto, fazer, com toda a honestidade, á força de trabalho, de esforço, de talento.

Conta-se de um imperador romano, Vespaziano, que ele taxou os esgotos de Roma. Deu mesmo a esse imposto um nome sonoro, chamando-o o imposto do *ouro lustral* (2). Certa vez que o filho lhe manifestava repugnáncia pela orijem desse rendimento, ele lhe passou uma moeda por baixo do nariz e

---

(1) Ha diversas igrejas que mostram aos fieis, como relíquias, alguns dos trinta dinheiros. E' o cazo da Catedral de Oviedo (G. DORÉ et Baron CH. DARVILLIER. — *Voyage en Espagne — Tour du monde*, 1872, II, 374) das Igrejas de S. Diniz, em Pariz, dell'Annunziata, em Florença, de Sta Cruz e de S. João de Latrão, em Roma. Nesta última até mostram aos fieis a lanterna com que Judas estava, quando subiu ao Gethsemani. (*Dizionario delle reliquie e dei santi*, p. 93.)

(2) CABANÈS. — *Mœurs intimes du passé*, I, 355.

exclamou : « *Non olet* ». Queria assim exprimir que a orijem pouco importava. Viesse dos esgotos, viesse de onde viesse, não se distinguia do outro ouro.

Mas o que eu penso é que esse imperador se enganava...

A orijem é tudo.

Dinheiro haja! — é sempre lícito dizer, mas quando se acrecenta mentalmente : *por bem e para bem :* havido por bom meio; despendido de bom modo...

CIUME E CIUMENTOS

CONFERÉNCIA REALIZADA NO SALÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMÉRCIO.

UANDO estas conferéncias literárias começaram, uma das primeiras foi precizamente sobre o ciume.

Fè-la o Dr. Manuel Bomfim, cujo trabalho é uma pájina de psicolojia realmente interessante.

Mas o assumto é tão grande e tão obscuro, que por muito que várias pessoas dele se ocupem, nenhuma o esgotará. Cada um de nós escolhe fatos diversos, grupa-os de certo modo e a novidade que falta no material pode existir no arranjo.

Novidade não quer aliaz dizer bondade...

Para que se sinta imediatamente como o ciume é um sentimento de análize dificil, basta apontar este primeiro fato : é um sentimento sem mímica.

O amor, o ódio, o medo, a cólera, a compaixão — todas as emoções tèm gestos caraterísticos e inconfundiveis. O olhar, a boca, a face, ás vezes o corpo inteiro, tomam atitudes especiais para exprimir as outras paixões. Para exprimir o ciume não ha atitudes nem gestos próprios. Quando ele se converte em cólera — a cólera é patente. Mas é já a cólera; não é mais o simples ciume.

Darwin, que escreveu um livro admiravel sobre a expressão das emoções, pôz este fato bem em relevo. Para fazer esse trabalho, ele tinha dirijido um questionário a viajantes, a missionários, a pessoas que haviam lidado e lidavam ainda de perto com os vários povos da terra. E todos lhe responderam que em parte alguma o ciume tinha uma mímica especial (1).

Isso mostra como é um sentimento de estudo mais dificil que os outros.

Os próprios poetas que dele têm falado largamente não lhe acharam ainda um epíteto indiscutivelmente adequado. Antonio Feijó comparava-o a um morcego :

> Rimei estas oitavas dia a dia,
> para esquecer um íntimo pezar...

(1) DARWIN. — *L'expression des émotions*, paj. 84 e 285.

Dizer as nossas maguas alivia,
é um balsamo cantar...
Assim na grande nau da Fantazia
pelo Oceano das Lágrimas navego,
entre as doiradas vespas da Ironia,
e o Ciume — esse morcego...

Shakespeare, tão feliz em outras creações, só achou para falar do ciume a comparação que se tornou clássica : « monstro de olhos verdes ». Por que verdes? Pois nos olhos negros não póde haver, não ha talvez mais correntemente o furor do ciume?

É uma expressão vaga, que se poderia aplicar a outras emoções. Ha mesmo uma que é vizinha do ciume, com o qual frequentes vezes se confunde : a inveja. Em algumas linguas a mesma palavra pode servir para exprimir as duas couzas. É, por exemplo, o que ocorre em francez, onde existe, é certo, o termo *envie*; mas onde se póde empregar e se emprega correntemente *jalousie*, em frazes que em portuguez pediriam o termo *inveja*.

De fato, ha nessas duas emoções muitos elementos análogos. O que incomoda tanto ao ciumento como ao invejozo — é o fato de outro indivíduo ter a posse de alguma couza. Mas o invejozo quer mesmo aquilo a que ele não tem e nunca teve direito; aquilo que, si

lhe dessem, ele poderia não saber gozar. O que o irrita é que outros sintam o prazer.

O ciumento não: ele só se irrita contra o que lhe parece o esbulho de um bem, que ou já foi seu ou que ele acha que devia ser.

Em portuguez, não excluzivamente, mas em todo cazo mais fortemente que em outras linguas — talvez por força da sua etimolojia — a palavra *ciume* ficou sobretudo para o amor. Nós dizemos — é certo — « ciozo das glorias alheias », « ciozo da sua dignidade ». Mas são metáforas; ao passo que em francez *jaloux* seria aí empregado normal e naturalmente.

Estas pequenas notas preliminares servem apenas para mostrar como o ciume é uma emoção de análize dificil. Faltam-lhe certos aspetos exteriores que facilitam o estudo de outras. Não deu ainda aos homens de letras, que ha tantos séculos o estudam e descrevem, a sujestão de epítetos nitidamente apropriados, especializados. Em algumas linguas o seu vocabulário — si assim se póde dizer — é quazi o mesmo de outra emoção: a inveja. E isso prova que até certo ponto essas duas emoções se confundem.

Alguns pensadores acham que aquilo a que nós chamamos propriamente o ciume é um

sentimento relativamente moderno. O que ás vezes nós dezignamos com esse nome, referindo-nos a povos primitivos ou selvajens, não merece, na opinião deles, essa dezignação.

Eles dizem que aquilo que os homens primitivos tinham, quando se encolerizavam, porque alguem lhes queria tomar uma companheira, era zelo de proprietários; não era o sentimento penozo nacido do receio de perder o amor. Para esses autores o ciume é um produto da civilização. Ele é uma das faces do amor. E como o amor de hoje não se parece mais com o dos nossos remotos antepassados, tambem o ciume de hoje é um sentimento inteiramente diverso (1).

Ha nisso uma parte de verdade; mas é uma verdade aplicavel a todos os sentimentos. Todos eles vão variando, perdendo certos elementos, ganhando outros.

O ciume, como nós o compreendemos, difere realmente muito do ciume primitivo. Talvez ele seja apenas um rezíduo, uma sobrevivéncia do modo antigo de conceber o amor. Por isso mesmo, lonje de ser um progresso, como afirma Claude Anet, e de

---

1) V. CLAUDE ANET. — *Notes sur l'Amour*, p. 222.

estar em progresso como tambem ele assegura, a verdade é o oposto : ele é o vestíjio de um modo arcaico de sentir o amor e, em vez de ter tendéncia a crecer, a sua tendéncia é para acabar.

Ha nosso corpo orgams, que já não tèm função. Foram uteis em tempos idos; mas depois deixaram de o ser. Pouco a pouco, irão dezaparecendo. Embora esse « pouco a pouco » seja de dezenas de séculos, tempo virá em que ninguem terá mais o famozo apéndice ileo-cecal, onde se localizam as apendicites. Tempo virá em que não naçam mais os já inuteis dentes do sizo.

E assim como ha orgams, — ha gestos e sentimentos que os homens de hoje fazem sem necessidade, perpetuando apenas uma tradição. O terror pelo escuro que as crianças tantas vezes manifestam, é uma reminicéncia do pavor atávico das infinitas gerações de homens que viveram antes da invenção do fogo. Ainda hoje é uma emoção forte.

Nós vemos esses gestos perpetuados pela herança, embora já hoje sem utilidade até nos animais. Os cãis domesticos, quando tèm que se deitar, dão duas ou tres voltas em roda antes de pouzar definitivamente. Por que? Porque os cãis selvajens tinham necessidade

de calcar a herva, para vêr si nela havia animais ou objetos que os podessem incomodar. E o remoto decendente, agora, deitando-se embora sobre o mais lizo dos soalhos, faz ainda o gesto de calcar as hervas que os câis selvajens precizavam calcar com cuidado.

A esses fenómenos chamam os sociólogos *sobrevivéncias* : são gestos e emoções que sobrevivem, embora já não tenham razão de ser.

Quem sabe si o ciume não é tambem uma sobrevivéncia emocional, destinada a perder-se? Ele foi a princípio o furor do proprietário contra quem lhe queria roubar um bem que lhe pertencia. Hoje a mulher não é mais um objeto, uma *couza*, uma *propriedade*. O cazamento tende a ser a livre associação de duas pessôas livres e iguais. A despeito disso, o ciume persiste, como a recordação daqueles tempos idos.

Si é assim, razão têm aqueles que asseveram que chegará o dia da sua extinção.

Que o ciume tenha nacido da ideia de propriedade não ha a mínima duvida. Letourneau cita povos da Africa, onde não se conhece a palavra « amor », mas onde existe o ciume. A mulher é uma propriedade do marido, que ele póde dar, que ele empresta aos

hóspedes a quem dezeja obzequiar, mas que ele guarda com um ciume feroz, de quem ela queira agradar sem sua licença.

Essa ideia da mulher-propriedade está na Bíblia. Quando nos ensinam nas escolas os mandamentos da lei de Deus, mandam que decoremos o nono : « Não cubiçar a mulher do próximo ».

Mas não é isso o que se acha na Bíblia. Nela o decálogo está repetido em dois livros : no *Exodo* e no *Deuteronómio*. E em ambos o que se lê é textualmente o seguinte :

« Não cubiçarás a caza do teu próximo : não dezejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem outra alguma couza que lhe pertença. »

Os catecismos deixam apenas o ponto referente á mulher, porque lhes parece — hoje — o ponto mais importante. Mas a enumeração começa pela caza e, si fala na mulher, fala tambem no boi e no jumento e termina de um modo bem expresso : « ... nem outra couza que lhe pertença ». Porque tudo isso para os hebreus eram couzas.

No proprio Deuteronómio Deus diz aos judeus o que eles devem fazer quando vencerem alguma cidade inimiga : « ...tu matarás

todos os homens com o gume da tua espada. Mas as mulheres, as crianças, os animais e tudo o que estiver na cidade, todos os seus despojos, tu o saquearás para teu proveito...»

Estas expressões que nos parecem grosseiras, que nos chocam e repugnam, provam bem como a mulher reprezentava uma simples propriedade, arrolada entre as outras, misturada com os objetos e os animais.

Ha mesmo na História um exemplo maravilhozo dessa concepção.

De todas as virtudes humanas só uma existe, cujo nome deriva do nome de um homem. O homem que teve essa honra foi Catão. Ainda hoje, para louvarmos alguem, dizemos que é um modelo de *catonismo*. Catão foi o zelador austero das mais conservadoras tradições do seu tempo. Oliveira Martins, na Historia da Republica Romana, diz : « Timbrava, gloriava-se mais de ser um bom marido do que um grande senador » (1).

Pois bem : esse homem, admirado como um modelo de virtudes, cedeu a mulher a um seu amigo, que dela gostava. Passou-lh'a. Emprestou-lh'a. E só quando o amigo morreu, então a retomou.

(1) *Op. Cit.*, I, 286.

O fato nos espanta e nos enoja. Mas não devia, de certo, espantar nem enojar os romanos, que nem por isso dezestimaram Catão. A mulher era um objeto de seu uzo. Ele dispôz dela como quiz. Não lhes parecia que o ato fosse censuravel.

Já, no emtanto, havia nesse tempo o ciume. Mas o que se dezignava por esse nome era o simples zelo do proprietário pela couza possuida, pela mulher que ele considerava um objeto seu.

E' sob tal fórma que nós encontramos o ciume primitivo.

Um outro lejislador bem austero, — austero até a ferocidade, — Licurgo, não admitia tambem o ciume amorozo e zombava dos maridos ciumentos (1).

Póde haver — e ha, de certo — pessimismo e estreiteza de vistas nos que dizem que ainda hoje o ciume é só isso. Nietsche acha que o ciumento não prova que ama os outros; prova que se ama a si mesmo. Ele assevera que, si o ciume « é sinal de amor », isso demonstra que o amor é apenas instinto de propriedade.

É bom dizer que houve um período na his-

---

(1) VILLENEUVE. — *Le baiser en Grèce*, p. 25.

toria de França em que, na alta aristocracia, era de absoluto rigor não ter ciumes. Ia-se mesmo muito lonje nesse caminho. Até o primeiro filho, a mulher devia ser virtuoza. Depois, não. Um marido bem educado não se importava que a mulher tivesse amantes. Conversava a esse respeito, simples e naturalmente, como de uma couza justa e razoavol. Alguns faziam o que fez Catão e melhor ainda, porque traziam os amigos a caza para se encontrarem com a mulher.

Não pensem que se tratava de fatos abjetos de lenocínio. Um autor francez que expõe esses cazos, receiando tambem a incredulidade de seus leitores, escreve textualmente: « Não ha nisto exajeração. Eu me limito a expôr a grande lei de civilidade que nessa época regula o cazamento (1).

Os homens, que ajiam daquele modo, eram fidalgos estimados, que continuavam a merecer a consideração geral.

Um dos raros psicólogos contemporáneos, que analizaram com sagacidade esse sentimento, foi o professor Georges Dumas, no seu belo livro sobre *A tristeza a e alegria.*

---

(1) ALFRED FRANKLIN. — *La civilité, l'étiquette, la mode, le bon ton du XIII au XIX*, II, p. 96.

Ele mostrou de que elementos póde ser feito o ciume. É a sensação de que certos atos de posse, de afeição, de confiança vão cessar.

Isso importa em um amesquinhamento da nossa influéncia, em uma diminuição de poder. Isso importa mesmo, em alguns cazos, a noção da dezonra, da possibilidade de ser impelido a praticar um crime, cujas consequéncias a imajinação não póde deixar de evocar mais ou menos nitidamente.

A análize é justa, diante dos nossos sentimentos contemporáneos. Sentimentos e preconceitos. Mas isso não se aplica ao ciume de outros povos e outros tempos. Catão, embora tenha emprestado a mulher a um amigo, sabia que para rehavê-la bastaria querer. Não sentia, portanto, limitada sua influéncia, nem diminuida sua afeição. O cazo para ele não era tambem dezonrozo. Si, porém, o amigo tivesse, sorrateiramente, escondidamente, obtido o amor de sua mulher, Catão se zangaria. Sentir-se-ia roubado.

Vè-se que, sob o mesmo nome de ciume o conteúdo desse sentimento variou extraordinariamente no correr dos tempos.

Ele naceu efetivamente da ideia de propriedade. E' talvez apenas uma sobrevivéncia.

Mas, depois de se ter reconhecido isso, cumpre acrecentar que, diante da complicação da vida moderna, essa sobrevivéncia se foi, não só atenuando, como entremeando com outros sentimentos...

Um analista sutil — Paul Bourget — fez uma classificação dos ciumes : o dos sentidos, o do coração e o da cabeça.

O dos sentidos se carateriza, porque o insuportavel para quem o sente é a reprezentação material, a evocação, a vizualização do amor da pessôa, que se dezeja, com qualquer outra pessôa.

E Bourget conta uma anedota, que eu só posso referir aqui em suas linhas gerais. Era a história de um solteirão de bom gosto, que passava geralmente as tardes e as noites no seu club. Um amigo íntimo, Raymond Casal, pediu-lhe que lhe permitisse ter no seu apartamento encontros com alguem que ele amava...

E assim foi durante muito tempo.

Mas afinal ele se cansou. Um dia, conversando com o dono do apartamento, contou-lhe o enfado de que já estava possuido e disse-lhe o dezejo que tinha de ver-se livre daquela, que ele tanto amara em outro tempo.

— Mas é uma mulher formozíssima, objetou o confidente.

— Pois vê — disse-lhe Casal — si a tomas para ti.

— Sério?

— Sério. Fazes-me um grande favor.

Combinaram então que no dia da primeira entrevista Casal não iria á hora combinada. Em vez dele, porém, apareceria o amigo, que procuraria tomar-lhe a sua antiga apaixonada. — Conquista que devia ser tanto mais facil quanto ela teria motivos para se julgar abandonada. Mais tarde Casal apareceria, bateria á porta alguns instantes e retirar-se-ia. Estaria, portanto, autorizado a romper.

Tudo se passou como estava combinado. Ela veiu e Casal faltou. O amigo apareceu. Encontrou-a, sucumbida e irritada. Não teve dificuldade, naquela crize violenta de despeito, de conquista-la.

Pouco tempo depois, chegou Casal e bateu. Bateu de leve. Não lhe abriram. Era o que estava assentado. Mas ele continuou a bater, cada vez mais fortemente, fez-se possesso, estava quazi a arrombar a porta, quando o outro, surpreendido, decidiu-se a abrir. Casal lançou-lhe ao rosto um insulto. O amigo estava pasmo.

No dia seguinte bateram-se em duelo. E Casal retomou os seus antigos amores por longo tempo ainda...

Assim, ele tinha querido romper. Mas, quando chegou á porta do apartamento só para fazer o gesto convencionado, a evocação nítida e preciza da beleza da mulher que por tanto tempo o amára, a evocação naquele quadro, que lhe era familiar, o arrebatou num impulso de ciume louco e o levou áquela cena.

Bourget chama a esses ciumes, que nacem principalmente da lembrança das cenas do amor passado, ciumes dos sentidos.

O ciume do coração é para ele mais nobre. Consiste no dezejo que teria o ciumento de ter sido o único amor — o único e o melhor.

E Bourget conta a história de um rapaz, que sempre amára uma bela moça. Não podendo cazar-se, viera para a América trabalhar. Voltou rico. Voltou e achou já viuva e com uma filha, a mulher que ele tão longamente dezejára.

Cazou-se com ela. Adoravam-se. Mas era ele quem contava, que a prezença da filha do matrimónio anterior, que ele tratava aliaz com todo o carinho, o enchia ás vezes de ciumes. Ciumes retrospetivos. Ele quereria

ter sido o único amor da que tambem para ele fòra o amor único.

Esse sentimento não é talvez muito raro. Criminalistas ha que mencionam o número de vezes, em que padrastos e madrastas maltratam enteados, só porque estes lhes lembram os seus antecessòres. Luiz Guimarães Junior tem um belo soneto a esse respeito e Goulart de Andrade pòz em cena, em um *lever de rideau*, o segundo marido de uma mulher que, vendo uma estátua do primeiro, lhe dizia :

Não te poder vencer emquanto vivo... Embora!
Ela tambem foi tua e entre os braços outr'ora
a tiveste. Esse olhar, que é de bronze, procura
inda achar o explendor da sua formozura.

Outro poeta brazileiro, Mário Lima, exprimiu tambem sentimento idéntico. E como o exprimiu em belos versos, vale a pena cita-lo :

Quando medito que, antes do meu santo,
meu grande amor, outros te amaram, como
sinto não ter sido eu que sempre o assomo
dessas paixões tivesse. . Eu te amo tanto!

Sofro por isso... A alma se banha em pranto
e eu que a paixão fortíssima não domo
duvido até do teu amor, — um pomo
cubiçado por outros que eu suplanto.

Odeio a todos que te amaram... Veio
o ódio nacendo deste amor... Odeio
áqueles mesmo que te enalteceram.

Quero te amar sózinho... E, na avareza
do meu afeto, eu temo, na incerteza,
que inda te lembres dos que te quizeram!

Esta multiplicidade de citações, cuja lista seria facil alongar, prova que o ciume retroativo nada tem de raro.

O ciumento de cabeça é o da pura vaidade. O que o molesta é que a pessôa de quem ele foi amado ouze amar um terceiro.

A's vezes, foi ele quem a lançou ao abandono. Julgava, porém, que ela ficaria aniquilada, sucumbida. Quando sabe, entretanto, que foi substituido, tem uma explozão terrivel de ciume.

Essa classificação de Bourget — defeituoza e fantazista — admite muito bem que pode haver ciume sem amor. No sentir do povo se acredita, porém, geralmente, que os dois sentimentos andam juntos.

Isso parece estar na etimolojia da palavra *ciumento* em francez, inglez, hespanhol, italiano... Em todas essas linguas o *jaloux, geloso, celoso, jealous* vem da palavra grega *zelos*: ardor, fervor; palavra que por sua vez

vem da raiz *zes*, que significa *ferver*. Nós temos tambem em portuguez aquele termo *zelos* empregado como *ciumes* (1).

Assim, parece impossivel estar a ferver de amor sem tambem estar pelo menos propenso á fervura dos ciumes.

O povo não tem dúvidas a este respeito :

> Amar e não ter ciumes
> isso não é querer bem ;
> quem não zela o bem que ama
> muito pouco amor lhe tem.

Mas essa observação não é verdadeira. Ha grandes amores sem ciumes. Grandes amores, calmos, confiantes, seguros da sua força. E ha tambem ciumes sem amor, como Bourget, como muitos outros escritres têm mostrado. Tolstoi tem em um dos seus romances um personajem que diz á espoza : « Por acazo, eu amo o meu dedo? Não. E' bem claro que eu não amo o meu dedo ; mas, si m'o cortassem, eu sofreria atrozmente. Tambem a ti eu não amo, não posso dizer que te ame. Mas, si te perdesse, não poderia mais viver » (2). — Este sentiria ciume ; embora sem ter amor...

---

(1) F. Garlanda. — *La filosofia delle parole*, p. 96.
(2) Citado em L. Dugas. — *L'imagination*, p. 145.

Afinal, a verdade é que o ciume depende, sobretudo, do poder da imajinação. O que Bourget chama o ciume dos sentidos é sempre o mais forte : pensar, imajinar, evocar, alucinar-se, reprezentando o amor que era nosso e que nos roubaram. Vêr as cousas, que a gente receia, como si estivessem ali diante dos nossos olhos.

Por isso, as traições dos amigos são mais insuportaveis. Si dizem a alguem que a pessôa que ama o iludiu com um extranho, ele pode bem evocar a pessôa amada, pois que lhe conhece a voz, o gesto, as palavras. Mas falta-lhe o conhecimento exato do outro termo da traição — si assim se pode dizer.

Tratando-se de um amigo, esse outro termo é conhecido. A evocação torna-se completa, flagrante, dolorozíssima.

Pode-se achar um sentimento ao menos em parte análogo no que acontece em muitos povos selvajens, que tem um grande ciume de seus compatriotas, mas não tem ciume dos europeus, aos quais emprestam sem cerimónia as mulheres (1).

Maurice Bouchor, que tem alguns dos mais belos versos que eu conheço sobre o ciume,

---

(1) WESTERMACK. — *Op. Cit.*, p. 127.

dizia em um soneto admiravel que ele tolerava todas as traições, menos porém, quando se tratava dos amigos :

« Ah! de si vieux amis, des êtres que l'on aime,
les sentir lourdement vous marcher sur le cœur! »

E Cécile Périn, uma das melhores poetizas francezas contemporaneas, dizia tambem, depois de acabado um amor, que pensava sem ciumes, nas que a tinham precedido; pensava sem ciumes nas que se lhe tinham seguido; mas ainda apoz tanto tempo não podia evocar sem angústia, o olhar das que lhe sorriam ao homem amado, quando ela o amava.

É que exatamente nesse tempo qualquer imajem de traição lhe seria facil de evocar — ao menos da parte dele. — Como ele tinha sido antes? Como viera a ser depois? Eram fazes que já não poderia imajinar com tanta precizão.

Alphonse Daudet diz nas suas « Notas sobre a vida » que « a erudição do sentimento atrapalha para sentir ».

Realmente, quando alguem conhece muitas obras literárias, tem na imajinação milhares de romances, centenas de peças de teatro, fica um pouco impossibilitado de sentir as

couzas bôamente, simplesmente, injenuamente, como elas devem ser sentidas. Cada situação nova que se nos aprezenta na vida, já não é nova, porque logo é possivel recordar várias outras, parecidas, análogas, idénticas. E' a erudição do sentimento atrapalhando o sentimento.

Essa erudição é a que tem no amor os grandes sedutores.

Afinal, o amor é menos diverso do que dizem os poetas. Os conquistadòres profissionais chegam depressa a conhecer-lhe todas as variedades. E dá-se então esse cazo interessante : é que, em geral, ou talvez por essa mesma razão, quanto menos amam, mais têm ciumes. Menos amam, porque os novos amores que se lhes deparam são iguais a numerozos outros anteriores. Mas tèm ciumes — precizamente por isso : porque lhes é mais facil do que aos outros imajinar todos os pormenores de todas as traições possiveis.

Os sultões, senhores de populozos serralhos, são muitas vezes terrivelmente ciumentos. Ainda este ano, na véspera de ser deposto, Abdul-Hamid matou, por ciumes, uma bela circassiana de 18 anos de idade, só pelo receio de que ela viesse a cair em poder de

outros. Mahomet poz no Alcorão preceitos muito sábios aconselhando suas mulheres a que não tivessem ciumes; mas revelando ele mesmo que os tinha, porque multiplicou as cautelas afim de que os outros homens não se aproximassem muito delas.

Quanto mais é facil imajinar as traições, mais o ciume é possivel — haja ou não haja amor. Por isso, os povos muito imajinativos são muito ciumentos. E' o cazo dos persas. E' o cazo dos árabes.

Ferrero fez um estudo comparativo entre o ciume na Itália e o ciume na Inglaterra e na Alemanha. Ele diz que na Itália, sobretudo ao sul, o cazamento é uma prizão.

« A partir do dia em que fica noiva, uma rapariga napolitana não pode mais sair de caza. E, si em outros logares a prizão não é tão rigoroza, começa, porém, sempre, a partir daquele dia, para a mocinha uma verificação constante e uma espionajem ativíssima, primeiro do noivo, depois do marido, espionajem que só cessará, quando os cabelos brancos, as rugas da face e a bôca murcha e caida forem para a virtude uma defeza muito mais insuperavel que a de todos os dragões do ciume. »

E Ferrero diz em contrapozição :

« O ciume (sexual) é um sentimento quazi desconhecido aos alemãis e aos inglezes, cujo amor é muito mais confiante, muito menos torturado pela angústia contínua de perder o seu tezouro. »

E Ferrero mostra que na Itália, como na França, na Hespanha e em geral nos paizes latinos, o criminozo por ciume é absolvido e sai, ás vezes, dos tribunais entre aplauzos. Na Inglaterra acaba na força. De resto, os crimes dessa natureza são lá extremamente raros.

Um inglez, que se sabe enganado, não mata o sedutor : pede o divórcio e uma indenização em dinheiro.

« Lêde, — diz Ferrero — os jornais inglezes e todos os dias neles encontrareis, entre os processos de divórcio, cazos de semelhantes reparações de honra feitas não a revólver, mas a cheques : as somas variam segundo os cazos, mas o princípio é sempre o mesmo. »

Este depoimento é curiozo. Ninguem dirá que o inglez não seja um povo essencialmente moralizado, um povo em que a constituição da família é muito sólida. Falta-lhe, porém, o que é o nosso caraterístico : a imajinação. E a imajinação é um fator essencial do ciume. Os inglezes, porque não a tem,

rezolvem os delitos de amor como os outros delitos, calmamente, friamente.

Ferrero faz notar que um marido italiano, na constante espionajem da mulher, não deixará jamais de lhe abrir as cartas; ao passo que um inglez consideraria tão grave abrir a correspondéncia de sua espoza, como de qualquer extranho.

Aliaz, esses eternos fiscalizadores deviam sentir que não ha fiscalização que não possa ser vencida pela astúcia feminina.

O papa Pio II, quando era apenas um escritor ilustre, Eneas Sylvius, zombou dos seus compatriotas, achando que eles faziam mal em viver enclauzurando as mulheres. porque as mulheres dezejam principalmente o que se lhes proíbe e fazem menos mal quando se lhes deixa toda liberdade de ação (1).

Certo poeta francez, que era dessa opinião, Furetière, gabava-se de que só devia uma das suas bôas fortunas ao ciume de certo marido :

> Iris m'était inexorable,
> lorsque son défiant époux

(1 H. Ellis. — *La pudeur*, p. 73.

mal à propos devient jaloux :
o dieux! qu'il me fut favorable!
La belle Iris me prit au mot,
en dépit de son fâcheux maître;
et ce pauvre homme fut un sot
par la seule crainte de l'être.

Um médico, que viveu na Pérsia alguns anos a serviço do avô do Chá atual, conta que lá as mulheres vivem enclauzuradas, por traz de muros altíssimos, guardadas por eunucos vijilantes. E assim mesmo os ciumentos não deixam de ser logrados!

Dizem que os chinezes inventaram a moda dos pés femininos deformados, por ciume, para impedir que as mulheres andassem muito. O que aconteceu foi que elas aprenderam a andar assim mesmo, tão rapidamente como as mulheres ocidentais.

Tambem esses mesmos chinezes e judeus obrigavam as mulheres a trazer saias orladas em baixo por uma carreira de guizos. Assim, para onde iam, iam fazendo barulho. — E' inutil dizer que esse, como todos os recursos dos ciumentos, não serviu de nada...

E ainda tais processos são infinitamente mais brandos que os de certos povos em que os maridos cortam o nariz, raspam os cabelos e as sobrancelhas ás respetivas mulheres

para que não infundam dezejos aos outros (1).

O processo deve ser eficaz... O que resta saber é si, depois disso, as mulheres assim truncadas, peladas e raspadas, ainda continuam a inspirar afeição aos maridos...

Nem todas as verdades se dizem. Si não fosse isso, eu diria que a mulher seria capaz de enganar a Deus... Mas Deus, para não correr esse perigo, tomou o partido de querer o que elas querem... E' pelo menos o que afirma o ditado francez : *ce que femme veut Dieu le veut...* Assim, deve-se crer que é Deus que quer a derrota e escarnece dos ciumentos.

No emtanto, alguns antropolojistas acham que o ciume teve um grande mérito : talvez tenha sido ele o pai de uma virtude delicadíssima : o pudor.

De fato, em muitos povos selvajens só as mulheres cazadas andam vestidas. E' a gente que tem dono. O dono as resguarda de alheias e indiscretas cubiças. As solteiras — essas podem e devem mostrar-se (2).

Ora, não ha dúvida nenhuma que o pudor naceu do hábito de andar vestido. A versão

---

(1) WESTERMACK. — *Op. Cit.*, p. 116.
(2) H. ELLIS. — *La pudeur*, p. 98.

da Bíblia, de que o dezejo de vestir-se veio do pudor, é exatamente a inversão da realidade. Todos os etnólogos e antropolojistas são unánimes a esse respeito.

Só se discutem os motivos por que apareceram os primeiros vestuários — motivos que parecem ter sido diversos em pontos diferentes. Assim, por exemplo, nesses lugares em que só as cazadas se vestem, o ciume parece ter sido a cauza evidente dessa inovação.

Mas esses selvajens foram tolos. O vestuário deve ter sido contraproducente. Si eles tivessem feito a estatística dos ciumentos com e sem razão, antes e depois dos vestuários, teriam, de certo, verificado que os enganados depois foram muito mais numerozos.

E tanto a experiéncia parece ter demonstrado isso, que nós, civilizados, invertemos esse sistema : permitimos ás cazadas uma amplitude extraordinária de decote, que não consentimos ás solteiras... Por quê? Porque verificamos que o vestuário é uma sedução. Por isso mesmo o exijimos com um rigor maior para as que ainda precizam uzar mais fortemente dessa arma...

O que se vê, por conseguinte, é que tanto as astúcias como os meios coercitivos dos

ciumentos não adiantam muito. Os pobrezinhos são sempre logrados.

Por isso, o recurso melhor talvez seja o pedido — o pedido injénuo e simples; o pedido um pouco abobalhado, mas emfim, despretenciozo e humilde. Era isso que tentava Gonçalves Dias, exorando, suplicando :

Hontem no baile
não me atendias,
não me atendias,
quando eu falava.

De mim bem lonje
teu pensamento,
teu pensamento
bem lonje errava.

Eu vi teus olhos
sobre outros olhos,
sobre outros olhos,
que eu odiava.

Tu lhe sorriste
com tal sorrizo,
com tal sorrizo,
que apunhalava.

Tu lhe falaste
com voz tão doce,
com voz tão doce,
que me matava.

Oh! Não lhe fales,
não lhe sorrias,
não lhe sorrias,
que era matar-me.

Oh! Não lhe fales
não lhe sorrias,
si então só q'rias
exp'rimentar-me,

Esses versos são aliaz abominavelmente medíocres.

Arthur Azevedo era amado por uma senhora que adorava os literatos. Ele achava muito bom que ela lhes decorasse as produções, as metesse emfim na sua cabeça; mas que não lhes namorasse os respetivos autôres. E era isto que lhe dizia em rimas sinjelas :

Senhora, tu confessaste-me,
em frazes muito indiscretas,
mas explícitas, completas
que aos poetas
consagras funda afeição,
e, quando algum desses bípedes
encontras no teu caminho,
dás-lhe melindrozo ninho
de arminho
dentro do teu coração.

Fez-me doente e melancólico
isso que tu me disseste;

este amor, que aqui puzeste,
proteste,
protestem meu tristes ais.
Eram-me os poetas simpáticos,
hoje cauzam-me negrumes;
ralam-me, bem o prezumes,
de ciumes,
pois são todos meus rivais.

Si entre nós os poetas líricos,
fatores dos teus encantos,
andam por todos os cantos,
e tantos,
que eu já nem sei quantos são,
o teu doce ninho tépido
has de tu ver que aprezenta,
não vinte, trinta, quarenta,
cincoenta,
mas uma população.

Si é como a tenda dos árabes
o ninho teu, lá não entro.
Quizera estar bem no centro
lá dentro;
mas sem ninguem junto a mim,
tão solitário — releva-me
esse retórico arrojo —
como uma joia no bôjo
do estojo
entre o veludo e o setim...

Não acolhas tantos hóspedes.
Vê que eu te amo, que eu te adoro.

Si a teus pés prostado imploro,
si choro,
por que de mim não tens dó?
Agazalha no teu cérebro
toda essa magna caterva.
Mas o coração conserva,
rezerva,
meu anjo, para mim só.

Não se sabe si as senhoras a que se dirijiram Gonçalves Dias e Arthur Azevedo atenderam a tais solicitações... Em todo cazo, o que delas se depreende é que os homens mais intelijentes dezistem de lutar : recorrem diretamente á súplica.

A súplica é, ás vezes, indireta. Os crentes católicos podem dirijir-se ao santos especialistas contra o ciume. Porque ha santos que têm essa especialidade.

Um é Santo Asclípio, que a Igreja festeja a 23 de dezembro. Ele acumula especialidades muito diversas entre si : é bom contra as hemorrajias, os pensamentos impuros e o ciume conjugal. Por que?

— Não lhes sei dizer, visto que nada se conhece ao certo da vida deste santo.

Os outros especialistas contra o ciume são os Santos Inocentes : aquelas famozas crianças que Herodes mandou matar em

Belem, quando lhe constou que Cristo tinha nacido. A Igreja os recomenda como especialistas contra os ciumentos e os ambiciozos...

Vejam, porém, o caiporismo dos ciumentos : os santos que lhes servem de patronos, a quem eles devem recorrer para livrar-se do seu mal, são todos muito suspeitos... De S. Asclípio nada se sabe E quanto ás crianças que Herodes mandou matar em Belém é uma história mal contada — uma calúnia dos inimigos de Herodes... A distáncia de Jeruzalém a Belém era menor que daqui a Cascadura. E Belém era um logarejo secundário. Si Herodes quizesse saber quem tinha nacido em Belém, mandava indagar com a máxima facilidade e segurança. Não se precizava para isso nenhum ajente de policia sagacíssimo no genero do famozo Sherlock Holmes...

Os Santos Inocentes não podem, portanto, do fundo da sua indiscutivel inexisténcia, adiantar nada aos ciumentos.

No emtanto, é curiozo notar que a Bíblia ensinava um remédio seguro para se verificar os cazos de ciumes. Foi Deus — Deus em pessôa — que formulou essa receita. O livro dos Números diz expressamente :

« Tornou o Senhor a falar a Moyzés dizendo... »

O remédio — que os autores sagrados denominam *a agua do ciume* — eram aguas chamadas « *amargozíssimas* » em que o sacerdote punha um pouco de poeira do templo e sobre as quais proferia um certo número de maldições, que o Padre Eterno, na sua excelsa bondade, teve o cuidado de ditar a Moyzés. Feito isso, a mulher bebia as tais aguas.

Si ela fòr inocente « não experimentará mal algum »; mas, si fôr culpada, dizia o Senhor : « Penetra-la-ão as aguas da maldição e inchando-lhe o ventre, lhe apodrecerá a perna. »

Era decizivo. Não se sabe porque um remédio desta ordem caiu em dezuzo.

Talvez Deus mesmo tenha acabado por achar que os ciumentos não merecem apreço...

S. Paulo era dessa opinião. E' verdade que ele não se cazou e dizia que, si cazar é bom, não cazar é melhor.

Era talvez por isso que recomendava aos outros uma tolerância absoluta :

« Pelo que toca, porém, aos mais... si algum irmão tem mulher infiel e esta

consente em ficar com ele, não a largue.

« E, si uma mulher fiel tem marido infiel e este consente em coabitar com ela, não largue a tal a seu marido. »

S. Paulo sabia ter tolerâncias adoraveis. Como ele não queria cazar-se, aconselhava despreocupadamente : « deixem-se de ciumes. »

Das aguas de maldição, das aguas amargozíssimas, receitadas por Deus em pessôa a Moyzés — até esses conselhos de uma ampla liberalidade : quanto caminho andado!

Os ciumentos — no tempo em que Deus fazia cazo deles — deviam importuna-lo muito.

O ofício de ser Deus é, de certo, trabalhozíssimo, pela importunacão de alguns crentes que só dezejam uma determinada concessão, pela qual instam dia e noite...

Todos conhecem, entretanto, a velha história de um homem razoavel, que temia muito os ciumes. Já isso era um bom sinal. Mas o melhor é que, dirijindo-se a Deus, ele não o apertava a pedir só uma couza : ofe-recia-lhe quatro hipótezes distintas, para que o Senhor escolhesse a que lhe fosse mais facil.

Rogava-lhe humildemente : « Fazei, Senhor,

que eu não me caze; ou, si me cazar, que minha mulher não me engane; ou, si me enganar, que eu não saiba; ou, si souber, que eu não faça cazo... »

Era precizo um Deus muito máu para não satisfazer um crente tão conciliador...

Ainda hoje ha uma lejislação que se preocupa com o ciume. E' a lejislação civil dos Turcos. E, cazo espantozo, ela pensa exatamente no ciume das mulheres. O Capitulo VIII do titulo 3° da codificação das leis civis da Turquia manda que os maridos tratem a todas as suas mulheres igualmente bem. E para evitar-lhes o ciume, prevè uma hipóteze em que esse sentimento bem podia exacerbar-se : a hipóteze das viajens. Sabiamente diz a lei :

« Em cazo de viajem, si o marido encontrar dificuldades para levar consigo todas as suas espozas, em vez de escolher entre elas, deve proceder tirando á sorte. »

Esse lejislador foi sábio... Porque, si nas pájinas da História os fatos de ciume feminino não são tão apontados como os do ciume masculino, não deixam de existir.

Um grupo de mulheres de Athenas matou Lais, só por ciume. Lais era aquela que Bilac descreveu :

« Não é maior que a sua a encantadora
graça das fórmas nítidas e puras
da irrezistivel Diana caçadora.

Ha nos seus olhos um poder divino ;
ha venenos e pérfidas doçuras
na fita do seu lábio purpurino... »

Por isso mesmo, porque era assim bela, as mulheres de Athenas a assaltaram a sapatadas e a mataram.

Lais morreu por ser bela... Por conhecer os perigos da beleza alheia, uma poetiza colombiana, Mercedez Florez, fez, em versos aliaz muito bonitos, um voto evidentemente sincero. Ela dezejava ser onipotente para cercar o homem amado de todas as venturas. Todas menos uma : nesse mundo melhor, de luz e amores, só as mulheres não seriam formozas.

« Y ser omnipotente para hacerte
dichoso, el más dichoso de los seres
en un mundo mejor de luz y amores,
do no fueran hermosas las mujeres...

Mas si, no cazo de Lais, o ciume feminino foi feroz, em outro cazo foi deliciozamente cómico. Macróbio, um velho escritor romano, conta que, certo dia, um senador le-

vou o filho para assistir á sessão. A sessão não era pública. Por isso mesmo, quando ele chegou á caza, a mãi teve curiozidade de saber o que lá se passára. O rapaz, entre a promessa que fizera ao pai de guardar segredo e a insisténcia da mãi, rezolveu inventar uma pèta.

Disse-lhe muito a sério que o Senado estivéra a discutir si convinha mais deixar cada homem cazar com duas mulheres ou cada mulher com dois homens.

— E o que rezolveu? Perguntou-lhe a mãi ancioza.

— Nada : respondeu o filho. A questão se decidirá amanhã.

A mãi estava indignada — mas indignada com a hipóteze de cada homem poder cazar-se com duas mulheres. O ciume acendeu-se-lhe, pensando que o marido poderia querer dar-lhe uma companheira.

O certo é que do mesmo modo muitas outras deviam pensar, porque ela saiu conspirando, de porta em porta, e no outro dia, quando o Senado se reuniu, teve a surpreza de ser assediado por uma multidão feminina, numeroza e cacarejante, que vinha pedir-lhe que votasse antes o direito de cada mulher cazar-se com dois homens... Assim, cada

uma, em vez de sentir, poderia apenas inspirar ciumes aos seus dois maridos.

O Senado custou a compreender de onde tinha provindo aquela reprezentação.

Poder-se-ia á vista destes fatos perguntar quais são os mais ciumentos : os homens ou as mulheres?

Ha a este respeito as afirmações mais contrárias. Por mim, eu creio, entretanto, que são os homens. A criminalidade pelo ciume é maior nos homens.

E justifica-se. Nós conhecemos melhor a vida. Pela liberdade que a educação nos dá, podemos figurar melhor, imajinar mais exatamente todas as cenas do amor. E' natural que sejamos mais ciumentos.

Ha muito quem pense que nos paizes em que a poligamia é permitida, a vida das várias espozas do mesmo marido deve ser um horror, por cauza das cenas de ciume.

É um engano.

Conhecem-se, é verdade, povos em que isso ocorre. Um viajante dezembarcando nas ilhas, Fiji, no Pacífico, espantou-se de vèr muitas mulheres sem nariz. Indagou e soube que isso era uma vingança habitual de rivais ciumentas que procuravam morder o nariz das concurrentes, para corta-los com os

dentes. Mas ha tambem povos da Africa Equatorial e de outros pontos em que, quando um homem só tem uma mulher, esta é a primeira a persegui-lo para que se caze com outras (1).

Estas não tem nenhum ciume.

De um modo geral pode dizer-se que durante os primeiros tempos, quando a mulher era a couza possuida, não se lhe reconhecia o direito de ter ciumes. Nos povos bem primitivos o ciume feminino é absolutamente desconhecido.

Foram, portanto, os homens que ensinaram o ciume ás mulheres. Nestas, esse sentimento é de aquizição relativamente recente.

E' verdade que são elas que o dezenvolvem no homem.

Dezenvolvem, não só porque dão cauza a ele (Souvent femme varie...), como ainda porque se creou a tradição de que o ciume é prova de amor e as mulheres gostam de fazê-lo nacer, para desse modo medirem o amor. — Mas é pozitivamente um engano... Si Don Juan existiu, Don Juan foi um grande ciumento.

---

(1) Westermack. — *Op. Cit.*, p. 466, 468.

Seria uma vantajem poder conhecer os ciumentos — para evita-los.

Mas do mesmo modo que não ha uma mímica especial para o ciume, tambem não ha uma fizionomia especial. Lavater, que se gabava de poder diagnosticar todas as paixões humanas pela fizionomia, não deixou o diagnóstico dos ciumentos.

A crença popular acha, porém, que as pessoas muito barbudas e peludas são tambem muito ciumentas. E' uma indicação. Mas uma indicação exata? De fato, os neuropatolojistas acham em quazi todos os indivíduos, que não sabem nem podem amar, dezordens no sistema pilozo : é frequente que tenham a face inteiramente glabra.

Mas ainda aí se vê a pertinácia da opinião popular, achando que os grandes amorozos — si assim se pode dizer — são tambem os grandes ciumentos.

O que a fiziognomonia não consegue, conseguirá por exemplo a grafolojia?

Ela espera chegar lá; mas de um modo complicado. Não ha sinal qualquer de letra, especial aos ciumentos. Acha, porém, o mestre de todos os grafólogos que, si se descobrem em uma escrita os sinais da sensibilidade e do egoismo, deve-se concluir que se

trata de um ciumento. A sensibilidade se revela nas letras ou deziguais ou muito inclinadas e o egoismo nas letras em que ha predominância de traços feitos para a esquerda — traços sinistrójiros — segundo se diz na técnica da grafolojia (1).

Essas afirmações são, para assim dizer, tendenciozas. É necessário começar admitindo o ponto de partida da análize psicolójica : que o ciume deriva do exajêro da sensibilidade e do egoismo.

Acerca do ciume ha no povo abuzões extravagantes. Assim, todos sabem qual é a côr do ciume : azul.

Por que azul? O azul para os alemãis é a côr da fidelidade e da pureza...

João Ribeiro diz que essa attribuição naceu de uma confuzão verbal. Como no portuguez antigo a palavra *celo* tanto queria dizer *céu* como *zelos* ou ciumes, a côr dos céus passou a ser tambem a dos ciumes.

Si o azul fosse realmente a côr do ciume, os olhos azuis deviam ser os dos ciumentos. E nada o permite afirmar.

De uns olhos se queixava, entretanto, uma

---

(1) Crépieux-Jamin. — *L'écriture et le caractère*, 5e édition, p. 352.

senhora, heroina de uma velha anedota. Não diz a história si eles eram azuis ou pretos.

O certo é que o cavalheiro que amava essa senhora teve ocasião de surpreende-la, no momento em que ela lhe estava dando toda a razão para ser ciumento. Foi um flagrante bem caraterizado.

Apezar disso, ela negava. O cavalheiro lhe respondia, com toda a força deste velho pleonasmo :

— Mas eu vi, eu vi com os meus olhos.

E ela — com a facilidade que as mulheres têm para o pranto — chorava abundantemente :

— E' isso. Bem se vê que você não gosta mais de mim : acredita mais nos seus olhos do que nas minhas palavras...

Eu penso que o bom amor deve ser essencialmente confiante. Talvez, entretanto, haja quem diga que aquela senhora exijia uma confiança excessiva, querendo que o homem que a amava recuzasse o testemunho dos seus próprios olhos.

Mas ha situações dezesperadas, em que não se tem remédio sinão pedir as couzas mais absurdas. Pois si ele a tinha visto, visto, indiscutivelmente visto, o único re-

curso era aquele : suplicar-lhe que não acreditasse em seus olhos.

Neste momento eu tenho uma grande vontade de imitar aquela senhora, em um pedido igualmente absurdo. Tambem os vossos ouvidos vos estiveram dizendo durante esta longa hora quanto eu me reparti entre a impertinéncia e o aborrecimento. E' a evidéncia ; é a pura evidéncia... A despeito dela, eu vos peço, para merecer um pouco de perdão, que façais esta couza heroica : não creiais nos vossos ouvidos... Só assim eu poderei ser desculpado.

O SONHO

CONFERÉNCIA FEITA NO INSTITUTO NACIONAL DE MUZICA EM 1907.

Si fosse possivel deixar de dar nome a estas conferéncias seria talvez melhor. Seria talvez melhor, por que, lendo alguns títulos, os que as dezejam ouvir começam por imajinar o que o conferente vai dizer. Fazem mental e sumariamente um plano e, si não o vêm realizado, sentem-se de algum modo lezados, iludidos.

Quanto mais o asumto é rico de pontos de vista diferentes, mais se corre esse perigo. E' o que sucede, portanto, com o sonho. Cada um terá dito : « Ele vai tratar disto ou daquilo... » e cada um sofrerá provavelmente uma decepção. Melhor é, por isso mesmo, prevê-la logo ao princípio e começar pedindo o perdão necessário.

O Sonho tem uma literatura formidavel.

E' impossivel esgotar ou siquer rezumir todos os pontos de vista, de que pode ser encarado, no breve espaço de tempo que nos reune aqui. Assim, forçozo se torna fazer uma escolha e essa, não podendo satisfazer a todos, arrisca-se a dezagradar a cada um de per si.

Em todos os povos selvajens, a ideia de alma é sempre a de um segundo *eu*, de um duplo, uma forma inteiramente idéntica á do corpo, embora de uma substáncia mais tenue, menos grosseira. Acontecia com o selvajem o que acontece com as crianças, que tantas vezes ao despertar nos falam de acontecimentos ocorridos em sonhos, como si tivessem sido reais. Tambem ele, embora dormindo, via-se, entretanto, em ação, ajindo, pelejando, entregando-se ás ocupações que enchem geralmente a vida do selvajem. Acordado, garantiam-lhe que ele não tinha saido.

O meio único de conciliar aquela contradição era admitir que dentro do seu corpo vizivel havia um segundo corpo mais sutil, que podia sair do primeiro, afastar-se e ajir livremente. E porque muitas vezes ele sonhava com pessôas mortas, isso provava que essas pessôas não tinham morrido de todo. A duplicata do corpo delas vivia ainda, separada

desse corpo. Vivia; e como exatamente a memória dos que tinham deixado fama mais terrivel era provavelmente a que mais subzistia, com eles mais se sonhava. Apareciam em sonhos fazendo atos de barbaridade. Por isso mesmo, as almas — os duplos — eram temidos. Acreditava-se na sua ferocidade, tanto mais de receiar quanto se tratava de sères inviziveis. — Ainda hoje as almas do outro mundo não gozam de bôa reputação.

Certos estados aparentemente análogos ao sono confirmavam aquela noção de alma : a vertijem era um deles. Quando uma vigoroza paulada, com as pezadas maças que os selvajens uzavam, alcançava alguem na cabeça e o fazia cair, sem sentidos, o corpo ficava inerte como o de quem dorme. E a alma, o duplo? Acreditavam que, tal qual como no sonho, tivesse fujido.

Essa noção entrou tão profundamente nos cérebros primitivos que ainda hoje a linguajem corrente a conserva e nós falamos de alguem desmaiado, que recupera a plena atividade intelectual, dizendo que « voltou a si ». Voltou de onde? Da pátria dos duplos e das almas, a pátria do Sonho.

E aí está como desse fenómeno banalís-

simo naceu uma das ideias que mais tem influido na civilização humana : a da existéncia e imortalidade da alma.

Dizer, entretanto, que esse fenómeno é banalíssimo não importa em afirmar que o seu mecanismo seja perfeitamente conhecido. Temos as melhores razões para saber que dentro de nós não ha um duplo que sái durante a noite para ajir fóra do corpo; mas nem por isso deixamos de ignorar muitas couzas relativas ao sonho.

Sente-se, porém, á primeira vista, que devíamos sonhar. O contrário é que seria espantozo. Durante o sono todos os orgams continuam a funcionar. A funcionar, si assim se pode dizer, em surdina, apagadamente; mas a funcionar. Coração, fígado, pulmões, movimentos peristálticos dos intestinos, contrações fibrilares dos músculos ; tudo continúa, embora mais lentamente, mas sem parar. Por que o cérebro pararia? Tambem ele continua a funcionar. E' uma atividade mais moderada e, si a expressão é permitida, mais disseminada. Mas é uma atividade que persiste.

Para compreender a psicolojia do sonho é precizo ter prezente que o nosso cérebro é um orgam muito complexo. Tão complexo

que é dificil dizer bem o que se passa dentro dele a cada instante.

Si me perguntassem agora em que é que estou pensando, eu diria a verdade afirmando que estava procurando expôr a psicolojia do sonho. Mas não diria toda a verdade. Ás vezes, continuando a falar, a expôr um raciocínio qualquer a uma assembléa, o orador vê algumas fizionomias nota que elas estão mostrando agrado ou dezagrado. nota que não está sendo compreendido. O discurso vai continuando, sem que ninguem na assembléa dê pela menor interrupção. Mas ao mesmo tempo outra parte do cérebro está pensando : « Por aí V. vai mal. Preciza explicar isso de novo ». Não ha professor que não tenha tido tal sensação. Faz-se a lição, expõe-se o que se quer; mas ao mesmo tempo nota-se na classe a fizionomia de dois ou mais alunos, que deixam transparecer que ainda não entenderam. E começa-se e recomeça-se de outro modo o mesmo tema. Durante esse tempo, tem-se porém, nitidamente a conciéncia de que uma parte do cérebro está dizendo : « Fulano ainda não entendeu ». As vezes mesmo, a expozição segue calma, serena, imperturbavel — e, no emtanto, lá está uma parte do cérebro a gri-

tar, impaciente : « Mas, afinal, como hei de eu me exprimir para aquele tipo compreender!? » Essa dualidade de pensamento é tambem clara, quando nós estamos, ás vezes, lendo em voz alta e, de repente, nos distraímos. A leitura segue, entretanto, clara, pauzada, obedecendo á pontuação, mas sem que, quando chegamos ao fim da pájina, saibamos uma só palavra do que acabamos de lêr. São cazos em que uma pessôa se divide em duas. Mas pode dividir-se em mais.

Pierre Janet, experimentando com histéricas, ficava conversando de viva voz com uma delas; conversa ativa, obrigada a perguntas e respostas imediatas. Um ajudante, tapando o braço direito da paciente com um pequeno biombo, fazia-a escrever certas perguntas. A mão, por si mesma, escrevia as respostas. Outro ajudante, durante esse tempo, tomava a mão esquerda e batendo nela primeiro *duas* e depois *trez* pancadas esperava a soma que a mão ia fazendo correntemente. Desse modo, ao mesmo tempo, uma só pessôa estava, por assim dizer, partida em trez : duas conversando, cada uma sua conversa distinta, e a terceira fazendo cálculos.

Esse exemplo não tem nada de muito extraordinário, quando a gente vê uma pes-

sôa que ao mesmo tempo toca piano e canta, ou toca piano e conversa. Seguir duas pautas de múzica, em que os sinais variam — e variam de significação com todos os acidentes; comandar, de acôrdo com essa significação, os movimentos das mãos e dos pés — e ao mesmo tempo, entreter uma conversa é uma prova da complicação enorme dos fenómenos cerebrais. Não basta dizer que é mecánico. Não é tal! A interpretação dos sinais da múzica exije um trabalho de intelijéncia. Podemos não ter dele conciéncia; mas ha trabalhos de alta intelijéncia inconcientes. Ao mesmo tempo, o mesmo sinal escrito na mesma linha da parte de cima e da de baixo, tem valores diferentes, si em uma pauta ha bemois e na outra ha sustenidos. É precizo pensar em tudo isso. — Pensar em tudo isso e conversar é o admiravel. Figurem quantas partes do cérebro estão simultaneamente ocupados com todos esses trabalhos.

E, todavia, isso não ocorre só nesses momentos e mesmo quando a gente não pode mostrar a ação simultanea de várias partes do cérebro, como no cazo das histéricas de Janet, no cazo da pianista que interpreta uma múzica conversando, no cazo do professor que faz a lição, comentando interior-

mente a expressão dos alunos, mesmo nesses cazos mais complicados ainda nós só temos notícia de uma pequena parte da atividade cerebral. Falta muita, muita couza!

Ha uma parte do meu cérebro que está, por assim dizer, fiscalizando os batimentos do coração, outra está rejistrando os movimentos dos meus pulmões, todas as sensações internas que se rezumem numa palavra pedantesca e rebarbativa : a cenestezia. Não ha som, não ha forma que passe ou esteja diante de meus olhos de que meu cérebro não tenha notícia. Eu seria incapaz de dizer agora quantos chapéus claros ou pretos ha nesta sala. Mas si alguem, saindo eu d'aqui, me hipnotizasse e dissesse : « Veja a sala do Instituto » — eu vê-la-ia surjir tal qual como está aqui. « Conte quantos chapéus pretos ha nela », eu contaria tão bem como posso contar d'aqui. Isso prova que a impressão está dentro em mim.

Mais ainda. E' frequente que se procure a solução embaraçoza de qualquer problema sem acha-la. Deixa-se ; trata-se de outra couza. De repente, a solução, em que nós julgávamos não estar pensando, surje-nos clara ao espírito. E' que, emquanto estávamos pensando concientemente em certa or-

dem de ideias, outra parte do cérebro estava continuando inconcientemente o trabalho relativo ao problema que nos preocupava.

Ha, de certo, em nós um centro superior de ideias, que reune, que enfeixa, que associa as ideias concientes. O trabalho que ele faz a cada momento é consideravel. Quando, por exemplo, surje diante de nós uma pessôa conhecida, por que nós sabemos que ela é conhecida? Porque evocamos rapidamente todas as outras vezes em que a vimos e, atravez de suas variações, reconhecemos o que nela continuou estavel. Para tudo, a todos os instantes, o centro superior está fazendo um esforço, que nos escapa em grande parte, mas é consideravel. E, por isso mesmo, ao fim do dia esse centro é o mais fatigado, o que mais preciza de repouzo. E' exatamente ele cuja atividade cessa quazi completamente durante o sono.

E' precizo vèr o que sucede com uma intelijéncia bem forte, bem ativa, em pleno estado de vijília : ha nela um grupo de pensamentos plenamente concientes. Todo o resto do trabalho cerebral, variado, simultáneo, distinto de ponto a ponto — todo esse resto perde-se na inconciéncia.

Um indivíduo lendo, mas distraido com

preocupação extranha á leitura, ora tem a conciéncia do que lê e perde a da preocupação; ora, ao contrário, segue a preocupação e continua a leitura inconcientemente. São dois grupos de quazi igual valor, que disputam a atenção. Abaixo deles ha sempre a multidão de sensações e de pensamentos inconcientes.

Uma histérica — essa está sempre oscilando. O centro superior de ideiação é como si estivesse com uma lanterna em contínuo movimento, iluminando aqui e ali, numa variação incessante.

Por fim, no sono, é a anarquia, é a escuridão. O centro superior não nos dá a conciencia nítida e predominante de nenhum grupo de ideias.

Havia na vijília um intenso foco de luz elétrica iluminando uma parte do cérebro e deixando as demais na penumbra. Havia nos cazos que nós chamamos de distração um foco que ora pendia para um lado, ora para outro. Havia na histeria um foco de luz, oscilando doidamente, para aqui, para ali, sem nunca iluminar por muito tempo a mesma rejião. Ha, emfim, no sono o grande foco apagado. Acende-se apenas por todo o cérebro uma lamparina. Existe ainda a luz bas-

tante para que todos os centros continuem a fazer um trabalho pequeno e discreto na penumbra, mas não se acha em ponto algum, claridade viva. O centro de ideiação baixou, como um bico de gaz de que se deixa um pequenino ponto de luz azulada, quazi como a de um vagalume... Só isso.

Já houve quem dissésse que a caraterística do sonho é ser absurdo. De dois modos se pode entender essa afirmação : em relação aos fatos que o fazem nacer e em relação ás cenas de que se compõe.

Em relação aos fatos que o fazem nacer, todos sabemos o que acontece. Pascal disse que a ferroada de uma pulga faz ás vezes sentir em sonhos um terrivel golpe de espada. As vezes tambem, o ronco do dormidor o leva a sonhar com audições de excelente múzica, que lhe foram todavia sujeridas pela múzica bem pouco muzical de um ruído incómodo. Uma dobra de lençol que nos magôa transforma-se em uma pedra sobre a qual caimos, depois de uma cena qualquer, que a imajinação fantazia, partindo dessa pequena sensação. Ás vezes, a sensação se completa em atos feitos durante o sono, mas interpretados fantasticamente pelo sonho.

Conta-se que dois viajantes chegando can-

sados a uma hospedaria aí acharam só um leito e nele tiveram de dormir juntos. Alta noite, um deles sonhou que tinha ido até o céu. Tinha ido como vizita. S. Pedro fez-lhe as honras da caza, mostrou-lhe o que havia de notavel por lá, aprezentou-o ao Padre Eterno, ás Onze Mil Virjens e, emfim, como se diria em estilo terrestre, ás pessoas gradas daquele lugar. Afinal, levou-o por uma enfiada de salas cheias de prateleiras, onde se via uma série de lámpadas antigas, lámpadas romanas, de óleo, com uma pequena aza ao lado. O sonhador perguntou-lhe que era aquilo. S. Pedro explicou-lhe que cada lámpada equivalia á vida de uma pessôa : as que ainda tinham muito óleo eram das que viveriam por muito tempo, as outras, as dos que estavam quazi a morrer. Naturalmente, o homem teve vontade de ir ver onde estava a sua. S. Pedro levou-o até lá. No momento em que acabava de mostra-la ao vizitante, o Padre Eterno chamou o seu digno porteiro. S. Pedro disse ao homem : « V. espere aí que eu já volto. » E correu para atender ao chamado. O homem viu então que a sua lámpada estava quazi vazia. Perto dela havia, entretanto, uma, cheiazinha : devia ser de alguma criança, e de uma criança fadada a

viver por longos anos. Veiu-lhe então a ideia criminoza de furtar o óleo do vizinho. Pegou depressa na lámpada cheia e ia entorna-la na sua, quando uma chusma de anjos apareceu em torno dele, querendo impedi-lo de praticar aquele crime. E quanto mais o homem, seguro á aza da lampada, forcejava para entorna-la, mais os anjos lutavam, até que S. Pedro, ouvindo grande barulho, acudiu e, furiozo, assentou-lhe um murro, que o atirou por terra. Foi então que ele acordou.

A verdade é que, dormindo, encostara a mão á orelha do companheiro e tinha sido essa pobre orelha que funcionara como aza de lámpada. O outro acordou com a dôr e lutou para desvencilhar-se do parceiro. Mas no sonho quem procurava tirar-lhe a mão eram os anjos. E quanto mais os anjos a puxavam, mais ele se aferrava á orelha, torcendo-a para derramar o óleo. Afinal, o outro decidiu-se e assentou-lhe um sòco que o fez acordar. Depois de ter dado contra a vontade a orelha para aza de lámpada, decidiu-se a assumir o papel de S. Pedro e expulsar do céu aquele vizitante indelicado.

Isso é talvez uma simples anedota. Mas pode contar-se alguma couza mais verídica.

O mais íntimo dos meus amigos intimís-

simos publicou em 1890 um conto intitulado — *Um rapaz alegre.* — Nele se narrava a história de um rapaz, o qual, sonhando que um companheiro se suicidára, tomou, mesmo dormindo, o revólver que tinha á mão e com ele matou-se.

Pois bem. Todos os jornais desta capital, no dia 9 de Maio de 1903 contavam um fato, de algum modo idéntico.

Um sujeito de S. José de Alem Parahyba, chamado Jozé Gonçalves, teve um sonho. Sonhou que á porta de sua caza um galo e um perú estavam brigando. Ele interveio, quiz afasta-los : mas as duas aves pareciam furiozas. Desesperado, ele tirou um facão da cava do colete e começou a distribuir cutiladas em uma e outra, até que sentiu que o perú estava mortalmente ferido... e acordou. Acordou banhado em sangue, porque, no sonho tirára a faca de sob o travesseiro e em si mesmo dera as cutiladas : o perú mortalmente ferido era ele mesmo! Baixou assim á Santa Casa de Mizericórdia, onde, dizem as notícias, ficou sob os cuidados do Dr. Francisco Salles Marques.

Vè-se bem que foi a sensação da faca que lhe sujeriu toda a cena do sonho, sendo aliaz de notar que aí ainda ele percebeu real-

mente que era uma faca em que estava pegando. Em regra, porém, as sensações que dão lugar ao sonho transformam-se.

Maury, o primeiro autor que estudou sériamente os sonhos, conta que certa vez teve um, no qual se viu em plena revolução franceza, foi prezo, processado, condenado, levado pelas ruas e guilhotinado. Acordou nesse momento. O sonho lhe tinha sido sujerido por um páu do docel da sua cama, que lhe caíra sobre o pescoço!

Que é o que se dá em todos esses cazos? Dá-se que o centro de ideiação não estando em pleno funcionamento, ou não reconhece a orijem da sensação ou faz um reconhecimento incompleto. Sentindo a faca debaixo do travesseiro o homem teve a noção exata dela, mas não teve a do lugar em que se achava : pensou que fosse na cava do colete e a essa ideia se associaram várias outras. Maury sentiu alguma couza cair-lhe sobre o pescoço. Essa sensação real foi mal interpretada. O centro da ideiação não fez trabalho completo. Ao seu engano se associaram logo outras ideias e d'aí aquele quadro da revolução. Os sonhos que nacem de uma percepção externa mal interpretada provam apenas que o centro de ideiação não está em

perfeita atividade. Ele começa um trabalho, que deixa em meio.

Pode-se dizer que estes sonhos são absurdos pela desproporção entre as sensações e as interpretações que recebem.

Mas o absurdo mais frequente é o que nos acontece quando a ação do sonho, que se dezenrolava em um lugar, passa de repente para outro muito diverso; a conversa com um interlocutor se muda em conversa com outro interlocutor diferente.

Quando eu preparava esta conferéncia, sonhei certa noite que estava na Avenida passeando em bicicleta; de repente, levantei-me e comecei a falar; havia diante de mim, na rua, séries de cadeiras dispostas exatamente como as deste Instituto, cheias de senhoras e cavalheiros, aos quais eu explicava como os ejípcios escreviam por meio de hieroglifos e, exatamente nessa ocazião, vi diante de mim o obelisco de Luqsor, que fica na praça da Concórdia, em Pariz, e perto do qual eu ia de carro com um de meus filhos.

E' um género de sonhos muito vulgar. Todos os podem referir. Dessas bruscas transformações vem a fama dos sonhos de serem essencialmente absurdos.

Mas é uma fama injusta. Os estudos últimos sobre a psicolojia do sonho explicaram perfeitamente esse fato.

Sempre que um psicólogo se dedica a estudar o sonho, reconhece que ha grande diferença entre os que ele tem, quando é acordado de um modo brusco no meio da noite e escreve imediatamente aqueles que o estavam occupando, e os sonhos de que nós nos lembramos, de manhã, acordando normalmente. A regra é que os sonhos da manhã sejam mais lójicos, mais concatenados. Não ha neles tantas vezes como nos outros essas bruscas variações : a ação encadeia-se mais regularmente.

Si se acorda uma pessôa no meio de um sono profundo e se obtem que ela diga logo, logo, sem a mínima tardança, com que é que estava sonhando, em regra, ela diz que estava vendo duas ou trez cenas, que não se ligam umas ás outras e cuja ordem cronolójica a propria pessôa nem pode indicar com exatidão. E' precizo estar habituado á observação. E' precizo não ter surpreza alguma com o acordar e contar imediatamente o que estava ocupando o pensamento. Um pouco de demora basta para alterar tudo. Si se dá tempo para fazer o acordar menos brusco, já o

sonho vem mais coerente. Já é uma só história, embora com diversos quadros; mas ordenada cronolojicamente. Ás vezes, a mesma pessoa que, ao despertar bruscamente no meio da noite, citou trez ou quatro cenas distintas e independentes, sem relação umas com as outras, si de manhã torna a contar o sonho, já o liga, já, por assim dizer, o arruma, já acha nexos entre os diversos quadros.

A verdade é que, quando alguem, acordado bruscamente, está habituado a observar-se e já sabe que deve ir logo, logo, dizendo o que estava sonhando, o que vê são quadros perfeitamente distintos. Cada parte do cérebro estava trabalhando a seu modo. Acordado o indivíduo, a atenção consegue surpreender ainda duas, trez ou mais cenas das que, com perfeita independéncia, iam seguindo o seu dezenvolvimento aqui e ali, nas diversas circumvoluções do cérebro. O centro superior da ideiação, posto em atividade bruscamente, é como um inspetor de coléjio, incumbido de fiscalizar muitos dormitórios. Quando ele desperta de repente, ainda apanha, em vários pontos, as travessuras que os alunos estavam fazendo em duas ou trez salas. Mas assim que ele se levanta,

a rapaziada toda se esconde, apagam-se as luzes de todas as salas e só uma fica trabalhando sob a sua direção. O mais perde-se, esquece-se. Si ele leva algum tempo a despertar, dá tempo a que todos se recolham e escondam. Os sonhos que nos parecem absurdos, porque começam num ponto e passam para o outro; porque nós nos vemos, ora vestidos de um modo, ora de outro; porque principiamos a conversa com alguem e acabamo-la com pessòas muito diferentes — são o rezultado de uma reunião mais ou menos feliz de quadros que o nosso cérebro pensou distintamente. Absurdo, a bem dizer, não foi o sonho : foi a reunião que já, meio acordados, ou acordados de todo, nós fizemos de materiais, que não eram destinados a uma construção comum.

Refletindo, depois de se conhecer o processo que seguimos no sonho, podemos, ás vezes, decompor um dos sonhos que nos pareçam mais absurdos, nas cenas elementares de que ele se compunha. E' bem claro que isto só pode ser feito pelo próprio indivíduo que sonha, porque só ele pode reconhecer os materiais diversos, que ha na sua intelijéncia.

Certo, no meu sonho, que eu lhes contava

ha pouco, havia trez quadros distintos, perfeitamente lójicos e simples, reproduzindo atos que eu tenho praticado mais de uma vez : passear de bicicleta na Avenida, fazer aqui conferéncias, ter passado pela Praça da Concórdia, em Pariz, junto do Obelisco de Luqsor. Tendo de ligar arbitrariamente essas trez cenas, ainda eu estava vendo a Avenida e já me apareciam como si estivessem nela as cadeiras desta sala. E porque, em Pariz, mais de uma vez eu expliquei a meu filho o que eram os hieroglifos do Obelisco, apareci no sonho fazendo uma conferéncia sobre a escrita dos Ejípcios.

Foi para mostrar este aspeto caraterístico do sonho, provando que o seu absurdo é mais aparente do que real, que se tornou precizo acima chamar a atenção sobre o modo pelo qual o cérebro trabalha na vijília e no sonho. Na vijilia, um grupo forte de ideias, em plena conciéncia e todos os mais grupos inconcientes; na histeria, uma certa dezorganização, vários grupos de ideias e sensações, ora concientes, ora inconcientes; no sono, a completa independéncia de varios grupos, embora todos eles trabalhando com uma atividade muito frouxa, quazi apagada, em surdina...

E' precizo, porém, atender ainda a um ponto : dir-se-á talvez que a prova de que o trabalho de raciocínio conciente se continua a fazer durante o sono, ou pelo menos não é incompativel com ele, é que nós temos, ás vezes, sonhos longos, interessantes e, entretanto, perfeitamente lójicos, razoaveis, bem ençadeados. É verdade. Mas os sonhos de que nos lembramos são sempre os dos primeiros ou dos últimos momentos do sonho. Dormimos seis ou sete horas e lembramo-nos apenas do que se passou durante dois a trez minutos, antes de acordar, exatamente quando o centro de ideiação recuperou a força. E' por isso que os sonhos do despertar natural são coerentes e bem ordenados. E' uma iluzão imajinarmos que um sonho, cuja ação parece ter durado horas, mezes ou anos, nos ocupou toda a noute. Lê-se um romance, cujo entrecho se dezenrola por dezenas de anos, em algumas horas. Ha portanto, na apreciação da duração dos sonhos um simples engano.

Sabido isto, pode-se dizer que o sonho nada tem de muito extraordinário. A verdade é que nós sonhamos sempre, todas as noites, desde que nos deitamos até que acordamos. O sonho é o pensamento do homem adorme-

cido — e o pensamento é uma função contínua do cérebro.

Mas para nós o que vale são os sonhos de que nos lembramos. Os outros não se contam. Aceito este ponto de vista, procurando-se saber quem mais sonha — ou o que vale o mesmo para uzo do público — quem mais se lembra dos sonhos que teve, todas as estatísticas acuzam que as mulheres sonham mais do que os homens.

Ha mesmo nos sonhos delas uma particularidade que falta nos nossos. Nós, homens, quando sonhamos, em geral não nos vemos : não temos a sensação vizual da nossa fizionomia, do nosso vulto. Sentimos apenas que eramos nós que estavamos fazendo tal ou tal couza. Ao passo que distinguimos perfeitamente os outras personajens, temos apenas conciéncia das nossas ações.

Mas quando as mulheres sonham é frequente que se vejam ajindo. O sonho lhes parece como um espetáculo a que estivessem assistindo da platéa, e em que no palco houvesse uma atriz, caraterizada, imitando-as.

Por que essa diferença? Por que nós, e naturalmente quando eu digo « nós » não aludo aos Petrónios, que têm pretensões a refinadas elegáncias, falo dos homens que

procuram no vestuário apenas o asseio e a correção — nós, os que estamos nesse cazo, pouco nos utilizamos dos espelhos : não temos a preocupação de saber como estamos aparecendo aos olhos dos outros. Não é esse o ponto de vista feminino.

Dir-se-á que isto é mais uma perversidade de algum observador masculino, para insinuar que as mulheres vivem frivolamente a namorar-se ao espelho? A observação é exatamente de uma senhora, a escritora russa Maria de Manacéine, cujo livro sobre o sono é uma obra magnífica. Já os francezes dizem correntemente que sempre quem nos trai são os nossos parentes ou amigos : *on n'est jamais trahi que par les siens*. De uma mulher devia, portanto, partir mais essa confissão das fraquezas do sexo.

No emtanto, é de crer que o primeiro sonho tenha sido de um homem. E terá talvez sido um pezadelo...

A Bíblia não fala nisso. Mas é lícito conjeturar que, si, quando uma pulga nos morde, nós imajinamos uma cena de duelo e sentimo-nos varados pela espada de um duelista; si, quando um páu caiu sobre o pescoço de Maury, ele se viu degolado, Adão, quando o Padre Eterno lhe estava fazendo aquela

operação de alta cirurjia, que consistiu em arrancar-lhe uma costela, devia estar sonhando um sonho pavorozo, um pezadelo.

Compreende-se, porém, facilmente, que, ao acordar, vendo Eva junto de si, não pensasse mais no sonho, por extranho que fosse, quando a realidade era tão maravilhoza!

Em todo cazo, si a Bíblia não fala nesse sonho, fala muito em sonhos de homens. Dos de mulheres não se ocupa. Em regra, aliaz, nas suas pájinas, ela admite os sonhos como profecias. Ninguem desconhece os sonhos célebres de Jozé, indicando-lhe que havia de dominar os pais e os irmãos; ninguem esqueceu como ele interpretou o sonho de Faraó sobre as 7 vacas gordas e as 7 vacas magras. A escada de Jacob, o sonho de Nabucodonozor e tantos outros, são exemplos de sonhos proféticos. Mas, em compensação, vários pontos ha em que a adivinhação pelos sonhos é formalmente condenada.

No livro de Job, um dos piedozos vizitantes diz ao pobre homem que Deus habitualmente se manifesta, ora uma, ora duas vezes, « por sonho de vizão noturna, quando cai sopôr sobre os homens e estão dormindo no seu leito e então abre os ouvidos dos

homens e, admoestando-os, os adverte sobre o que devem fazer ». Mas com isso não concorda o Ecleziastes. Ele diz que « onde ha muitos sonhos, ha muitas vaidades » e Jeremias, profeta célebre pelas suas lamentações, é ainda mais categórico, porque declara que Deus — Deus em pessôa — lhe mandou dizer ao povo : « não façais cazo dos sonhos que vós sonhais. »

A teolojia hezita. Hezita, ou pelo menos, distingue. Acha que ha sonhos provenientes do temperamento, « que vem dos vestijios que os objetos formaram durante o dia ». « sonhos que vem do Demónio » e algumas vezes tambem de Deus, « que quer fazer conhecer aos homens sua vontade ». O dificil ha de ser o reconhecimento dessas orijens múltiplas, tanto mais quanto não ha plajiário maior que o famijerado Satanaz, que vive a imitar as obras do seu augusto concurrente...

Nos sonhos proféticos quazi todos os povos acreditaram. Entre os gregos e os romanos chegaram mesmo a constituir um ramo de medicina : os doentes iam a certos templos, eram obrigados a um rejimen dietético especial e deitavam-se para sonhar com o remédio que os devia curar. Era um excelente processo de auto-sujestão. Por

isso mesmo nada mais natural que se curassem, tal qual como em La Salette, em Lourdes, na Aparecida...

Mas ha um género de profecias que os sonhos frequentemente dão : as profecias de moléstias. Aí, não ha nada de maravilhozo. Certas enfermidades tem um período de incubação mais ou menos longo, antes de se fazerem sentir fortemente. O indivíduo julga-se bom e já, entretanto, a moléstia está em início. Nesses cazos, não é raro que sonhe com ela. Por que? Porque as fraquíssimas sensações da parte, que apenas começa a estar mal, não podem, durante o dia, vencer a intensidade das outras sensações que nos assaltam. Em uma sala, onde ha gente falando, trabalhando, ajindo de varios modos, ninguem percebe o tic-tac de um relójio. Mas, de noite, quando todos os rumores internos e externos cessam quazi completamente, o tic-tac sòa distintamente, com uma nitidez que espanta, uma nitidez que, ás vezes, nos incomoda. Assim, emquanto o organismo está sentindo impressões muito fortes, durante o dia, não tem conciéncia de pequenas impressões deste ou daquele ponto do organismo, impressões que no sono assumem uma nitidez maior. Nem sempre o sonho

fornece a imajem da moléstia futura : ás vezes, é uma simples indicação. A pessoa que, uma noite, se sentiu mordida em sonhos por um cachorro imajinário, tem, dias depois, no ponto da dentada, um tumor. O sonho foi provocado pelo tumor que começava a formar-se. Os acessos de anjina anunciam-se assim, muitas vezes, por pezadelos em que alguem ou alguma couza procura sufocar a pessoa que dorme.

Conhece-se, entretanto, um sonho que é profético. Sempre que ele ocorre, é lícito prever o que sucederá a quem o tiver.

Imajinem que um homem cazado sonha que é solteiro. Que é o que se lhe pode profetizar?

Que, de manhã, ao acordar, sentirá uma grande deccpção... Uma grande decepção, por sentir que é cazado!

Ás vezes, se diz de alguem que « vive em sonhos », que « vai seguindo o seu sonho ». Isso é verdade mais frequentemente do que parece. Certos dias de tristeza, certas impressões incompreensiveis de alegria ou de esperança, podem perfeitamente provir de sonhos — sonhos de que nós não guardamos a mínima lembrança, e que, no emtanto, se refletem sobre a nossa conduta.

Janet e outros autores provaram que muitas histéricas devem a sua moléstia a alguma cena fantástica vista em sonhos. D'aí lhes nace o primeiro ataque. Quando se consegue achar essa cauza, de que a doente, acordada, não tem a mínima ideia, é, ás vezes possivel cura-la.

Mas as profecias que o espirito imajinozo do povo se compraz em achar nos sonhos são as de fatos que se passam a distáncia: de mortos queridos que aparecem, de cenas cuja realidade não poderíamos suspeitar, si estivéssemos acordados.

Ha efetivamente exemplos numerozos e auténticos de sonhos proféticos.

Seria possivel referir um grande número dos que figuram em todas as coleções de anedotas. Mas vale antes a pena contar um pequeno epizódio ocorrido em Londres.

Uma moça saíu de caza, anunciando que ia vizitar uma velha tia. Lá, entretanto, quando a foram procurar, não a encontraram. A tia disse, porém, que não tinha dúvida alguma de que ela se suicidára, atirando-se ao rio Támiza. Essa certeza lhe vinha de um sonho. Como o fato era possivel, a polícia de Londres mandou logo que fizessem em certo ponto do rio a dragagem conveniente para a procura

do corpo. Nada se achava. A velha foi assistir ás operações e sem a menor hezitação indicou o lugar exato em que se deviam fazer as pesquizas e onde imediatamente se encontrou o corpo.

Fatos desta natureza são numerozos. E' possivel que a todo o momento estejam chegando a nosso cérebro comunicações partidas de muitos outros. São, porém, tão fracas, que não podem entrar em competição com as sensações fortes, imediatas, que disputam a nossa atenção. O que, porém, não conseguem na vijília, alcançam no sono. Certo, a moça que se ia afogar, terá pensado naquele angustiozo momento na única pessôa a quem estimava profundamente — e o que ela estava vendo nesse instante decizivo terá passado do seu cérebro ao cérebro da tia, como a transmissão de um telegrama pelo telégrafo sem fios.

Emfim, seja qual fôr a explicação, é pozitivo que ha numerozos exemplos de sonhos extraordinários, sobretudo da vidéncia a distáncia de cenas, que realmente se estão passando. Os de profecias de fatos que hão de ocorrer a outras pessòas são, talvez possiveis, mas muito mais duvidozos...

O Prof. Georges Dumas observou um fato

interessante. Um dos livros que mais se vendem na França é o *Grande Intérprete dos Sonhos*. Pois bem : esse volume popularíssimo, que tem tido centenas de edições, quazi todo se bazeia... nos hieroglifos do Ejito. Todos sabem que os ejípcios uzavam a escrita ideográfica. As palavras se escreviam, não com letras, mas com dezenhos. Dezenhos simplificados, reduzidos a linhas convencionais. Assim, para dizerem *abundáncia*, traçavam uma *palmeira*. E havia um símbolo para cada palavra.

O *Grande Intérprete dos Sonhos* adotou a interpretação dos hieroglifos. Quem sonha com uma *palmeira* terá *fartura*, terá *abundáncia*. E assim para o mais.

O que restaria vêr era si isso veio como uma tradição popular, desde os tempos antigos até agora, ou si foi apenas a habilidade de um fabricante de livros de exploração popular, que tomou um dicionário ideográfico de termos ejípcios e fez a sua transcrição.

A primeira hipóteze não tem nada de absurda, porque todos sabem como certas crendices se perpetuam no povo. Por que ainda hoje o sal entornado na meza é de mau agouro? Por cauza de um lonjínquo costume ha muito perdido. Para um ejípcio,

é de crêr que sonhar com uma palmeira, fosse realmente sonhar com a fartura, pois que uma couza era símbolo da outra.

Torno a dizer: a hipóteze nem é impossivel, nem absurda. Parece-me, porém, até prova do contrário, improvavel.

Deixado de parte o que ocorre com o *Grande Intérprete dos Sonhos*, o que se nota mais frequentemente quando se abre um livro qualquer sobre a interpretação destes, é que, em regra, ela se bazeia no principio de contradição. E' o oposto daquilo com que se sonha que parece a significação do sonho.

Assim, num dos livros mais completos a este respeito eu achei que vèr um matadouro é signal de alegria. sentir o gosto amargo do absinto é prenuncio de um proximo contentamento; sonhar com o fedor de alho é ter a certeza de que a mulher com que nos cazaremos (parece que este sonho é só para rapazes solteiros) terá um hálito deliciozo. E assim por diante. Muitas destas interpretações são fantazias de fazedores de livros de exploração popular. Mas ha uma que é realmente uma crença universal.

Em todos os livros de costumes populares se encontra. E, infelizmente, eu não a posso

citar! Trata-se de couza a que a mínima aluzão é inconveniente embora a audácia em evoca-la enerjicamente tenha constituido um dos títulos de gloria do célebre general Cambronne. E é exatamente aos sonhos com isso que o povo atribui o melhor dos augúrios : a promessa de abundáncia, a certeza de próximo recebimento de dinheiro!

Não é possivel imajinar que essa crença se tenha espalhado pelo mundo inteiro sem uma baze qualquer. Spencer disse que em toda mentira ha uma alma de verdade.

Esse princípio da interpretação dos contrários veio de uma observação fiziolójica. Em regra, nós sonhamos com o contrário das nossas preocupações. Os tristes tem sonhos alegres. Os alegres tem sonhos trájicos. Parece que durante a vijília, quando uma preocupação nos assoberba, ela cança, ela esgota a parte do cérebro com que pensamos. Exatamente a parte que poderia pensar o oposto está descançada e por isso mesmo, durante o sono, revela maior atividade.

Foi dessa observação, até certo ponto justa, que naceu o princípio geral de interpretação da couza sonhada pelo que lhe fosse exatamente oposto e que se chegou ao

exemplo a que aludi — e que lhes peço que não imajinem que fui escolher só pelo gosto de tomar um cazo absolutamente *shocking*. Não. O exemplo tem realmente de notavel que é o único sobre o qual o acordo dos intepretadores de sonhos em todos os povos do mundo é perfeito e completo.

Mas, a bem dizer, não é exatamente com os contrários que nós sonhamos. A regra é mais geral : nós sonhamos com outras couzas, couzas diferentes daquelas que nos ocuparam durante o dia; futilidades que quazi não mereceram a nossa atenção aparecem exajeradas nos sonhos.

Certos fatos, como os grandes crimes, parece que deviam encher a imajinação dos criminozos e perturbar-lhes os sonhos. Um escritor portuguez que, mais tarde, veio a assassinar a mulher, Vieira de Sá, exprimia essa ideia nos seguintes versos — que aliáz não são um prodíjio de beleza — em que ele cantava o sono :

Tambem curvado ao pezo do remorso,
por mais feliz que seja, o criminozo
debalde descançar em ti procura ;
em troca do repouzo, que demanda,
encontra sempre em ti o pezadelo.
Das vítimas que fez os vãos espetros

são demónios que o peito vem calcar-lhe.
Agro martírio és para ele, ó sono,
que a sua alma imortal já sofre em vida
as torturas do inferno!

O autor se esqueceu depois de dizer si verificou a sua teoria. Mas De Sanctis, que interrogou longamente os condenados de uma prizão onde ele servia como médico, achou que de 93 apenas 22 tinham sonhado com o delito; mas mesmo desses 22 — onze haviam recordado em sonhos o fato criminozo sem a mínima emoção, como uma cena a que estivessem assistindo.

Aliaz, isso confirma o que se sabe sobre o remorso : os grandes criminozos não costumam ter remorsos. E' talvez mais frequente que as pessôas honestas sonhem com crimes, do que os criminozos. Ha nisso uma nova aplicação daquele princípio dos contrários, que nos leva nos sonhos a pensarmos de preferéncia no que não nos ocupou durante a vijília.

Já tem havido, entretando, grandes pensadores para sustentar que a nossa verdadeira natureza se revela no sonho : *dize-me o que sonhas, dir-te-ei quem és.* Nietsche, o obscuro e genial filózofo alemão, afirmou que nada é mais nós-mesmos do que o sonho,

porque nessas comédias nós somos o cenário e os personajens, a forma e a ideia. Durante o dia recalcamos para dentro de nós a manifestação de certos pensamentos, que as convenções sociais consideram imorais e criminozas. No sonho, eles se desforram. Mas eles é que são realmente o nosso eu, a nossa personalidade exata. E Nietsche descobre que os criminozos em sonhos, si não chegam a ser criminozos de fato, são pelo menos almas delinquentes, propensas ao mal e que só o medo do castigo constranje ao bem.

Aquela escritora russa de que acima lhes falei, Maria de Manaceíne, dá uma explicação mais amavel para certos sonhos que estão em absoluto dezacordo com a nossa índole : ela acha que alguns deles são atávicos, são herdados ; pensa que ha no nosso cérebro ideias hereditárias, que na vijília não se fazem sentir, mas que no sono podem aparecer. Assim, quem sonha um assassinato... é que terá tido um avô assassino, ou pelo menos um avô de maus bofes...

Um velho rifão diz : *morrer por morrer, morra meu pai que é mais velho*. Entre Nietsche e Maria de Manaceíne, é o cazo de nós dizermos, quando tivermos algum sonho

criminozo : *bandido por bandido, seja bandido meu avô, que já morreu...*

A teoria não é, em ultima análize, absurda. Alguns autores citam cazos de sonhos atávicos em animais. Contam, por exemplo, que certos câis da Terra-Nova, creados desde pequenos lonje do mar e dos rios, não tendo jamais nem nadado, nem visto nadar, fazem, sonhando, movimentos de natação. Estarão em sonhos, nadando? Si estão, si os animais podem herdar ideias de veneraveis cachorros ancestrais, não ha razão para que nós tambem não tenhamos sonhos atávicos.

E seria realmente belo e consolador, si se podesse provar que eles existiam. Sentir-nos-íamos mais unidos á cadeia dos que vieram antes de nós. Teríamos a esperança de que qualquer das ideias, que hoje afagamos sem poder realizar, renaceria talvez amanhã em algum dos nossos decendentes, que conseguiria fazer o que nós não podemos alcançar.

Mas o ideal em matéria de sonhos estaria em podermos sonhar o que quizéssemos. Pois que temos todas as noites de passar de sonho em sonho, que ao menos podéssemos escolher á nossa vontade, sinão o entrecho completo, ao menos o assumto.

A gente do povo, que concilia o catoli-

cismo com um pouco de feiticeria, recorre á Santa Helena quando quer sonhar. A oração de Santa Helena é famoza para esse efeito. Como geralmente se sabe, atribui-se a Santa Helena ter descoberto a cruz em que Cristo morreu. Garante a lenda que o fato lhe foi revelado em sonho e ela, tendo achado a cruz e os tres cravos que pregavam Cristo, atirou um ao mar, para acalma-lo deu outro ao filho para fundi-lo na sua coròa; com o terceiro Constantino fez o freio do seu cavalo, crendo que assim conseguiria grandes vitórias. A oração omite esta última parte e diz :

« Beata Santa Helena, moura fostes, cristã vos tornastes, na pedra mármore vos recostastes, nela dormistes e sonhastes, a cruz do Cristo era perdida e vós a achastes. Dela vós tirastes trez cravos, um botastes no mar para ficar sagrado, o outro vós déstes ao vosso filho Constantino para com ele vencer guerras e batalhas ; o outro vós ficastes com ele. Este com que ficastes peço-vos que me empresteis por esta noite para me mostrar (aqui se pede o que se dezeja) mostrando-me tambem cazas caiadas, campos verdes e aguas correntes. »

Dito isto, rezam-se tres Salve-Rainhas;

mas trez Salve-Rainhas incompletas, até onde essa oração diz « e depois deste desterro nos mostrai... » Pára-se aí e dorme-se. Si veio o sonho que se dezejava, relativo á consulta que se fez, sonho que deve ser seguido da vizão de cazas brancas, campos verdes e aguas correntes, pela manhã se completam as trez Salve-Rainhas.

Quem me ditou essa oração garante — o que eu não duvido — que dela tirou excelentes resultados. O autor da oração está, porém, enganado na conta dos prégos da cruz, porque ha nada menos de 27 igrejas onde se mostram á adoração dos fieis prégos da Cruz. E mesmo de Santa Helena existem quatro corpos, em várias igrejas, e uma cabeça avulsa, a mais, na Catedral de Colónia.

Mas, emfim, é melhor o recurso a essa oração do que o uzado pelas feiticeiras da idade-média, que faziam uma pomada, da qual um dos ingredientes era a gordura de criancinhas, dezenterradas para isso! Nesse unguento entravam tambem várias outras substáncias anesteziantes da pele. Pode-se ter como certo que essa droga era eficaz. Compreende-se bem que para alguem tentar a violação duma sepultura e tirar a gordura de um cadaver de criança, precizava ter uma

fé muito robusta no éxito do remedio. De mais, é sabido que a anestezia da pele, dá em sonhos sensações agradabilíssimas de vôo.

As duas couzas somadas, a sujestão poderoza e o efeito das drogas, não podiam deixar de produzir um rezultado extraordinário.

Sem incomodar Santa Helena, nem dezenterrar defuntos, um experimentador uzou de um sistema excelente. Habituou-se a ligar fortemente a lembrança de certa pessôa a determinado perfume. É necessario tomar um perfume raro, exótico e caraterístico. Um perfume que ninguem se arrisque a encontrar frequentemente. Escolher, por exemplo, a agua de Colónia, a esséncia de rozas ou outro assim, seria um erro. Ao princípio, o experimentador cheirava um lenço molhado no perfume, olhando para o retrato da pessôa. Depois, acostumou-se a, sempre que sentia aquele cheiro, fechar os olhos e evoca-la com toda a nitidez. Tudo está, como facilmente se compreende, em estabelecer uma associação de ideias entre determinada imajem vizual e determinada excitação olfativa, de modo que não sejá possivel ver aparecer uma sem que a outra se lhe siga. Depois de algum tempo desse *entraîne-*

ment, desse exercício metódico, não uzando de modo algum o perfume escolhido sinão quando fazia a evocação, pedia a uma pessôa que, quando estivesse dormindo, puzesse sutilmente perto dele um lenço perfumado com o aroma e logo apoz o acordasse. Por isso mesmo, o bom momento para fazer a experiéncia é, de manhã, á hora normal de despertar. A experiéncia dá quazi sempre bom rezultado.

Quando se diz a alguem que deve acordar a pessôa que dorme logo apoz, uma objeção surje : « *Mas, assim ela não terá tido tempo de sonhar nada!* » É uma iluzão : os sonhos que parecem ter durado longamente foram, já ha pouco o mostramos, o produto de alguns minutos, ás vezes mesmo, de alguns segundos.

Mas o melhor dos processos para obter sonhos á vontade é o hipnotismo. Diz-se ao paciente : « *De manhã, quando chegar o momento de acordar, terá um sonho muito agradavel em que figurará tal ou qual pessôa. Imediatamente apoz, acordará, lembrando-se nitidamente do sonho.* » É uma sujestão facílima.

Restaria, porém, saber si, já que, em regra, não podemos dirijir os sonhos, não

valeriá, mais a pena dispensarmo-nos de tê-los, ou ao menos de lembra-los.

Quando se correm os provérbios populares das varias nações, em quazi todos se encontra o conselho de que não se deve acreditar em sonhos.

De bom sonho nada esperes
nem de mau te dezesperes.

Mas um provérbio suisso acha que « um sonho é sempre um amigo ». Si é bom, exultamos, sonhando; si é mau, temos o alívio de, ao acordar, vermos que era falso.

Hamlet, pensando em morrer, hezitava com o temor dos sonhos que ha talvez na morte :

Morrer, dormir. Dormir? Sonhar? Quem sabe?
Essa é a dúvida. Ao perpétuo sono,
quando o lodo mortal despido houvermos
que sonhos hão de vir?

Não virá de certo nenhum : esse é seguramente o único sono sem sonhos... E talvez exatamente por isso seja tão pavorozo.

A poetiza admiravel, que é Julia Cortines, disse que só na pátria do Sonho é que ha glória e vida e prazer :

Vem! o Sonho me diz, e a sua mão me acena
sobre uma aza que vibra, e se estende e se eleva.
Sobe! sobe! A' rejião afastada e serena
das estrelas o vôo ouzadamente leva!

A vida corre sempre amargurada ou seva;
a esperança atraiçoa e a paixão envenena.
Nada vale a embriaguez da poezia que enleva...
Paira acima da terra onde habitas, sem pena.

E' mais formozo e puro o paiz da quimera:
— o aroma fresco, o céu azul, a arajem branda;
azas fremem á luz de um sol de primavera.

Glória, vida e prazer — tudo esse mundo encerra.
— Pensa, ó alma infeliz, ó alma miseranda,
que nada existe assim sobre a face da terra.

O sonho é um dos fenómenos que mais rezistem á *despoetização*. Em regra, quando a ciéncia analiza muito de perto um fenómeno, tira-lhe a graça, o encanto, o sabor de mistério.

Com o sonho não sucede isso. Ela nos diz que ele é produto da atividade do cérebro, desgovernada e independente. Mas diz tambem que essa atividade se exerce principalmente sobre aquilo que não nos enche intensamente o pensamento durante o dia.

Ora, na nossa vida, na labutação quotidiana, o que mais vezes encontramos é a

traição, é a baixeza, são as mesquinharias da existéncia. O sonho nos consola um pouco de tudo isso. Mesmo quando ele é banal, a sua banalidade se faz de imajens, que ao menos tem o mérito de não nos terem ocupado o espírito nas horas de vijília. E' um momento de folga, são as férias diárias da intelijéncia, quazi sempre cançada, magoada, amargurada.

Mais de uma vez acima eu expuz o que chamei o *princípio dos contrários*, princípio que serve frequentemente á interpretação dos sonhos. Agora, porém, o meu maior dezejo é que não vos queixeis muito de sua aplicação a esta conferéncia e me perdoeis si, tendo vindo buscar um sonho bom, que vos fizesse passar uma hora alegre e despreocupada, eu vos servi, pela monotonia, pela insipidez, pelo enfado da minha palavra, não um sonho graciozo e leve; mas um pezadelo dezagradavel...

SOUVENT FEMME VARIE...

CONFERÉNCIA PROFERIDA PELA PRIMEIRA VEZ EM S. PAULO, EM 1909.

Duas vezes esta conferéncia foi adiada. Má recomendação, porque aquilo que muito se faz esperar parece que fica na obrigação de ser fino e preciozo. No emtanto, qualquer que fosse o estratajema oratório de que eu me servisse para atenuar o dezencanto que ides sofrer, nem por isso ele dexaria de produzir-se — de produzir-se tão fortemente, que eu nem o procuro disfarçar.

Mas deste duplo adiamento vem ainda uma recomendação peor para esta conferéncia : é que as minhas formozas ouvintes começaram a sua desforra antes mesmo que eu tivesse proferido uma só palavra. Si *souvent femme varie*, já está demonstrado que os homens não variam menos ; variam até nisto : em marcar datas de conferéncias.

De resto, não é minha intenção nem tentar a demonstração da inconstáncia feminina como quem buscasse provar uma teze, com rigores de dialética; nem tambem me limitar á volubilidade de um só dos sexos. Falando da feminina, vale a pena falar tambem da masculina. Afinal, essas duas inconstáncias são solidárias; entre si se explicam e justificam.

E' força convir, entretanto, que a das mulheres é apontada ha mais tempo e com maior veeméncia.

A isso elas respondem que nós estamos no cazo daquele pintor de Lafontaine, que pôz na tela enorme leão subjugado por um homem. Um leão, que viu o quadro, criticou-o com justiça :

> Deveis o triumfo vosso
> á ficção, blazonadores!
> Com mais razão fôra nosso,
> si os leões fossem pintores.

Assim, si as mulheres aparecem mais vezes como voluveis e inconstantes é talvez porque a quazi totalidade dos historiadores tem sido do sexo masculino.

Vale a pena atender com perfeita lealdade a esta objeção.

Não haveria, porém, um meio de remontar ás orijens do mal e ver como naceu na humanidade a inconstáncia?

A tarefa é delicada; mas talvez não seja impossivel. Talvez não seja impossivel saber si foi um homem ou si foi uma mulher que, primeiro, deu o exemplo da inconstáncia.

E é ainda provando assim a minha perfeita imparcialidade que não duvido aceitar para essa pesquiza a narrativa da Bíblia

Adão e Eva estão fora do debate. Nenhum dos dois tinha mérito em ser fiel. Faltava-lhes o que nós poderemos chamar a matéria prima para a infidelidade : nenhuma mulher, que Adão podesse cubiçar, nenhum rapaz, que Eva podesse preferir ao seu lejítimo espozo.

Alguns acharão que, ao menos desse ponto de vista, Adão foi feliz : estava seguro da constáncia da espoza. Outros dirão que isso não compensava a sua tristeza de não poder ser inconstante...

Em todo cazo, como onde não ha el-rei o perde, nenhum dos dois teve virtude.

Depois, o mundo se povoou com os cazamentos dos filhos e filhas de Adão e Eva. Mas o curiozo é notar como esses filhos e filhas foram nacendo. Si depois de cada homem

viesse uma mulher, tudo estaria arranjado : os pares se iriam formando regularmente. Não parece, entretanto, que tenha sido isso o que aconteceu. Naceu primeiro Caim, depois Abel. Só apoz é que o Génezis fala em filhas. Logo, quando apareceu a primeira, já encontrou pelo menos dois candidatos. — Era um convite á inconstáncia...

Um teólogo celebre, o Padre Mersenne, emitiu a esse respeito uma opinião muito amplamente curioza.

E' bom advertir que o Padre Mersenne não pode ser considerado um tipo vulgar. Ele foi no século 17 um homem de raro valor. Não era um padre de crenças dúbias. Deixou numerozas obras de teólojia, em que não revelava a mínima contemplação com os incréus, a quem chamava redondamente : « esses bandidos », « essa porção de canalhas ».

Mas por outro lado era homem de grande intelijéncia. Foi amigo de Galileu, amigo de Gassendi, amigo, procurador e defensor de Descartes. Mersenne fez experiéncias notaveis de fízica. Deixou a esse respeito e a respeito de matemáticas livros importantes.

Pois bem : este grave teólogo sustentou que a briga de Caim e Abel foi devida a uma rivalidade feminina. A obra em que ele fez esta

asserção não é um pequeno folheto de meia-dúzia de pájinas ; é um grosso in-fólio. Basta dizer que esse ponto está tratado na pájina 1431 ! (1).

Esse livro, aqui o confesso, nunca o li. Achei a citação do fato em uma obra do célebre escritor inglez Thomas Quincey, que insiste com igual espanto na doutrina do padre e na pájina 1431, mas infelizmente não diz que razões o autor alegou.

No tempo dele não se tinha ainda divulgado aquela fórmula celebre : « Cherchez la

---

(1) Tive curiozidade, anos depois de proferida esta conferência, de verificar em Paris, si a citação era exata.

E'. Está efetivamente na pajina 1431 do livro *Questiones celeberrimœ in Genesim*. Um inquerito que fiz, por meio de *L'intermédiaire des Chercheurs et Curieux*, revelou-me a orijem da extranha ideia do Padre Mersenne.

Ha, de fato, entre os maometanos a ideia de que o assassinato de Caim proveio de uma explozão de ciume. Dizem elles que Caim teve uma irmã gemea, chamada Aclima. Abel teve tambem uma irmã gemea, chamada Lebuda. Adão e Eva decidiram que Caim se cazasse com Lebuda e Abel com Aclima. Como, porém, Aclima era mais bonita, Caim protestou. D'aí o ciume.

Já, porém, na narração do Padre Mersenne figura outro nome, *Amama*.

A igreja católica não aceita nenhuma dessas versões. A minha é, portanto, tão heterodoxa, como a do Padre Mersenne. Em todo cazo, o incontestavel é que a Bíblia só fala em filhas de Adão e Eva, depois de Caim e Abel.

femme! » — fórmula que insinúa haver fatalmente em todos os crimes a influéncia de uma mulher. Talvez, entretanto, ele já tivesse aquela opinião.

Em todo cazo, é claro que, tendo aparecido a primeira noiva possivel, quando já havia pelo menos dois candidatos, a inconstáncia só podia ser dela.

Um dos cuidados dos juizes, quando instruem um processo, é procurar reconstituir o crime. Uzando desse direito, tantos mil anos depois dos fatos terem ocorrido, podemos imajinar como as couzas se passaram. Caim e Abel terão requestado a noiva única, que se lhes oferecia. Ao princípio, ela preferiu Caim, o mais velho. Depois, Abel, com a sua mocidade, a terá seduzido. D'aí a rivalidade, o ódio.

Si essa narração é verdadeira, Caim tem sido muito caluniado. Victor Hugo errou a poezia extraordinária que lhe fez. Lecomte de Lisle não compreendeu tambem o estado de alma desse velho criminozo. O primeiro crime foi um crime *chic*, um crime passional. Si Adão tivesse constituido um júri para julgar o filho (é verdade que faltavam os jurados) Caim teria tido uma absolvição triumfante...

Assim, examinando as couzas com toda a imparcialidade, é forçozo convir que a inconstáncia deve ter entrado no mundo pelo lado feminino. Nada admira, portanto, que nele se tenha conservado...

Mas poderá alguem dizer que, mesmo admitindo aquela orijem da inconstáncia, o que precizamente se trata de averiguar é si ela passou a constituir uma caraterística da psicolojia feminina.

Para isso o que conviria fazer era correr rapidamente a história universal e tomar o depoimento de todos os pensadores de todas as classes.

Seria esmagador!

Poderíamos arredar os poetas, porque são geralmente fantazistas e exajerados. Desde que sofrem uma pequena ferida na sua vaidade, começam logo a clamar maldições, como aquele bardo célebre, que Antonio Feliciano de Castilho popularizou, e que dezejava matar, afogando-as, todas as mulheres :

> « Podesse uma só nau contê-las todas,
> e o piloto fosse eu! »

A leviandade feminina se afigurou, mesmo aos poetas, como uma couza tão axiomática, que nem lhes pareceu necessário variar o

modo de dize-la. Nenhum autor de taboadas, escrevendo que 2 e 2 são 4, acha que está fazendo un plájio das taboadas anteriores á sua : está repetindo uma verdade. Grandes poetas procederam do mesmo modo, a propózito da volubilidade das mulheres. Tasso tinha dito :

Femina, cosa mobil per natura.

Veio Petrarca e repetiu a mesma sentença com as mesmas palavras :

Femina é cosa mobil per natura.

Mas, ainda uma vez, os poetas são, em geral, psicólogos deploraveis e para proceder com a frieza austera de um juiz ponho de lado, sumariamente, todos os seus depoimentos contra o sexo, que eles tratam com tanta ingratidão e que é, todavia, quem mais lhes tem fornecido pretexto para os seus poemas.

Vale, entretanto, a pena abrir uma exceção para um poeta psicólogo, que é tambem um dos grandes romancistas da França contemporánea. Trata-se de Paulo Bourget. Si eu proponho uma exceção a seu favor, é exatamente porque ele expoz na sua *Fiziolojia*

do Amor Moderno uma teoria que desculparia todas as inconstáncias, tanto as femininas como as masculinas. Testemunhas a favor do réu nenhum juiz pode afastar.

Bourget formulou este princípio : « Cada mulher só ama um só e mesmo homem. »

O que, porém, ele assevera é que esse homem é um tipo ideial que ela traz na sua fantazia. Declarando-se apaixonada por este ou por aquele, está certa de que encontrou a realização do seu sonho íntimo. Mas depressa a convivéncia a dezilude. Verifica então que ele, em parte realiza, mas em parte muito maior se afasta da figura que dezeja. Deixa-o. Mas deixa-o para ir sempre em busca do mesmo tipo. E Bourget escreve num rizonho paradoxo : « Mas sua inconstáncia é uma constáncia ; sua infidelidade uma fidelidade. Ela julgará ver no seu segundo amor o homem ideal que tinha julgado vèr no primeiro — exatamente o mesmo. E isso é tão assim, quer no moral, quer no fízico, que comparando os diversos « caprichos » de uma rapariga ou de uma grande senhora — eu falo dos caprichos sinceros — fica-se espantado da fixidez dessas almas, que passam por voluveis. »

Toda essa teoria é um gracejo. Bourget a

fez para as mulheres, Hinzelin a poz em verso para os homens, dizendo que cada um deles só tem um amor, embora sob as formas as mais contrárias :

> Nous croyons aimer bien des fois.
> Nous comptons même sur les doigts
> mille passions téméraires.
> On les distingue, on les confond...
> Hélas, on se trompe, mes frères ;
> on n'a qu'un seul amour au fond,
> sous les formes les plus contraires...

Mas esta metafízica da inconstáncia não ilude ninguem.

Afinal, é pozitivo que essas duas testemunhas de defeza não são sérias. Elas não negam o crime. Justificam-n'o capciozamente.

Pois que o autor da fraze célebre : « Souvent femme varie ; bien fol est qui s'y fie » — é um rei, podíamos passar a indagar da opinião conhecida de alguns reis.

Mas, para começar, convém dizer que Francisco I nunca proferiu exatamente aquela fraze. Enfeitaram-n'a, embelezaram-n'a para uzo da posteridade, Francisco I escreveu no palácio de Chambord uma fraze ainda mais forte, pois que não abria exceção alguma :

« Toute femme varie ». Foi Victor Hugo que escreveu em *Le Roi s'amuse* :

Souvent femme varie,
bien fol est qui s'y fie.
Une femme souvent
n'est qu'une plume au vent.

D'aí derivaram os versos popularíssimos do Rigoletto :

La donna é mobile
qual piuma al vento :
muta d'accento
e di pensier...

Mas Francisco I era uma autoridade muito desmoralizada para falar de alheias inconstáncias, porque ninguem mais voluvel.

Outro monarca nas mesmas condições foi o bíblico Salomão, que teve 990 espozas e deixou uma catilinária violentíssima contra as mulheres ! E' verdade que se pode dizer que exatamente por isso ele as devia conhecer bem...

Seja, porém, como fôr, quando aqui se alinhassem os nomes de todos os monarcas, reapareceria a objeção que já encontrámos : — a suspeição masculina.

Que fazer? A quem recorrer para arreda-la ?

Até certo ponto, é lícito para afasta-la, pensar nos padres, nos frades, nos grandes doutôres da Igreja.

Homens são, é verdade; mas homens que dezistiram de todos os prazeres do século. Não devem, portanto, ter parcialidade a favor de um ou do outro sexo. Sondando as almas até o fundo pelos segredos do confissionário, eles tanto conhecem as mulheres como os homens. Dá-se mesmo uma circumstáncia muito importante. Si eles ouvissem dos indivíduos do seu sexo confissões frequentes de que andavam... (como se ha de dizer isto?)... de que andavam pintando o padre, os padres teriam de certo uma tal ou qual inveja dessa bòa vidinha, sentiriam mais fortemente os prazeres de que se tinham privado e seriam mais fortemente implacaveis com os do seu sexo que com os do sexo oposto. Pois então, emquanto eles, homens como os outros, ali passavam o tempo a privar-se do direito de amar e ser amados, os de cá de fôra estariam uzando e abuzando dessa faculdade, passando de um a outro amor?! Ás mulheres, talvez perdoassem, mas nunca aos que lhes estavam tomando o lugar!

Assim, quer por princípio teórico de jus-

tiça, quer por natural parcialidade, não ha razão para crer que os sacerdotes tenham maior benignidade para os do seu sexo. E todos, no emtanto, tem denunciado a volubilidade como um predicado essencialmente feminino.

Vá aqui apenas a citação de um — mas um que figura entre os maiores doutôres da Igreja : S. Jerónimo.

S. Jerónimo dizia : « Que querem essas mizeraveis mulherezinhas, carregadas de pecados, que giram ao sopro de todas as opiniões, aprendem sempre e nunca chegam a saber a verdade? » E era dezapiedado com a inconstáncia feminina.

Mas é curiozo saber que os seus contemporáneos o acuzavam de perder muito tempo com essas a quem ele chamava « mizeraveis mulherezinhas ». Assim que lhe faziam qualquer pergunta, ele tinha uma complacéncia infinita para discutir com elas as mínimas questões (1). E eram os homens que se queixavam de que ele não lhes dava atenção bastante.

S. Jerónimo talvez fizesse o que fazem todos os que falam mal dos médicos e das

(1) G. Boissier. — *La Fin du Paganisme*, II, 81.

mulheres. Não os podem dispensar. Basta um pequeno incómodo para que recorram aos primeiros. Basta o lijeiro frémito de uma saia para que logo percam a cabeça...

Em todo cazo, ha um fato pozitivo : o depoimento de todos os homens da Igreja é formalmente pela inconstáncia feminina.

Mas o ideal, para conhecer a verdade, seria ou fazer a estatística dos voluveis e dos não voluveis, ou buscar na história os grandes voluveis e ver a que sexo pertenciam.

Ha pouco, eu lembrei que a isso as mulheres objetam ser a quazi unanimidade dos historiadores do sexo masculino tornando, assim, natural que o tenham desculpado. Mas é uma objeção sem valor.

E' uma objeção sem valor, porque a fatuidade masculina a leva a gabar-se até de conquistas que nunca foram feitas, ao passo que os costumes, as tradições, as leis, tudo obriga as mulheres a negar, mesmo os amores mais irrecuzaveis além do único que o Código e o 7° mandamento da Santa Madre Igreja lhes permite. Os historiadores homens não tem razão para esconder uma couza que todos os homens voluveis abertamente proclamam ou habilmente deixam perceber...

O tipo de D. Juan é um tipo lendário. Mas a experiéncia universal demonstra que um homem faz tanto mais conquistas quanto mais as conquistadas sabem que ele foi até aí voluvel. Acontece nesse cazo o mesmo que se dá com o amor ás atrizes. Com igual beleza e igual facilidade de conquista á de qualquer outra mulher — uma atriz é sempre mais requestada.

Por que? — Porque parece que se tem com isso dois prazeres : o prazer corrente de amar e ser amado e o prazer um pouco perverso de rouba-la a todos aqueles milhares de outros homens, que cada noite a vèm e aplaudem. Tèm-se a impressão de que estamos furtando, de que estamos logrando todos esses que de lonje a cubiçam.

E' por igual razão que D. Juan faz tanto mais conquistas novas quanto maior é o número das que já fez. Essas conquistas novas, quando são abandonadas, não merecem muita pena. Elas sabiam o perigo que corriam. Mas a vaidade, mas o dezejo de triumfar das suas concurrentes, a esperança de poderem vencer onde tantas sucumbiram, as leva a arriscar-se. Quando perdem a partida, não devem sucitar muita compaixão. E' do jogo... O que elas queriam era furtar o vo-

luvel a todos os seus amores anteriores.

Por tudo isso, o que eu quero fazer sentir é que os historiadores masculinos não teriam motivo algum para esconder a nossa volubilidade... si nós fossemos voluveis, porque os raros que o são tiram disso vaidade.

E o que eu alegava ha pouco, para mostrar que, si nós tivéssemos esse traço de carater, os padres seriam mais implacaveis conosco do que com as mulheres, é o que tem sucedido com os historiadores.

Os historiadores são, em geral, sujeitos graves e austeros, enterrados nos seus alfarrábios. Quando eles encontram alguma figura que lhes parece de quem teve muitas aventuras, sentem manifesta inveja. Comparam a frieza das suas bibliotecas á tepidez delicioza dos carinhos do amor; comparam a insipidez da sua vida ás aventuras romanescas dos outros e atiram-se a descobrir-lhes defeitos. Ás vezes, são precizos séculos para se fazer justiça a um desses caluniados pelos historiadores mais austeros.

Querem um exemplo? — E' um exemplo um pouco longo; mas não ha melhor em toda a história!

A História — e não se fala aqui na histó-

ria fantazista e lendária de D. Juan, do Barba-Azul e de outros tipos idénticos — a séria, a grave, a solene História, que nos ensinaram no coléjio, conta a vida de um homem que ficou sendo um tipo de inconstante. Um homem que se cazou com seis mulheres, tres Catarinas, duas Anas e uma Jane, que mandou matar duas, de duas se separou, viu morrer uma e deixou a outra viuva — pode haver dúvida que foi um grande voluvel?

— Pode!

Talvez o exemplo seja um tanto extenso para ser citado : mas vale a pena aponta-lo, porque é um cazo real. A fantazia dos romancistas, si creasse qualquer outra couza nesse género, passaria por inverosimil.

O homem de que se trata foi Henrique 8° da Inglatèrra. Como ele viveu em uma época perturbada, como ele separou seu paiz do catolicismo romano e como o que nos ensinam é a tradição da ortodoxia católica, ele tem sido muito caluniado. Mas documentos só recentemente aproveitados permitiram reconstituir-lhe melhor a fizionomia e fazer-lhe justiça.

Henrique 7°, rei da Inglaterra, tinha dois filhos : Artur e Henrique. Era o tempo em

que a América começava a ser uma perspetiva de grandes riquezas para a Hespanha. Henrique 7° achou que seria um bom negócio cazar algum dos filhos com uma princeza hespanhola.

Dos filhos, o mais velho, Artur, tinha apenas 11 anos. A princeza hespanhola que convinha já estava com 18. Isso não pareceu embaraço a nenhuma das famílias. E foi assim que Catarina de Aragão se cazou com um reizinho creança. Mas d'aí a dois anos ele morreu. E' inutil dizer que não deixou posteridade.

Henrique 7° estava logrado nos seus sonhos de aliança. Teve, porém, uma ideia estranha. « E si ele cazasse o filho mais moço com a cunhada viuva? » Para tal fim era precizo uma licença do papa. O papa mostrou-se amavel e concedeu. Graças a isso o futuro Henrique 8°, que tinha então 18 anos, veiu a cazar-se com Catarina de Aragão, que tinha 26.

Já não era um par muito igual pela idade. Resta acrecentar que não o era por nada mais. O príncipe, rapaz elegante e instruido, falava quatro linguas, sabia bem fízica e mecánica. Era artista : conhecia admiravelmente a múzica. De mais, era um teólogo

profundo e sutil. Quando Lutero rompeu com o papa, ele escreveu um volume em latim contra Lutero.

Catarina, oito anos mais velha que ele, era uma matrona. Não tinha elegáncia alguma : gòrda, sem cintura, sem pescoço, com uma testa muito saliente, o queixo grande e prognata, os olhos muito rasgados, mas parados e mortos, e, além de tudo, ignorante, enfatuada, orgulhoza.

Como iam entender-se os dois?

Contra o que poderiam estranhos pensar, entenderam-se ao princípio muito bem. Pouco depois do cazamento, Henrique 7° morreu. O príncipe subiu ao trono e logo apoz teve uma filhinha, que foi mais tarde a célebre Maria Tudor. Mas, a seguir, vieram cinco tentativas de maternidade, que acabaram mal : todos os filhos lhe naciam mortos.

Ora, os inglezes não tinham gostado do cazamento de Henrique 8°. Os canonistas da época achavám que cunhados não se podiam cazar. E' verdade que o papa tinha dado uma dispensa especial. Mas os canonistas insistiam que lhe faltava competéncia para revogar um texto da Bíblia, no Levítico : « O que tomar a mulher de seu irmão faz uma couza ilícita... eles não terão filhos. »

O nacimento da pequena Maria Tudor parecêra ao princípio desmentir a afirmação do livro sagrado. Mas a série dos cinco máus sucessos da rainha e mesmo o fato de que Henrique 7° tínha morrido logo apoz o cazamento do filho, despertaram o fanatismo geral : os fatos estavam mostrando que aquele cazamento era maldito.

Essa opinião crecia a cada novo insucesso de Catarina de Aragão.

Alem de tudo, a cada novo insucesso, exatamente por cauza deles, ela ficava mais adoentada, mais feia, mais irritadiça, mais ciumenta, mais insuportavel.

Henrique 8° não lhe tinha, entretanto, sido muito infiel. Só de uma ligação irregular se tem notícia perfeita. Mas é precizo figurar bem a importáncia que tinham naquele tempo as questões relijiozas — mórmente para ele que era tambem teólogo. As crendices do povo, a sua decendéncia ferida de uma espécie de maldição que parecia corroborar a opinião geral, e, de mais a mais, a transformação do carater da mulher — tudo isso era bem de natureza a faze-lo pensar no divórcio.

Ha quem diga que ele quiz separar-se de Catarina para cazar com Ana Bolena. Mas é

uma injustiça. Os documentos que hoje se possuem permitem afirmar que ele só começou a cortejar Ana Bolena depois que estava decidido a romper com sua primeira espoza.

Ao princípio, para conseguir este fim, ele se lembrou de pedir ao papa — que já então não era o que tinha dado a dispensa — que anulasse o cazamento. Clemente 7° prometeu e ia fazer. Ia fazer, com tanto maior bôa vontade, quanto ele estava em luta com Carlos 5°, tio de Catarina. Era uma bôa peça que lhe prégava. Mas exatamente por cauza dessa luta as negociações demoraram. Carlos 5° teve tempo de derrotar o papa e prendeu-o. Diante disso, Clemente 7° dezistiu de dar a anulação que Henrique 8° dezejava.

Que podia este fazer? — Ainda assim, não quiz ajir por si só. Reduziu a questão a uma teze de teolojia e consultou as mais célebres faculdades dessa ciéncia, que então havia na Europa : si o cazamento com a viuva de um irmão podia ser lícito.

As Universidades da Alemanha e da Itália deram respostas dúbias e evazivas; a de Paris e as da Inglaterra declararam categoricamente que não. E foi diante disso que ele submeteu o seu cazo ao Parlamento e este,

de acôrdo com o profundo e sincero sentimento geral, anulou o fatal enlace.

A nós, hoje, e sobretudo lonje da Inglaterra, nos custa um pouquinho a admitir esse estranho estado de espírito que leva a considerar como um crime tão grande o cazamento entre cunhados, que é entre nós um fato vulgaríssimo.

No emtanto, não se pode suspeitar da sinceridade de Henrique 8º. porque ainda hoje os inglezes pensam do mesmo modo. E pensam apaixonadamente. Ha a este respeito um fato curiozo. Aprezentou-se á Camara dos Comuns um projeto de lei permitindo o cazamento entre cunhados — mas cunhados, entenda-se bem, um viuvo com a irmã da falecida mulher. Na hipóteze de um bravo súbdito inglez cazar-se com a viuva do irmão ninguem ouza pensar na Inglaterra! Mesmo, porém, a permissão do cazamento entre um viuvo e a irmã da finada espoza foi quinze vezes aprezentada á Camara dos Comuns, aprovado muitas vezes por ela e sempre rejeitado pela Camara dos Lords. Só no ano passado — em 1908 — é que a medida se converteu em lei. No emtanto, em 1883, quando o rei atual era príncipe de Gales e, como tal, tomava parte nas deliberações da

Camara dos Lords, votara por aquela reforma. Isso não adiantou nada. Passaram-se ainda 25 anos sem que aquela alta assembléa modificasse o seu modo de pensar.

Mas, ainda uma vez, a modificação foi unicamente para o cazo do cunhado que se caza com a cunhada, irmã da sua falecida mulher. O cazamento de um cunhado com a viuva de um irmão continúa a não ser permitido.

E' diante desse estado de espírito, persistindo atravez de cinco séculos, que se deve examinar o procedimento de Henrique 8°. Os que o julgam com justiça compreendem perfeitamente que ele tenha sido sincero, quando acabou por ceder ao sentimento geral do seu povo, que parecia corroborado pozitivamente pelo castigo do céu. Os cinco máus sucessos de Catarina de Aragão acabaram por ter a seus olhos o caratér de uma verdadeira maldição do Senhor.

Foi quando ele já tinha decidido a anulação do cazamento que começou a namorar Ana Bolena. Esta, porém, nunca se deixou seduzir: nunca se abandonou ao seu requestador, sinão depois de cazada. Assim que o Parlamento confirmou a anulação, Henri-

que 8° a despozou secretamente, ainda esperando que o papa se conformasse.

Mas o papa, furiozo, o que achou de mais habil a fazer foi ameaça-lo de excomunhão. Já a esse tempo Ana Bolena lhe dava esperanças de ser pai. O povo entuziasmou-se com a notícia e de toda parte surjiram pedidos ao rei para que tornasse público o cazamento. E foi o que ele fez, no meio da alegria delirante da população de Londres.

Ana Bolena estivera muito tempo na còrte de Francisco 1°, de França. Era viva, alegre, espirituoza. Estava habituada a ouvir galanteios. No meio da austeridade ingleza, fôra isso mesmo que seduzira o rei; ela se destacava pela sua mocidade, pela sua graça. Mas foi tambem isso mesmo que a perdeu.

Em torno dela a intriga fervia. O rompimento do rei com o papa fazia com que os católicos tivessem começado a combate-la. Catarina de Aragão, cada vez mais dezesperada, vivia conspirando. Tantas couzas disseram ao rei; que ele acabou por suspeitar da espoza e mandar submete-la a processo : submeter a ela e aos seus cinco supostos cúmplices. Henrique 8° suspeitou realmente. Fez cenas ridículas de ciume — até com o

irmão de Ana Bolena, que foi um dos cinco prizioneiros.

O que prova bem como o seu ciume era real é que ele mandou oferecer o perdão aos cinco acuzados si confessassem a verdade. Vê-se nisso o estado de espírito do ciumento que quer saber realmente si o seu infortúnio é verdadeiro. Mas dos prezos quatro — que exatamente eram quatro fidalgos — negaram absolutamente qualquer relação suspeita com a rainha. Só o quinto, um desgraçado múzico, aquele a quem menos se podia acreditar que a rainha favorecesse — apenas esse, tranzido de terror, esperando assim salvar a vida, confessou o seu imajinário delito.

De nada serviu. Foi executado como os outros.

Ha ainda a carta admiravel que Ana Bolena escreveu ao marido, quando estava preza.

> « Senhor. Vós me tirastes de uma categoria obscura para fazer de mim vossa rainha e companheira. Foi muito mais do que eu merecia. Si Vossa Majestade me julgou digna de uma tal honra, não permitais ás invenções

> loucas ou aos maus conselhos dos meus inimigos, que me retirem vossa estima real; não deixeis essa mancha, essa mancha infame, macular vossa espoza, que sempre vos foi fiel; mancha que cairá sobre a princeza vossa filha ».

Depois, serenamente, ela pedia que o seu julgamento se fizesse de um modo regular, afastando-se os seus acuzadores, que não deviam ser ao mesmo tempo seus juizes. E acabava dizendo :

> « Mas, si minha sorte já está decidida e não só minha morte como odiozas calunias vos devem dar a felicidade a que aspirais, meu dezejo é que Deus vos perdôe... e não vos peça contas severas do tratamento cruel e pouco digno de um rei, que me fazeis sofrer. Vós e eu devemos dentro de pouco tempo comparecer diante dele e, seja o que fôr que o mundo possa pensar de mim, não tenho dúvida alguma de que o julgamento de Deus fará brilhar pública e inteiramente a minha inocéncia. Meu único e último ped ido é

que só eu carregue o pezo do vosso descontentamento e que não o estendais aos pobres e inocentes cavalheiros que, segundo eu soube, foram tambem prezos por causa do meu processo. Si algum dia eu vali alguma couza aos vossos olhos, si algum dia o nome de Ana Bolena foi agradavel a vossos ouvidos, atendei a este pedido e eu não importunarei a Vossa Majestade. »

E assinava e datava, triste e nobremente :

De minha doloroza prizão na Torre, a 6 de maio. Vossa mulher leal e que sempre vos foi fiel.

Ana Bolena.

A carta é de uma tristeza comovedora. Respira sinceridade. Mas o rei estava cégo de ciume. A intriga relijioza e a intriga cortezã tanto lhe tinham torturado o espírito que ele não via mais nada.

Ana Bolena morreu com uma firme rezignação. Tinham marcado a sua execução para certa hora ; depois adiaram. Ela lastimou o adiamento. Disse, entretanto, ao diretor da prizão, onde a iam decapitar, que

afinal, sendo o seu pescoço fino e o carrasco habil, não podia sofrer muito. E com as mãos afagava o pescoço, realmente delicado e grácil.

No momento da morte, ela murmurou apenas :

> « Si alguem ainda se interessa por mim, eu lhe peço que me julgue favoravelmente ».

Ela mesmo arrepanhou os cabêlos, meteu-os em uma coifa e inclinou-se sobre o cèpo fatal. O carrasco foi, como a infeliz previra, perfeitamente habil...

Assim que Henrique 8° enviuvou desse modo trájico, o Parlamento se reuniu e pediu-lhe que se cazasse de novo, porque, si é certo que ele tinha duas filhas, faltava-lhe um herdeiro varão e, de resto, as filhas tinham nacido, uma de matrimónio nulo e outra de mãi que acabára mal. E não foi só o Parlamento : todos lhe rogavam que não se demorasse.

Henrique 8° cedeu. Cazou-se pela terceira vez. Escolheu uma mulherzinha plácida e calma. Menos de um mez depois da morte de Ana Bolena, Jane Seymour era rainha

de Inglaterra. O povo festejou ruidozamente o novo enlace. A alegria ainda foi maior quando se soube que ela ia ser mãi. Mas, acabando de ter o filho, adoeceu e morreu.

Morreu — e de novo o Parlamento, os nobres, o povo — todos reprezentaram a Henrique 8° que ele precizava cazar. Algumas súplicas mais injénuas acrecentavam : — *emquanto ainda é tempo...*

Um dos seus ministros convenceu-o de que ele devia aliar-se a uma princeza alemã e propoz-lhe Ana de Cléves.

O rei quiz saber que tal ela seria : bonita ou feia? de bom ou máu humor?

Naquele tempo não havia a fotografia, as viajens eram dificeis. Todos sabem como as mulheres enganam, mesmo quando é o próprio interessado que as examina. Calculem o que devia suceder nesses cazamentos por informações.

Ha ainda as instruções que o pai de Henrique 8° tinha dado a trez embaixadores, quando quiz cazar-se com a rainha de Nápoles. Dizia esse documento :

> « 1° Observarão exatamente o aspeto, a estatura da joven rainha e, sobretudo, a forma do seu corpo.

2° Si seu rosto é pequeno ou não, gordo ou magro, comprido ou redondo; si seu ar é alegre e amavel ou triste e casmurro; si é constante ou leviana; si durante a conversa algumas vezes cora.

3° Notarão qual é a maciez da sua pele e a còr dos seus cabelos. Prestarão muita atenção aos seus olhos, ás suas sobrancelhas, aos seus dentes e aos seus lábios, á forma do seu nariz, á altura e sobretudo á largura da sua testa e a sua cutis.

4° Procurarão ver suas mãos descalças e observar sua forma; si são gordas ou magras, compridas ou curtas, si a pele é fina ou grossa.

5° Procurarão ver si o seu pescoço é bonito, os seios grandes ou pequenos e si tem algum pèlo em torno dos lábios.

6° Procurarão falar diretamente á rainha e falar de tão perto quanto a honestidade o permita afim de verificarem si o seu hálito é suave ou não, ou si, quando ela abre a boca, exala perfume de tempèros ou de roza e almiscar.

7° Notarão a altura da sua cintura e quanto ela pode ainda ser levantada pelos saltos das botinas; observarão, si podérem, a forma dos seus pés.

8° Informar-se-ão secretamente si ela não tem alguma moléstia, ou injénita ou escondida, algumas manchas no corpo, etc., etc.

Hoje parecer-nos-ia supremamente indiscreto que alguem fosse assim mirar, cheirar, apalpar, examinar nossa noiva! Mas naquele tempo para os reis não havia outro remédio.

Henrique 8° teria dado instruções análogas aos que ele mandou examinar Ana de Cléves? Não se sabe. O certo é, porem, que as informações que chegaram foram muito dezencontradas : uns diziam que era bonita, outras que era um pavor! O rei teve uma ideia luminoza : pediu a Holbein, grande pintor da época, que lhe fizesse um retrato da princeza.

Veio o retrato : era incontestavelmente bonita. Ele a pediu em cazamento e a princeza seguiu para a Inglaterra.

Já a viajem foi atormentada. De Calais a Douvres gasta-se hoje hora e meia, no máximo. Naquele tempo a viajem era de trez

a quatro horas. Pois o navio em que Ana de Cléves foi para a Inglaterra arranjou-se de tal modo que levou quinze dias para atravessar a Mancha! Parece que o caiporismo de Henrique 8° cada vez era maior : começava a pezar até sobre as suas noivas; não esperava que chegassem a espozas.

Mas o peor não foi isso. Afinal, ao cabo dos 15 dias, Ana de Cléves sempre chegou á Inglaterra. Mas, quando Henrique 8° a viu, quando se certificou que ela era um assombro de feialdade, sem graça, sem beleza, sem elegáncia, ficou dezesperado. Holbein tinha melhorado o retrato. O rei não se conteve : disse as maiores grosserias. Felizmente foi em inglez. E a alemã tinha tão pouca iniciativa que apezar dos longos mezes que duraram as negociações matrimoniais não se dera ao trabalho de aprender nem uma palavra da lingua do povo de que ia ser rainha.

O rei declarou ali mesmo, redondamente, que não cazava (1).

---

(1) E' sabido o fato que, quando D. Tereza Cristina veio da Italia para cazar-se com o imperador D. Pedro II, este teve tambem uma violenta decepção, que se manifestou de um modo veemente. Em outros tempos, D. Pedro teria talvez ajido como Henrique 8°.

Mas os ministros lhe aconselharam que não fizesse isso : cazasse e anulasse logo apoz o cazamento. Era mais correto.

E foi o que ele fez. Submeteu-se á cerimónia relijioza, despachou a mulher para os seus apozentos e retirou-se ele para os que lhe eram particulares. Foi o que se chamaria hoje na França um *mariage blanc*.

A anulação não teve a mínima dificuldade — tanto mais quanto a alemã, cada vez mais fria e plácida, conformou-se admiravelmente com o que lhe sucedera. Ela era uma princeza pobre. O rei deu-lhe uma quinta explêndida e uma bôa dotação. Diante disso, Ana de Cléves não teve a mínima queixa, não se lamentou, não conspirou.

Quem mais sofreu com esse cazamento foi o ministro que o aconselhou : acabou decapitado ! O motivo alegado para a sua morte não foi esse. Mas esse constituiu, de fato, o grande motivo aos olhos de Henrique 8°, para não ter com ele a mínima clemência. O rei sentia que estava ficando ridículo aos olhos da Europa.

E assim que se descazou, logo surjiram as reprezentações para que se cazasse de novo.

Foi o que ele fez, seis mezes depois. Escolheu uma bela moça, que tinha então

27 anos. Era calma, tranquila, virtuoza. Tinha uma reputação de perfeita frieza. Só se lhe conhecia um certo gosto pelas toilettes faustozas. Nunca, porém, tivéra, que se soubesse, nenhum namoro.

Henrique 8° pareceu afinal ter achado a companheira ideial. Ele já estava velho e obezo; precizava de uma espoza quieta, de gostos cazeiros. Catarina Horward realizava esse ideial.

E foi assim durante 13 mezes. Mas um dia — ele estava auzente da Capital — recebeu uma carta do arcebispo Cranmer, dizendo-lhe que aquela virtuoza moça, tão séria, tão respeitada, tinha concedido intimidades excessivas, antes do cazamento, a, pelo menos, dois cavalheiros...

Henrique 8° não acreditou. Arranjou-se, porém, de modo que se fizesse um inquérito com segredo e segurança. Parece que depois da morte de Ana Bolena ele se convencêra de que tinha sido injusto.

Mas dessa vez a acuzação era verdadeira. Verdadeira e insuficiente — porque Catarina Horward não só concedêra aquelas intimidades antes do cazamento, como as continuára com um dos cúmplices depois dele e favorecêra mesmo um novo galanteador.

Ela confessou tudo. Confessou serenamente. Declarou sem a menor restrição que o seu castigo era merecido. E fez até uma couza estupenda, o exemplo mais assombrozo de que talvez a história dê noticia em matéria de preocupação de *feminilidade* — si assim pode dizer-se. Pediu que trouxessem para sua prizão o cêpo sobre o qual tinha de estender o pescoço para ser cortado, afim de ensaiar o melhor modo de nele colocar a cabeça!

É bom dizer que a preocupação de toilette acompanha as mulheres até os últimos instantes. Madame Fry, uma senhora, que se dedica a vizitar as condenadas á morte nas prizões inglezes, onde essa pena contra as mulheres se executa frequentemente, diz que a preocupação principal de todas elas é a de saber que roupa vestirão quando forem para a forca (1).

O cazo de Catarina Horward mostra que já ha muitos séculos atraz a mentalidade feminina era a mesma de hoje. Catarina Horward foi apenas um pouquinho mais lonje, não se contentando com informações e querendo fazer um ensaio prévio.

---

(1) Citado em NICOLAY. — *Histoire sanglante de l'Humanité*, p. 162.

Que pavorozo ensaio!

Depois de tal dezastre, Henrique 8° não queria mais cazar-se. Dessa vez não queria, realmente. Mas o seu povo tanto lhe pediu que ele mais uma vez se cazou.

Foi ainda com uma Catarina — Catarina Parr. Como, porém, ele queria estar ao menos livre de fazer indagações sobre o passado, tomou a rezolução de escolher uma viuva. Com uma viuva. tem-se uma segurança : é que se deve aceitar a benefício de inventário tudo o que se passou até a morte do espozo anterior e que ficou por conta dele...

Henrique 8° deu-se bem com a viuva, durante os trez anos e tanto que com ela viveu. Catarina Parr, ou não teve tempo para engana-lo, ou soube fazer a couza com arte, ou — tudo é possivel! — era mesmo fiel.

Mas quando Henrique 8° morreu, ela só deixou passar o tempo do luto : cazou de novo! Viuva de um marido de seis mulheres, ela quiz ter ao menos trez maridos. Souvent femme varie!

A narração da vida conjugal de Henrique 8° foi um pouco longa. Tirando, porém, os tipos lendários, como D. João,

o Barba-Azul e outros, não ha talvez na história, na historia documentada e séria, tipo mais célebre de homem voluvel que o de Henrique 8º.

Mas é uma injustiça. Afinal, o desgraçado não passou de uma vítima da fatalidade (1).

Dirá alguem que esse exemplo não prova nada?

Prova!

Prova que o engano feminino não poupa os reis. Uma rainha que se quizesse cazar com um príncipe estranjeiro e mandasse tomar informações a seu respeito, tè-las-ia completas. Seriam facílimas de obter. Um homem, querendo obte-las sobre uma mulher, nunca as consegue.

Prova!

Prova como os homens, quando são acuzados de volubilidade, é sempre injustamente. Lembrem-se que se trata de um rei,

---

(1) Outro monarca muito acuzado de inconstáncia é Luiz 15, da França Mas o infeliz se cazara com uma mulher excessivamente friorenta. Ela passava a maior parte do tempo em quartos muito aquecidos e só se deitava em camas, em que havia numerozos cobertôres. Era um inferno! O rei abafava; ficava sufocado, sem ar! Várias vezes precipitou-se do leito conjugal, que era muito alto, chegando quazi a ferir-se gravemente.

Como ser constante em tais condições? (V. CABANÈS. — *Mœurs intimes du Passé* — 1re série, pag. 53.)

de uma grande figura histórica, de um indivíduo sobre cujos atos durante sua vida e depois dela houve sempre milhares de olhos acezos, indagando, perscrutando...

Nós, homens, jogamos uma partida dezigual. No amor, nós estamos á plena luz, procurando vencer um adversário perigozo, que nunca se revela inteiramente tal qual é.

Assim, quando a História nos garante que as mulheres são mais voluveis que os homens, é precizo aceitar-lhe o depoimento e dizer mesmo que esse depoimento ainda é atenuado, porque os historiadores austeros vingaram-se da sua vida falhada, falando mal, caluniando todos os homens que lhes pareceram ter tido algumas bôas fortunas...

Mas, emfim, pois que nós temos de lidar com elas e somos forçados a admitir como um dogma a inconstáncia feminina, dois partidos se aprezentam : o de querer achar as menos inconstantes ou o de abandonarmo--nos á sorte e aceitar, si não mesmo promover á categoria de virtude, essa malsinada qualidade.

Evitar é mais dificil. Como? Seria precizo conhecer quais as inconstantes — e nós acabamos de vêr Henrique 8° tomando para sua quinta espoza — já, portanto, devia

estar bem experimentado — uma bela moça, de aspeto extremamente sério, sobre a qual ninguem jámais ouzara murmurar e que, todavia, foi a que mais o traiu. Quem vè caras não vê corações — assegura um provérbio desconfiado e prudente.

Mas, emfim, talvez fosse possive pedir ás meias-ciéncias um pouco fantazistas de adivinhação : grafolojia, quiromancia, fiziognomonia, quais os sinais das inconstantes.

A grafolojia assegura que a mudança frequente do córte dos *t t* é um indício forte de volubilidade. A mudança nas outras letras tambem é importante; mas a do *t* é mais caraterística. Ha córtes do *t* horizontais, uns pequenos e outros grandes, inclinados, baixando para a direita, baixando para a esquerda; ha cóncavos, ha convexos, ha os que se põem na baze da letra, ha os que pairam lá em cima dela, como aeroplanos vagabundos. Os grafólogos nos advertem : desconfiem da fixidez de quem vive a mudar os cortes dos *t t*.

Crépieux-Jamin, o mestre incontestado dessa ciéncia, nos diz que « a constáncia se revela na regularidade e igualdade do movimento geral da escrita, assim como nos cortes de *t*, nos sinais de pontuação, sempre

colocados do mesmo modo e com a mesma intensidade ».

Mas quando se olha de lonje para uma formoza moça, ninguem sabe como ela corta os *t t*. Para isso é já precizo estar na faze comprometedóra das cartinhas de namoro.., E quando se chega a essa faze, já ninguem presta atenção á caligrafia.

Guerra Junqueiro achava deliciozo que sua namorada ignorasse « os mistérios fatais da ortografia » ; Luiz Guimarães Junior, recebendo uma carta, dizia :

> A cartinha gentil, que me escreveste,
> é um tezouro de erros e belezas :
> da tua ortografia as incertezas
> dão mais valor ás couzas que disseste.

E concluia entuziasmado :

> Tu é que és sábia, ó lirial Maria,
> tu é que és sábia, milionária e nobre :
> tens coração em vez de ortografia.

Quando se chega a semelhante estado de espírito, não se tem mais a lucidez precisa para olhar formas de letras...

Seria necessário portanto, achar indícios mais faceis de apreender, á primeira vista. Os quiromancistas dizem que as pessoas que

têm a baze do polegar sulcada de muitos traços em duas direções, formando uma série de quadradinhos, terão na vida muitos pequenos amores dos menos recomendaveis... O ideal, em mão de namorado é ter aí apenas um traço firme e profundo e na baze do indicador uma cruz. A cruz, nesse ponto, indica o cazamento por amor. (Entre paréntezis, pode-se dizer que, com amor ou sem amo, o cazamento é sempre uma cruz...) O traço único assevera que a pessôa só terá uma paixão ; mas essa firme e inabalavel.

Um dos grandes quiromancistas francezes d'Arpentigny, escrevia, uzando de um circumlóquio deliciozo, que as mulheres de polegares pequenos e flexiveis devem ser cuidadozamente evitadas, porque essa forma de polegar indica a « necessidade de atividade fora do lar doméstico »...

Mas si todos os namoros, *pour le bon motif*, acabam pedindo-se a mão da namorada; não é por aí que se deve começar. Ninguem entra em relações com uma moça, fazendo logo esse pedido da mão, para examinar, como se faz o do pé aos papagaios...

Ha a fiziognomonia. Essa é que seria a ciéncia ideial. Nada entretanto, mais falivel. Dizem alguns que o tipo do rosto que se

chama « venuzino » é o das mais inconstantes : esse tipo é o das que tem o rosto lijeiramente oval. Um sinal, sobretudo, alguns dão como decizivo : a boca levemente cerrada. Parece que os lábios estão apenas apoiados um no outro, com o mínimo de pressão. Dir-se-ia que eles estão sempre prontos a dizer que « sim ». « Sim » a um, « sim » a outro, « sim » a todos...

Naturalmente os que indicaram esse traço pensaram no traço contrário ao da decizão e enerjia. Todos conhecem a expressão das figuras cheias de rezolução : trazem sempre a boca bem fechada, fechada até com uma certa enerjia, que lhe põe rugas nos lábios.

Vendo isso, alguns fiziognomonistas acreditaram que uma boca, de forma contrária a essa, deveria ser a dos irrezolutos e inconstantes.

Mas ha constáncias macias e rizonhas : ha gente que sabe perseverar no que quer, sem fazer nenhum gesto de enerjia. « Querem » de vagar — sorrindo amavelmente; mas « querem » com uma tenacidade invencivel. Assim, aquele e todos os outros anúncios de inconstáncia não valem nada.

E' precizo dezistir de conhecer á primeira inspeção quem é e quem não é inconstante.

E' um mal cujo diagnóstico ainda não se descobriu, cujo remédio não se conhece.

Basta lembrar que os homens mais ilustres foram largamente enganados pelas mulheres em que mais acreditaram. Camões dizia que a única firmeza feminina consiste no propózito de sempre mudar :

> « Nunca ponha ninguem sua esperança
> em peito feminil, que, de natura,
> sómente em ser mudavel tem firmeza. »

E Voltaire, com a pontinha de malicioza impertinéncia, que lhe era habitual, assevera que só depois de velhas é que as mulheres, não podendo mais variar, ficam constantes — e comparava-as por isso aos cataventos, que só param quando se enferrujam...

Un marido gabava-se, entretanto, de haver achado um remédio. Como é o melhor de que tenho notícia, aqui o deixo indicado. Ele convencêra a mulher que de noite ela sonhava alto e, ora dizia expontaneamente as couzas, ora respondia ás suas perguntas. Várias vezes a espionou em pequenas couzas sem importáncia, mas que ela, por isso mesmo, não lhe dissera. No dia seguinte ele as revelava á mulher, como si fosse ela que

as tivesse contado nos sonhos constantes, que ele lhe atribuia.

Compreende-se bem que, mantida neste terror perpétuo de indiscrições, que não podia reprimir, a mulher hezitasse em cometer qualquer falta grave.

Como astúcia, não é máu...

Mas uma mulher habil contraminaria facilmente esse plano, mesmo sem saber si a alegação era verdadeira ou falsa.

Si alguma das senhoras sonha alto, finja que sonha algumas vezes certas couzas de aparéncia muito grave, mas inteiramente falsas. Escolha o momento em que o marido esteja acordado, conte, em voz alta, como si fossem seus, amores, que seja possivel provar que são alheios... Ficará assim estabelecido que os seus sonhos em voz alta não tem importáncia e que é seu costume, durante eles, acuzar se de pecados que não lhe cabem... Foi a processos desta natureza que alguem chamou o « método confuzo. »

Cura homeopática, de igual com igual... E d'aí em diante ficar-lhe-á livre sonhar o que quizer.

O mal, é pois, sem remédio, embora, cazo curiozo, nas coleções de quadras populares se ache um grande número de trovas, natu-

ralmente cantadas por mulheres, em que elas se defendem da acuzação e a revidam aos homens.

Diz uma :

> Coração que a dois adora
> que firmeza póde ter?
> Só si fôr coração de homem,
> de mulher não póde ser.

Outra mais enérjica :

> Os homens comparo eu
> com a poeira da rua :
> quanto mais mentem mais juram
> por alma que não é sua.

Outra desdenhoza :

> Eu estou toda admirada
> do preço que os homens tem ;
> ainda agora me ali davam
> um cento por um vintem.

Naturalmente nós respondemos a isso que quem desdenha quer comprar,.. E preferimos, embora sem acreditar muito, ouvir alguma que cante :

> Não sou pedra que rebole,
> nem ladrilho mal assente :

onde ponho o meu sentido,
fico firme para sempre.

Mas a verdade é que a firmeza perene, assegurada de um modo incontestavel, não seria talvez uma grande vantajem. A inconstáncia, ou pelo menos o seu perigo, é um excitante deliciozo.

Nada mais frequente do que vêr pessoas baixinhas fazendo a apolojia das pequenas estaturas, pessôas morenas, achando que a còr clara não é a mais bela. Dir-se-á que é prezumção. Mais vale, porém, que seja assim e cada um, satisfeito com a sua sorte, proclame que as suas qualidades realizam um ideal.

E' o que fazem os apolojistas da inconstáncia. Chaulieu, um poeta francez do fim do século XVII e princípio do XVIII, poeta de valor que os contemporaneos chegaram a comparar a Anacreonte, cantava ouzadamente :

Loin de la route ordinaire
et du pays des amants,
je chante, aux bords de Cythère,
les seuls volages amants,
et viens, plein de confiance,
annoncer la vérité
des charmes de l'inconstance
et de l'infidelité.

E perguntava, não sei si com razão ou sem ela :

> Que servirait l'art de plaire
> sans le plaisir de changer?

Desde que o mundo é mundo as mulheres são inconstantes. Isso não nos impede de ama-las cada vez mais, — de cada vez mais as acharmos sedutoras. Logo, a inconstáncia não é um mal, pois que não impede o amor. E, si não é um mal, talvez até seja bem.

Artur Azevedo mostrou que graças a ela as mulheres podem fazer milagres análogos, sinão superiores aos do Cristo. E' verdade que o poeta só falou de uma mulher; mas quantas estão prontas a repetir essa maravilha ! Dizia ele :

> Com cinco pãis, o Cristo
> deu de comer a cinco mil pessôas.
> Eu não me assombro disto,
> pois tu, que o meu espírito magôas,
> tens um só coração
> e amas comtudo uma população.

Algum grave filózofo poderia mostrar que em toda a natureza nós damos tanto maior apreço ás couzas quanto mais elas são varia-

veis. E' assim que guardamos a primazia para o reino animal sobre o vejetal, ao vejetal sobre o mineral. E' assim que dentro do nosso organismo nós consideramos mais nobre o tecido nervozo, exatamente o mais instavel.

Mas seria pedantesco insistir nisso. E' um velho tema esgotado — o da afirmação de que tudo muda. Um provérbio alemão aconselhando a constáncia, lembra entretanto, que *mudar não é melhorar*. E tem inteira razão.

A's vezes, nós encontramos um homem tão sucumbido, tão maltratado por certas mulheres, que logo perguntamos : « *Por que ele não sacode aquele jugo?* » Porque ele tem medo de achar peor. Mudar não é melhorar.

As vezes a constáncia é um dezaforo e a inconstáncia uma homenajem. Quem, logo ao princípio da vida, cái numa dessas fatalidades terriveis, tem ás vezes medo de se arriscar, com receio de que encontre qualquer couza de igualmente ruim, si ainda não o fôr mais. Mas si o que se achou foi um bem, foi uma ventura, foi uma delícia — pode dar o dezejo de experimentar outra ventura igual. A inconstáncia aí pode ser um preito de reconhecimento : a prova de

que se achou tão bôa a primeira experiéncia que se quer tentar uma segunda.

Por isso, no cancioneiro portuguez, uma mulherzinha experimentada aconselhava ás companheiras :

Quem tiver amor aos homens
não lh'o dê a conhecer ;
que eles são como as crianças :
o mimo as deita a perder...

Do que se gosta, se repete, muito embora haja sempre no princípio de todo amor grandes juras de firmeza eterna. Mas um poeta disse bem :

Jurei amar-te. Quem ha de
deixar de jurar amando?
Jurei amar-te, é verdade;
mas não te disse até quando...

Mas, ás vezes, se diz, ás vezes, se garante que o amor durará toda a vida. Alguns vão mais lonje : prometem até para depois da morte. Luiz Guimarães Junior asseverava que, si a espoza, que ele adorava, o fosse vizitar, no cemitério, depois de morto :

O coração que toda em si te encerra,
sentindo-te chegar, mulher querida,
palpitará de amor dentro da terra.

E uma quadra hespanhola ainda diz mais enfaticamente que, dentro da sepultura, roido pelos vermes, o coração conservará vestíjios do amor passado :

> Dentro de la sepultura
> y de guzanos roido
> se han de encontrar en mi pecho
> señas de haber-te querido.

Versos... Versos... Afinal a realidade é mais poética do que isso. Pode ser que a inconstáncia tenha aparecido no mundo, quando a primeira mulher achou já dois pretendentes e ela tenha hezitado entre eles; pode ser que d'ali por diante essa qualidade tenha passado a ser uma das mais notaveis do seu carater ; pode ser até que a inconstáncia feminina lonje de diminuir tenda a aumentar. Pouco importa. Só o que tem preço, o que tem valor é o que está a cada momento arriscado a ser perdido. O beijo furtivo do namorado, colhido num momento, no abrir de uma porta, no vão de uma janela, aguçado pelo temor de que alguem veja — é a suprema delícia. O beijo repouzado, calmo, devido por força de um contrato em bôa forma, de acôrdo com um artigo do Código ou a lei n.° tantos, de tantos de tal dia, mez

e ano, já é incomparavelmente mais frio. Por que? Porque é mais seguro, menos inconstante.

Souvent femme varie? — Tanto melhor! E' o sentimento, o receio de vir a perder um amor que nos parece sublime, que o faz mais sublime ainda. Experimenta-se a necessidade de condensar um mundo de sensações em um instante. Cada beijo que se dá só tem muito valor porque pode ser o último... As couzas que não acabam, que pelo menos não correm risco de acabar, ganham em estabilidade o que perdem em intensidade...

Os que, entretanto, me ouviram até aqui podem dizer que ha couzas que acabam e ainda assim não prestam. Não ha mal que sempre dure... E' o cazo desta conferéncia. Mesmo, porém, tratando-se dela, os que a ela assistiram acharão com certeza que o que ela teve de melhor foi isto : foi acabar...

SI SE DEVE MENTIR...

CONFERÉNCIA FEITA EM 1910 NO SALÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO.

NUNCA uma unanimidade foi tão certa... Não ha dúvida alguma que, ou íntima ou explicitamente todos os ouvintes já responderam pela afirmativa, concordando em que se deve mentir. Poder-se-ia mesmo ir um pouco mais lonje e mostrar que pela afirmativa votaram até aqueles que votaram pela negativa — porque, si alguem disse que a sua opinião era a de que não se deve mentir, esse alguem estava nesse momento mentindo. E assim, na contradição entre as palavras e os fatos, os fatos é que são eloquentes.

Deve-se mentir — é fatal, é forçozo, é inevitavel : tudo está em saber até que ponto a mentira é lícita.

E' certo que todas as relijiões, ao menos

em teoria, protestaram contra a mentira, condenando-a de um modo formal. Mas todos mencionam mentiras que foram agradaveis, que foram inspiradas ou que foram perpetradas pelos deuzes.

Logo nos primeiros capítulos do *Génezis* não faltam exemplos. É o caso de Izaac dizendo que Rebeca era sua irmã e não sua mulher — quando era mulher e não irmã. Deus devia castiga-lo. Ao contrário, ele o abençoou. É Jacob, enganando o pai por conselho da mãi. E Deus, em vez de punir essa mentira, dá-lhe o prémio de uma longa prosperidade (1). Ninguem, mesmo entre os espíritos relijiozos, admite mais que aquela história do Paraizo — Eva, a cobra, o fruto proíbido — deva ser entendida literalmente. Logo, tudo aquilo, tal como está narrado, é mentira — uma mentira artística, uma alegoria, mas em todo cazo, uma alteração da verdade. De resto, é bom não esquecer que si nós hoje falamos assim despreocupadamente desse cazo, houve durante muitos séculos quem o entendesse ao pé da letra. E aliaz não se compreende por que motivo Deus, podendo falar a verdade clara e sinjelamente,

(1) Genesis XXVI, 12.

se divertiu a fazer alegorias — e, sobretudo, uma alegoria tão pueril. Si, como a malícia corrente admite, o que essa alegoria esconde é um epizódio escabrozo, não seria isso motivo para o Padre Eterno recuar, porque no próprio *Génezis* e em quazi todos os livros santos ele diz, em linguagem nua e crua, couzas do arco da velha!

Mas ha melhor, em matéria de mentira: Cristo mentiu. No Evanjelho de S. João, capítulo VII, lè-se o seguinte trecho:

> « Estava, porém, a chegar a festa dos judeus, chamada dos tabernáculos.
>
> Disseram-lhe, pois, seus irmãos: « Sái d'aqui e vai para a Judea, para que tambem teus dicípulos vejam as obras que fazes.
>
> Porque ninguem, que dezeja ser conhecido em público, obra couza alguma em secreto; já que fazes estas couzas, descobre-te ao mundo.
>
> Porque nem ainda seus irmãos criam nele.
>
> Disse-lhes, pois, Jesus: « Ainda não é chegado o meu tempo; mas o vosso tempo sempre está promto;
>
> O mundo não vos póde aborrecer:

mas ele me aborrece a mim, que são más as suas obras.

Vós outros subi a essa festa, *que eu, todavia, não vou a essa festa*; porque não é ainda cumprido o meu tempo.

Tendo dito isto, deixou-se ficar ele mesmo na Galiléa.

Mas quando seus irmãos já tinham subido, *então subiu ele tambem á festa, não descobertamente, mas como em segredo.* »

A mentira é flagrante. Mentiu dizendo que não ia á festa — e foi.

E foi ocultamente... E foi em segredo... Todas as agravantes!

E' interessantíssimo vèr a atrapalhação dos teólogos para dos preceitos da Bíblia e das continjéncias da realidade extraírem uma doutrina realmente aplicavel. S. Thomaz, S. Agostinho, vários outros não querem que se minta nunca. Inocéncio XI fez condenar as restrições mentais (1).

Mas tudo isso, no fim de contas, é men-

---

(1) *Examen raisonné ou décisions théologiques sur les devoirs et les péchés des diverses professions de la société* par un Ancien Professeur de Théologie de la Société de Saint-Sulpice. Vol. II, pag. 41,

tira... Porque, si é certo que eles assim fecham a porta ruidozamente á invazão das mentiras, abrem, para que elas entrem, janelas e postigos...

S. Thomaz diz que a dissimulação é permitida (1). Outros teólogos asseveram que as restrições puramente mentais é que são proíbidas.

O tipo das restricções mentais permitidas é talvez o cazo daquele frade, a quem perguntavam si alguem por ali passára e, embora tivesse visto a pessôa passar, dizia curvando-se e enfiando cada uma das mãos na manga oposta : « *Por aqui não passou* ». O interlocutor julgava que o « por aqui » referia-se ao lugar em que ambos estavam. Mas o frade acrecentava mentalmente : « por aqui, *por dentro de minhas mangas, não passou.* »

Um livro de cazuística dá o seguinte exemplo de dissimulação aceitavel. A alguem que nos pergunte si fizemos uma certa couza podemos responder perguntando por nossa vez :

« — E por que faria eu isso ? »

Dizem os teólogos que nesse cazo não se

---

(1) PONTAS. — *Dictionnaire des cas de conscience,* publié par l'abbé Migne, II, 152.

mentiu, pois que não se disse o contrário da verdade (1).

Mas é um evidente sofisma. Tudo o que induz os outros a erro, dito propozital e concientemente, mentira é.

Um ponto muito discutido nos livros de cazuística é si o criado católico póde dizer : « *Meu amo não está em caza* », quando o amo lhe tenha dado ordem para isso, mas não tenha saído.

Garantem os doutôres da Igreja que nisso não ha pecado, porque se trata de uma fórmula que quer dizer que o dono da casa não recebe vizitas (2).

Mas é uma fórmula mentiroza! E' uma velha mentira, muito desmoralizada pelo uzo, que, entretanto, por isso não perdeu o seu caráter.

Santo Afonso de Liguori, que discutiu esse intrincado problema, acha que o melhor é o criado dizer : « Meu amo não está *aqui*. » E mentalmente ele acrecentará : « Aqui, nesta porta ou nesta janela! »

Esta citação é aliaz apenas uma amostra

---

(1) *Examen raisonné*, II, p. 43.
(2) Id. p. 43. — PONTAS, loco citato, 138.

das mentiras permitidas por esse grande santo. E é bom acrecentar que Santo Afonso de Liguori tem hoje o primeiro lugar entre os mestres de moral de catolicismo. Quando ele publicou a sua obra mais importante, que precizamente se chama *Teolojia Moral*, ela foi muito combatida. Houve bispos que lhe proibiram a leitura. Houve outros que não duvidaram dizer que ela era sobretudo uma *Teolojia Imoral*.

Mas o jezuita Afonso de Liguori foi primeiro beatificado e depois canonizado. Isso podia, entretanto, não bastar para tambem canonizar-lhe todas as doutrinas. Por tal razão, querendo tranquilizar sua conciéncia, o cardeal francez Rohan-Chabot dirijiu-se á Santa Sé e perguntou-lhe o que se devia pensar da obra de Santo Afonso. A resposta foi dogmática e categórica : a Santa Sé aprovou solenemente todas as doutrinas do famozo livro. Todas !

Ora, Santo Afonso de Liguori declara que a mentira é condenavel ; mas admite que, por uma cauza justa, se pode recorrer ao equívoco, isto é, ao emprego de termos ambíguos. E' o cazo do frade que dizia o « por aqui não passou », enfiando cada uma das mãos na manga do braço oposto, o cazo

do criado que responde : « Meu amo não está *aqui.* »

— E que é uma « cauza justa » ?

— Aquela, responde o Santo, graças á qual manifestamos um « dezejo honesto de conservar bens uteis ao espírito ou ao corpo ».

Vejam bem como isso é elástico !

Um filante nos pede dinheiro. O homem mais rico pode responder — o exemplo é de Santo Afonso — « *Quem me dera que eu tivesse !* »

Si alguem nos solicita um favor, um empréstimo, uma esmola, lícito é, sem pecado, replicar-lhe : « *não tenho nada* », subentendendo « *que possa dar-lhe...* »

Uma mulher, que enganou o marido, corra a confessar-se. Voltando do confissionário, ela pode negar-lhe o fato, até sob juramento, sem por isso pecar.

Dirão que Santo Afonso dava facilidades extranhas ás mulheres. Nem sempre. Ele discute si quando alguem, para alcançar os mais íntimos favores de uma mulher lhe oferece uma soma muito grande, está obrigado a pagar o que prometeu. E senteneiozamente conclui que não, « mesmo que tenha havido juramento, porque a promessa não suprime o carater ilícito da prodigalidade ».

Avizo aos espertos, que quizerem conciliar o prazer e o catolicismo...

E' verdade que sempre terão pecado contra o 6° mandamento; mas não terão feito sinão isso. Não terá havido, nem mentira nem perjúrio ainda que hajam prometido mundos e fundos e tenham depois reduzido a quazi nada a recompensa. Mas Santo Afonso, que não quer prejudicar ninguem, os adverte de que não « se pode negar que uma mulher honesta possa receber pelo dom de seu corpo mais do que outras ». « *Non negandum quin femina honesta pro usu sui corporis possit recipere quanto plus.* »

Seria longo de mais enumerar aqui todas as assombrozas toleráncias de Santo Afonso. O essencial é fazer notar que as afirmações acima feitas não são singularidades avulsas de um escritor, que foi canonizado, mas que podia ter cometido pecados e escrito mesmo couzas condenaveis, que não são as que a Igreja recomenda.

Tudo o que eu acabo de citar está na *Teolojia Moral* de Santo Afonso, que foi aprovada em todos os seus pormenores, da primeira á ultima linha, pela Igreja Católica. Mais ainda : é isso o que se ensin nos seminários.

Os que quizerem instruir-se a esse respeito devem ler o pequeno volume de Albert Bayet, *La Casuistique chrétienne contemporaine*, de onde são extraidas quazi todas as citações acima. Elas estão absolutamente autenticadas nesse livrinho extraordinário, que nenhum católico sincero deveria deixar de meditar.

Quanta distáncia entre as proibições absolutas, que condenam a mentira, e as numerozas toleráncias, que a admitem!

Essas toleráncias provam, como os preceitos, que se dizem divinos, acabam sempre por se acomodar ás exijéncias terrenas. *Même avec le ciel il y a des accommodements.* Muda-se o nome, mas a couza é a mesma. A mentira triumfa sempre.

Nas outras relijiões sucede couza idéntica. As anteriores e as posteriores ao catolicismo têm os mesmos rigores teóricos e as mesmas toleráncias práticas.

Os persas gabavam-se de ensinar aos filhos trez couzas: montar a cavalo, atirar e dizer a verdade (1). De fato, o livro sagrado da relijião deles o que lhes pede são estas quatro grandes virtudes: a *veracidade*, a corajem, a

(1) BRÉAL. — *Essai de semantique*, 230.

caridade (mesmo para com os animais) e a humildade (1).

Buda gabava-se de ter sido sempre fiel á verdade (2). E os maometanos asseveram que sempre que alguem diz uma mentira o anjo da guarda afasta-se uma milha, tanto a mentira tem para ele um gosto intensamente amargo (3). (Entre paréntezis cumpre notar que, si esse anjo deve sempre fazer essas viajens de uma milha para ir e outra para voltar, ha de junto de algumas pessôas, cansar-se muito...)

Quando nós encontramos no correr dos tempos, moralistas, relijiozos e lejisladôres, multiplicando as penalidades, as prédicas, os conselhos contra qualquer couza, podemos crêr que essa couza não acabará facilmente. E' talvez mesmo algum desses impulsos fatais da Humanidade, que virão, a despeito de tudo, a prevalecer. Ninguem encontra em todos os filózofos, prégadores e lejisladores preceitos e penas contra os que dezejem morrer de fome. E' um cazo que ocorre tão raramente, que ninguem preciza

(1) Reinach. — *Orpheus*, 96.
(2) A. Costa. — *Il Buddha e la sua dottrina*, 99.
(3) Hughes. — *Dictionnary of Islam*, Lying, p. 302.

ocupar-se com ele. Em compensação, póde vêr-se o que sucede com a infidelidade feminina. Moralistas, relijiosos, lejisladores — todo o exército sagrado dos que aconselham, dos que exortam, dos que punem — pretendeu ao princípio dar remédio a esse mal. E foram penas bárbaras, penas cruéis : apedrejamento, decapitação, todas as formas de morte e de ignomínia. E tudo em vão! Tão em vão que afinal os lejisladores já viram que era inutil querer vencer essa invencivel infidelidade e crearam... o divórcio.

Pois com a mentira está sucedendo couza análoga. Ao princípio as lejislações não admitiam que, ao menos em juizo, perante os tribunais, se mentisse de qualquer modo. O falso testemunho devia ser sempre e rigorozamente punido. E' ainda isso o que está em muitos códigos. Já, porém, o nosso Código Penal, no seu artigo 261, distingue as mentiras para mal e as mentiras para bem — pune mais rigorozamente as primeiras do que as segundas.

Da atenuação ao perdão a tranzição é sempre possivel... E assim se vê que a mentira vai sendo cada vez mais tolerada.

Um estudo sobre as penalidades em que incorriam os mentirozos — mesmo os de peor

especie : os caluniadores — nos tempos antigos e modernos, mostraria como a mentira vai parecendo de dia para dia um pecado mais venial.

Montaigne, que aliaz confessava que entre os seus compatriotas a mentira chegava quazi a parecer uma virtude, comprazia-se em citar uma nação da India em que o castigo dos que diziam e ouviam mentiras era tirar-lhes sangue da lingua e dos ouvidos (1).

Um velho poeta latino ia mais lonje : queria que os caluniadores fossem, diz o padre Manoel Bernardes, enforcados pela lingua, emquanto os seus ouvintes o seriam pelas orelhas.

Os romanos marcavam os caluniadores na testa com um ou dois *KK*, impressos a ferro em braza. Era frequente que eles empregassem o *K* em vez do *C*. Um *K* queria dizer *Caluniador;* dois significavam : *Cuidado com o caluniador. Cave calumniosum.*

E o velho Manoel Bernardes assevera ainda que entre os turcos o castigo era borrar

---

(1) Ele citava um escritor latino que asseverava que para os francezes a mentira não era mentira ; era « um modo de falar ». Dizia depois que do tempo desse escritor até o seu tempo as couzas tinham ainda peorado ! — *Essais*, livre II, cap. XVIII.

a cara ao caluniador e fazel-o percorrer as ruas da cidade, nú, montado em um jumento, com o rosto voltado para a cauda do animal (1). Hoje a pena é de oitenta bastonadas (2).

Entre os Ejípcios e os velhos judeus havia uma pena muito mais racional : o caluniador era condenado ao mesmo castigo que sofreria o caluniado, si o fato de que o arguíam fosse verdadeiro (3). Penalidade inteiramente idéntica decretou um pontífice portuguez : S. Dámazo (4).

Os códigos modernos punem mais levemente. E durante esse tempo os moralistas se mostram tambem menos severos para os mentirozos.

Aliaz isso se justifica, porque a Natureza é mentiroza. Todos conhecem os fatos que os naturalistas chamam de *mimetismo* : os animais que tomam o aspeto, ora de certos animais, que têm mais força do que eles, ora de plantas, de pedras, de couzas inani-

---

(1) Bernardes. — *Nova Floresta* : Calúnia.

(2) *El derecho penal musulman.* Titulo V, art. 75, nas *Instituciones de los Pueblos Modernos*, vol. X, paj. 870.

(3) Nicolay. — *Histoire des Croyances*, III, 122.

(4) Manoel Bernardes. — *Floresta*, loco citato.

madas. Não ha quem não tenha visto ao menos uma dessas borboletas, que pouzadas, simulam completamente folhas sêcas. A possibilidade do cameleão adotar a côr do fundo em que assenta, confundindo-se com ele, fez com que passasse a sèr o símbolo dos que mudam facilmente de opiniões.

E tudo isso, no fim de contas, é a natureza mentindo.

E pois que ela mente creando essas iluzões que tantas vezes enganam os nossos sentidos, enganando-nos, ela nos ensina a enganar (1).

Taine disse que as nossas percepções são « alucinações verdadeiras ». De fato, nós não sabemos o que é realmente o mundo exterior. Sabemos apenas que ele não é como nós o sentimos.

Mentira são todas as artes, que nos procuram iludir evocando como prezentes couzas auzentes. Mentira são todas as ciências, a começar pela matemática. Não ha em todo o universo dois objetos completamente, inteiramente iguais. E, si não ha, a ideia do número é uma ideia mentiroza. A Natureza

(1) B. PEREZ. — *L'éducation morale dès le berceau.*

não conhece o número 2 — nem, portanto, nenhum outro. Todos eles são abstrações do nosso espírito. E quem diz « *abstrações* » diz tambem implicitamente : « *falsidades, invenções, creações* ». Nenhuma das definições da geometria se encontra na realidade. A realidade é sempre ou mais, ou menos, ou outra couza do que aquilo que nós julgamos apreender.

Tudo nos mente.

E mesmo dentro da Humanidade aquilo que nos parece ser a obra prima do universo — a Mulher — é tambem a sua parte mais mentiroza.

Sobre isso o acordo entre moralistas, prégadores de relijiões e lejisladôres é completo — e vem de todos os tempos, e dura ainda nos nossos.

Ha uma ocazião, em que se procura sempre saber a verdade com rigor : é nos depoimentos prestados perante os juizes. A regra foi que neles nunca se acreditasse no que afirmam as mulheres. As velhas, as vetustíssimas, as milenárias Leis de Manu diziam : « *O testemunho embora único de um homem izento de ambição é admissivel em certos cazos; emquanto que o de grande número de mulheres, mesmo honestas, não o é, por*

cauza da inconstáncia do espírito das mulheres.. » (1).

Os judeus não admitiam para testemunhas : « *nem os meninos de menos de treze anos, nem os surdos, nem os inimigos, nem os escravos, nem os guardadôres de cabras, nem os ladrões, nem as mulheres...* » A enumeração é extravagantíssima.

Os Turcos são mais amaveis : elles dizem que se póde admitir o testemunho feminino, mas só como « meio testemunho » (2). São precizos, portanto, os testemunhos idénticos de duas mulheres para valerem o de um homem. — Sempre é melhor que aquelas dispozições de Manu e dos Judeus (3).

E não creiam que isto são couzas, ou de povos atrazados e incultos, ou de lejislações abolidas. Foi só em 1897 que o Código Civil francez admitiu o testemunho das mulheres em paridade com o do homem (4).

E nós ? — Nós, ao menos para certos cazos, ainda estamos com Manu e com os Judeus. Para testemunhas de um testamento público

---

(1) *Leis de Manu.* — Cap. VIII, 77.

(2) *Instituciones de los pueblos modernos*, X, p. 866.

(3) V. a este respeito um artigo de Lombroso publicado na *Revue des Revues* de setembro de 1892.

(4) Lei de 7 de dezembro de 1897.

a nossa lei exije varões maiores de 14 anos. Não admite mulheres. Acha que um menino, depois de 14 anos é mais digno de fé do que uma mulher, seja qual fôr a sua idade!

E', portanto, inegavel a unanimidade de opinião de todos os povos em todos os tempos sobre a pouca veracidade feminina.

Dir-se-á que neste, como em outros cazos, o que ha é um exemplo a mais da opressão masculina? Mas nesse cazo não parece que os homens tivessem interesse algum em diminuir o valor do testemunho feminino, si realmente ele costumasse ser verídico.

Em vez de negar, mais vale, portanto, procurar si ha uma explicação para o fato. E é possivel procura-la com tanto mais dezembaraço, quanto não falta quem prefira mentiras femininas a verdades masculinas. Um dos nossos humoristas — Bastos Tigre — já o declarava num espirituozo soneto:

PALAVRAS...

Palavras de mulher, leva-as o vento!...
Triste de quem as ouça, e nelas creia.
Elas são frájeis como frajil teia
e é por vezes quebra-las doido intento.

Palavras que não vêm do pensamento
e iludem, como cantos de sereia;

palavras que se escrevem sobre a areia
e a onda chega e apaga-as num momento.

Quanta mentira, em notas cristalinas
sai da garganta musical de um anjo
de alma traidora e de feições divinas!

No emtanto em confessar me não constranjo
que prefiro as mentiras femininas
ás maiores verdades de um marmanjo.

Essa preferéncia está tão generalizada que as mulheres devem consolar-se, sinão mesmo orgulhar-se do predicado que lhes é atribuido.

Neste momento, as mais elegantes, as que estão mais no rigor da moda nem poderiam tentar qualquer negação, porque nunca os postiços foram tão uzados — e o postiço é a mentira em ação. Ora, não ha um só homem que não as prefira com todas essas mentiras de fato aos homens com toda a sua fealdade — verdadeira. Antes uma dessas cabecinhas cobertas de postiços que a luzidia careca de qualquer homem. Estava evidentemente doido aquele poeta francez que escreveu que só a verdade era bela e amavel:

Rien n'est beau que le vrai, le vrai seul est aimable...

Assim, em vez de negar a predominância

da Mentira na mulher — fato, que é realmente incontestavel — o que deve fazer-se é procurar-se a explicação do cazo. A explicação é que os fracos e perseguidos precizam da mentira como de uma defeza (1). Oprimida por leis tiránicas, sujeita á vontade de dominadores brutais, mantida constantemente, ora em completa, ora em relativa servidão, a mulher tinha de recorrer á mentira, como a ela sempre recorreram os escravos, as crianças, os povos fracos e sofredores.

Os sociolojistas examinando as instituições de povos e tribus diversas, sempre acharam a correlação quazi matemática entre o costume de mentir e a opressão de instituições autocráticas (2). Os povos fortes e vencedôres são mais verdadeiros. Os vencidos, os organicamente fracos são mentirozos.

Tomem, por exemplo, o cazo de um povo de gente notoriamente fraca: o povo chinez. E' o povo em que a mentira é mais corrente. Ela se exajera nas hipérboles estupendas das fórmulas da civilidade. Ela é a baze de todas as relações sociais.

(1) Lombroso. — Loco citato.
(2) Spencer. — *La morale des différents peuples*, ch. IX, *la Véracité*.

Os médicos, que tratam habitualmente das histéricas, notam que, quando elas se acham deprimidas fizicamente, tornam-se logo mais mentirozas que de costume. Em compensação, quando a pressão sanguínea vai aumentando, aumenta tambem a veracidade (1).

Mas emfim, ou a tendéncia á mentira seja de orijem fiziolójica, ou de orijem psícolójica, o mulher não tem culpa.

Si as cauzas que predominam são fiziolójicas, trata-se de uma fatalidade orgánica. Si são psicolójicas, o grande culpado é o homem pelo conjunto de leis e praxes opressivas, que creou contra a mulher.

Por mim, eu creio que as cauzas psicolójicas são maiores.

Basta pensar nas exijéncias do pudor: elas obrigam as mulheres a uma hipocrizia constante, sobretudo nas relações entre os dois sexos. Em uma roda de homens, quaisquer que eles sejam, eu posso dizer sem cauzar o menor escándalo a sensação que me produz uma bela mulher que vai passando. A mulher, mesmo em uma roda de amigas, não o póde fazer sem se arriscar á desmoralização.

---

(1) M. de Fleury. — *Le corps et l'âme de l'enfant*, ch. XVIII. — *Sur le mensonge*.

Os costumes e as praxes querem, portanto, a hipocrizia feminina.

A mentira na mulher tem ainda uma baze, além da fraqueza, além do pudor, além das exijéncias da luta para a conquista de um marido. E essa baze é nobilíssima : a educação dos filhos.

A mulher é geralmente a educadôra dos filhos menores. E nessa educação a regra é que se ocultem ou se neguem a eles muitas couzas.

Tudo conspira, portanto, para cultivar na mulher o hábito da mentira.

Mas o reconhecimento disto não deve ter para elas nada de dezagradavel, porque, no fim de contas, mesmo os que as atacam, os que as insultam, os que procuram provar a sua inferioridade — todos acabam por adula-las e — o que é mais! — por prezar o que eles proclamam inferioridade.

Esse hábito de ocultar a verdade creou nelas um quê de mistério, tornou-as enigmas permanentes. E os enigmas — sobretudo esses — dão um prazer imenso a quem os procura decifrar...

Ha ou houve em uma nação qualquer —

talvez os senhores conheçam esse cazo — um prezidente de República que gostava muito que as couzas, sob o seu governo, ocorressem... pela primeira vez.

Em amor, nós somos todos como esse prezidente. Toda mulher, que nos dá — verdadeira ou falsa, que importa? — uma prova de amor, não deixa nunca de nos explicar que somos os primeiros a quem ela ama verdadeiramente. Mesmo que ela saiba que nós conhecemos alguns dos nossos predecessôres, ela nos garante que os outros não tiveram importáncia alguma. Nós somos sempre os primeiros! E' verdade que talvez haja quem pense como Théophile Gautier. O grande poeta francez manifestou a respeito de primazias em amor uma ideia orijinal. Achava ele que os primeiros beijos nada tinham de particularmente saborozo. Ao contrário. Em amor ele declarava que nunca disputava a iniciativa, porque não se sentia com vocação para professor de a-b-c. Que outros se incumbissem da instrução primária. Ele preferia os beijos sabidos aos beijos injénuos.

Mas isso foi talvez uma simples fraze de espírito.

Guerra Junqueiro, dizendo que não se deve indagar da idade dos vinhos bons e das mu-

lheres formozas, escreveu aquele dístico célebre:

> Si o vinho é bom e si a mulher é bela,
> que faz ao cazo a certidão de idade?

No capítulo dos amores, quando alguma diz que é a primeira vez, nós deveríamos murmurar no íntimo:

> si a mulher é bela,
> que faz ao cazo ser primeiro ou último?

Mas embora nós saibamos que aquela fraze é uma mentira de praxe, uma mentira consagrada, uma mentira, por assim dizer ritual: — não importa! — a mulher é um ser tão misteriozo que nós ficamos a hezitar: « E quem sabe si não é verdade? » « E quem sabe si não foi aos outros que ela mentiu? » A vaidade nos aconselha a acreditarmos nelas: a acreditarmos sem acreditar de todo, a confiar desconfiando... E é afinal de contas uma sensação irritante e delicioza a de, lidando com elas, não sabermos nunca até onde vai a verdade...

Isso é tão certo que a profissão feminina que tem mais éxito no amor é a que cultiva

a mentira sob todas as suas formas: a das atrizes. Juntam a todas as tendéncias naturais na mulher o hábito de incarnar personajens fictícios. E parece que é exatamente essa circumstáncia que as torna mais sedutoras.

Os criminalistas tem notado tambem como os homens acabam por ter uma extrema toleráncia, que chega quazi á simpatia pelas grandes criminozas, sobretudo si são formozas e moças. Cazos recentíssimos — o de Madame Steinheil e o da condessa Tarnowska — o provaram. E' que elas conservam sempre o prestíjio do mistério. Não é o que disseram o que importa. O que importa é o que negam.

E assim é um fato geralmente observado que, quando se discute algum grande crime feminino, todos os homens — ou pelo menos a maioria deles — estão promtos a desculpar as criminozas, que, em compensação reunem contra si todas as antipatias das outras mulheres.

Por que isso acontece? Não é porque os homens prezem o crime. E' porque, mesmo criminoza, ou sobretudo criminoza, a mulher lhes aparece como um ser múltiplo e misteriozo. Eles sabem que por baixo do que ela diz ha outras couzas, que eles não conhecem

bem quais sejam, mas com as quais simpatizam irrezistivelmente.

Uma mulher verdadeira, que dissesse sempre claramente o que pensasse, seria para os homens um monstro destituido de toda graça. Depois de termos ensinado, de termos forçado a mulher a mentir, acabamos por fazer da mentira feminina uma qualidade adoravel...

Mas a pensar nessa grande capacidade de iluzão e mentira, que junta ao triumfo artístico o triumfo *feminino* das atrizes, e que chega a nos induzir ao perdão das criminozas, ocorrem á memória os versos insolentes de um poeta que dizia á mulher amada :

> Si o pranto ajita o teu divino seio,
> sinto um mixto de pena e de receio.
>
> E' que não choras sem que um derrancado
> Yago, cá por dentro, me sujira
>
> — que estás lavando um pecado,
> — ou regando uma mentira... (1)

Dirão que, dizendo-lhe isso, ele a devia amar muito pouco? E' um engano! Nem por isso ele a amaria menos!

(1) AUGUSTO GIL. — *O Canto da Cigarra*, p. 63.

Mas os homens, que falam muito das mentiras femininas, esquecem frequentemente que tambem o éxito das profissões masculinas se pode, em grande parte medir, pèla capacidade de mentir que lhes é dada.

Platão, o grande filózofo grego, dizia que os majistrados e os médicos podiam mentir. (1) O que ele chamava *majistrados* é o que nós hoje chamamos os homens políticos. Por sua vez, Cícero dizia aos advogados, seus colegas, que semeassem os seus discursos com pequenas mentirinhas agradaveis : *causam mendaciunculis adspergere*. (2)

Ora, ninguem negará que as carreiras dos médicos, dos advogados e dos políticos sejam nas sociedades modernas das que têm maior éxito.

E falta uma, que Platão não previu, que Cícero não conhecia : a dos jornalistas. Nessa profissão parece que é permitido, ás vezes... falar a verdade. Mas não se deve abuzar dessa concessão...

Para que, entretanto, a mentira tenha tal sucesso, de modo que as profissões onde ela

(1) DUPRAT. — *Le mensonge*, p. 150.
(2) G. BOISSIER. — *La fin du paganisme*. I, 260.

é mais licita sejam as mais prezadas, é necessário que possua algum mérito, alguma vantajem social.

Anatole France sustentou, por intermédio daquele dos seus personajens em que melhor manifestou as suas próprias ideias, que a mentira tem, para vencer, a vantájem de ser múltipla.

Tolstoi dizia uma vez : « A verdade é uma só ! » E o seu interlocutor lhe respondia : « Mas as opiniões sobre ela são inumeraveis. »

Exatamente o que torna a verdade facil de ser vencida é que ela é uma só. Por isso mesmo que ela é o que é, rija e imutavel, encontra numerozas rezisténcias para ser admitida por inúmeras pessôas a quem é antipática, a quem é incompreensivel. Si se conta um fato exatamente como ele aconteceu, sem suprimir, sem acrecentar, sem alterar couza alguma, muitos o repelirão por antipatia, por incredulidade, por incapacidade de o conceberem desse modo. Mas, si o narrador é habil e conhece os seus ouvintes póde sobre o mesmo assumto forjar uma mentira especial para cada género de imajinação — e todos admitirão o que ele quizér impinjir-lhes.

A verdade é uma pobre e dezarmada pessoínha. A mentira é sempre um batalhão. A verdade não se póde armar. A mentira toma diante de cada pessoa as armas que convém para vencê-la.

Outros têm elojiado a mentira como a creadôra das artes. Ela multiplica as nossas possibilidades vitais. Ela nos faz colegas dos deuzes. Pode dizer-se que ela é uma arte — a arte suprema e por isso mesmo, a mãi de todas as outras artes (1). Um indivíduo, que empreende passar aos olhos de todos como possuindo uma certa qualidade, acaba, ás vezes, por tê-la; pela mentira, ele fez o que só os deuzes conseguem : crearem-se a si mesmos!

A função da arte é a de fazer surjir, de exteriorizar um mundo que só existe na nossa fantazia, dando-o como real. E isso é mentira. Mentira sobre mentira — porque para forçarmos os outros a prestar atenção a essas creações precizamos fazer com que eles se esqueçam do mundo real que os

(1) PAULHAN. — *Le mensonge de l'art* — passim, mas especialmente, p. 32 e 85. REMY DE GOURMONT. — *Le Chemin de Voulours*. — *La femme et le langage*. — PREZZOLINI. — *L'arte di persuadere*, p. 43. — FAGUET. — *Propos littéraires*, 5ª série, *Sur le mensonge*.

cerca, abstraindo-o das suas cojitações. (1)

Remy de Gourmont vai mais lonje e assevera que a superioridade do homem sobre os animais, de uns povos sobre outros se mede pelo poder da mentira. (2) Mas ele alarga extraordinariamente a acepção dessa palavra. E não me parece que tenha razão quando diz que os animais não mentem.

A superioridade absoluta da mentira sobre a verdade é um paradoxo, que se póde dezenvolver com maior ou menor habilidade.

Mas ha um domínio em que a mentira é sériamente, socialmente util; é o domínio da cortezia, da civilidade, da etiquèta. Sem isso não ha sociabilidade possivel. É muitas vezes reprimindo o primeiro movimento de incómodo e aborrecimento, que nós chegamos a tirar grandes proveitos morais e materiais de qualquer encontro. No primeiro instante, dissemos mentindo a uma pessôa, que nos parecia antipática e que preferíamos não vèr, — que tinhamos muito prazer em conhecê-la, muito prazer em apreciar-lhe a conversa. A conversa dura um pouco e

(1) Paulhan. — *Op. cit.* 32.
(2) Remy de Gourmont. — *Op. cit.* pajs. 59-119 : notes.

dentro de alguns instantes, nós estamos sentindo um prazer — que dessa vez é real. A conversa, que só poude começar graças a uma mentira, deu lugar a que fizéssemos uma bôa amizade, a que realizássemos um excelente negócio. Nós, pelas mentiras da civilidade, aprendemos a dominar-nos. Elas são conselhos que os homens da sociedade se dão a si mesmos,

Houve, entretanto, um rei de Portugal, D. Afonso V, que pretendeu reduzir um pouco as fórmulas polidas dos sobrescritos. Mas perdeu tempo. Mesmo os mais anónimos e mais perversos, continuam a ser *Ilustríssimos e Excelentíssimos*... embora, em reforço de D. Afonso V, tivesse depois vindo D. Felipe II. (1)

A influência moralizadòra da mentira é francamente aproveitada por alguns escritòres relijiozos para fins elevadíssimos. A correlação entre os gestos, a atitude exterior e os sentimentos íntimos é tão profunda que quem finje por muito tempo um sentimento, acaba por tè-lo realmente. Alguns grandes condutòres de almas, querendo fazer nacer o sentimento relijiozo em espíritos

(1) JOAO RIBEIRO. — *Frazes feitas*, II, p. 64.

tíbios, lhes aconselham que façam, mesmo sem convicção, todos os atos exteriores de devoção. Quem aje como si tivesse um sentimento — e ajir assim é mentir, é praticar atos em dezacordo com a verdade — consegue não raro tornar verdade o que era apenas aparéncia mentiroza. (1)

Ha, portanto mentiras uteis. Ha até mentiras heroicas.

O Condestavel de Bourbon estava comandando o assalto contra Roma. No atropêlo da luta, caíu, ferido, numa estrada, sem que os soldados déssem por isso. E seguiram. E deixaram-n'o abandonado.

Em certa ocazião, passou outro grupo de soldados, viu aquele homem ferido e, não o reconhecendo, perguntou-lhe si sabia onde estava o Condestavel.

Responder que era ele que ali estava moribundo seria fazer esmorecer todo o ardor dos combatentes. Sem uma hezitação, ele lhes respondeu :

— Bourbon já passou; está muito adiante. Sigam depressa...

E emquanto os soldados partiam, ele

(1) V. o livro do jezuita Eymieu. — *Le gouvernement de soi-même*, p. 169. O livro é aliaz excelente.

deixou-se ficar estertorando, esvaído em sangue!

Mentira heroica!

Em compensação, nem todas as verdades são virtuozas. A mentira é, ás vezes, dificil: exije memória, para que o indivíduo não se contradiga; exije um certo trabalho intelectual.

Montaigne mostrou que, si um individuo só altera uma parte da verdade, o conjunto das outras partes verdadeiras tem tendéncia a fazer com que ele seja arrastado a dizer tambem a verdade nesse ponto, esquecendo-se da falsificação que fez.

Mas, si ele inventa tudo — o fato inteiro com todos os seus pormenores — é como si carregasse sobre os hombros toda a construção. Ao menor descuido, por preguiça ou por cansaço, deixa-o cair. (1) E é por isso que o ditado assevera que mais de pressa se apanha um mentirozo que um côxo.

Mas apanhar o mentirozo não quer dizer conhecer a verdade. Ás vezes, nós sentimos que alguem nos está mentindo. Que

---

(1) MONTAIGNE. — *Essais*, I, p. 27.

adianta o percebermos isso, si não sabemos como os fatos se passaram?

Pilatos, quando Cristo lhe disse que tinha vindo ao mundo para dar testemunho da verdade, perguntou melancolicamente :

— E que é a verdade?

Si precizamente ha alguma couza de verdade nessa lenda, de que não se encontra vestíjio nenhum em nenhum escritor daquela época, deve ter sido uma fraze doloroza a desse romano, que os próprios evanjelhos pintam como um sujeito compassivo, que só cedeu, graças ao clamor do povo e ás instáncias da mulher.

Que é a verdade?

Para arranca-la dos que compareciam aos tribunais houve durante séculos a tortura. Acreditava-se que a dòr fazia com que os indivíduos não podessem ocultar a verdade. Por isso, era de rigor que se empregassem os meios bárbaros, que por tanto tempo foram uzados.

Havia o *frontal*, que consistia ou em um círculo de metal ou em uma corda que ia apertando progressivamente a cabeça, como os *borzeguins* esmagavam os pés, como a *catapelta* esmagava o corpo inteiro. Com as

tenazes arrancavam-se pedaços de carne, arrancavam-se as unhas... (1)

Não havia um intuito de perversidade nos que recorriam a esses processos : o que eles queriam era alcançar a certeza da verdade. Parecia-lhes inadmissivel que no momento em que os acuzados estavam sofrendo tão intensamente fossem capazes de mentir. A dòr se lhes afigurava uma garantia da verdade. E tanto era assim que, embora não se désse crédito, em geral, ás mulheres, o direito antigo estabelecia que no momento exato em que entre dôres a mulher estivesse tendo o seu primeiro filho, o que ela dissesse devia ser acreditado. *Virgini parturienti creditur*. (2)

Mas a tortura era contraproducente, porque muitas vezes, para se verem livres dos seus sofrimentos, os acuzados confessavam crimes que jámais haviam praticado.

Entre os romanos havia um processo infinitamente mais suave para estimular a memória das testemunhas : os interessados os levavam para o tribunal pela orelha. Mas aí não occorria ideia alguma de os fazer sofrer.

---

(1) V. NICOLAY. — *Hist. des croyances*, III, 147.
(2) DUPRAT. — *Le mensonge*, 149.

Houve tempo em que se acreditou que a séde da memória ficava realmente no lóbulo inferior das orelhas — e era só para despertar nas testemunhas a memória dos fatos que se lhes apertava esse ponto. (1)

Os amigos das bebidas alcoólicas apregôam que o velho provérbio latino « in vino veritas » ensina o único caminho seguro para a descoberta da verdade. A verdade está no vinho ! Os ébrios não mentem ! E tanto Deus é dessa opinião que, no princípio do mundo, os homens, não conhecendo o vinho, não poderam conhecer a verdade e praticaram numerozos crimes. Deus para os punir afogou-os na agua, de que eles tanto gostavam e assim que Noé voltou a fazer vida nova, começou por inventar o vinho. O primeiro milagre que Cristo fez foi multiplicar o vinho nas bodas de Caná.

O direito antigo aproveitou essas indicações e em muitos cazos para que as partes, que firmavam um contrato não o esquecessem e podessem mais tarde testemunhar com verdade, bebiam, no ato solene, alguns copos de vinho : era o « vinho do testemunho. » (2)

---

(1) Nicolay. — *Op. cit.*, III, 129.
(2) Nicolay. — *Op. cit.*, III, 146.

Não se póde querer atenuação mais suave na escala dos meios de extraír a verdade : passar das ferocidades da tortura inquizitorial ao simples puxão de orelhas; passar do puxão de orelhas ao copo de vinho... Quantos meios para alcança-la! Mas isso mesmo prova como ela é arisca e fujidia...

Por isso, quando viram que todos os recursos terrestres e humanos falhavam, os lejisladôres pensaram em recorrer ao terror das penas do outro mundo e passaram a exijir juramentos soleníssimos. Essas fórmulas vieram até os nossos dias e só ha pouco foram substituidas pelo compromisso de dizer a verdade.

Mas os juramentos não conseguiram nada.

Os judeus, quando exijem essa formalidade, advertem á testemunha : « *Fica sabendo que nós não te fazemos prestar juramento segundo a significação que tu ligas ás palavras, mas de acordo com Deus e com o sentido que lhe dão os teus juizes* (1) ».

Essa fórmula foi adotada por cauza da esperteza de um judeu.

Chamado ao tribunal para pagar uma dívida, ele veio apoiando-se em um bastão.

---

(1) *Id.*, 163.

O credor o esperava junto ao juiz. No momento de prestar juramento, ele confiou ao próprio credor o seu bastão, arregaçou a manga e espalmou a mão sobre o livro santo jurando dizer a verdade e jurando mais que já entregára a soma pedida ao credor que o perseguia.

Não havia nenhuma outra prova; o juramento tinha sido tão solene, que ele foi absolvido.

— E era falso?

— Não. Era verdade. Ele cavára no interior da sua bengala, do grosso bastão em que se apoiava, um espaço em que metéra o dinheiro devido. E, assim, quando dizia que já o entregára, era realmente certo, porque o credor lhe estava segurando no bastão, em cujo interior se achava o dinheiro.

Acabado o juramento, ele retomou o seu cajado das mãos do credor atónito e partiu. Chamava-se Rabbas esse judeu esperto — e por cauza do bastão de Rabbas os juizes mudaram a fórmula do juramento.

Mas seja qual fòr a maneira de procurar o exato conhecimento das couzas, sempre se ha de ouvir o grito angustiozo de Pilatos: « E que é a verdade? »

Uma ciéncia moderna, a grafolojia, ciéncia

que procura desvendar o caráter pela fórma da escrita, poderia auxiliar-nos nessa pesquiza?

Os grafólogos nos dizem que as pessôas que escrevem em linhas sinuozas nunca são prodijiozamente verdadeiras. Ha efetivamente pessôas que, apezar da pauta do papel, não a podem seguir. Uns vão subindo, outros decendo, outros emfim verdadeiramente dansando com as letras. Mas ha outro sinal ainda peior: é do das palavras « gladioladas ». Os grafólogos chamam palavras « gladioladas » as que começam com letras maiores, que vão progressivamente afinando. Ás vezes, as ultimas são ilejiveis : dejeneram em rabiscos. A escrita gladiolada é a dos astuciozos, dos espertos, dos finórios. Mas póde-se mentir por varios motivos. Ha pessôas que ocultam sistematicamente o que sabem e o que pensam. Essas fecham sempre, com o maior cuidado, a curva dos *o*, dos *a*, dos *d*, dos *q* minúsculos. Ha emfim as pessôas dotadas de imajinação que fazem as bastes das letras, sobretudo o que chamamos correntemente as « barrigas » dos *h*, dos *j*, dos *k*, dos *l*, grandes e largas, e terminam as palavras com traços fantazistas.

Dir-me-ão que tudo isso é muito compli-

cado. E' certo; mas todos nós somos muito complicados... Ha pessôas que mentem por astúcia, que mentem para esconder a própria vida, que mentem por imajinação. E é precizo procurar, portanto, na letra esses diversos caracteres. Em todo cazo, os dois mais eloquentes são a escrita *gladiolada* e a escrita *sinuoza*.

Mas ainda os mentirozos falam ás vezes verdade. E quando alguem receba uma carta feminina em que se acumulem os sinais da dissimulação, da mentira, da imajinação, como saber si daquela vez ao menos a autora não estará dizendo a verdade? Porque a escrita indica o modo de ser habitual do caráter. E sob o pretexto de que alguem escreve palavras *gladioladas*, em linhas *sinuozas*, não podemos negar-lhe crédito em bloco a tudo quanto dissér. Não ha ninguem que seja nem sempre verdadeiro, nem sempre mentirozo. E para complicar as couzas, Boileau disse bem que « a verdade nem sempre é muito verosímil » :

Le vrai peut quelquefois n'être pas vraisemblable...

E' isso o que anima certos mentirozos, cujas afirmações chegam á ser verdadeira-

mente delirantes e que, entretanto, as vão contando tão serenamente como si fossem fatos muito naturais.

Foi diante de um destes que Fontenelle achou a mais delicioza fórmula de desmentido.

Fontenelle deixou a reputação de ser um homem de muito espírito. Achava sempre para cada cazo a fraze própria. Era ele que certa vez, não tendo notado a prezença de uma senhora, de que era amigo, esta o advertiu sorrindo :

— E como é isto, Sr. Fontenelle : vai passando sem me vêr?!

E, promto, ele parou, respondendo :

— Nem podia ser de outro modo, minha senhora, porque quem a vè, não passa : fica parado admirando-a...

Era um galanteador inimitavel, de uma cortezia, de uma delicadeza infinita.

Ouvindo uma vez, certo mentirozo contar couzas fantásticas e inacreditaveis, Fontenelle perguntou-lhe :

— Mas o senhor viu isso?

O mentirozo aprumou-solenemente :

— Pois não! Vi!

E Fontenelle redarguiu-lhe, macío e ironico :

— Eu acredito, porque o senhor viu. Porque si fosse eu mesmo quem tivesse visto, não acreditaria.

E' impossivel achar uma fórmula de desmentido mais categórica e mais delicada.

Mas a mentira póde ser tão bem feita, que não haja meio de saber onde ela acaba, onde começa.

Nos compéndios de filozofia dá-se como exemplo de sofisma a fraze de Epiménides de Creta. Ele disse uma vez que todos os naturais de Creta só diziam mentiras.

Mas, si, sendo cretense, ele dizia isso, devia ser mentira.

Mas, si era mentira que os cretenses sempre dissessem mentiras, talvez aquilo fosse verdade.

Mas, si aquilo era verdade, todos os cretenses só diziam mentiras...

Mas, si os cretenses só diziam mentiras, aquilo devia tambem ser mentira...

— E o raciocínio nunca mais acaba.

Gracejos, paradoxos amaveis, dissertações sutís e sofismas habeis — tudo se póde fazer sobre a mentira... Mas a Verdade lhe é superior.

Não se trata de fazer apenas moralidade barata e querer, como uma simples home-

najem á tradição, proclamar aquela superioridade.

A verdade é a única baze possivel da harmonia entre os homens.

Censuram-se, ás vezes, certos pensadores, porque eles combatem algumas mentiras, que passam por sêr consoladoras, quando eles nada têm para substituir ás afirmações que destróem. Mas a destruição por si só já é um bem : já é o campo livre, para que a verdade possa surjir. E não ha mentira nenhuma, por mais nobre e consoladôra, que possa reunir a unanimidade de sufrájios : ha sempre quem discorde, ha sempre quem procure impôr as suas crenças — e d'aí têm nacido as maiores guerras, ao passo que das afirmações pozitivas, reais, verdadeiras — desde que elas ficam provadas — não é mais possivel discordar...

Mintamos, ás vezes, um pouco, mas sentindo sempre que o ideal seria a verdade : um ideal remoto, de uma sociedade constituida diversamente.

E para acabar eu queria lembrar-lhes uma couza e pedir-lhes outra.

Lembrar-lhes que os mentirozos chegam frequentemente a acreditar no que afirmam.

Começam sabendo bem que estão dizendo uma inverdade. Depois, ha uma faze de obnubilação intelectual : hezitam, já não têm uma conciéncia muito nítida dos limites da verdade e da mentira... Por fim, acabam convencidos. Promoveram a mentira a verdade.

Era por isso que eu lhes queria pedir uma couza : não digam que esta conferéncia foi enfadonha. Nem todas as verdades se dizem! Mintam — um mentirão colossal — dizendo que ela foi excelente, magnífica, sublime... E assim talvez acabem, sinão por acreditar de todo nessa enormidade, ao menos por esquecer um pouco o que ela foi realmente...

INDICE

TYP. AILLAUD, ALVES & C^ia^.